



LILI BORGHERS

DE FRENTE
DOS MEUS OLHOS

LIVRO 3 - SÉRIE PRIMOS BASTOS



DIANTE DOS MEUS OLHOS

Livro Três – Série Primos Bastos

Lili Borges
2018

Copyright © 2018 Lili Borghes

Capa: Lili Borghes
Revisão: Margareth Antequera
Diagramação Digital: Denilia Carneiro

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

DIANTE DOS MEUS OLHOS

Livro 3 – Série Primos Bastos

Lili Borghes
1ª Edição

Rio de Janeiro / Brasil

Todos os direitos reservados.
São proibidos o armazenamento e / ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Informações Adicionais

A Série Primos Bastos é independente, cada livro conta a história de um personagem, porém é recomendado ler na sequência por conter spoilers.

Sequência dos três primeiros livros da Série

Livro 1 — No Quarto ao Lado

Livro 2 — Na Porta da Frente

Livro 3 — Diante dos Meus Olhos

Livro 4 — Não Resisto a Você (Em Breve)

Sumário

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[PARTE UM](#)

[Capítulo 1](#)

[Você Fez Isso Com a Gente](#)

[Capítulo 2](#)

[Experiências Passam, Momentos Passam, o Amor Não.](#)

[Capítulo 3](#)

[Sobe](#)

[Capítulo 4](#)

[Por que não?](#)

[Capítulo 5](#)

[Às Vezes O Perdão Vem Com O Tempo.](#)

[Capítulo 6](#)

[Rebeldia?](#)

[Capítulo 7](#)

[Você Afundou o Pé Na Jaca.](#)

[Capítulo 8](#)

[Liberte-se](#)

[Capítulo 9](#)

[Bônus Rafa](#)

[Capítulo 10](#)

[Fetichismo Por Paredes.](#)

[Capítulo 11](#)

[Apaixone-se e Sofra.](#)

[Capítulo 12](#)

[Progresso](#)

[Capítulo 13](#)

[Sou de Mim Mesmo](#)

[Capítulo 14](#)

[Insatisfação](#)

Capítulo 15

O Xodó da Casa

Capítulo 16

Anjo Gabriel

Capítulo 17

Não Conhece Mais As Mulheres?

Capítulo 18

Helena Bastos

Capítulo 19

Quebrados

Capítulo 20

Des-deslumbrando

Capítulo 21

Estranheza

Capítulo 22

Não Abusar

PARTE DOIS

Capítulo 23

Méier

Capítulo 24

Isso É Tão Sexy.

Capítulo 25

Ainda Me Odeia?

Capítulo 26

Estou Muito Bem Assim.

Capítulo 27

Bônus Guilherme

Capítulo 28

Amistosa Discussão

Capítulo 29

Bônus Maju

Capítulo 30

Não É Nada Demais

Capítulo 31

O Troféu Inconsequente do Ano Vai Para...

Capítulo 32

Dividido

Capítulo 33

Tem Como Piorar?

Capítulo 34

Vamos Conversar

Capítulo 35

Isso Não Está Certo

Capítulo 36

Um Bebê

Capítulo 37

Seremos Pais

Capítulo 38

Vou Ser Titio

Capítulo 39

Esteja Preparado

Capítulo 40

Não É Favor

Capítulo 41

Novos Planos

Capítulo 42

Nada Além De Incredulidade

Capítulo 43

Deixa Existir

Capítulo 44

Mão Na Massa

Capítulo 45

Os Melhores Doces Dessa Cidade

Capítulo 46

Bônus Nice

Capítulo 47

Em carne, Osso, Esposa e Filha.

Capítulo 48

É Só Pela Criança

Capítulo 49

O Resto É Resto

Capítulo 50

Está Tudo Bem Entre Nós

Capítulo 51

De Mulher Para Mulher

Capítulo 52

Algo Grandioso

Capítulo 53

Regra Para Garotas

Capítulo 54

Aparências

Capítulo 55

Não É Hora De Marcar Território

Capítulo 56

Não Era Pra Ser

Capítulo 57

Não É O Fim Do Mundo

Capítulo 58

Pelos Velhos Tempos

Capítulo 59

Autossabotar

Capítulo 60

Boa Notícia

Capítulo 61

O Homem Que Te Ama

Capítulo 62

Atitude de Homem

Capítulo 63

Completamente Sóbrios

[Capítulo 64](#)

[Para Compensar Todas as Vezes Que Fui Covarde](#)

[Capítulo 65](#)

[Livre Para Seguir Em Frente](#)

[Capítulo 66](#)

[Final](#)

[Epílogo](#)

[Próxima Publicação](#)

[Acompanhe as novidades seguindo a autora nas redes sociais.](#)

[Conheça Outras Obras](#)

Sinopse

Gabriel sempre foi o mais centrado dos primos. Totalmente apaixonado por sua namorada Bia, vê sua vida desmoronar quando eles se separam.

Fechado para novos relacionamentos, tudo o que Gabriel quer agora é poder desfrutar de paixões de uma noite, viver a vida intensamente e abrir seu restaurante ao lado do seu irmão e sócio, Rafa.

Entre a responsabilidade de cuidar do próprio negócio, aproveitar a vida, lutar contra os sentimentos que ainda nutre pela ex e uma amizade colorida, Gabriel vai descobrir o verdadeiro significado do amor e vai ter que decidir entre perdoar e ficar ou perdoar e seguir em frente.



Prólogo

Alguns anos antes ...

Gabriel

— Beatriz deve estar chegando dentro de uns quarenta minutos – Meu primo Kaiary, dono do apartamento que dividíamos, eu e meu irmão Rafa, disse com desânimo.

Ele foi totalmente contra a ter uma garota morando com a gente, mas o Rafa adorou a ideia. No meu caso, me compadeci com a situação da garota que havia sido deixada na mão pelas novas colegas de apartamento. Ela já estava com a moradia garantida, até que as meninas que morariam com ela decidiram alugar o quarto para outra.

— Eu já aceitei que ela viesse morar aqui, aliás, fui coagido, mas não vou bancar a babá da guria barriga-verde.

— Poxa, Kay! Você não ficou com pena da garota?

Ela estava vindo para uma cidade, estranha sem conhecer ninguém e não teria para onde ir. Ele não tinha coração?

— Quem tem pena é galinha, *mané* – sorriu da própria piada e pegou sua mochila em cima do balcão — Já fiz minha boa ação. Mamãe quer que alguém a busque no aeroporto. Já que o Rafa, que foi o maior incentivador dessa boa ação não está aqui, sobrou pra você, *brother*. Fui! – saiu sem me dar qualquer informação sobre a garota.

Tomei um banho rápido e me vesti ainda mais rápido. Só tive tempo de escrever o nome dela em uma folha branca de papel, antes de sair correndo para o aeroporto.

Chegando lá, o avião dela havia acabado de pousar. Fui até o portão de desembarque me sentindo ridículo com aquele papel na mão.

As pessoas começaram a sair e eu não conseguia avistar nenhuma garota jovem o suficiente para estar indo para a faculdade, até que entre os passageiros,

surgiu uma menina linda, ela parecia um anjo. Seus cabelos loiros brilhavam como o Sol, seus olhos verdes lembravam-me os campos da fazenda da vó Henriqueta.

Não poderia ser ela! Uma garota linda daquela morando com a gente, não funcionaria. Eu já poderia ver o Rafa dando em cima dela descaradamente, até eu, o irmão bom, seria capaz disso. Encarando aquela garota, que ainda nem sabia se era mesmo a Bia, eu já tinha a certeza de que não conseguiria ficar indiferente, meu irmão, então? Muito menos.

Ela se aproximou tentando ler o cartaz na minha mão que àquela altura já estava abaixado. Sorri sem graça e o levantei torcendo para que fosse mesmo ela.

— Kaiary? – perguntou timidamente.

— Ah, não! Eu sou o Gabriel – respondi estendendo a mão para ela.

— Prazer, Gabriel. Eu sou a Bia – disse gentilmente aceitando meu cumprimento.

— O Kay não pôde vir buscá-la, mas pediu que eu viesse. Moro com ele, eu e meu irmão.

— Ah sim! Obrigada por vir me buscar, Gabriel, *tu* és muito gentil. – Que voz linda que ela tinha e aquele sotaque me deixou ainda mais encantado.

Peguei sua mala e caminhamos conversando até o carro. Aproveitei para mostrar um pouco da cidade a ela, pelo menos o que estava no caminho de casa. Bia ficou encantada com o Rio. Disse-me que sempre sonhou em conhecer o Pão de açúcar e o Cristo Redentor.

— Agora você pode realizar seus sonhos e se quiser, posso levá-la qualquer dia.

— Eu adoraria.

Quando chegamos ao apartamento, duas horas depois, já éramos como melhores amigos. Descobri que tínhamos inúmeras coisas em comum. Ela era alegre e divertida, além de linda e muito sensual.

Abri a porta do apartamento e dei espaço para ela entrar. Nós nos deparamos com o Rafa sentado na bancada da cozinha, ele chegou a parar o seu copo de bebida no ar quando a viu.

— Bia esse é o Rafa, meu irmão – o sacana já se levantou, jogando meio mundo de charme para cima da garota.

Sua atitude me incomodou. Eu não queria ninguém olhando para ela

daquele jeito, pois era o mesmo jeito que eu olhava para ela, com admiração, e claro, desejo.

Fechei a cara na hora, mas o *manezão* sequer notou, estava ocupado demais sendo “atencioso” com a nova inquilina.

— Seja bem-vinda, princesa. *Mi casa su casa.*

— Obrigada!

Kaiary saiu do seu quarto, e embora mais contido, também não escondeu sua admiração por ela, afinal, era linda demais. Para a minha sorte, tínhamos uma regra, e a regra era bem clara:

Quem visse primeiro tinha a prioridade para tentar ficar com a garota, e eu a vi primeiro, e estava claro como água que eu usaria minha prioridade.

Depois que a instalamos em seu novo quarto, pedimos uma pizza e comemos os quatro sentados no chão da sala. Cada vez que ela sorria ou falava com seu sotaque carregado ... mais eu me encantava. Bia era muito mais que beleza física.

Bia pediu licença para se retirar, pois, estava cansada da viagem, sorriu e fez um *thauzinho* para mim, deixando-me ainda mais atraído do que eu já estava.

Quando ficamos os três sozinhos soltei na lata.

— Eu vi primeiro.

— *Tá de sacanagem?* – Rafa resmungou.

— É Rafa, ele viu primeiro – Kay concordou.

— *Passa aí a sua vez man!* – Meu irmão ainda insistiu.

— Nem fodendo.

— Perdeu Rafa. Essa aí você não vai comer.

— Nem você idiota! Só o come quieto aí – apontou para mim.

— Isso aí! – levantei minha garrafa de cerveja na direção deles que fizeram o mesmo. Batemos as garrafas brindando e firmando nosso trato, nossa regra e eu me agarraria com determinação àquela chance.



PARTE UM



Capítulo 1

Você Fez Isso Com a Gente

O coração é uma caixinha de surpresas, pois, embora ele seja da gente, embora ele bata em nosso peito, não nos pertence, ele não nos obedece.

O coração tem vida própria é desobediente e rebelde, é avesso ao nosso cérebro. O coração e o cérebro travam batalhas e geralmente o coração vence.

O cérebro, como o resto dos nossos órgãos, é apenas mais um refém desse inconstante chamado coração e era como eu estava me sentindo nos últimos dias. Inconstante.

Eu sempre fui o mais tranquilo dos primos. Quem me conhece sabe disso. Só que de uns meses para cá, posso dizer que perdi o meu posto.

Como diria o meu irmão Rafa, eu estava tocando o terror. Estava usando o sexo como escudo para não cair em tentação e, com isto, estava traçando geral.

Eu sei, não era bonito e pior ainda, não adiantou muita coisa.

Gabriel

Olhei para o lado e admirei a Bia adormecida entre os lençóis. Desta vez não nos encontramos em um bar, nem no restaurante, não discutimos na frente de amigos para que eles preocupados, ligassem para o meu irmão. Desta vez, estávamos sós e então, caí em tentação.

Primeiro eu explodi.

Trocamos ofensas e quase saímos aos tapas. Depois vieram as lágrimas, de ambos os lados. Chorei e não nego, eram muitos sentimentos reprimidos e por fim veio o desejo, que ainda latejava em meu corpo, quando olhei seu corpo nu mal coberto pelos lençóis.

Quando ela avançou e me beijou de repente, minha primeira reação foi empurrá-la, depois não pensei em mais nada, só em saciar aquela saudade louca que há tempos estava me enlouquecendo, desde que ela voltou.

Depois disso foi tudo muito rápido. A coloquei no meu carro e entrei no

primeiro motel que encontrei. Arrancamos nossas roupas com uma avidez insana. Joguei-a na cama e foi um emaranhado de corpos suados, de línguas, de beijos, abraços e orgasmos.

Deus como senti falta dela.

Ainda era do jeitinho que eu me lembrava, a maciez da sua pele, seu cheiro inebriante, seus gemidos excitantes. Meu coração inflou no meu peito e por um pequeno instante, no momento em que eu despejava dentro dela, quase voltei atrás, mas só... Quase.

Levantei-me e com cautela me vesti, não queria acordá-la. Encarei a camisinha usada no chão e suspirei aliviado. Eu podia ser um fraco, mas ainda não era idiota. Tudo que eu não precisava agora, era de uma gravidez indesejada, pior ainda sendo a Bia.

O certo a se fazer era sair às pressas, na surdina, pois nada havia mudado, nada havia a ser dito. Não reataríamos, não viveríamos felizes para sempre. Fui até o banheiro e me lavei, de volta ao quarto, vesti-me rapidamente, só que quando estava colocando minha jaqueta, ela despertou.

Vi quando olhou para o meu lado da cama, a minha procura. Seu olhar de decepção logo transformou-se em alívio quando me viu de pé no meio do quarto.

Franziu o cenho notando que eu já estava vestido.

— Por que você já está vestido?

— Porque já estou de saída – respondi pegando meu celular e carteira.

— Assim? Ia sair e me deixar aqui?

— Exatamente.

Bia levantou-se rapidamente da cama e veio até mim. Fiz um esforço sobre-humano para encarar seu rosto e não seu corpo nu e perfeito na minha frente.

— Você vai sair assim? Nós acabamos de...

— De fazer sexo... Só isso – Encarou-me surpresa e decepcionada.

O que ela estava pensando? Que iríamos voltar? Não tinha a forçado transar comigo, não fiz promessas.

— É que eu pensei que...

— Pensou errado, Bia. Nós transamos no calor do momento, foi só isso. Não mudou nada entre a gente. Preciso ir.

Eu me virei para sair, mas ela agarrou meu braço.

— Gabriel, por favor! Não faz isso comigo... Não faz isso com a gente,

estou te implorando! O que aconteceu aqui não foi só sexo. Você pode negar, mas não foi. Teve sentimento, eu senti!

— Você fez isso com a gente, Bia! – explodi.

— E eu estou tão arrependida! *Tu* não tens noção da carga de culpa que carrego todos os dias por ter perdido você. Gabriel eu te amo! *Tu* és o homem da minha vida! – esbravejou caprichando no sotaque.

— Devia ter pensado nisso tudo antes, agora é tarde. Preciso ir – falei tirando as mãos dela de cima de mim.

Ela começou a chorar compulsivamente na minha frente e porra, quase cedi, mas respirei fundo e dei as costas. Deixei o dinheiro para o táxi em cima da mesa da salinha anexa e parti sem olhar para trás.

Na saída paguei o quarto e pedi para chamarem o táxi. Fui um filho da puta a abandonando depois do sexo, eu sei, mas ainda tinha um pouco do bom moço em mim, mesmo ela não merecendo.

Enquanto eu dirigia pelas ruas do Rio de Janeiro, já de madrugada, o arrependimento de ter sucumbido ao desejo se apoderou de mim, junto com o arrependimento de tê-la deixado lá como uma qualquer.

Fui a porra de um fraco. Ela nem precisou se esforçar muito e lá estava eu deitado sobre ela.

Que merda!

Precisava tirar aquela sensação de fracasso do peito, precisava esquecer a burrada que tinha feito e principalmente, esquecer o quanto tinha sido bom.

Dirigi até o bar que passei a frequentar com o Guilherme. Um pouco de álcool no sangue me faria esquecer, com certeza, e de quebra eu descolasse outra foda, melhor ainda.

Caramba eu parecia o Rafa falando!

Encontrei um dos colegas da faculdade e me juntei a ele. Era sexta-feira, tinha combinado de encontrar com o Rafa e o Gui quando saísse do restaurante, mas devido a Bia ter aparecido por lá, mudei meus planos, infelizmente.

Meu telefone começou a tocar e nem precisei olhar para saber quem era, Rafa. Só então vi que tinha várias chamadas perdidas dele e algumas mensagens.

— Fala, Rafa.

— Gabriel, seu filho da mãe, onde você se meteu? A gente já está aqui nessa porra de bar há quase três horas!

— Tive um imprevisto – Pigarreei.

— Sei. E esse imprevisto com certeza deve começar com a letra M e terminar com a R não é seu *come quieto*?!

— Vai se ferrar. Pode voltar lá para a sua Majuzinha que eu vou ficar por aqui mesmo – Deliguei o telefone.

Ele iria me matar, não saía sem a namorada de jeito nenhum e eu tinha o convencido a ter uma noite só dos garotos.

Ri lendo a mensagem que ele me encaminhou.

Rafa: Come quieto do caralho!

Se ele soubesse, era capaz de bater com a minha cabeça várias vezes em alguma coisa dura para ver se eu criava algum juízo.

— Como vai o restaurante? – Diogo, meu colega, perguntou me trazendo de volta a realidade.

— Está encaminhado. Vamos abrir em algumas semanas.

— Que bom, cara.

— É. Bom, o que eu quero mesmo é cozinhar. O Rafa vai cuidar do resto – Surpreendentemente, ele estava fazendo direitinho. Administrar com certeza era a área dele, corrigindo: Mandar, como ele mesmo dizia.

— Gabriel? – Olhei na direção da voz e sorri. Já estava com saudades da dona dela.



Capítulo 2

Experiências Passam, Momentos Passam, o Amor Não.

Bia

Peguei meu amontado de roupas no chão e sentei-me na cama sem ânimo. Suspirei limpando minhas lágrimas, ainda não acreditando que ele tivera a coragem de me deixar em um motel depois de tudo o que tinha acontecido entre a gente.

Aquele não parecia o Gabriel que eu conhecia, não parecia o meu Gabriel. Aquele era frio e egoísta.

Meu Deus, eu o havia transformado naquilo?

O sentimento de culpa e arrependimento, que eu já carregava comigo, só afloraram. Tinha feito a escolha errada, mas estava arrependida, poxa! E se ele me desse a chance, eu provaria.

Limpei novamente minhas lágrimas, ergui a cabeça e repeti meu mantra.

— Ele ainda me ama, ainda me ama!

Não teria ido para a cama comigo se não me amasse mais, eu só precisava descobrir como derrubar a barreira que ele havia colocado entre nós.

Vesti minha roupa um pouco mais confiante. Liguei para a recepção e pedi que me chamassem um táxi, mas descobri que ele já havia pedido para chamarem e que o mesmo já estava a caminho. Peguei o dinheiro que Gabriel deixara na mesinha e senti-me pequena. Jamais imaginei que nossa noite terminaria daquela forma, não depois dos beijos ardentes, da forma faminta como ele me tomou, não depois de ele me olhar profundamente nos olhos.

Ele poderia negar o quanto quisesse, mas a forma com que me amou falava por si só. Ele não hesitou em tirar a minha roupa e me jogar na cama. Não hesitou ao prender minhas mãos acima da minha cabeça e me encarar antes de atacar meus lábios, meu corpo.

— Não Gabriel Bastos, você não me engana.

Levantei-me e fui até o banheiro. Lavei meu rosto e aproveitei para passar um blush, rímel e batom. Assim que terminei de me aprontar o telefone tocou,

era a moça da recepção avisando que o táxi já me aguardava. Saí do quarto e o encontrei estacionado em frente a garagem. Entrei e dei as coordenadas ao taxista.

Eu estava morando na Barra da Tijuca e estudando por lá também. Dessa vez, estava sozinha, não quis dividir o espaço com ninguém. Meu pai havia me dado um carro, então, eu estava me virando bem sozinha.

No caminho para casa, fui pensando nas minhas tentativas de abordar o Gabriel. Eu não estava me reconhecendo. Nunca havia precisado correr atrás de alguém, mas eu não me importava e nem me envergonhava. Tinha feito merda e precisava correr atrás do prejuízo.

Já tinha tentado falar com ele algumas vezes que me ignorou com sucesso, sem falar na vez que fui até o restaurante e as coisas ficaram pesadas, mas hoje consegui pegá-lo com a guarda baixa.

O avistei saindo do carro. Havia estacionado na rua em frente ao prédio que morava indicando que não demoraria por ali, que sairia novamente. Caminhou com as mãos nos bolsos pela calçada, parecia cansado e perdido em seus pensamentos. Quando seus olhos sem brilho encontraram os meus, pude perceber que mesmo sutilmente, eles se acenderam, apesar de a primeira reação dele ter sido me ignorar e virar as costas para abrir o portão.

Diante dessa atitude pensei em desistir de vez, já estava dando meia-volta quando ele se virou novamente para mim, então respirei fundo, caminhei decidida até ele e o beijei, bem ali. Ele chegou a tocar meus cabelos quando caiu em si e me empurrou. No entanto, mesmo depois da enxurrada de ofensas que trocamos ali na calçada, ele agarrou o meu braço e me puxou em direção ao carro. Abriu a porta bruscamente e praticamente me jogou lá dentro, dirigiu feito um louco até parar no motel.

Suspirei lembrando-me mais uma vez o momento que compartilhamos. Como tinha sentido falta dele, do meu Gabriel, do meu anjo lindo e quente. Sim, porque fora da cama Gabriel era um verdadeiro príncipe, mas em cima dela, meu Deus.

Ao pensar nisso ainda conseguia me sentir mais idiota.

Como pude deixá-lo?

O taxista parou próximo a entrada do meu prédio e me deu seu cartão. O agradei e desci do carro. Já em casa fui direto para a cama, não quis me lavar para aproveitar mais um pouquinho do cheiro dele que ainda impregnava meu corpo.

Que delícia de homem. Meu homem, porque ele seria meu, como sempre foi. Eu só precisava descobrir uma forma de fazê-lo voltar atrás. Talvez minha prima Angel pudesse me ajudar.

Encarei o relógio da cabeceira, era tarde, mas eu precisava de conselhos. Resolvi mandar uma mensagem, se ela respondesse saberia que estava acordada.

Bia: Prima?

Ela respondeu quase que na mesma hora.

Angelina: Oi!

Bia: Posso te ligar?

Angelina: Claro!

— Oi prima, está tudo bem? – Atendeu preocupada.

— Não – contei a ela tudo o que tinha acontecido, sem poupar detalhes.

— Eu não acredito que o Gabriel teve a coragem de fazer isso. Caramba! Isso não se parece nada com ele.

— Eu não o culpo, Angel, ele está magoado. Eu só não esperava essa atitude, mas de alguma forma mereci, né?

— Magoado ou não isso não se faz, Bia. Ele transou contigo e depois te tratou feito uma vadia.

— Talvez eu seja isso mesmo na cabeça dele, não posso culpá-lo – suspirei cansada.

— Você é?

— Não entendi.

— Você é uma vadia?

— Não.

— Então não deixe que ninguém te diga que é, e nem te faça se sentir uma. Nem mesmo o Gabriel.

— Tem razão.

— Você errou feio prima, já cansei de te dizer isso, mas você não precisa mais ouvir, porque já reconheceu, e se você realmente ama o Gabriel, tem sim

que lutar por ele, mas não o deixe te humilhar. Vou ter que desligar porque o Kay já está me olhando de cara feia.

— Mais essa agora! Tu és minha prima Angel! Teu marido tem que aceitar!

— Concordo, mas não vou me estressar com meu marido por causa dos problemas dos outros e estou grávida, esqueceu?

— Sim, me desculpe. Vou deligar, mas Angel, me ajuda? – Era um pedido desesperado.

— Vou ver o que posso fazer para ajudá-la sem me meter, O.K.?

— Obrigada.

Nós nos despedimos e desligamos. Antes de dormir, pensei em várias maneiras de tentar convencer o Gabriel a me perdoar, mas todas pareciam em vão. Pensei no quanto fui iludida ao largar tudo e ir para Paris. Pelo menos vivi por alguns meses na Cidade Luz.

Foi bom. Conheci pessoas interessantes e o sexo com Levi era incrível, pena que ele não era o Gabriel e pena ter descoberto tarde que aquilo não era o que eu queria.

Eu poderia estar casada e até grávida. Sorri imaginando como seria um bebê nosso. Ele ou ela seria a coisinha mais linda do mundo, principalmente se puxasse ao pai.

Balancei a cabeça espantando esses pensamentos e encarei minha pintura na parede. Não seria hipócrita dizendo que me arrependi de ter ido. Foi uma experiência marcante, que vou guardar para a vida, mas experiências passam, momentos passam, o amor não, e foi com essa certeza que adormeci.



Capítulo 3

Sobe

Gabriel

— Oi princesa! – Cumprimentei a Mari com dois beijinhos no rosto. — Vai cantar hoje?

— Sim, daqui a pouquinho. Posso contar com a sua participação? Você está me devendo.

— Não sei Mari, isso não é pra mim.

— “Quem canta, os males espanta” e você parece que está precisando espantar alguns.

Estava tão na cara assim?

— Funciona?

— Pra mim? – ela assentiu — Sempre.

Sorri.

— Quem sabe pra mim também, então? – ela sorriu de volta animada — Até daqui a pouco!

— Preciso andar mais com você, cara! Só cai sereia na sua rede – Diogo disse, me entregando uma cerveja. Apenas sorri.



Eu já estava levemente bêbado quando a Mari chamou meu nome no microfone.

— Eu gostaria de chamar aqui no palco meu amigo Gabriel. Ele está devendo uma parceria comigo e estou cobrando. Vem, Gabriel!

Putá merda!

Ela fez um gesto na minha direção e todo mundo olhou para mim.

— Vai lá cara e garante logo a foda da noite – Diogo cuspiu as palavras.

O velho Gabriel acharia aquilo absurdo, o novo... Nem tanto.

Levantei-me e fui até o pequeno palco. Mari esticou a mão para me ajudar a subir. Segurei a mão dela, que já foi logo me empurrando para um banquinho, e me entregando um violão.

— O que eu canto? – perguntei perdido.

— O que você quiser, gato.

Olhei para os caras que a acompanham. Um estava no teclado e o outro estava com um violão, eles apenas deram os ombros.

Pensa rápido, cara!

Respirei fundo e a música ideal para o momento surgiu na minha cabeça. Comecei a dedilhar as notas no violão e a galera aplaudiu.

*Se uma canção me lembrar
Troque o CD não ouça mais
Se um perfume me recordar
Troque de marca, não use mais
Já que me trocou por um outro alguém
Substituir é o que te convém...*

Eu não queria pensar na Bia enquanto eu cantava, porque ficava parecendo que era para ela, mesmo ela não estando ali, no entanto, foi inevitável.

Mas quem eu estava tentando enganar?

A letra da música era toda sobre ela. Era toda sobre o meu despeito por ela ter me sacaneado, por ter me trocado. Minha mente viajou para longe dali, para toda aquela confusão que a envolvia e só voltou quando ouvi a voz da Mari me acompanhando no refrão.

*... Mas quando o coração não me enxergar
Vai te deixar louca de saudade, louca de saudade
O coração vai me desejar
E te deixar louca de saudade, louca de saudade
Eu quero ver então, se vai poder trocar de coração...*

(Jorge e Mateus)

Ela tinha uma voz tão doce que deixou a melodia ainda mais suave. A galera assoviou e a aplaudiu. Tinha talento a garota.

Deixei a segunda parte da música para ela cantar e só entrei no refrão. Mari estava de lado no palco para poder ficar de frente para mim. Ela retirou o microfone do suporte e se aproximou com um sorriso contagiante no rosto, só me restou sorrir de volta. Cantamos um olhando para o outro e caramba ela era bonita!

Foco na música, Gabriel!

Quando terminamos a canção, recebi os aplausos e desci rapidamente, mesmo sob os protestos da minha parceira. Voltei para a minha mesa e engatei na cerveja e na conversa com o Diogo e mais dois amigos dele que chegaram.

Vi quando a Mari agradeceu os aplausos e desceu do palco. A observei conversar com os caras que estavam tocando com ela enquanto guardava seu violão.

Se ela estivesse com algum deles já teria rolado um beijo, não é?

— Eu sei que a nossa companhia está muito boa, mas você está esperando o que para ir até ela? Está cheio de marmanjo aqui doido pra pegar.

Dei um último gole na minha cerveja e me levantei.

— Fui.

— Esse é o meu garoto! – Ainda o ouvi dizer enquanto me afastava.

Caminhei decidido até ela. Sorri derramando todo meu charme quando ela olhou para mim.

— Vim te chamar para se juntar a mim e aos meus amigos agora que você já está liberada.

— Obrigada, Gabriel, mas tenho que ir pra casa.

— Está sozinha? Posso te levar.

— E atrapalhar a sua noite? Não. Vou pegar um táxi.

— Faço questão – insisti, tirando o violão das suas mãos — Já estou indo pra casa também.

Mari mordeu o lábio inferior coberto por uma camada grossa de batom vermelho. Era tão vermelho que tinha escondido as sardas que os enfeitava.

— Bom, já que você insiste.

No estacionamento, abri a porta do carro para ela que sorriu em agradecimento. Esperei que ajeitasse a saia longa dentro do veículo e fechei a

porta. Coloquei o violão no banco de trás e entrei do carro.

— Tem certeza que está bem para dirigir? Você bebeu.

— Acho que consigo fazer um quatro sem cair, quer ver?

— Se você está dizendo eu acredito – respondeu sorrindo.

— O.K. Ainda mora no mesmo lugar?

— U-hum.

Seguimos para o apartamento dela na Urca e um tempo depois, estacionei de frente para o prédio de quatro andares.

— Está entregue. Sã e salva.

— Obrigada!

Mari saiu do carro e fiz o mesmo. Abri a porta traseira e peguei seu violão, mas não o entreguei. Ela me encarou com um sorriso divertido.

— Você já pode me entregar o violão.

Ergui o violão na sua direção e quando ela esticou o braço para pegá-lo, agarrei a sua mão e a puxei. Segurei sua cintura e a puxei ainda mais, até que seu corpo colasse ao meu. Seu sorriso morreu e ela me encarou com os olhos arregalados.

— Se você quiser, por esta noite, posso ser seu.

Ela suspirou indecisa. Era nítido que estava tão a fim quanto eu, dava para perceber pela forma intensa com que me olhava, mas por algum motivo ela estava ponderando aceitar ou não.

— Nós não deveríamos.

— Você disse isso da outra vez. No entanto, sabemos como terminou.

Mari abriu a boca para falar e a fechou em seguida encarando meus lábios. Suas mãos estavam pousadas em meus braços hesitante, mas ela não me afastou.

— Foi bom, não foi? – assentiu — Eu também gostei muito, então, por que não repetir?

— Justamente por isso. Por ter sido tão bom. Não quero encrenca, Gabriel.

— Nem eu e não sou o Kaiary, pode ficar tranquila. Vamos só nos divertir um pouquinho.

Ela engoliu em seco enquanto refletia.

Naquela noite em que o Rafa cismou de me levar para transar, eu realmente transei, com a Mari. Ele e a Maju foram embora quase na mesma hora em que chegamos na festa e sobrei com ela. Dançamos, bebemos e acabamos na cama

dela, lugar que eu estava louco para estar de novo. Eu só queria tirar os vestígios da Bia de mim.

Estava sendo um filho da puta usando a Mari para arrancar a Bia do meu pensamento, mas eu desconfiava que ela poderia querer fazer o mesmo. Ainda não tinha esquecido meu primo, eu sabia.

Sobre a minha regra de não pegar mulher que ele e o Rafa já pegaram, fodam-se todas as porras de regras do mundo. Estava cansado de tudo aquilo, estava pouco me importando se ela já tinha *dado* para o meu primo, eu queria também e pronto!

— E então? Subo ou te entrego o violão? – Dei minha cartada final.

— Sobe.



Capítulo 4

Por que não?

Gabriel

Mari abriu a porta do seu apartamento e me deu passagem para entrar. Ela fechou a porta e colocou a bolsa e o violão em cima do sofá. Seu olhar avaliou-me por um instante antes de ela sorrir e apontar para o corredor. Sorri e fui na direção que ela apontou, seguido por ela. Quando cheguei ao corredor, parei indeciso sobre qual seria o seu quarto.

Da outra vez que estive no apartamento dela, eu estava bêbado demais. Lembro-me do principal, do sexo gostoso que compartilhamos, mas me esqueci alguns detalhes. Só sei que ao entrarmos, ali mesmo na sala, começamos a arrancar nossas roupas com sofreguidão. Literalmente caímos no sofá entre beijos e gargalhadas. Eu me atrapalhei para tirar seu sutiã e ela ria sem parar. Depois foi a vez de ela tirar a minha cueca, ficou toda atrapalhada também. Transamos no chão da sala, porque o sofá estava pequeno para toda a nossa bagunça.

Terminamos a noite no quarto dela, onde repetimos a dose com mais calma, apreciando mais o contato, as carícias e o clímax. Fui embora quando já raiava o dia, sequer dormi. Ela me expulsou antes das amigas chegarem.

Sorri percebendo que ela esperava para ver se eu me lembrava qual era o seu quarto. Chutei mentalmente qual seria porta e a abri. Dei sorte porque assim que olhei para dentro, eu me recordei que era ali que eu havia estado da última vez.

Entrei e a puxei pela mão. Fechei a porta e a ergui em meus braços. Mari enrolou as pernas ao redor dos meus quadris e segurou meu pescoço. Encarei seus lábios vermelhos e depois seus olhos incrivelmente azuis.

— Sabe o que eu pensava cada vez que olhava para a sua boca lá no bar? — ela fez que não com a cabeça. — Nas sardas que você tem escondidas atrás de todo esse batom.

— E por que você pensou nisso? — perguntou, esfregando os lábios um no outro.

— Porque eu queria vê-las. Ainda quero, mas para isso vou ter que tirar esse seu batom.

Ela sorriu e não esperei sua resposta, ataquei seus lábios vermelhos com urgência. Caminhei com ela até sua cama e deitei ficando por cima, sem desgrudar nossas bocas. Percorri seu pescoço com a mão e descii até o vale entre os seus seios. Deixei seus lábios e ocupei-me em morder seu pescoço, mordisquei seu ombro e afastei a sua blusa para ter livre acesso aos seus seios.

Eles eram pequenos, bem pequenos na verdade, mas não deixava de ser lindos, cobertos também por sardas, como praticamente todo o seu corpo e rosto. Mari era uma garota muito bonita, ela tinha os olhos azuis da cor do oceano e sobrancelhas vermelhas em uns dois tons mais claro que o seu cabelo volumoso. Afastei o sutiã e apertei com suavidade o bico do seio sugando-o em seguida.

Mari suspirou enroscando seus dedos nos meus cabelos. Passei para o outro seio e lhe dei a mesma atenção. Montei sobre ela e comecei a abrir os botões da sua blusa, revelando sua lingerie sexy e seu abdômen sarado. Tirei sua saia deixando-a apenas com a calcinha e o sutiã de cor roxa, que se destacavam em sua pele clara. Aproveitei para tirar meus tênis e meias.

Mari ergueu-se e aproveitando que eu estava de pé na sua frente, sentou-se na beirada da cama e me puxou pelo cós da calça. Concentrada na sua tarefa de me despir - dessa vez mais devagar - aproveitou o momento. Abriu o botão lentamente me encarando com um olhar sexy da porra. Desceu o zíper e enfiou os dois polegares na lateral da calça e a desceu lentamente. Ajudei-a chutando a calça para longe quando chegou aos meus pés.

— Agora estamos empatados – ela disse se referindo ao fato de estarmos os dois apenas com peças íntimas.

— Mas eu estou em desvantagem aqui – aponte para o meu peito nu.

Ela sorriu, tirou o sutiã e me entregou.

— Eu quero jogar um jogo – eu disse, ela ergueu a sobrancelha confusa — Caso eu ganhe você tira a calcinha e me paga um boquete.

— E se eu ganhar?

— Aí eu que te chupo, inteira.

— Feito! E que jogo vamos jogar? – perguntou sorrindo animada.

— Não faço ideia, estou tentando pensar em algo, na verdade eu só quero que você pague o boquete – falei com cara de anjo. Sua gargalhada gostosa ressoou pelo quarto e só me restou gargalhar junto.

Com o olhar cheio de malícia, Mari abaixou a frente da minha cueca

libertando-me. Agarrou meu pau pela base e me olhou com cara de menina levada. Sem deixar de me encarar, ela deslizou a língua pela glândula antes de enfiá-lo inteiro em sua boca, um pouco borrada pelo nosso beijo ardente. Fechei os olhos saboreando a sensação de sentir sua boca quente me envolver. Soltei um grunhido de satisfação ao ser presenteado por uma chupada deliciosa. Ela me abocanhou quase que por completo usando as mãos para segurar o que ficou para fora.

— Hum! Você é muito boa nisso, Mari – falei lembrando-me da outra vez.

Um dos melhores boquetes da minha vida.

Agarrei seus cabelos e investi contra a sua boca, ela segurou meu traseiro e intensificou ainda mais as investidas.

— Caralho! – cuspi um palavrão, eu estava quase lá.

Enrolei a mão em seus cabelos e os puxei a afastando. Abaixei-me e beijei seus lábios.

Invadi sua boca com a mesma urgência com que ela me engoliu. Explorei sua língua com a minha e a ouvi gemer baixinho.

Ajoelhei-me na sua frente com suas pernas, uma de cada lado do meu corpo e afastei sua calcinha. Ela estava encharcada. Enfiei um dedo dentro dela só para confirmar. Puxei seu corpo para a beirada da cama e a deitei. Tirei sua calcinha e coloquei suas pernas sobre meus ombros.

Inseri dois dedos dentro dela e observei sua reação, que foi se contorcer e agarrar os lençóis. Estimulei-a um pouco, apenas com os dedos, e em seguida, deslizei a língua sobre seu ponto de excitação levemente inchado. Ela gemeu agora menos contida, me incentivando a continuar. Chupei seu clitóris ao mesmo tempo que continuava empurrando meus dedos dentro dela, até que ela gozou intensamente.

Esperei seu corpo se acalmar e retirei os dedos lentamente. Encarei seu rosto e fui presenteado com um sorriso de satisfação. Enquanto tirava a minha cueca, ela se ajeitou na cama e pegou algumas camisinhas debaixo do colchão. Peguei a embalagem da mão dela sorrindo.

— É sério que você esconde suas camisinhas?

— Você esconderia também se morasse com uma folgada que acha que eu sou uma farmácia.

Gargalhei, mas minha risada foi substituída pelo desejo que me consumiu ao encará-la. Em seus lábios já não havia nenhum vestígio do batom e a sardas da sua boca estavam livres. Eu precisava estar logo dentro daquela mulher

gostosa, precisava me afundar nela e arrancar a Bia do meu organismo.

Eu era mesmo um idiota, pensando naquela ingrata com uma Mari tão receptiva na minha frente. Tratei de espantar tais pensamentos e vesti a camisinha rapidamente. Pousei meu corpo sobre o dela e a beijei novamente. Beijei seus lábios, seu pescoço, sua orelha, me delicieei mordiscando seus seios, acendendo novamente a chama do desejo. Quando senti que estava novamente pronta para mim, apoiei meu corpo e um dos cotovelos e investi lentamente dentro dela. A invadi aos poucos para que se acostumasse com meu tamanho. Seu sexo foi me recebendo, me aconchegando. A cada estocada, eu sentia o orgasmo se aproximando. Mari descansou suas pernas sobre o meu corpo e enquanto nos chocávamos, o suor brotava entre nós. Ela agarrou meus cabelos e livrou seus lábios dos meus pendendo a cabeça para trás. Quando o orgasmo a atingiu, murmurou meu nome. Seus gemidos ecoaram em meus ouvidos e foi o suficiente para meu corpo se contrair, me levando a alcançar o clímax junto com ela. Mordi seu pescoço sentindo meu gozo jorrar para fora, e continuei estocando até que o último espasmo me abandonou.

Ergui um pouco o corpo para poder encará-la e estranhei estar com os olhos fechados.

— Ei! – Toquei sua bochecha, mas ela não abriu os olhos. — Por que você está fechando os olhos?

— Porque não quero ter um momento de intimidade com você depois do que fizemos – respondeu sorrindo, tapando os olhos com as mãos.

Achei graça, mais íntimo do que tínhamos acabado de fazer, era meio que impossível.

Sentei-me sobre ela e a encarei, mas ela continuou tapando os olhos.

— Para com isso. Olha pra mim! – pedi, tirando as mãos dela de cima dos olhos. Mari bufou e me encarou.

— Tudo bem, você precisa ir agora.

— Você está me enxotando? De novo? Ainda nem saí de dentro de você direito e você já está me enxotando? – Fingi uma cara de decepcionado.

— Estou.

— Me deixa dormir aqui? Eu bebi, não posso sair por aí dirigindo.

— Ai meu Deus para de fazer essa cara! E você veio dirigindo e muito bem até aqui.

— Que cara?

— Essa cara de... Jesus você é bom nisso!

— É sério Mari, deixa eu dormir aqui? Vou embora pela manhã, tenho uma parada para resolver aqui perto – Era verdade.

Ela mordeu os lábios indecisa.

— Tudo bem, mas é a última vez que você dorme aqui, Gabriel.

— Tudo bem – concordei.

— E também é a última vez que a gente transa.

— Qual é o problema nisso?

— Você é um Bastos, esse é o problema. Não vou arriscar. Estou sendo muito sincera.

— Então eu também vou ser sincero. Você não corre risco comigo, não sou o Kaiary, e não tenho intenção de me relacionar com ninguém agora. Nem sério, nem rolo. Você está segura comigo.

— Mesmo assim, você me lembra ele, vocês são primos...

— Tudo bem, Mari – eu deveria ter ficado chateado por ela estar se lembrando do meu primo quando tínhamos acabado de transar e por estar me comparando a ele, mas não fiquei, eu nem tinha esse direito, eu mesmo estava ali para esquecer os momentos que havia passado com a Bia naquela mesma noite.
— Já que é a última vez, podemos pelo menos aproveitar?

— Eu acho que... sim, por que não?

Sorri satisfeito e parti para cima dela louco pelo segundo round.



Capítulo 5

Às Vezes O Perdão Vem Com O Tempo

Gabriel

Acordei sozinho na cama e me espreguiceei ainda deitado. Estava sem a mínima vontade de me levantar, mas era sábado e eu tinha marcado com o Rafa no restaurante, e ainda tinha um lance para resolver antes de ir até lá.

Saí da cama e notei que havia uma toalha, uma escova de dentes e um sabonete estrategicamente posicionados sobre ela.

Uma mulher prática – pensei comigo.

Prática e linda. Eu me senti um merda por ter ido para a cama com ela depois de me perder nas curvas da Bia.

Maldito filho da puta você, Gabriel Bastos!

Peguei as coisas e fui para o banheiro. Tomei um banho rápido e escovei os dentes. Enquanto vestia a minha roupa, ouvi vozes e risadas vindas na sala. Bem, quem quer que fosse, não dava para esperar ir embora, eu estava atrasado.

Saí do quarto em direção a sala e dei de cara com uma garota negra muito bonita, com *dreads* nos cabelos.

— Uau Mari! – ela exclamou tirando os óculos de grau e me secando sem nenhum pudor.

— Bom dia – cumprimentei-a com um sorriso.

— Ótimo dia!

Mari veio da cozinha sorrindo, despreocupada com uma caneca nas mãos. Estava usando apenas uma blusinha de malha e calcinha. Ela me entregou a caneca de café e sentou-se ao lado da amiga.

— Para de secar o cara. Não está vendo que ele está ficando sem graça, Nice?

— Então me diz onde você arrumou esse deus do Olimpo que estou de mudança pra lá, amiga – Nice brincou e virou-se para mim — Qual é a sua graça, meu anjo?

— Gabriel – respondi sem graça.

— Até o nome é de anjo. Se bem que deve ter só a cara de anjo, né? Pela carinha de satisfação dessa aqui – disse socando a amiga de leve.

— Nice você não tinha que ir para a faculdade?

— Tá bom. Já sei. Quer ficar sozinha com ele. Tudo bem – a tal Nice se levantou e pegou sua bolsa — Eu também iria querer. Até mais, anjo.

— Até.

— Não liga pra ela. É assim mesmo, fala pelos cotovelos, mas é bem legal se você der uma chance.

— Eu gostei dela.

Tomei um gole do café, enquanto minha anfitriã cruzava as pernas sobre o sofá me encarando.

— Bom, eu já vou indo – falei colocando a caneca de café na mesinha ao lado do sofá.

— Pode tomar café primeiro se quiser.

— Eu já abusei demais da sua hospitalidade. Preciso ir.

— O.K. – Mari levantou-se e me acompanhou até a porta. Virei-me de frente para ela, segurei sua mão e a encarei.

— Para – murmurou sorrindo.

— Eu nem disse nada.

— Mas antes que diga Gabriel, acho bom pararmos por aqui. Você é uma delícia, mas ainda está muito machucado. Não tenho estrutura para ser pneu de estepe de mais ninguém. Não quero confusão pra minha cabeça, muito menos encrenca.

— Tudo bem, entendo, mas eu só ia te desejar uma boa semana – nem passou pela minha cabeça propor alguma coisa a ela, ainda mais depois da minha atitude impensada.

— Ah! – Mari me encarou morta de vergonha.

— Relaxa – beijei sua mão.

— Volta pra ela Gabriel, vocês se amam. As vezes o perdão vem com o tempo.

— Não acredito que será assim no meu caso. A gente se esbarra por aí – Despedi-me dando um beijo na sua bochecha.

— A gente se esbarra por aí – Repetiu minhas palavras.

— *Te cuida, Mari.*

— *Te cuida, Gabriel.*

Saí do apartamento dela e segui para o meu carro, já dentro dele liguei para o dono da oficina de moto e avisei que já estava a caminho. Dirigi por alguns minutos e parei o carro a poucos metros do estabelecimento.

— E aí, Gabriel? – Ricardo me cumprimentou.

— Beleza, cara?

— Tudo indo. Sua máquina está pronta – sorriu satisfeito. Seus olhos cravados no meu jipe.

O segui até os fundos da oficina e o assisti retirar o plástico que cobria minha mais nova aquisição: Uma Harley Davidson Fat Boy ano 2016.

— Fechamos em cinquenta e sete paus? – perguntou me entregando a chave.

— Fechamos – respondi pegando o documento e o recibo do jipe na carteira.

— Deposito o valor que falta na sua conta até terça-feira.

— Valeu – Entreguei as chaves e os documentos a ele.

Caminhei até a moto e o Ricardo me entregou o capacete.

— É novo, comprei ontem – Assenti e coloquei o capacete. Dei partida da máquina e apreciei o ronco do motor. Com um aceno, me despedi dele e parti rumo ao restaurante.



Estacionei na calçada de frente para o restaurante e tirei o capacete. Dei uma ajeitada no meu cabelo com os dedos. Eu estava usando um corte pouco maior do que o normal, mas ainda não estava totalmente acostumado. Ajeitei o topete e encarei minha barba, também recentemente adquirida, no retrovisor. Estava precisando dar uma aparada, nunca estive tão grande. Quem sabe no próximo sábado? Meu tempo andava meio curto devido aos preparativos para a abertura do restaurante.

Desmontei da moto e caminhei até a entrada, parando para admirar a fachada. O pessoal do letreiro terminava de colocar o nome no seu devido lugar.

— De quem é essa moto, Gabriel? – Rafa perguntou, surgindo na entrada e tirando minha atenção da fachada.

— Minha.

— Sua? – caminhou até a moto.

— Exatamente.

— Trocou o jipe nessa moto? – assenti com a cabeça e me aproximei. Rafa sentou-se na moto e pediu a chave. Entreguei a chave a ele que a ligou e deu várias aceleradas para ouvir o ronco do motor. Admirou a moto por um tempo antes de voltar a falar — É uma verdadeira máquina, mas pô, uma moto potente dessa pra andar na cidade? E o pai não vai gostar nadinha de você ter trocado o jipe.

— Ainda bem que você não é ele *né*, Rafa? Deixa que eu me entendo com o coroa.

— Foi por isso que você demorou? – Meu irmão perguntou olhando para o relógio.

— Entre outras coisas – Virei as costas e segui para o interior do restaurante.

— Que seriam...? Deixe-me adivinhar... Mulher – Deu um sorrisinho de canto de boca me entregando a chave.

— Rafa eu vendi o jipe porque precisávamos do dinheiro pra colocar isso aqui para funcionar. Combinamos de que não pegaríamos mais do que o necessário com o pai. É tudo que você precisa saber, *mané*.

— Certo. A propósito, você está atrasado. Eu mando nessa porra e não quero ninguém chegando atrasado, nem você – O idiota brincou.

— Então me diz patrão, o que está faltando pra essa porra começar a funcionar?

— O alvará da vigilância sanitária e fechar contrato com alguns fornecedores.

— Coloca o Guilherme pra ajudar com os fornecedores.

— Já não estamos explorando demais o *badeco*?

— Você está. Essa vai ser a primeira tarefa que eu passo pra ele. Falando nisso, acho que já está na hora de você parar de pegar no pé do cara.

— Não engoli aquela história dele com a prima.

— Já tenho problemas demais na cabeça pra ficar preocupado com os dois, *brother*. Eles já são grandinhos – Meu irmão me encarou por alguns instantes, enfim assentiu.

— Onde você se enfiou ontem à noite? Por favor me diga que foi no meio

das pernas de alguma garota.

A lembrança fez meu estômago se contrair.

Duas garotas para ser mais exato, irmão.

Na hora aquilo não me pareceu tão absurdo assim. Eu estava pensando mais com a cabeça debaixo, mas quando amanheci na cama da Mari e a constatação do fato de eu ter transado com ela depois de ter feito a mesma coisa com a Bia caiu sobre mim, me senti mal, fiquei com uma sensação ruim.

Eu não era aquele cara, tudo bem que eu tive minha cota de aventuras e cafajestagens nesse meio tempo, mas ainda assim, aquele cara que acabou de sair de dentro de uma e foi se enterrar na outra, não era eu.

Tudo culpa daquela maldita, que mesmo depois de tudo que me fez passar, ainda tinha o poder de me desestabilizar daquele jeito.

De uma coisa eu estava certo, filho da puta ou não, eu iria arrancar aquela mulher do meu sistema, mesmo que para isso eu tivesse que trepar com todas as mulheres do mundo – menos as da minha família, é claro.

O que estou pensando, caramba!

— Vamos abrir mesmo só para a parentada na inauguração? – Rafa perguntou me trazendo de volta a realidade.

— Vamos, claro. Quero estar cercado pela família nesse dia – respondi abraçando meu irmão pelos ombros. — E depois disso, é arregaçar as mangas pra isso aqui funcionar.

— É isso aí. *Me* deixa voltar ali para o meu cubículo – ele disse se referindo ao escritório dele — Ainda não me conformo que ficou menor do que eu queria. Como vou relaxar com a minha Majuzinha sem uma cama decente?

— Rafa estamos abrindo um restaurante e não um motel, nada de camas.

— Pelo menos a mesa é grande – o idiota piscou indo em direção a sua sala — Vá trabalhar Gabriel! – Ainda gritou antes de fechar a porta.

Rafa sendo, Rafa.



Capítulo 6

Rebeldia?

Mari

Entrei no restaurante do shopping e vasculhei as mesas com olhar. Encontrei minha mãe sentada em uma mesa ao fundo cercada por sacolas de grifes. Ela sorriu e acenou me chamando. Respirei fundo e caminhei até ela.

— Oi, mãe.

— Mariana! – ela se levantou e me abraçou. Retribui o seu abraço, tinha sentido sua falta — Está magra, não está se alimentando direito?

— Estou, mãe – respondi me sentando de frente para ela. — Então?

— Vamos almoçar primeiro, meu anjo – Fez um gesto para o garçom.

— Tudo bem, mas acredito que a senhora não se despençou de São Paulo até aqui só para almoçar e fazer compras – aponte para a enorme quantidade de sacolas.

— Vim me consultar com um cirurgião plástico e aproveitei para te ver. E qual é o problema em fazer umas comprinhas no processo? – Piscou sorradeira.

Assenti com um sorriso fraco. Não acreditava que fosse só isso, mas teria que esperar até depois de comermos para saber.

— O que a senhora vai fazer dessa vez? – perguntei me referindo ao procedimento estético.

— Harmonização facial, mas ainda não me decidi.

— Não vai mexer no que está bom, hein? Senão corre o risco de estragar — ela revirou os olhos sorrindo.

Almoçamos conversando amenidades, mamãe me colocou a par de como andavam as coisas entre meu irmão e papai. Maurílio tinha resolvido manejar em seus atos inconsequentes – o que significava manejar no consumo de drogas –, e estava indo à faculdade regularmente, então para papai, aquilo bastava.

O que sempre importou para ele era que os filhos seguissem a sua carreira, que se formassem em Engenharia ou Arquitetura, e assumissem a empresa. Ele nunca se importou com o nosso bem pessoal, ou emocional e não seria agora que

começaria a se preocupar.

Depois da refeição, mamãe pediu uma torta de morango de sobremesa. Quando eu levei o copo de água gaseificada na boca, ela finalmente colocou as cartas na mesa.

— Mari – pigarreou antes de continuar — Seu pai não está satisfeito com as decisões que você tem tomado para sua vida...

— Mãe – a interrompi.

— *Me* deixe terminar. Olha filha eu não concordo com as algumas atitudes de seu pai, mas neste caso, acho que ele tem razão. Deixar o curso de Arquitetura para fazer faculdade de música? Deixar de fazer um estágio em uma excelente empresa para tocar em bares a noite?

— É o que gosto, mãe. É o que eu amo fazer.

— Não está certo – ela continuou ignorando o que falei — Cantar não dá futuro pra ninguém. Você é herdeira de uma das maiores construtoras da região sudeste, filha. Está jogando tudo isso para o alto atrás de um sonho que não vai te render nem um salário decente.

Aquilo doeu, principalmente porque eu estava ouvindo da minha mãe, que já me abordou com o pensamento todo errado. Eu não queria cantar para ganhar dinheiro com isso, claro que os cachês eram bem-vindos, mas era principalmente porque eu amava fazer aquilo. Amava cantar, tocar e compor. Esse era meu dom, e não construir prédios e shopping centers.

Eu até tentei, mesmo que só para agradar o meu pai, mas depois do que ouvi com o Kay, a ideia de largar aquela faculdade nunca me pareceu tão atraente. Embora estivéssemos cursando o mesmo curso, éramos de períodos diferentes, mesmo assim trombar com ele na faculdade estava longe dos meus planos e, eu já não estava mais satisfeita, estava infeliz fazendo algo que não era o que eu realmente queria, então, uni o útil ao agradável.

— Mari minha filha. Volte a fazer o seu curso, não tem porque ficar nessa rebeldia.

— Rebeldia? É isso o que ele pensa?

— Bem...

— Não se trata de rebeldia, não se trata dele e nem de ninguém, mãe. Eu estava infeliz! – ela puxa o ar contrariada.

— Infeliz, Mari? Você não sabe o que é infelicidade. Cresceu em berço de ouro, sempre teve de tudo. Isso não passa de um capricho! – jogou na minha cara. Abri a boca para debater, mas resolvi fechá-la. Não adiantava tentar fazê-la

entender. Minha mãe já tinha sua ideia formada – pelo meu pai – e não iria mudar de ideia. — Ele vai cortar a mesada.

A encarei estática. Eu sabia que aquilo seria questão de tempo, mas ouvir a confirmação das minhas suspeitas, cortou meu coração.

— É então preciso trabalhar mais se eu quiser me manter com dignidade – falei me levantando.

— Mari...

— Foi bom ver a senhora, mãe – Não lhe dei a chance de responder, apanhei a minha bolsa e parti a passos largos dali.

Entrei no primeiro banheiro que encontrei e fui até a bancada. Abri a torneira, molhei minhas mãos e as deslizei no meu rosto e pescoço. O que mamãe disse tinha me deixado preocupada. Se meu pai realmente cumprisse a ameaça, seria difícil eu conseguir me manter no meu apartamento.

Eu precisava encontrar outro bar onde eu pudesse me apresentar. Respirei fundo limpando uma lágrima solitária. Se ele realmente cortasse minha mesada, não ia só conseguir que eu fosse despejada, aquilo também significava que eu não teria como pagar meu curso.

— Não se desespere, Mari. Ainda não – falei comigo mesma.

Eu daria um jeito. Preguiça de trabalhar eu não tinha, só não tinha precisado antes. Saí do banheiro decidida. Sentei-me no primeiro banquinho que encontrei e vasculhei minha bolsa atrás do meu celular. Disquei para Alex, um amigo que tocava comigo, ele sempre conseguia trabalhos para a gente.

— Fala cabelo de fogo! – Atendeu animado. — Tudo bem com você?

— Gostaria de dizer que sim – respondi ouvindo acordes de guitarra ao fundo. — Estou atrapalhando?

— Não. O que aconteceu?

— Preciso de trabalho.

— A fonte secou? – perguntou e pediu licença a alguém.

— Não, mas vai secar em breve. Papai está me pressionando. — Alex era meu amigo desde que vim para o Rio de Janeiro. Eu me confidenciei algumas vezes com ele sobre minha relação com papai.

Alex cursava Arquitetura, mas nas horas vagas, tocava nos bares cariocas. Ao contrário de mim, ele amava o curso, tocar era apenas um hobby.

— Tudo bem, minha querida. Vou ver se te consigo mais alguma coisa.

— Obrigada, Alex.

— Quer vir pra cá? Estamos ensaiando.

— Passo aí.

— Tudo bem, te espero.

— Beijo – Desliguei e respirei fundo.

Eu estava priorizando ganhar algum dinheiro cantando, mas se não rolasse, eu precisaria trabalhar em outra coisa. Essa ideia me apavorou. Eu não sabia fazer absolutamente nada. Tirando o curso de inglês eu só entendia de música.

Sacudi a cabeça espantando a ansiedade que começava a me invadir e me levantei para sair. Engoli em seco quando vi a Angelina e a Bia vindo na minha direção. Tentei virar as costas e fingir que não as tinha visto, mas Bia sorriu acenando para mim.

Merda.



Capítulo 7

Você Afundou o Pé Na Jaca

Bia

Recolhi meu material e os guardei na bolsa. Olhei para a prova em minhas mãos e suspirei desanimada. Nota 3,0 não era um bom resultado. Eu tinha estudado tanto para fazer aquela avaliação; porém, obtive um péssimo resultado. Em minha defesa, estive muito ocupada tentando não enlouquecer nos últimos dias, esclarecendo: depois de estar nos braços do Gabriel.

Apanhei minha bolsa e caminhei em direção a porta. Já não tinha ninguém na sala, exceto o professor.

— Beatriz – ele me chamou quando eu alcançava a porta.

— Sim, professor.

— Posso falar com você um minuto?

— Claro – respondi me aproximando da sua mesa.

— Não fiquei satisfeito com o resultado da sua prova – se ele não estava satisfeito, imagine eu — Você é sempre tão aplicada. Não entendi o porquê de uma nota tão baixa. O semestre está fechando e você vai acabar pegando dependência na matéria.

— Eu sei, professor...

— Álvaro, por favor.

— Eu sei... Álvaro, mas eu passei por alguns problemas que me impediram de me dedicar mais a matéria.

— Entendo – ele pensou por alguns minutos, e abriu um fichário. Pegou uma folha lá de dentro e me entregou. — Vou te dar uma chance. Se você conseguir me entregar este trabalho até sexta-feira, eu acrescento na sua nota.

Eu o encarei surpresa. Sabia que ele era um professor legal, legal e bonito diga-se de passagem, minhas colegas de sala suspiravam por ele pelos cantos, mas entranhei sua “bondade”. Será que ele estava dando em cima de mim?

— Eu... obrigada – falei sem jeito.

— Não por isso. Ao final deste trabalho, você, a Paula e o Mauro deverão

apresentar o que elaboraram. Estou dando uma chance aos três porque sei que são dedicados. O.K.?

Ele não estava dando em cima de mim, só estava sendo legal mesmo.

— O.K. – Sorri e saí da sala.

Graças a bondade do professor eu teria uma nova chance e não iria desperdiçá-la. Já no carro, liguei para minha prima Angel. Tínhamos combinado de nos encontrar no shopping para almoçarmos e comprar o que faltava para o enxoval do bebê.

Segui da Barra para o Leme. O trânsito por incrível que pareça, estava fluindo e não demorei muito a chegar ao shopping. Mandeí uma mensagem a ela avisando que já estava no estacionamento.

Encontrei minha prima em uma lojinha de bebê, é claro.

— Guria! Como estás – Abracei com carinho.

— Pesada – respondeu sorrindo. Era visível a felicidade dela.

— Bah! Tu estás linda!

— Você também, prima. Que brilho é esse? – Angel perguntou deslizando as mãos sobre os meus cabelos.

— Óleos.

— Que tipo de óleo?

— Todos. Se me disserem que cocô de neném dá brilho no cabelo, pode esperar que vou te visitar mais vezes que o normal.

— Que horror! – ela fez cara de nojo, mas eu não estava brincando. Qualquer coisa para ter cabelos saudáveis.

— E então, o que vamos comprar?

— Bom, estou olhando roupa de cama, no caso, berço – Minha prima sorriu divertida.

Passamos os próximos cinquenta minutos escolhendo roupas de “berço”, alguns penduricalhos para entreter o bebê, como também roupinhas. Escolhi uma banheira com pé e alguns brinquedos para dar de presente a minha priminha.

— Ainda não acredito que a namorada do Rafa é que vai ser a madrinha e não eu – queixei-me enquanto almoçávamos na praça de alimentação.

— Desculpa prima, mas você afundou o pé na jaca, né? Poderia ser você e o Rafa, mas dadas as circunstâncias, nem ele e nem o Kay aceitariam. E o Rafa é o padrinho, disso não abro mão.

— *Tu* gosta mais do Rafa do que de mim – fiz drama.

— A não Bia...

— A mãe é você! Não é o Kay nem o Rafa que está carregando a bebê. Tu que deverias decidir e ponto final – insisti.

— Prima – Angel respirou fundo, antes de continuar — Não vou criar caso com meu marido por sua causa...

— Eu sei – bufei — Eu já entendi, mas ela ainda vai ser minha afilhada de coração.

— A gente pode fazer aqueles batizados de fogueira e ainda tem aquele lance de madrinha de consagração, *né?*

— Não entendo nada disso, mas aceito – respondi conformada. — Que sorte ser um só, não é?

— Eu ficaria duplamente feliz se fossem dois, mas dificilmente terei gravidez de gêmeos, é mais comum quando a mulher vem de uma família de gêmeos, alguma coisa relacionada a genética, mas pode acontecer, como nos casos dos gêmeos idênticos, mas é mais fácil minha filha ter filhos gêmeos por receber os genes do pai, do que eu – Minha prima explicou, alisando carinhosamente sua barriga.

— Entendi – Na verdade não tinha entendido nada, mas aquela conversa me entristeceu, pois me fez pensar em bebês, meus com Gabriel.

— Que carinha é essa? – perguntou percebendo minha tristeza repentina.

— Nada, quer dizer... Só fiquei pensando que fosse eu e o Gabriel, a possibilidade de termos gêmeos então, seria mínima também, já que quem tem o gene é ele. Se bem que a chance de eu ficar grávida dele de um bebê já é quase inexistente.

— Ai prima, não fique se martirizando pensando no que poderia ter sido.

— Não estou. Quer dizer, estou tentando não ficar me crucificando, mas a ideia de que ele nunca me perdoe me aterroriza. Como ele está?

— Normal, eu acho. Está bem envolvido com a inauguração do restaurante. Vai ser na próxima semana.

— Queria tanto ir.

— Eu sei – Minha prima afagou a minha mão — *Te* mando fotos.

— Jura? Tu farias isso, prima?

— Claro que sim.

— Obrigada! – Segurei a mão dela.

— Terminamos aqui, ou quer comer mais alguma coisa?

— Não. Tenho que me policiar. Engordei uns quilinhos.

— Para Bia. Você está ainda mais linda.

— Você também. Está tão radiante, prima.

— É a maternidade – Sorrimos juntas — Mas e você, Bia? Como anda a sua vida sem a parte do Gabriel?

— Chata, monótona e triste. *Te* contei que fui mal na matéria que eu mais gosto?

— Não deixa isso te atrapalhar, prima. Olha, às vezes acho que o melhor pra você seria se conformar e seguir em frente. Deixar o Gabriel de lado, sabe? O que tiver que ser, vai ser. O destino se encarrega. O Gabriel está muito diferente, talvez se vocês voltarem, você até se decepcione. Ele anda *galinhando* muito por aí, bebendo e fumando mais que o normal.

— Sinal de que não superou, prima! Preciso aproveitar. Ele está ferido eu sei, mas eu sei também que ainda me ama. Não iria pro motel comigo...

— Ele te deixou lá, guria! Depois de ter se esbaldado. Isso não se faz. Você vai deixá-lo ficar te humilhando desse jeito até ele cair na real? Se é que vai cair?

— Eu não sei – suspirei tentando conter as lágrimas —, mas preciso tentar.

— O que você vai fazer? – boa pergunta. Eu não tinha ideia.

— Eu não sei. Tenta conversar com ele pra mim, Angel...

— Ah não, Bia.

— Por favor. Eu só preciso saber o que ele está pensando sobre tudo. Não sei o que fazer.

Sabia que estava apelando, minha prima não queria se envolver por causa do marido, mas ela era minha amiga e minha prima antes do Kay aparecer, poxa!

— Você gosta mesmo dele, Bia? De verdade? Talvez seja só capricho.

— Eu amo o Gabriel, Angel. Por favor, preciso que tu acredites em mim – implorei.

— Tudo bem. Vou falar com ele.

— Obrigada! – Levantei da minha cadeira e corri até ela para abraçá-la.

— Certo. Agora vamos até uma joalheria porque quero comprar uma pulseirinha pra ela – Minha prima disse alisando novamente a barriga.

— Vamos.



Estávamos saindo da joalheria quando avistei a Mari.

— Olha a Mari ali – falei e acenei para ela. Minha prima ficou pálida. — O que foi? Está sentindo alguma coisa? – perguntei preocupada.

— Bia você por acaso esqueceu que tomei o namorado dela?

— Aff Angel! Quantas vezes vou ter que repetir que eles não eram namorados?

— Mas ela gostava dele.

— Mas ele não gostava dela. Isso não é culpa sua. Vem já cumprimentar ela. Não dá pra desaparecer. Vamos falar com ela.

Minha prima me acompanhou parecendo que estava indo para o a força. Revirei os olhos e sorri. Quanto drama! A Mari era uma garota bacana.

— Oi, Mari – cumprimentei com dois beijinhos.

— Oi, Bia.

Pensando bem acho que não tinha sido uma boa ideia. A Mari estava tão branca e tão constrangida quanto a prima.

Bola fora, Bia!

— Oi Mari – Minha prima a cumprimentou.

— Oi Angel. Parabéns pelo bebê.

— Obrigada.

— E aí Mari, o que anda fazendo? Soube que *tu* largou a faculdade – Resolvi puxar assunto pra dissipar o *climão*.

— Sim. Não era o que eu queria fazer de verdade.

— Trocou de curso? – insisti, enquanto minha prima cabisbaixa olhava as próprias mãos.

— Estou estudando música.

— Que legal!

— Sim e estava indo agora mesmo para a casa de um amigo ensaiar. Vamos tocar logo mais à noite.

— Claro. A gente se vê.

— Sim. Com certeza. Até mais Angelina, Bia.

A garota saiu praticamente correndo na direção oposta.

— É acho que não foi boa ideia.

— Claro que não foi, *né* Bia? Viu o constrangimento da garota?

— Gente! O Kay não quer ela. Está casado contigo. Ela precisa aceitar.

— Do mesmo jeito que você talvez precise aceitar que o Gabriel também não te quer!

Angel saiu pisando duro na minha frente. Precisei de alguns segundos para processar o que ela havia dito. Tinha ficado magoada, mas não fiz por mal. Jurava que as duas já tinham virado aquela página. Corri e a alcancei já na escada rolante.

— *Me* desculpe, prima. Não quis deixá-la constrangida. Pensei que as duas já tivessem superado.

— Bia eu vou ser sempre a garota que tirou o Kay dela.

— Já vi que não adianta eu te dizer que você não o tirou dela, porque ele não era dela, então, vou apenas pedir desculpas, você aceita?

— *Tá*, me desculpe também. Eu exagerei.

— Bah então chega disso! – Dei um abraço nela quando acabamos de descer a escada — Quer que eu te leve pra algum lugar?

— O Kay está lá nos meninos. Vou me encontrar com ele lá para voltarmos pra casa.

— No restaurante? *Te* deixo lá.

— Bia...

— *Te* deixo na porta, nem entro. Juro.

— Tudo bem – ela assentiu. Sorri feliz. Se eu conseguisse ver o Gabriel mesmo que de relance, eu já ficaria feliz.

Minha prima foi me contando do chá de bebê pelo caminho e me fazendo jurar que eu iria me comportar na festa, como se eu fosse louca. Fiquei chateada, mas resolvi relevar porque era uma chance de eu ver o Gabriel.

— ... E nada de alfinetar o Rafa.

— O.K. nada de alfinetar aquele podre do Rafa – Angel revirou os olhos.

— Isso não deveria ser só para mulheres?

— Não sei, só sei que o meu não vai ser. Quero todo mundo lá. Vê lá hein, Bia.

— Credo Angel. Eu sei me comportar. *Tu* me ofende assim.

— Eu sei, só estou reforçando.

Estacionei do outro lado da calçada atrás do carro do Kaiary que já nos aguardava do lado de fora do restaurante. Ele atravessou a rua e eu abri o porta-malas do meu carro.

— Bia – Cumprimentou-me secamente.

— Oi. O porta-malas está aberto – ele assentiu e se afastou.

— Então é isso, prima. A gente se vê.

— A gente se vê – Nós nos despedimos com um abraço.

Angel desceu do carro e ajudou o marido com as compras. Quando terminaram, Kay fechou o porta-malas do carro e deu uma *batidinha* na lataria.

Buzinei e dei partida no carro. Pude jurar que vi o Gabriel de relance no portão que dava acesso aos fundos do restaurante, mas infelizmente não pude comprovar. Foi muito rápido, poderia ter sido o Rafa. Meu coração, no entanto, absorveu a esperança de que era ele me encarando quando eu não estava vendo e, encheu-se de esperança, mais uma vez.



Capítulo 8

Liberte-se

Gabriel

— Então é isso, pessoal. *Bora* arregaçar as mangas e colocar esse restaurante para funcionar – ergui minha taça de champanhe depois do meu pequeno discurso, ao mesmo tempo que nossos funcionários ergueram as taças deles.

Brindamos a um novo começo e antes de voltarmos aos nossos afazeres fizemos uma oração.

Eram oito horas da manhã e tínhamos apenas três horas para preparar o cardápio que seria servido na inauguração do *Bastos Restaurante*. Claro que seria apenas para nossos familiares, mas eles seriam tratados como qualquer cliente.

Eu tinha levado para o *Bastos*, o Gustavo que seria o meu segundo *chef* e a Adrielle, que ficaria responsável pela recepção. O Guilherme ficou responsável pelo caixa, ele iria supervisionar e ajudar as meninas sempre que precisassem.

Contratamos seis garçons para começar, duas recepcionistas e três caixas. Na cozinha, além de mim e do Gustavo, teríamos mais dois cozinheiros, além dos ajudantes. Também tínhamos contratado dois rapazes para ficarem por conta do bar. A medida que o movimento fosse aumentando contrataríamos mais mão de obra.

Eu queria que a Luana também fosse trabalhar com a gente, ela era uma ótima gerente, mas ela não aceitou, infelizmente. Entretanto, nos indicou um amigo que, segundo ela, também era tão bom quanto. Eu esperava que sim, ou ele teria sérios problemas com um certo “administrador.”

Os funcionários tinham medo do Rafa, dá para acreditar?

— Não é medo, é respeito – ele disse certa vez enquanto bebia seu uísque e eu tocava alguma coisa no violão, lá no sofá de casa.

A verdade era que ele se divertia muito com a situação. Nunca vi meu irmão tão bem, claro que noventa por cento era por causa da sua Majuzinha, mas os dez por cento que sobravam era por sua realização profissional.

O *Bastos Restaurante* era um restaurante totalmente brasileiro, portanto, a mais variadas receitas do nosso país estariam presentes no nosso cardápio e, para alimentar aquele rebanho todo que era a nossa família iríamos servir feijoada. Eu não iria elaborar uma variedade de pratos porque o objetivo não era esse, mas para os dias normais, teríamos o prato do dia, que consistiria em algum prato típico de qualquer região do país.

Era isso. A realização de um sonho se concretizava bem diante dos meus olhos e eu tinha um sorriso bobo pregado na cara o tempo todo que permaneci na cozinha.

Nossos familiares começaram a chegar e pouco tempo depois, os barulhos sutis de panelas e talheres batendo na cozinha foram sendo abafados pelo burburinho de conversas que aumentava a cada momento.

Um chorinho de bebê ecoou ao longe e eu instantaneamente tirei meu avental e parti para o salão. Minha mãe havia chegado.

Sorri ao ver a cena a minha frente. A parentada conversava animada sentados nas mesas enquanto bebiam e beliscavam alguns aperitivos. Minha mãe se levantou e veio na minha direção. Abraçou-me orgulhosa.

— Gabriel você está muito lindo com essa roupa de *chef* – disse me dando um beijo no rosto.

— Sou mais bonito ainda sem ela, dona Suellen – Ganhei um tapinha acompanhado de um olhar de reprimenda.

— O Rafa conseguiu mesmo te corromper, viu – Gargalhei.

— Eu ouvi isso, dona Suellen – Meu irmão se aproximou e a levantou nos braços que ficou de charme reclamando, mas sabíamos que adorava ser paparicada.

Afastei-me deles e fui até o carrinho. Peguei minha irmãzinha linda no colo. Muriel era a coisinha mais fofa do mundo, toda rechonchuda com aqueles olhões muito mais verdes de que os meus e os do Rafa juntos.

— E aí princesinha? Dando muito trabalho pro papai? Diz que sim, vai –, mas ela apenas continuou mordendo seu brinquedinho. Os dentinhos estavam nascendo.

Meu pai sorriu todo bobo e me abraçou de lado.

Era visível a felicidade dos velhos, ter a Muriel quando na verdade já esperavam por netos, foi uma surpresa e tanto, mas eles estavam lidando da melhor forma possível.

Fiquei conversando um pouco com meu pai e o Rafa que logo tomou a

Muriel do meu colo. Tinha que admitir, ele levava jeito.

Minha avó se juntou a nós querendo tirar uma *self*. Depois que ganhou smartphone de última geração de um dos filhos, a senhorinha estava toda antenada nas redes sociais.

Foram tantas *selfs* que já estava com o corpo doendo de ficar me abaixando na altura dela quando se deu por satisfeita.

Maju chegou naquele momento, com seus pais e irmãos, e roubou toda a atenção do *manezão* do meu irmão. Ele entregou nossa irmãzinha ao nosso pai e foi ao encontro da sua namorada. Muriel começou a *dar birra* fazendo com que seu Felipe saísse doido atrás da mãe deixando vovó e eu sozinhos.

— Vem, vó. A senhora precisa conhecer a cozinha – ela sorriu satisfeita. Segurei sua mão e a levei até lá.

A apresentei a todos. Ela andou pela cozinha perguntando tudo, queria saber todos os detalhes. Queria saber como funcionava e pra quê, já que muita coisa ali era industrial. Quando se deu por satisfeita, despediu-se do pessoal e me abraçou. Acompanhei-a de volta ao salão. André, um dos garçons, passou uma bandeja de champanhe e ela o parou pedindo duas taças.

— Um brinde a você, meu neto. Que mesmo antes de saber a andar já sabia o queria da vida – Bati a taça na dela e bebemos a champanhe — Eu me lembro que você adorava ficar comigo na cozinha. Eu ficava preocupada por causa do fogão de lenha, tinha medo de me descuidar e você subir nele. Você foi crescendo e começou a gostar de me observar fazer pão, bolos e qualquer outra receita. Lembro-me que uma vez eu te dei uma bacia com uma massa de pão, apenas para você ficar quieto e me deixar terminar de preparar o lanche da tarde, mas pra você foi como se tivesse ganhado um brinquedo que desejava há tempos – ela fungou e sorriu. Sorri também com os olhos cheios de lágrimas — Seu avô ficaria orgulhoso. Ele sempre ralhava comigo, “deixa o garoto se divertir”, falava quando eu danava com você por ter espalhado toda a minha farinha. Acho que no fundo ele já sabia – assenti e lhe dei um abraço apertado.

— Vovô sabia das coisas – ela concordou com um gesto de cabeça.

— E como anda esse coraçãozinho? – Vó Henriqueta perguntou quando a soltei.

— Confuso – eu nunca havia mentido para ela e não pretendia começar.

— Então *desconfunde*, oras!

— Vó acho que essa palavra nem existe – brinquei.

— O que eu quero dizer é que a sua felicidade depende exclusivamente de

você, claro que precisamos daquela outra metade que nos completa, e a sua está por aí. Você só precisa saber reconhecê-la. Se for a Bia, será a Bia, e não há nada que você possa fazer sobre isso, apenas aceitar. Se não for ela, não hesite em abrir seu coração para uma nova paixão. O ser humano é único e para cada um, o amor surge da forma mais linda ou da mais inusitada possível. Olha para o seu irmão – encaramos o Rafa que brincava com a irmãzinha da Maju — Quer mais inusitado que isso?

— Não mesmo – respondi.

— Ele praticamente adotou aquelas crianças junto com a Maju, né? O que estou querendo dizer com o exemplo do Rafa é que pra ele, a metade que o completa, é a Maju mesmo ela sendo o primeiro amor da vida dele. Agora olha para o Kaiary – fiz o que ela disse e avistei meu primo acariciando a barriga da esposa — Quem poderia imaginar que seu primo estaria casado antes dos vinte e cinco anos, também com o seu primeiro amor? Logo ele que era tão focado nas suas “prioridades” – ela fez aspas ao dizer a palavra prioridades — Com você já é diferente, você já amou antes, mas porque não estão mais juntos não significa que não seja *ela* a sua metade e, também não significa que a sua metade venha a ser um novo amor. Você só tem que identificar os sinais.

— O que a senhora quer dizer de verdade, vó? – ela suspirou e colocou a mão sobre o meu coração.

— Liberte-se, Gabriel. Mágoa e rancor só fazem mal. Liberte seu coração e deixe que ele faça o resto. Não estou dizendo pra você voltar para a Bia, porque não sei se ela é a menina certa para você, mas se for, seu coração irá descobrir.

Minha avó beijou meu rosto e seguiu para sentar-se com os pais do Kaiary. Admirei meu primo e a Angel tão felizes por serem aquilo que minha vó acabara de filosofar, a metade um do outro.

Voltei para a cozinha perdido em pensamentos. Eu não queria que a Bia fosse a minha metade, mas como vovó mesmo disse, não seria eu quem escolheria. Bom, mesmo não sendo, eu lutaria contra até não me restar mais forças.

Coloquei ambas as mãos sobre o extenso balcão de ferro e fechei meus olhos por alguns instantes.

Ela não deveria ter feito aquilo comigo, porra!

Eu lamperia o chão que ela pisasse se me pedisse.

Eu não merecia!

Sacudi a cabeça espantando meus pensamentos. Não deixaria a Bia estragar

meu dia, não deixaria.

Ela poderia estar aqui comigo compartilhando do meu sonho se não fosse tão...

— Não Gabriel! – ralhei comigo mesmo.

— Falando sozinho? – sorri para Luana que se aproximou timidamente.

— Agradecer nunca é demais – Menti.

— Você parecia estar brigando, não agradecendo.

— É que estou meio eufórico – brinquei.

— Certo. Só vim mesmo espiar sua cozinha e te parabenizar, embora você tenha me roubado dois funcionários.

— Eu teria roubado você também se você tivesse deixado – ela sorriu tímida. Suas bochechas ficaram da cor da blusa que usava.

— Então te perdoo – murmurei um obrigado — Boa sorte, Gabriel. Vai ser sucesso, você cozinha divinamente e vai poder mostrar o seu talento aqui.

— Obrigado Luana, de verdade. Eu também quero te agradecer por toda a paciência, pelos *bicos* arranjados e pela sua amizade – aproximei sorrateiramente e beijei o rosto dela.

Um dos meninos pediu licença para alcançar uma panela no balcão atrás da Luana. Nós nos afastamos e ela foi em direção a porta.

— Vai cozinhar! – falou quase igual ao Rafa. Sorriu e quando estava saindo eu a chamei.

Eu iria ouvir os conselhos daquela senhorinha sábia. Iria me libertar e deixar meu coração fazer o resto.

— Agora que você não é mais minha chefe, eu pensei... quem sabe se a gente... sei lá, pudesse sair? – Luana apertou os lábios em uma linha fina pensativa, mas depois sorriu.

— Por que, não? – dizendo isso acenou e saiu.

Por que, não?

Sorri satisfeito e me ocupei em “cozinhar” afinal, havia uma galera lá fora doida para comprovar se, de fato, eu era mesmo bom como diziam por aí.



Capítulo 9

Bônus Rafa

Peguei meu celular no criado-mudo e encarei as horas, cinco da manhã. Eu estava uma pilha, mal havia conseguido dormir direito de tanta ansiedade. Dali a algumas horas inauguraríamos o restaurante. A concretização do objetivo, de meses de trabalho, estava batendo à porta.

Um sorriso escapou dos meus lábios ao me virar de lado e dar de cara com aqueles olhos bicolores que eu tanto amava. Mesmo o quarto estando escuro eu conseguia vê-los direitinho, estavam vívidos na minha mente e pela pouca luminosidade eu poderia jurar que um deles, o que mudava de cor, estava mais para verde do que para castanhos.

— Qual é o problema? – Minha princesa perguntou, tocando de leve meu rosto em uma carícia.

— Estou uma pilha, Majuzinha – respondi. Segurei a mão que estava em meu rosto e a levei aos lábios depositando um beijo nela.

— Você sabe que não precisa, *né*? São seus familiares que estarão lá hoje, Rafa.

— Eu sei, mas... quero que se orgulhem... de mim, do Gabriel.

— É claro que vão se orgulhar – disse apoiando um dos cotovelos na cama.
— Vocês fizeram um excelente trabalho lá.

— Fizemos, não fizemos? Somos fodas – ela sorriu eu podia jurar que revirava os olhos.

— Acho que vou até lá – respondi me levantando e indo ao banheiro.

— Rafa, são cinco da manhã!

Eu sei, era cedo, no entanto, eu não iria conseguir dormir de novo e não queria atrapalhar o descanso da minha princesa. Entrei no box e abri o chuveiro. Enfiei a cabeça na água fria na busca de tentar relaxar. Impossível.

Quando desliguei o chuveiro, percebi sua presença. Estava encostada no batente da porta me observando. Usava minha camiseta, sexy toda vida.

Abri o box do banheiro e molhado fui até ela, puxando-a para mim. Sem me importar de eu estar encharcando sua – minha – camiseta, segurou meu pescoço

e uniu nossos lábios. Minha língua entrou buscando a sua com urgência. Deus como era possível ainda sentir todas aquelas coisas? Sentir o peito arfando, sentir um desejo visceral?

Quando separamos nossos lábios, Maju segurou meu rosto entre as mãos — Por que não me chamou para tomar um banho com você? — conseguia sentir a tensão sexual e ela também, estava sentindo bem o meu *desejo* pela forma que estávamos abraçados.

— Não queria atrapalhar seu descanso, princesa. Você estudou a manhã toda, depois passou a tarde com as nossas crias — sim era assim que eu me referia aos irmãos dela.

— Você já deveria saber, príncipe — Fingiu ficar ofendida. Porra e me chamar de príncipe era minha ruína. O apelido me desarmava.

— Saber o quê? — perguntei entre os beijos que distribuí em seus ombros.

— Saber que uma canseirinha de nada não me faria escolher descansar a ficar contigo.

— Mas eu sei. Eu só precisava de um banho gelado pra relaxar um pouco.

— Eu poderia ter feito isso, você sabe, *né?* — piscou segurando firme o *equipamento* lá embaixo. — Teria te relaxado.

Oh se sabia!

Nem respondi peguei-a em meus braços e a coloquei com cuidado em sua cama. Nós nos olhamos por bastante tempo, a claridade já adentrando seu quarto. Foquei nos olhos bicolores, depois na boca gostosa pra caralho.

Eu queria dizer coisas bonitas porque ela merecia ouvir o quanto era linda e fantástica, e o quanto eu a amava um pouco mais a cada dia, mas eu não seria o sem noção e filtro zero por quem ela se apaixonara. Então eu disse o que precisava dizer: — Então? O que vai ser? Vai sentar na minha cara? Ficar de quatro ou fazer um sessenta e nove? — Maju me deu um tapa de leve gargalhando. Linda toda vida. Ela mordeu os lábios maliciosamente antes de me nocautear.

— Bom, quem sabe os três?

— Essa é minha garota!

Não esperei mais, me deitei e a puxei para que sentasse sobre mim. Seguindo a ordem dos desejos puxei-a pela cintura até que ficasse ajoelhada sobre minha cara e me perdi ali, no melhor lugar do mundo inteiro.



Estava com minha irmãzinha no colo me sentindo já bastante relaxado quando a Maju chegou com seus pais e irmãos. Suspirei todo bobo o que não passou despercebido pelo meu pai que pegou a Muriel dos meus braços.

— Você leva jeito – disse. Virei-me para ele confuso. — Com crianças. A Muriel te adora e os irmãos da Maju nem se fala.

Sorri satisfeito, eu amava que eles me adorassem. Segurei os ombros do meu pai e dei um sorriso divertido. — *Te* prepara coroa que ainda vou te dar muitos netos – fui me afastando, mas ainda gritei — De olhos bicolores!

Fui ao encontro da minha princesa e sem cerimônia lhe tasquei um beijão na frente dos seus pais.

— Seu Euclides, dona Pauline sejam bem-vindos e fiquem à vontade – eu os cumprimentei quando soltei a minha princesa.

— Obrigado, filho.

— Muito legal o que vocês fizeram aqui, Rafael – Minha sogra olhou o espaço encantada.

— O crédito é todo do Kaiary, sogra. O babaca manda bem – ela sorriu. Àquela altura eles já conheciam bem o genro que tinham.

— Vamos cumprimentar o pessoal, Euclides? – Meus sogros se afastaram e eu tratei de dar mais um beijão na minha Majuzinha. Eu adorava como ela nem se importava de estarmos rodeados de gente, sempre retribuía com o mesmo entusiasmo.

Senti alguém puxar minha calça. Olhei para Maluzinha que estava de bico esperando por atenção, já Benício tinha corrido em direção a criança.

Abaixei-me na sua altura. — Como vai a minha princesinha?

— Estava com saudades, Rafa – disse e foi me abraçando pelo pescoço. Retribuí o abraço e a peguei no colo, estava ficando mocinha, mas para mim, ela iria ser para sempre a minha pequena.

Depois de me contar sobre o gatinho que adotou em Petrópolis e da sua nova amiguinha, deu-se por satisfeita e foi em direção a molecada.

— Obrigada por tê-los convidados, eles estavam eufóricos para conhecer o restaurante. Meus pais também gostaram muito do convite – sorri a abraçando pelos ombros.

— Eu te disse que na abertura do restaurante só viriam as pessoas

importantes da minha vida. Assim como minha família, seus pais e seus irmãos também são importantes pra mim. Como não amar seus pais? Eles me deram você – Maju mordeu os lábios emocionada.

— Pena que não ouvi meu nome incluso aí nessa sua lista de pessoas importantes – fingiu ficar emburrada.

— É porque você não é importante – ela me encarou boquiaberta — Você é a minha vida, mulher.

— Como não amar você, Rafael Bastos?

— Eu sei que sou foda – só disse mesmo para vê-la revirar os olhos — Agora vamos ali pro escritório pra você poder dar atenção exclusiva pro seu macho aqui – ela gargalhou me acompanhando.

Foda-se que estávamos cercados por gente. Eu iria dar uns belos de uns *amassos* na minha marrentinha, na minha mesa de administrador, afinal, eu podia.



Capítulo 10

Fetichismo Por Panelas

Gabriel

Depois de a parentada ter se esbaldado com a minha feijoada e bebido mais do que eu poderia calcular, estavam todos no aguardo da sobremesa. Para tal, eu havia preparado torta de morango recheada com cream cheese e Tiramisù, receita que minha avó Henriqueta aprendeu com sua avó italiana e que carinhosamente me passou.

Meu pessoal começou a servir e exclamações como “que delícia,” “manjar dos deuses,” e “maravilhoso” puderam ser ouvidas por todo o ambiente.

Sorri satisfeito e levei uma colherada da torta à boca ainda encostado na entrada da cozinha. Kevin começou a tocar uma música desconhecida e alguns primos se aventuraram a dançar.

Encostado ali *visualizei* o ambiente repleto de pessoas estranhas se deliciando com a minha comida, conversando, trocando carinhos. Visualizei pais com seus filhos tentando comer ao mesmo tempo que tentavam impedir o filho de derrubar tudo que havia na mesa, casais se beijando entre uma taça e outra de vinho, amigos do trabalho falando mal de seus empregos, enquanto mastigavam e tive a certeza de ter tomado a decisão mais certa da minha vida.

Meus pensamentos foram interrompidos pelo barulho da música vinda do meu celular. Engoli em seco quando identifiquei quem era, apesar de não ter salvo seu número ele por conta própria que se fixou na minha mente.

Merda.

Entrei na cozinha e coloquei minha sobremesa sobre o balcão. Já ia clicando na opção rejeitar quando hesitei. Respirei fundo e atendi.

— Alô?

— Ah o-oi! – ela respondeu surpresa por eu ter atendido.

Libertar-se, eu poderia fazer isso.

— Oi, Bia – cumprimentei-a secamente.

— Desculpe estar ligando, mas eu não poderia deixar de te parabenizar pelo

restaurante, Gabriel.

— Obrigado. Era só isso? – silêncio. Aguardei que falasse, mas ela continuou muda, no entanto, pude ouvir um fungada. — Bia?

— Sim, era só isso. *Te desejo todo o sucesso do mundo, piá. Tu merece.*

— Obrigado – agradeci mais uma vez.

— Bom é isso, até – ela desligou sem esperar minha resposta.

Fiquei olhando para o celular por bastante tempo, perdido em meus pensamentos. A sobremesa que antes eu saboreava orgulhoso, pareceu ter perdido completamente o sabor. Um bolo se formou na minha garganta e porra, eu quis chorar.

Merda. Merda. Merda!

Libertar-se não seria assim tão fácil. Por que eu simplesmente não a deixava ir, por que eu simplesmente não a arrancava de mim? Eu começava a acreditar que talvez isso não fosse possível.

O amor não deveria ser dolorido. Ele deveria ser aquele sentimento capaz de te deixar pleno, saciado e não inconstante como eu tinha me tornado desde que a mulher da minha vida me virou as costas.

Como já dizia Vinícius de Moraes, “amai, porque nada melhor para a saúde que um amor correspondido.” Eu não estava só galinhando por aí, agora que não tinha mais uma namorada, também ocupava meu tempo livre com a leitura e estava gostando muito de ler poemas e poesias.

E voltando ao poema, o problema era que eu não tinha sido correspondido e minha saúde mental não andava lá muito boa.

— Gabriel eu sei que você tem fetiche por panelas, principalmente por aquelas que tem o cabo bem grande e grosso, mas *tá* todo mundo querendo saber de você, cara – o idiota do Rafa apareceu na cozinha.

Gargalhei.

Eu estava de pé em frente a prateleira repleta por panelas a pelo menos uns cinco minutos as encarando.

Mas eu não tinha fetiche por panelas!

Meu irmão me abraçou pelos ombros e caminhamos até a mesa dos meus pais. Bebi, dancei com as primas, ri das piadas da vó Henriqueta, brinquei com a Muriel.

Ali, cercado pelas pessoas mais importantes da minha vida, eu me esforcei a ser apenas agradecido. Do resto ... o tempo cuidaria. Era só eu deixar.



Mais tarde, lá estava eu, me sentando na mesa mais próxima ao palco e pedindo uma cerveja. Mari cantava a música *Era Uma Vez* da cantora *Kell Smith* e porra, não teve como não me sentir um merda. Não era dessa forma que eu pretendia terminar meu dia, curtindo fossa com letra de música, mas foi inevitável.

Eu tinha que concordar, um joelho ralado era nada perto de um coração partido.

Deprimente, Gabriel.

Estava perdido em meus pensamentos filosóficos quando senti alguém puxar a cadeira ao lado.

— Por que eu tenho a sensação que essas suas aparições repentinas estão se tornando um hábito? – Mari sorriu jogando seu charme.

— Porque parece que realmente é – pisquei para ela e fiz sinal ao garçom.
— O que você bebe? – perguntei a ela quando ele se aproximou.

— Pode trazer uma cerveja, Lúcio – o rapaz saiu e ela me encarou com aqueles olhos enormes e azuis. — Dia ruim? Espera... não era hoje a abertura do seu restaurante?

Tomei um gole da minha cerveja e me encostei na cadeira.

— Sim. Foi hoje, a propósito está convidada pra almoçar lá qualquer dia. É por minha conta. — Mari sorriu.

— Você não deveria ficar oferecendo almoço grátis por aí, Gabriel. Tá começando agora – brincou, foi minha vez de sorrir.

— Certo, mas ainda está de pé caso queira.

— Talvez eu vá mesmo – ela suspirou e agradeceu a cerveja que o garçom trouxera. Só então prestei atenção nela de fato. A maquiagem forte tentava em vão esconder uma o que parecia ser tristeza.

Mari sorriu sem graça e baixou os olhos notando que eu a reparava.

— O que houve?

— Nada que eu não possa resolver – Deu os ombros.

— *Me conta* – insisti.

— Tudo bem, já que insiste, estou em um dilema, Gabriel. Meu pai não aceitou muito bem o fato de eu ter largado a faculdade para me dedicar a música

e está me pressionando. Se eu não voltar para o curso, ele vai parar de me sustentar. Este mês mesmo ele já não me enviou o dinheiro do aluguel do meu apartamento.

— Poxa Mari, que chato.

— É. Você melhor do que eu, deve saber bem como é maravilhoso fazer aquilo que gosta. Eu não estava feliz cursando Arquitetura – ela parou de falar e olhou para o nada. Pude ver seus olhos se encherem de lágrimas. Num impulso toquei sua mão e entrelacei nossos dedos.

— Como você está se virando?

— Estou tocando em alguns bares, por enquanto está dando para levar, mas... a grana está escassa. Mal dá pra comer.

— Bom, eu ainda não tenho clientela pra colocar um showzinho, mas assim que for possível, você pode tocar lá.

— Obrigada – Soltei minha mão e deslizou os dedos na minha barba. — Você é uma cara bacana – Sorri para a garota linda a minha frente, mas meu sorriso morreu no instante que vi a Bia entrar no bar com um grupo de pessoas.

Mari virou-se na direção do meu olhar e me encarou de volta.

— Mundo pequeno, não? – Cuspi as palavras tomado por uma raiva súbita.

— Ela vem sempre aqui, Gabriel.

— Duvido que seja coincidência, Mari – Bufeí contrariado.

— Acha que ela está te seguindo? Parece que ela nem te viu ainda.

— Eu não sei, não me deixa aqui sozinho – pedi.

— Desculpa, mas eu preciso voltar para o palco.

— Tudo bem, eu vou embora – Mari mordeu os lábios vermelhos pensativa.
— Eu não acho que isso é a melhor solução, mas você pode sair pelos fundos se quiser.

Eu já estava concordando quando vi um dos carinhas que estava com ela todo cortês puxando uma cadeira para que se sentasse. Só aí notei que estavam todos em casais.

Ela estava em um encontro?

Bia estava de costas para mim e parecia se divertir com tudo que o idiota falava. Travei meu maxilar com tanta força que senti meus dentes doerem.

Eu não acreditava no que estava acontecendo comigo.

Eu estava com ciúme.

Da Bia.

— Não espere que ela te supere pra você perceber que a perdeu, Gabriel. Siga em frente ou corra atrás do prejuízo – Mari disse apontando na direção da Bia.

— O que você sabe sobre seguir em frente, Mari? Está no mesmo barco que eu – As palavras escaparam dos meus lábios — Desculpe... eu...

— Não estou no mesmo barco que você não, Gabriel. Eu segui em frente, fui obrigada, mas você ainda tem uma chance.

Mari sorriu e me deixou lá na mesa com uma cara de tacho, me sentindo um ser miserável por ter descontado nela toda minha frustração.

Eu precisava me libertar. Isso era fato. Aquela mágoa, raiva e angústia que eu vinha cultivando só estavam me fazendo mal. Já estava começando a descontar nas pessoas de quem eu gostava.

Decidi continuar no bar, tratei de me entreter com a apresentação da Mari, desejando que ela voltasse logo, para que eu me desculpasse com ela. Depois de um tempo, a Bia se levantou e caminhou em direção ao banheiro e só quando voltou foi que me viu ali.

Seus olhos se arregalaram e assisti de camarote quando perdeu o rebolado. Acenou indecisa para mim e seguiu de volta para sua mesa. Não me olhou mais.

Estava me ignorando.

Foda-se.

Cansado de assistir as investidas nada sutis do carinha que a acompanhava, me levantei e fui até a Mari que guardava seu violão na caixa.

— *Me deixe te ajudar com isso* – Tirei o violão das mãos dela e terminei de ajeitá-lo dentro da caixa. — Quer carona?

— Não, obrigada – Sorriu gentilmente pegando a caixa. Mari se despediu do pessoal e acenou para mim — Até mais, Gabriel.

Esnobado duas vezes na mesma noite?

Acabei sorrindo sozinho. Eu mereci.

Paguei minha conta e dei mais uma olhada na direção daquela que havia sido a mulher da minha vida. O cara se esforçava para ter a sua atenção, mas ela parecia dispersa. Quando passei por eles, Bia sorriu e acenou para mim. Sorri e acenei de volta e por incrível que pareça, quando alcancei a rua, não me senti tão mal.

Eu quis voltar e conversar com ela, mas não quis atrapalhar sua noite,

talvez o carinho tivesse sorte. Talvez ela se apaixonasse perdidamente e me deixasse em paz, ou ele só a faria ter mais certeza de que eu era o homem da sua vida e ela me procuraria no dia seguinte jogando-se aos pés.

Gabriel você está bêbado.

Fui em direção ao estacionamento pegar minha moto e avistei a Mari andando na direção contrária na calçada.

Ela iria embora a pé? Por que não pegou um táxi, ou chamou um Uber?

Lembrei-me de que ela me confidenciara sua atual situação. Abri o cadeado do suporte que segurava meu capacete e montei rapidamente na moto dando partida. A alcancei atravessando a rua.

— Perdeu a noção do perigo, Ruiva? Quer ser assaltada? – perguntei parando a moto ao lado dela.

— Que susto, Gabriel! Desde quando você tem uma moto? – Sorri.

— Sobe aí que eu te levo.

— Vou pegar um ônibus, o ponto é logo ali – apontou na direção do ponto do ônibus.

— Sobe logo, Mari – falei tirando meu capacete e o entregando a ela.

— Tudo bem, mas não vou transar com você – falou me passando a caixa com o violão. Revirei os olhos magoado. Nem estava cogitado aquilo, só queria levá-la em segurança para casa.

— Não lembro de ter pedido isso. Só quero te dar uma carona, pode ser ou tá difícil? – Foi a vez de ela revirar os olhos.

Com o capacete na cabeça, Mari ajeitou a saia longa e subiu na garupa da moto. Ela tinha um estilo único, meio *riponga*, mas que ficava bem nela. Devolvi seu violão e ela abraçou minha cintura com uma das mãos e equilibrou a caixa do violão na coxa.

— Vai devagar. Não quero perder meu bem mais precioso – brincou.

Assenti com a cabeça e seguimos juntos pelas ruas do Rio de Janeiro em direção ao apartamento dela.



Capítulo 11

Apaixone-se e Sofra

Mari

— Como foi ver a mulher da sua vida com outro? – perguntei enquanto enchia pela terceira vez o copo com a bebida barata que Nice sempre comprava para *abastecer* os peguetes que levava para casa.

Leia-se: kit pós-foda.

Gabriel respirou frustrado e por um momento achei que não responderia. Estávamos sentados no chão da sacada do meu prédio. Ele, com meu violão no colo e um cigarro queimando no canto da boca. Eu, tentando em vão beber aquele líquido de cor âmbar que mais parecia urina de gato, não que eu já tivesse experimentado urina, muito menos de gato.

— *Me* responda você. Como foi ver o cara por quem era apaixonada, apaixonado por outra.

Ai. Doe.

— Qual foi a sensação de transar com a ex-dele?

— Qual foi a sensação de transar com o primo dele? – devolveu a pergunta. Gabriel escorregava mais que quiabo – pensei sorrindo. — Eu tive ciúme dela, da Bia – confessou de repente.

— É compreensível isso. Quando vi a Angelina com a Bia outro dia no shopping, tive inveja da felicidade dela.

— Por que não mudamos de assunto? – ele pediu depois de um tempo calado.

— Faz bem colocar pra fora, Gabriel – insisti.

— Tem uma coisa que eu posso colocar pra fora agora mesmo se você quiser.

— Oh meu Deus! Rafa é você? – Caímos na risada.

— São muitos anos de convivência – justificou-se.

— E como ele está?

— Cada vez mais obcecado pela sua Majuzinha.

— Quem diria.

— É. Quem diria.

— Bom, eu ainda tenho esperança. Se o Rafa, o maior cafajeste de todos os tempos caiu de amores por alguém, quem sabe alguém ainda não caia de amores por mim?

— De amores eu não te garanto, mas de joelhos caio agora mesmo – ele piscou. Estava se divertindo às minhas custas o sacana.

— Desculpa Gabriel, mas você não tem a menor vocação para cafajeste. Até essa sua cantada barata é fofa.

— Deve ser por isso que levei um baita de um chifre – bufou e deu um longo trago no seu cigarro e o apagou no solado do tênis.

A Bia era mesmo uma louca. Como deixar um cara daqueles dando sopa por aí? Eu no lugar dela montaria acampamento na frente do apartamento dele e só sairia de lá quando fosse perdoada. Melhor dizendo, eu no lugar dela nunca o deixaria.

— Viu as fotos dela pelada? – perguntou de repente. Fiquei sem entender. Ele pegou seu celular no bolso e eu já estava achando que ele me mostraria alguns *nudes* dela quando me mostrou o trabalho que ela fez na França.

— Ficaram lindas. Não acredito que você tem fotos dela no celular, Gabriel. Definitivamente você não quer seguir em frente.

— E você?

— O que tem eu? – perguntei pegando o violão do colo dele.

— Não tem fotos do Kaiary?

— Claro que não. Segui em frente, lembra? – ele suspirou assentindo. — Por um momento achei que você iria me mostrar *nudes* que vocês trocavam – brinquei para minimizar a tensão.

— Nunca trocávamos *nudes*. A Bia era meio paranoica com esse lance de vazar foto íntima. Agora veja a grande ironia, está pelada em todas as fotografias, mas para um artista é arte, para o namorado...

— Ela não está mostrando nada nas fotos e você tem que admitir ficaram ótimas.

— Eu não vou admitir nada. Admitir isso é admitir que ela fez algo bom me deixando – encarei-o sem saber o que responder. — Toca uma música bem de corno pra eu chorar nos seus braços? — Mudou de assunto estrategicamente e lá

estávamos nós dois sorrindo de novo. — Já que você não vai transar comigo, nada mais justo que me deixar curtir minha dor de cotovelo ao seu lado.

— O.K. Música de corno então — Olhei em meu relógio de pulso e sorri, eram exatamente uma e quinze da madrugada. — Tenho a música perfeita para a ocasião.

Comecei a tocar a música *I Need You Now* que ele reconheceu logo de cara. Tínhamos gostos musicais parecidos. Fez careta quando comecei a cantar e eu sorri dando os ombros. Gabriel acendeu mais um cigarro, o quarto desde que estávamos ali sentados jogando conversa fora. Fechei meus olhos e me concentrei na canção.

*It's a quarter after one/ São uma e quinze
I'm all alone and I need you now/ Estou completamente só e preciso de você
agora
Said I wouldn't call/ Disse que eu não ligaria
But I lost all control and I need you now/ Mas perdi todo o controle e
preciso de você agora
And I don't know how I can do without/ E eu não sei como sobreviver
I just need you now/ Eu só preciso de você agora*

Olhei de relance para ele que estava de olhos fechados com a cabeça encostada na parede. Quase pude sentir sua dor. Ele poderia tentar me enganar ou, se enganar como quisesse – se bem que, pareceu não estar mais tentando ao confessar que sentiu ciúme da Bia e quando se referiu a admitir que ela fez algo bom –, mas estava claro como água, estampado em seu semblante que a Bia não era e nunca seria uma página virada em sua vida.

Gabriel cantou a segunda parte da música comigo e sorria em alguns momentos. Seus lábios naturalmente vermelhos em forma de coração se repuxavam em um sorriso torto.

Tão lindo!

Meus Deus, pare agora Mari!

Toquei mais duas músicas, bem de corno, como ele queria e quando terminei a última coloquei o violão de lado e levantei-me.

Fui até o meu quarto e peguei um travesseiro e uma colcha. Se ele quisesse realmente ficar eu não o impediria, mas ele ficaria no sofá.

— Vou deixar isso aqui em cima do sofá caso queira ficar – falei com ele da porta da varanda que assentiu com a cabeça. — Te aconselho a dormir de roupa, caso fique. Você não quer acordar sendo molestado, não é? A Nice não é confiável – pisquei e ele gargalhou.

Eu já estava voltando para dentro quando me chamou.

— Obrigado.

— Pelo que está me agradecendo, exatamente? – perguntei curiosa.

— Por ser uma boa amiga – Sorri — Apesar de estar sendo má e não me levar contigo para o seu quarto — revirei os olhos e entrei.

— Boa noite, Gabriel! – gritei quando já entrava no meu quarto.

— Boa noite.

Fiquei tentada a trancar a porta do meu quarto com a chave, mas decidi não o fazer, conhecia o Gabriel e sabia que ele iria respeitar minha decisão. A minha preocupação era ele bater à porta e eu não conseguir resistir.

Aquele cara machucado, sentado lá fora na minha varanda, fumando seus intermináveis cigarros, era deliciosamente bom no que fazia, e passar a noite com ele significava orgasmos intensos, mas ele tinha Bastos em seu sobrenome e a fama deles era bem conhecida, “apaixone-se e sofra.”

Eu já havia provado o quão verdadeira aquela frase era.

Fui para o banho e me lavei rapidamente. Quando estava vestindo meu pijama, ouvi uma porta se abrir e ser fechada em seguida.

Ele se fora.

Suspirei em um misto de alívio por ele ter ido, e arrependimento de não ter aproveitado um pouquinho antes que ele partisse.

Fui até a sala e vi que ele havia fechado a porta da varanda e colocado meu violão no sofá. Aproximei-me e percebi um papel em cima do travesseiro que havia deixado para ele. Peguei o papel e encarei sua letra perfeita.

“Obrigado por me ouvir e pela hospitalidade, mas fiquei com medo de ser molestado, por isso decidi ir.”

P.S. Estou resistindo ao desejo de bater à sua porta, porque como diria Benjamin Franklin

“É mais fácil resistir ao primeiro dos nossos desejos do que a todos os que o seguem.”

Beijos Gabriel.”

Sorri e sem querer fechei os olhos e aspirei o papel. Quando dei por mim o atirei longe.

Definitivamente, chega de Gabriel Bastos!



Capítulo 12

Progresso

Bia

Eu saí e tentei me divertir com alguns amigos da faculdade, mesmo que um deles estivesse nitidamente querendo se divertir entre quatro paredes comigo. Eu bebi e tentei ser uma universitária normal e solteira, que curte barzinhos e baladas, e estava tudo indo bem, até eu ver o Gabriel.

Depois que eu o vi, as investidas do meu colega de curso ficaram ainda mais ofensivas – antes eu apenas estava fingindo demência –, mas depois aquilo passou a me irritar. As bebidas também ficaram um pouco mais fortes que o normal e o papo ainda mais sem sentido. Tudo o que eu conseguia prestar atenção, era nos sons a minha volta. É claro que de onde eu estava eu não conseguiria ouvi-lo conversar, mas quem sabe eu pudesse ouvir pelo menos uma risada alta?

Senti sua presença durante todo o tempo que ele esteve ali e depois que ele saiu, senti um vazio absurdo. Eu queria ter ido atrás dele, no entanto, tinha decidido que deixaria a vida seguir seu curso sem minha interferência.

Já que minhas tentativas tinham sido todas falhas, decidi dar um tempo ao Gabriel, e nesse mesmo tempo, daria um tempo a mim. Iria focar na minha faculdade e tentar recuperar o tempo perdido.

Não estava desistindo dele saindo com outras pessoas, até porque, eu mesma nem sabia que estava em um encontro – Hanna me informou este pequeno detalhe somente quando nos encontramos com os garotos na frente do bar – eu estava apenas reconhecendo que não dependia só de mim para ficarmos juntos, afinal, se um não quer dois não beijam, *né*? Ou será brigam? Bom, é por aí.

A verdade é que o tempo todo que estive ali, no mesmo ambiente que ele, tive que me controlar para não me levantar e ir até sua mesa. Controlei-me para não ficar encarando – minha vontade era de trocar lugar com Hanna só para ficar de frente para ele, admirando-o mesmo que de longe – e tive que fazer um esforço sobre-humano para não mandar mensagens. Com muito custo consegui,

bom quase.

Eu poderia ter obtido sucesso se tivesse ido para casa ao invés de ir para o prédio dele na esperança de podermos conversar.

— O Gabriel ainda não chegou, dona Bia – Porteiro me avisou.

Suspirei desanimada. Ele tinha saído antes, pensei que pudesse ter ido direto para casa.

Onde eu estava com a cabeça? Por que ele iria para casa?

Gabriel estava solteiro e era lindo. Àquela hora já deveria estar na cama de alguma felizarda.

Despedi-me do porteiro e saí do prédio me sentindo uma idiota, mas quando estava fechando o portão, Gabriel parou de moto na calçada.

— Bia? – exclamou surpreso.

— Oi – respondi envergonhada. De repente estar ali, àquela hora da noite atrás dele, pareceu tão ridículo. — Eu já estou de saída – dei mais alguns passos em direção a faixa de pedestre.

Gabriel desceu da moto colocando o capacete no banco e veio até mim.

— O que você está fazendo aqui? – respirei fundo e o encarei.

Não era óbvio?

— Eu vim até aqui atrás de ti, mas... está tarde e eu estou indo embora – respondi sem encará-lo.

O sinal fechou e quando dei o primeiro passo para atravessar a rua, ele segurou meu braço.

— Eu levo você, está tarde.

— Não tem necessidade, mas obrigada – Apesar do meu coração ter soltado fogos de artifícios, eu neguei.

— Deixa disso. Vou pegar o carro do Rafa e te levo – respondeu ríspido. Assenti e voltei para o prédio enquanto ele montou na moto e seguiu para o estacionamento.

Um tempo depois o porteiro me pediu para ir ao estacionamento que ele já me esperava lá. Quando me aproximei do carro, Gabriel abriu a porta do passageiro. Entrei e me acomodei colocando o cinto de segurança. Saímos em silêncio e permanecemos assim até ele perguntar meu endereço. Depois que eu expliquei, permanecemos em silêncio todo o trajeto, mesmo sendo distante.



Gabriel estacionou um pouco distante da entrada do meu prédio e eu já ia me preparando para descer quando suas palavras me surpreenderam.

— Vou até lá contigo, está tarde – Meu estômago se encheu de borboletas. Ele estava preocupado com a minha segurança, isso já era um começo, *né?*

— Obrigada – Saímos do carro e caminhamos lado a lado.

Eu não queria me despedir. Queria pular no pescoço dele e matar aquela saudade que estava me consumindo. Queria dizer tanta coisa, mas estava com medo de afugentá-lo.

— Está entregue...

— Gabriel – murmurei seu nome e segurei sua mão antes que se afastasse. Respirei fundo e o soltei, era melhor ir devagar. — Será que vai chegar o dia que você vai me perdoar?

Ele enrijeceu os músculos do maxilar e me fitou tão intensamente que me encolhi.

— Sinceramente? – assenti — Eu não sei, Bia.

Um grupo de garotas passou por nós saindo do prédio e precisei me afastar para que elas passassem.

— Podemos conversar pelo menos? Sobre isso?

— Eu não sei – Aproveitei a guarda baixa e me aproximei tocando seu braço.

— Por favor, Gabriel. *Me dê a chance de explicar como me sinto. Vem?* – Virei as costas sem dar a ele a chance de responder e caminhei em direção ao portão.

Eu quase pude flutuar quando ele me acompanhou.

Progresso.

Subimos em silêncio. Quando abri a porta do meu apartamento senti que ele hesitou. Meu coração disparou com a possibilidade de ele virar as costas e ir embora, felizmente isso não aconteceu.

— Fica à vontade.

Coloquei minha bolsa na mesinha de canto e fui até a cozinha. Sozinha no cômodo, encostei na bancada e respirei fundo tentando me acalmar. Eu estava tremendo de tão nervosa. Não sabia o que conversar, como iniciar a conversa.

Não imaginei que ele fosse aceitar o convite para subir e agora ele estava ali, na minha sala, e eu não sabia como agir.

Tive vontade de chorar, parecíamos dois estranhos. Nem parecia que já havíamos sido um casal apaixonado e era tudo por culpa minha.

Abri a geladeira, peguei duas garrafinhas de água e voltei para a sala. Gabriel estava sentado com os cotovelos apoiados nas pernas e cabeça baixa. Sentei no sofá de frente para ele que levantou a cabeça dando-se conta da minha presença.

— Água? – Estendi a garrafa na sua direção, ele negou com a cabeça. Abri a minha garrafinha e tomei um longo gole.

Gabriel me encarava esperando que eu falasse algo, mas a coragem tinha me abandonado. Todas as vezes que tentei falar com ele antes, nossas conversas terminaram em gritos, da última vez, em beijos e sexo.

Senti meu coração disparar com a lembrança. Eu não ligaria se terminasse assim de novo.

— Eu sei que o que eu fiz não tem desculpa, Gabriel...

— Não tem, essa conversa é inútil – ele me cortou.

— Por favor, apenas me ouça. Eu estava tão confusa... eu – murmurei esfregando os olhos. — A verdade é que o Kay ter se interessado pela Angelina feriu meu ego, eu assumo, mas eu não nutria sentimentos por ele. Eu te amava, ainda te amo... Foi uma coisa de momento, sei lá...

— Quem ama não vai embora no primeiro desentendimento, Bia. Quem ama não larga a pessoa, que se diz amar, para viver uma aventura.

— Você agrediu o Kaiary! Não tinha condição de eu permanecer ali, Gabriel! E *tu ficaste* magoado pensando que eu queria o seu primo!

— Não me orgulho do que eu fiz, mas se você tivesse ficado, teríamos resolvido. Eu sabia do seu interesse por ele antes de mim, eu teria pelo menos tentado te entender por você ter sido sincera comigo desde o início. Só que você preferiu abraçar uma oportunidade e se aventurar lá na França. Eu sequer sabia desse seu interesse de ser fotografada.

— Isso era sonho de adolescente, eu realmente não tinha intenção.

— Você transou com esse cara? – perguntou me encarando tão friamente que tive medo de responder, mas eu não mentiria, se eu estava mesmo disposta a conquistá-lo novamente, iria começar pela sinceridade.

— Sim – Gabriel levantou e caminhou até a porta. Pensei que ele iria

embora, no entanto, virou-se novamente na minha direção, parecia desorientado.

— Essa sua forma de amar é muito estranha – Levei as mãos aos olhos enxugando as lágrimas que se formaram.

— Eu estava confusa em relação aos meus sentimentos! – Levantei-me e caminhei até ele —, mas depois de um tempo, lá na França mesmo, me dei conta da burrada que cometi...

— Não sei não, Bia. Acho que o artista deve ter metido o pé na sua bunda – cuspiu as palavras.

— Não foi assim. Eu poderia ter ficado, mas resolvi voltar, mesmo sob os protestos dele. A exposição estava ganhando espaço em pequenas galerias, mas não era aquilo que eu queria, não era ele que eu queria e infelizmente, só me dei conta disso quando te perdi. Eu sei, não é bonito, mas foi assim que aconteceu.

— Eu te odiei – Aproximou-se feito animal feroz, segurando meu rosto entre as mãos. — Eu quis que você se fodesse.

— Eu sei, eu no seu lugar f... – Não consegui completar a frase, pois seus lábios capturaram os meus com urgência.

Sua língua buscou a minha, enquanto meus dedos enroscaram nos seus cabelos. Gabriel soltou meu rosto e agarrou minha cintura prendendo meu corpo ao dele. Ele me beijou com paixão, embora seu beijo estivesse cheio de ressentimento. Eu o beijei com toda a saudade que me consumia. Nossas línguas brincavam uma com a outra enquanto nossas mãos buscavam um ao outro. Gabriel interrompeu o beijo de repente e encostou a testa na minha. De olhos fechados respirou fundo, quando os abriu, eles estavam escuros, indecifráveis.

— Pode ser que eu nunca consiga te perdoar.

— Eu sei... mesmo assim estou disposta a lutar – ele assentiu antes de se afastar.

— Boa noite, Bia.

O assisti em silêncio sair do meu apartamento, embora minha vontade fosse de implorar para que ele ficasse. Meu coração estava uma confusão de sentimentos. Eu estava feliz por não termos ofendido um ao outro mais uma vez, feliz por ele ter me beijado, mas triste porque ele ter me beijado não significava muita coisa, pelo menos não para ele.

O fato, no entanto, era que ele se rendera, mesmo que por alguns instantes ele se rendera ao sentimento que ainda nutria por mim e era nisso que eu me agarraria.

Sorri indo em direção ao meu quarto. Eu ainda tinha chance e eu não

deixaria essa chance escapar.



Capítulo 13

Sou de Mim Mesmo

Gabriel

Eu fiquei sentado dentro do carro com a cabeça apoiada no volante não sei dizer por quanto tempo. Uma mistura de sentimentos rondava minha cabeça e meu coração que batia feito louco contra minha caixa torácica.

Eu a beijei. Deus como sentia falta dela! Isso ficava cada vez mais claro quando eu a tocava.

Merda.

Bia estava se tornando uma espécie de vício, do qual eu estava tentando largar, mas a abstinência estava me matando.

Eu seria um daqueles viciados que tinham inúmeras recaídas, antes de finalmente se curar de vez? Ou eu seria para sempre um viciado?

Eu poderia tentar deixá-la entrar novamente em meu coração.

Ri da piada.

Como se ela tivesse saído alguma vez.

Mas a verdade era que deixando-a entrar – nunca tendo de fato saído – ou não, eu precisava resolver a situação. Não dava para continuar assim.

“Liberte-se.”

A voz da minha sábia avó invadiu meus pensamentos. E foi com esta nova perspectiva que dei partida no carro e segui para casa.

Eu iria cuidar de mim primeiro, depois olharia a minha volta. Iria começar tentando tirar a mágoa da Bia de mim, já que eu não conseguia arrancá-la do meu sistema. Se eu conseguisse, poderia dar o segundo passo.

Qual era este passo?

Eu não fazia ideia.



Semanas depois.

— Elogiaram muito sua *gororoba* hoje, Gabriel – Meu irmão Rafa disse entrando na cozinha. Revirei os olhos, mas sorri.

— É porque ao contrário de você eu sei o que faço *brother* – desdenhei.

— Acho que em pouco tempo poderemos começar a abrir a noite – ele disse ignorando meu comentário.

— Vamos ver como fica esses primeiros meses, Rafa. Sem pressa.

— O restaurante está lotando cara!

— Eu sei, mas vamos devagar – Dei um tapinha nos ombros dele e saí em direção ao banheiro. Tirei meu uniforme e vesti minha roupa.

Já passava das quinze horas e apenas alguns gatos pingados ainda almoçavam. Deixei o Gustavo tomando conta da cozinha, porque eu precisava sair mais cedo.

Eu tinha um encontro.

Ia sair com a Luana e queria cortar o cabelo e dar uma aparada na barba antes. Queria estar bonito.

— Tá indo pra onde, *mané*? – Rafa perguntou quando saí do banheiro.

— Vou sair com a Luana – respondi pegando minha mochila.

— Olha só, o *come quieto* vai comer hoje, é?

— Rafa você é podre, cara. Vamos apenas sair e nos divertir um pouco na companhia um do outro, só isso.

— E como é que se diverte a dois no seu entendimento, *brother*?

— Podemos jantar, ver um filme...

— ...trepas – gargalhei. Rafa sendo Rafa.

O engraçado era que eu não me via nessa situação com a Luana, pelo menos, não mais. Já com a Mari... Será por onde ela andava? Ela não atendeu minha última ligação e não retornou minhas mensagens.

Era estranho eu estar sentindo saudades dela?

A Mari era uma garota incrível e a gente se dava *super* bem. Eu me sentia ótimo na sua companhia e o sexo porra! Era perfeito e parecia que a gente se conhecia há décadas, mesmo tendo ficado juntos poucas vezes.

— Terra para Gabriel – Rafa chamou minha atenção.

— Preciso do seu carro, cara.

— Pra que você foi comprar moto? Agora vira e mexe tá pegando meu carro – Fingiu reclamar, mas já me entregando a chave. Peguei a chave da minha

moto com o documento e o entreguei.

— Porque eu quis. Vou nessa. A gente se vê à noite.

— Valeu *come quieto* do caralho! – respondi com o dedo do meio para ele que gargalhou.

Deixei o restaurante pela porta dos fundos e entrei no carro do Rafa. Minutos depois, já estava parando no estacionamento do shopping, onde tinha o salão em que sempre cortava meu cabelo. Esperei que o Bessa atendesse o cliente na minha frente e fui me distraíndo com o Instagram. Parei numa foto da Angel com a Bia. As duas sorriam abraçadas a mãe da Angel, ela devia estar no Rio porque a neta nasceria dali a alguns dias.

Suspirei olhando para a imagem, especificamente para a imagem da loira. Depois do nosso último encontro, não a vi mais. Ela também não me ligou, mas provavelmente, só estava me dando espaço, já que afirmou que lutaria.

Eu estava me tornando a porra de um carente, estava com saudades dela também. Estava parecendo um cachorrinho abandonado que não podia receber um carinho que ficava todo saliente.

Caramba, onde tinha ido parar as minhas garotas?

Tive que rir do pensamento idiota. Como se alguma delas fosse minha. Tudo bem, uma só estava esperando um sinal para voltar, já a outra, estava fugindo de mim.

— Gabriel? – Fui tirado dos meus devaneios malucos pela voz do Bessa.

Guardei meu celular no bolso e me sentei na cadeira de frente para o espelho. Quarenta minutos depois, já de cabelo e barba aparados, saí do salão. Aproveitei que já estava ali e comprei algumas roupas. Andava meio desleixado com a minha aparência e precisava mudar um pouco isso. Eu tinha que andar mais apresentável, se quisesse descolar uma garota bacana para me dar um pouquinho de carinho, e claro, sexo também. Que meu irmão não me ouvisse.

Fui para casa, tomei um banho e vesti uma das calças que havia comprado. Vesti uma camiseta branca básica e uma camisa azul com listras por cima, calcei meus tênis e caprichei no perfume. Não estava com intenção de levar a Luana para a cama, mas se acontecesse, *né?* Como diria o antigo filósofo chinês Laozi, “*A libertação do desejo conduz à paz interior*” e paz interior era o que eu mais precisava ultimamente.



Parei na frente da casa dos pais da Luana que já me esperava no portão.

Desci do carro e fui até ela cumprimentá-la. Estava linda, usava uma calça preta colada no corpo realçando suas curvas e uma blusa solta de um tom abóbora vibrante. Sandálias delicadas abraçavam seus pés. A cumprimentei com dois beijos e me afastei para admirá-la.

— Você está linda, Lu – disse segurando uma mecha dos seus cabelos entre os dedos. Estavam claros, platinados na verdade.

— Ainda estou tentando me acostumar – ela respondeu sem jeito – Sorri e abri a porta do carro para ela.

Luana tinha o cabelo crespo e se orgulhava muito deles. Ela costumava deixá-los soltos, e eu achava lindo.

— Eu não planejei nada Lu, saí do trabalho e fui cortar o cabelo. Já voltei em cima da hora.

— Não se preocupe com isso, Gabriel.

— O que você quer fazer? Cinema? Teatro? Jantar? – perguntei dando partida no carro.

— Estou correndo de restaurante – Sorrimos. —, mas podemos ir até aquele bar que vocês gostam de tomar umas cervejas.

— Claro, só não vou poder beber muito, estou dirigindo.

— Eu bebo por nós dois – ela respondeu divertida.

Seguimos para o bar de sempre. Chegando lá, pedimos cerveja e engatamos em um papo animado. A Luana era muito divertida, longe do restaurante parecia outra pessoa, sorridente e muito comunicativa. Já havíamos saído antes, porém com outras pessoas, sozinhos era a primeira vez e pude constatar o que todo mundo dizia, ela era uma palhaça, brincalhona ao extremo.

Tá aí uma coisa que eu sempre gostei, senso de humor e isso a Lu tinha de sobra. O papo não ficava maçante, ela engatava um assunto no outro e sempre me arrancava risadas.

Uma banda começou a tocar no bar e não pude deixar de pensar na Mari.

Por onde ela andava?

— Está tudo bem? – Luana chamou minha atenção.

— Tudo. Só me perguntando por onde anda a Mari.

— A ex do Kay?

— É. Acabamos ficando amigos. Ela toca aqui, mas tem um tempinho que não falo com ela. Quer pedir algum petisco? – perguntei desviando o assunto.

— Sim.

Pedimos duas porções de bruscheta gratinada com queijo. Eu parei no meu segundo copo de cerveja enquanto Luana, já alegrinha, me contava sobre sua vida.

— ... Não era um relacionamento saudável sabe, estar casada e se sentir acuada em sua própria casa, eu tinha uma sensação de impotência – Fingiu um arrepio.

— Nossa Lu! Posso imaginar – respondi sem jeito. A garota tinha acabado de me contar que tinha sido casada e que o marido era abusivo. — Mas agora está tudo bem, né?

— Sim, já faz alguns anos. O traste já até casou de novo. Tem uma penca de filhos – Sorrimos.

— Que bom que você não teve filho com esse idiota. Não que não seja bom ter filhos, mas neste caso, acho que pioraria ainda mais a situação.

— Graças a Deus que não tive – ela ergueu as mãos para o céu. — Ele estaria me infernizando até hoje. – Luana levou um pedaço de bruscheta à boca antes de continuar — Como você viu, estou morando com meus pais até hoje. Era provisório, mas acabei me acomodando e pelo meu pai, eu nunca mais saio de casa de novo. Sempre que eu falo que vou procurar um apartamento faz um drama!

— A filhinha do papai – brinquei.

— Por aí, mas... e você, Gabriel? Como anda esse coraçãozinho aí? – perguntou apontando para meu peito.

— Confuso, mas está bem.

— Por que será que não acredito nisso? – Apenas dei os ombros. — Você é um cara incrível, a mulher que te fisgar vai ser uma sortuda.

— E você está se incluindo nesse “a?” – perguntei me aproximando.

— Não, eu não. É estranho que eu tenha ficado caidinha por você antes, e agora...

— Percebeu que não temos química? – Completei por ela.

— Desculpa – pediu apertando os lábios em uma linha fina. Sorri. Ela não precisava se desculpar, estranhamente eu me sentia igual. Não havia o menor vestígio de uma tensão sexual entre nós. — Você é da Bia, mesmo não estando com ela.

Que droga! Eu não era de Bia porra nenhuma, eu estava tentando ser de

mim mesmo!

— Eu sou de mim mesmo, Lu. Ou do mundo, se você preferir – Pisquei para ela.

— Mais um motivo para você continuar aí do outro lado da mesa – apontou para mim. Sorri erguendo as mãos em sinal de rendição.

Conversamos sobre o meu restaurante e sobre alguns projetos futuros. Não perdi a oportunidade de convidá-la novamente para ir trabalhar conosco, é claro.

Quando já passava da meia-noite, Luana me chamou para ir embora.

Tomamos a saideira – ela na verdade – e paguei a conta. Quando estacionei na frente de sua casa ela me encarou, seus olhos caíram para os meus lábios. Não perdi a oportunidade e deslizei meus dedos pelo seu rosto lindo. Com ou sem química, a boca dela era muito convidativa.

Luana virou-se de lado apoiando a cabeça no encosto do banco, imitei seu gesto. Nós nos encaramos por alguns instantes, antes de eu segurar seu pescoço e puxá-la para mim. Colei minha boca na dela que automaticamente se abriu para receber minha língua. Foi um beijo delicado, gostoso, mas... só um beijo, embora eu não hesitaria em continuar beijando-a até acendermos o desejo.

Esse pensamento me fez afastar. Pensei na Mari, não queria que a Luana fosse mais uma transa aleatória, mais uma amiga colorida, ou com benefícios como dizem por aí.

Nós nos encaramos e ela sorriu.

— Até mais, Gabriel – assenti, ela desceu do carro deixando-me ali um tanto confuso.



Capítulo 14

Insatisfação

Gabriel

Entrei no prédio que a Mari morava e fui até a portaria – eu tinha decidido procurá-la pessoalmente já que ela não me atendia, nem retornava minhas mensagens.

— Olá, boa noite – Cumprimentei o porteiro. — Eu vim ver a Mari do 215.

— Dona Mari se mudou – o quê?

— Mudou? Quando?

— Acho que ontem – O rapaz me pediu licença e foi atender o telefone.

Por que ela se mudaria? Teria algo a ver com seu pai?

Esperei o cara desligar a ligação e perguntei pela Nice.

— A dona Nice está, mas está de mudança também.

— Eu posso falar com ela?

— Um minuto – ele pediu, indo até o interfone. Segundos depois, liberou a minha entrada.

— Posso deixar meu capacete contigo? – ele assentiu e agradeceu.

Subi preocupado. O que será que tinha acontecido para Mari se mudar? Bom, não dava para ficar criando suposições, só esperava que Nice pudesse me tirar do escuro.

— Oi anjo – Nice me recebeu com um sorriso lindo ao abrir a porta.

— Tudo bem? – perguntei dando dois beijos em seu rosto.

— Levando. Entra – Entrei no apartamento. A sala estava cheia de caixas de papelão esparramadas pelo chão.

— Não repare a bagunça.

— Precisa de ajuda?

— Oh! Além de anjo é cavalheiro – brincou fazendo um gesto exagerado.
— Se puder me ajudar com as caixas.

Assenti e a ajudei levar as caixas até seu carro no estacionamento. Quando terminamos, nos sentamos na sala onde só restara o jogo de sofá.

— Muito obrigada, Gabriel – Nice agradeceu ajeitando seus *dreads*.

— Não por isso.

— Quer saber da Mari, *né?* – concordei com um gesto de cabeça — Bom, o pai dela parou de pagar o aluguel, então a fonte secou. Mesmo com a Mari tocando nos bares e com a minha ajuda, não estávamos conseguindo pagar o aluguel.

— Onde ela está?

— Foi para o apartamento de um dos caras que tocam com ela. Eu insisti, mas a cabeça dura não quis ir comigo para a república de umas amigas. Mas é provisório, vamos tentar ver outro lugar com calma, mas enquanto isso, ela fica lá com o Alex e eu com as meninas.

— Por que ela não responde minhas mensagens?

— Não responde? – pensou por alguns instantes — Não sei, talvez por falta de tempo – não engoli a resposta, mas aceitei.

— Onde fica o apartamento desse amigo?

Nice me passou o endereço e algumas informações sobre a rotina da Mari. Despedi-me dela e no corredor mesmo do prédio, liguei para Mari que não me atendeu.

Qual era o problema dela?

Eu estava realmente ficando preocupado.

Quer saber? Eu iria ver com meus próprios olhos se ela estava bem.

Peguei minha moto e parti em direção ao apartamento do tal Alex. Não era longe, logo eu estava estacionando minha moto a alguns metros da entrada do prédio. Prendi o capacete na moto e torci para que ninguém o roubasse.

Era um prédio simples de quatro andares, sem porteiro. Interfonei para o apartamento e aguardei. Um cara atendeu em meio ao barulho de instrumentos musicais e risos.

— Olá eu poderia falar com a Mari?

— Só um instante... – Ouvi perguntar por ela e alguém ao longe responder, não deu para entender o que a pessoa disse.

— Oi? – ela atendeu logo em seguida.

— Oi, Mari – silêncio do outro lado. — Mari?

— Gabriel? O quê... como você...

— Posso subir pra conversarmos? – Interrompi.

Seu silêncio me aborreceu. Qual era o problema dela? Estava ficando com alguém ali por isso estava na dúvida se me deixava subir?

— Vou descer, já te encontro – respondeu e desligou em seguida.

Coloquei o interfone de volta na base um pouco irritado.

Por que ela estava me tratando com indiferença?

Minutos depois, Mari surgiu no portão. Usava uma de suas saias longas, seu cabelo estava preso em um coque frouxo e não havia nenhum vestígio de maquiagem. Suas sardas estavam livres em seu belo rosto.

Ela abriu o portão e me abraçou rapidamente.

— Quanto tempo! – disse sem jeito.

— Por que você quis, *né*? Por que não me retornou? – Fui direto ao ponto.

— Desculpa *lindeza*. Aconteceram algumas coisas. Estava correndo atrás do prejuízo.

— A Nice me contou.

— Contou? – Encostou-se na grade do portão me encarando surpresa.

— Eu fui ao apartamento de vocês, já que você não me retorna.

— Desculpe por isso, Gabriel. Não quis te preocupar.

— Mas preocupou, viu? – apertei o nariz dela. — Quer dizer que você está instalada aqui? – apontei com a cabeça para o prédio.

— Sim, só até eu resolver o que fazer. O Alex é um bom amigo, me cedeu o sofá-cama.

— Eu também sou um bom amigo. Não entendo você ter escondido sua situação de mim, Mari – ela me encarou sem graça. —, mas você está mesmo bem instalada? Um sofá-cama não me parece um bom negócio. Eu teria te oferecido a minha cama – pisquei com malícia. Ela sorriu e mordeu os lábios involuntariamente.

Foi impossível conter minha ereção ao encarar seus lábios pintados pelas sardas.

Química.

Era disso que eu estava falando.

— Sua cama está fora de cogitação – disse, ficando séria.

— Eu deixaria você na minha cama e eu iria para o sofá, mente suja – ela

gargalhou.

— Neste caso seria uma oferta tentadora.

— *Me* deixe te ajudar de alguma forma? – Ofereci-me de bom grado.

— Eu estou bem, é sério.

— Então me deixa subir e ver com meus próprios olhos.

— Está falando sério? – perguntou incrédula.

— Muito sério – ela achou graça, mas ficou séria novamente quando percebeu que eu não estava brincando.

— O.K. – Abriu o portão e me deu espaço para entrar.

Subimos em silêncio. Assim que saímos do elevador já deu para ouvir o barulho da música e deu para sentir também um leve cheiro de maconha.

Não gostei.

— Os vizinhos não se importam com o barulho e esse cheiro? – perguntei.

— É um prédio de estudantes, aparentemente, estão todos na mesma *vibe*, se é que me entende.

Eu entendia bem.

Entramos no apartamento e parecia estar rolando uma espécie de festinha íntima. Um grupinho de meninas estava sentado no chão, outras duas no sofá, enquanto três caras tocavam e cantavam, no entanto, dava para ouvir algumas vozes vindas de outras partes do ambiente.

— Gabriel este é o Alex – Mari me apresentou ao cara com o violão. Ele parou de tocar e veio até mim. Nós nos cumprimentamos com um aperto de mão.

— Fica à vontade aí, cara.

— Valeu.

Mari segurou minha mão e me puxou para a cozinha. Sentei-me em uma cadeira enquanto ela foi até a geladeira. Pegou duas cervejas long necks e me entregou uma. Encostou-se na bancada de frente para mim.

— Satisfeito?

— Não mesmo – respondi tirando a tampa da garrafa e dando um longo gole na bebida. Mari estreitou o olhar visivelmente confusa.

Eu a compreendia, também estava confuso e surpreso com minha repentina preocupação, mas o fato é que eu não a queria ali no meio daquela gente.

— É provisório – respondeu encarando a cerveja ainda intacta em sua mão.

— Não sei não, Mari... não me parece um ambiente saudável...

— O que eu posso fazer, Gabriel? – interrompeu-me — Estou sem opções...

— Não está – foi a minha vez de interrompê-la. Levantei-me e caminhei até ela, ficando bem próximo. Ela endireitou o corpo e engoliu em seco. — Você pode ficar lá em casa, até se estabelecer.

— Ficou maluco? Nem morta vou me enfiar no apartamento do Kaiary!

— Ele não mora mais lá, garota.

— Gabriel, o que você está sugerindo não tem cabimento – Afastou-se indo até a geladeira. Enfiou a cerveja de volta no congelador e me encarou com as mãos na cintura. — Eu te agradeço a oferta e fico comovida com sua preocupação, mas está fora de cogitação. Vou ficando por aqui até as coisas se acertarem.

— Você pode ficar com a Maju.

— Para, Gabriel.

O.K. eu tinha *viajado legal* oferecendo a casa da Maju sem ela ao menos saber disso, mas eu não me conformava de ela ficar ali, no meio daquele bando de maconheiro, não era certo. No entanto, respirei fundo e assenti, afinal, eu não podia forçá-la a ir comigo.

— Foi só pelos seus problemas mesmo que você se afastou de mim? Senti sua falta – Encarou-me por alguns instantes antes de responder.

— Acho melhor você ir – respondeu sorrindo.

— Por quê? O que eu fiz.

— Está fazendo aquela cara.

— Que cara? – sorri de volta me aproximando cautelosamente.

— Essa aí, óh – apontou para o meu rosto.

— Promete que vai me pedir ajuda se as coisas piorarem? – perguntei colocando um braço de cada lado do seu corpo na pia.

— Se piorarem mais, posso desistir – suspirou desanimada.

— Conta comigo.

— Você é um cara legal – disse fazendo um carinho na minha bochecha.

— Eu modestamente sei disso – coloquei alguns fios de cabelos que escapavam do seu coque atrás da orelha.

Nós nos encaramos intensamente. Seus olhos incrivelmente azuis focaram na minha boca. Os meus também caíram para a os lábios dela. Curtia demais todas aquelas manchinhas espalhadas por eles, curti mais ainda a tensão sexual

que sempre se instalava entre nós.

— Foi mal atrapalhar o casal – O tal Alex entrou na cozinha com cara de poucos amigos. Nós nos afastamos sem jeito.

— Somos amigos. Nada mais – Mari tratou de se explicar e porra, não gostei.

Tudo bem que éramos apenas amigos, mas por que ela estava se justificando? Estava ficando com ele?

— Acho melhor eu ir. Prazer conhecer você, Alex.

— Igualmente, quando quiser apareça – Não sei porque, mas não senti que o convite fosse verdadeiro.

Mari desceu comigo até a rua. Nós nos encaramos e o silêncio predominava novamente. Não sabia o porquê, mas ela estava diferente comigo e aquilo estava me incomodando.

— Eu fiz alguma coisa? – perguntei quebrando o silêncio.

— Como? – perguntou confusa.

— Sei lá. Você está estranha – Mari sorriu e segurou minha mão.

— Não é nada contigo, Gabriel. Eu só... não estou nos meus melhores dias.

— Eu sei – Puxei-a para um abraço e descansei meu queixo no topo da sua cabeça —, mas sei também que você é uma garota forte e determinada, e que não vai deixar a *peteca* cair – ela sacudiu a cabeça concordando, mas fungou.

Droga. Não queria vê-la triste. Segurei o rosto dela entre as mãos e a encarei.

— Promete que vai me pedir ajuda se realmente precisar? – ela quis baixar a cabeça, mas a impedi obrigando-a a me encarar. — Promete?

— Prometo.

— Tá ficando com esse cara? – perguntei de repente, não resisti.

— Somos apenas amigos, Gabriel.

— Nós também somos – insisti. Ela se desvencilhou do meu contato e se afastou.

— Por acaso você está pensando que eu saio por aí trepando com todos os meus amigos, é?

Não quis dizer isso, porra!

— Não eu...

— Estou brincando, Gabriel – Deu-me um soquinho. Sorri sem graça. —

Nossa você fez uma cara engraçada.

— Engraçadinha.

— É sério, somos apenas amigos, *sem* benefícios – frisou a palavra benefícios. — Agora eu preciso entrar.

— O.K.

Dei um beijo na testa dela e me afastei. Tirei o capacete do cadeado e montei na moto.

— Entra – aponte para o portão. Mari me soprou um beijo e sumiu prédio adentro. Dei partida na moto e parti para casa.

Palavra para me definir naquele momento?

Insatisfação.



Capítulo 15

O Xodó da Casa

Gabriel

As coisas estavam começando a entrar nos eixos na minha vida e, com o restaurante indo de vento em popa, eu mal tinha tempo de cuidar do meu coração. O bom é que ele estava se virando e cuidando de cicatrizar sozinho.

Bom para mim.

Infelizmente, não dependia só de o coitadinho ser forte, as vezes o destino conspirava como estava fazendo naquele exato momento.

Desde o momento que Adrielle entrou na cozinha, falando que a Bia estava no restaurante, meu coração batia descompassado no peito. Eu estava indeciso entre ir até ela cumprimentá-la ou ficar no meu canto sentindo raiva.

O fato era que o lance de sentir raiva dela já não colava mais.

Meu telefone vibrou no bolso da calça me tirando dos meus devaneios malucos. Era o Rafa. O idiota estava ali no mesmo espaço que eu e ficava me ligando ao invés de ir até a cozinha.

— Já sei. A Bia está lá fora – eu disse sem ânimo.

— Pô, cara, minha vontade é de ir lá e colocá-la pra correr.

— E espantar os demais clientes juntos com ela?

— Eu sei, é só vontade mesmo, mas cara essa mina não se toca? Será que ela ainda não entendeu que você não quer mais? – fiquei em silêncio. — Porra Gabriel. Não vai me dizer quê...

— Não vou dizer nada, porque não tem nada pra ser dito. Ela é livre para ir onde quiser e nosso restaurante está aberto pra todos, Rafa, inclusive pra ela. Conforme-se.

— Todos o caralho. Se o *banana* do Brady aparecer aqui. Boto ele pra correr a pontapé – eu não duvidava.

— Rafa preciso desligar.

— É sério Gabriel... – Desliguei.

Tentei me concentrar no trabalho, mas saber que a Bia estava ali, a poucos metros de mim, dificultava essa ação. Eu estava ridiculamente ansioso e curioso para saber o que ela tinha achado do restaurante, o que estava achando da comida.

Droga.

Respirei fundo e saí em direção ao salão. A avistei em uma mesa perto da entrada. Estava acompanhada de outra garota, a mesma que estava com ela no bar. Bia sorria de algo que a amiga dizia, mas seu sorriso morreu quando me viu caminhando na sua direção. Seu olhar espantado chamou a atenção da outra que se virou para me encarar também.

— Boa tarde, meninas. Espero que esteja tudo do agrado de vocês. Precisam de mais alguma coisa – perguntei olhando para a mesa delas.

— *Bo-boa* tarde, Gabriel – Cumprimentou-me gaguejando.

— Olá. Sou a Hanna – Apertei a mão da garota, enquanto Bia me encarava como se eu fosse um fantasma. — Está tudo certo aqui, parabéns pelo restaurante, a comida está maravilhosa, não é Bia?

— *S-sim* – pigarreou — A comida está divina, Gabriel – Sorri em agradecimento. Parei o garçom que passava por ali e pedi que trouxesse uma garrafa de *Catena*, sabia da preferência dela pelos vinhos brancos.

Gil retornou com a garrafa e serviu as taças das garotas. Hanna sorriu agradecida, enquanto Bia não tirava seus olhos arregalados de mim.

Qual é? Eu só estava sendo gentil.

— Cortesia da casa, meninas. Eu preciso voltar para a cozinha. Aproveitem a refeição – Estava me afastando quando ela finalmente saiu do transe e me chamou.

— Seria muito inconveniente da minha parte pedir para conhecer a cozinha? – pensei por alguns instantes.

Quando estávamos juntos, eu sempre fantasiava como seria a minha cozinha e claro, sempre dizia no pé do seu ouvido que a comeria em cima do balcão.

— Sem problema. Almoce primeiro, depois você pode ir até lá – Despedi-me e voltei para a cozinha.

Meu coração estava batendo frenético, mas estranhamente não havia raiva misturada a confusão de sentimentos que se instalou em mim. Eu estava ansioso, isso eu não poderia negar e estava curioso para saber o que ela acharia da minha cozinha, mas a raiva, ela não tinha mais espaço ali.

Isso era bom, né?

Um tempo depois, a Adrielle voltou a cozinha acompanhada da Bia. Ela sorriu sem graça e se aproximou.

— Espera – Fiz um gesto com a palma da mão para ela que estacou no lugar.

Peguei uma touca e me aproximei: — Não queremos um *tempero* especial boiando nos pratos, não é mesmo? – brinquei.

— Claro – ela riu. Fez um coque nos cabelos sedosos nos quais eu já perdi as contas de quantas me emaranhei.

Ajeitei a touca em sua cabeça, estávamos tão próximos que foi impossível nossos olhos não se conectarem. Bia umedeceu os lábios e encarei seu gesto. Ela era linda, não dava para negar isso.

Quebrei o contato e comecei a mostrar o ambiente, apresentando o pessoal da cozinha a ela. Fui explicando cada coisinha ali conforme íamos andando. O *tour*, no entanto, não demorou, ela não podia ficar ali e eu tinha que voltar ao trabalho.

Bia agradeceu por eu ter mostrado o local a ela.

— Estou muito feliz por ti, Gabriel. *Tu* merece o mundo – Senti honestidade em suas palavras.

— Obrigado – ela já estava se afastando quando se voltou na minha direção.

— Posso te ligar mais tarde?



— Ainda não acredito que você levou a Bia pra conhecer a cozinha, *mané*. E pior, que ofereceu vinho por cortesia – Rafa bufou levando seu copo de vodca aos lábios.

Estávamos sentados um em cada sofá do apartamento, batendo papo e bebendo na companhia da Majuzinha que estava mais para *Majuzona*. A cadela havia crescido muito mais do que esperado.

Sorvi um gole da minha cerveja e deitei minha cabeça no encosto do sofá fechando os olhos. Meu celular apitou avisando que havia chegado mensagem. Senti o corpo gelar. Eu tinha dito a Bia que poderia me ligar a noite e já passava das dez.

Peguei o telefone e conferi a mensagem. Era mais uma das muitas

mensagens da minha operadora.

— Está reconsiderando voltar pra ela, não está? – Rafa perguntou colocando os pés em cima da mesa de centro.

— Não – respondi, não muito certo daquela resposta.

— Então, por que está dando corda?

— Não estou dando corda.

— Está dando liberdade para ela se aproximar. Se você não tem a intenção de reatar, e eu espero de coração que você não cometa essa burrice, não deveria ficar dando trela. Ela pode entender errado já que não é *lá* muito certa da cabeça.

— Você está supondo coisas demais, *brother*.

— Eu não precisaria ficar supondo se você se abrisse, *né*? Você escorrega feito quiabo, porra! – Achei graça, mas a verdade era que eu sempre fui muito fechado quanto aos meus sentimentos, e muito reservado para falar sobre eles.

— Fica frio, cara – Foi a minha resposta.

— Desisto de você, Gabriel – Rafa disse fazendo carinho da cabeça da Majuzinha. — Bom, deixa eu partir pra porta da frente – Levantou-se e com um aceno saiu.

Majuzinha o acompanhou, mas percebendo que não iria com ele voltou e pulou no sofá ficando ao meu lado.

— Agora eu sirvo, *né*, sua traidora? Não dá mesmo pra confiar em vocês mulheres – brinquei fazendo carinho nela, que aconchegou a cabeça no meu colo.

Eu estava distraído com a cadela quando meu celular tocou.

Bia. Era ela.

Respirei fundo e atendi.

— Oi, Bia.

— Gabriel – Silêncio constrangedor de ambas as partes. — Como foi seu dia? – perguntou, quando resolveu falar.

— Cansativo, mas muito gratificante.

— Eu imagino. Piá o restaurante está lindo, a comida maravilha, vocês estão de parabéns.

— Que bom que gostou. Eu estou muito feliz de finalmente estar trabalhando no que é meu.

— E eu estou muito feliz por ti, Gabriel. De verdade.

— Obrigado.

Mais silêncio constrangedor.

Meu primo Guilherme chegou ganhando a atenção da cadela que pulou do sofá e correu até ele latindo.

— *Tu* tens um cachorro? – Bia perguntou.

— É do Rafa – respondi, acenando para o Gui que foi em direção ao quarto dele acompanhado da Majuzinha.

Ô cadela carente!

— Que legal!

— Ele ganhou de presente de formatura da Maju. A cadela cresceu além da conta, está enorme, mas já é o xodó da casa. Vou te mandar uma foto.

Abri a galeria do meu celular. Sim eu tinha fotos da cadela e eram muitas. Fiquei na dúvida entre mandar só da cadela ou mandar minha com a cadela. Mandeí só da Majuzinha mesmo.

— Nossa Gabriel, ela é linda! Espera... os olhos dela são iguais ao da Maju?

— São.

— Incrível.

— Sim é... – Começamos a falar sobre a cadela e um assunto foi puxando outro. Ela me contou sobre a faculdade, sobre seus novos colegas e de como está sendo bom morar sozinha.

Contou-me que embora estivesse gostando, às vezes sentia falta de casa cheia, das idiotices do Rafa e da noite da pizza. Conteí a ela que o Guilherme estava morando com a gente e cursando a faculdade. Falamos sobre a fazenda e foi impossível não relembrar momentos juntos, principalmente quando falamos da cachoeira. Era o lugar preferido dela.

— ... Lembra uma vez que *tu* fingiu que tinha visto uma cobra? – assenti gargalhando — Guri tu quase me matou. Eu quis chorar.

— Você não quis, você chorou.

— Eu não chorei. Foi um cisco, te disse isso.

— U-hum, sei – Continuamos a conversar e quando dei por mim, já tinha mais de uma hora que estávamos ao telefone.

O Guilherme tomou banho, esquentou a comida que trouxemos do restaurante, comeu, alimentou a Majuzinha, foi dormir e eu ainda estava no telefone com a Bia.

— Gabriel, acho que vou deligar – ela disse bocejando. — Nossa nem vi o tempo passar falando contigo.

— Tudo bem, está tarde.

— Foi muito bom falar contigo, guri.

— Também gostei de conversamos, Bia.

— Gabriel?

— O quê?

— Tu achas que podemos ser – pigarreou — Amigos? – refleti sobre aquilo.

Era um começo, né? Mas será que eu conseguiria esquecer tudo e aceitá-la como amiga? Será que eu me contentaria em tê-la apenas como amiga? Eu iria querer algo mais com essa aproximação?

— Por favor – ela insistiu.

— Eu acho que podemos, pelo menos, tentar – disse por fim.

— Obrigada! – respondeu animada. — Bom, deixa eu desligar então. Boa noite. Durma bem.

— Boa noite, Bia. Bons sonhos.

Desligamos.

Ainda fiquei na sala bastante tempo, pensando sobre o que conversamos e sobre o pedido dela. Ainda estava indeciso quanto a sermos amigos, mas decidi pensar da seguinte forma: se eu conseguisse manter uma amizade saudável com a Bia, era sinal de que eu havia me livrado da mágoa e do ressentimento. Se isso desse certo, eu poderia finalmente virar a página, *afinal, guardar ressentimento é como tomar veneno e esperar que a outra pessoa morra*. Li isso em algum lugar e nunca me esqueci, é a mais pura verdade.

Fui para o meu quarto e tomei um banho rápido. Vesti uma roupa qualquer e fui até a cozinha comer alguma coisa. Lavei a louça e guardei o restante da comida na geladeira. Apaguei as luzes e fui para a cama. O sono veio rápido. Eu praticamente apaguei.

Acordei de madrugada com meu celular tocando. Tateei o criado-mudo em busca do aparelho e não o encontrei. Acendi o abajur e me levantei indo a procura dele guiado pelo som. Encontrei o maldito aparelho no meu banheiro.

Quem estaria me ligando àquela hora da madrugada?

Os pelos da minha nuca se eriçaram quando li o nome na tela.

— Mari?

— Gabriel eu preciso de ajuda.



Capítulo 16

Anjo Gabriel

Mari

Eu definitivamente estava encrencada, meu pai havia conseguido. Por causa da mesada suspensa eu tinha perdido meu apartamento, e já estava devendo duas mensalidades do meu curso. Mesmo tocando em alguns bares mal estava dando para sobreviver, manter um apartamento na zona sul do Rio não era para qualquer um. Ainda que a Nice me ajudasse, nunca conseguiríamos arcar com as despesas.

Eu nunca havia passado por tal situação, nunca tinha precisado me importar com contas a pagar e por isso havia metido os pés pelas mãos. O dinheiro que papai depositava para mim todo mês era suficiente para minhas despesas e ainda sobrava para gastar com que eu quisesse e eu gastava, infelizmente. Sempre fui uma consumidora assídua, afinal eu tinha a quem puxar, mas estava tentando mudar este hábito. Já não comprava tantas coisas inúteis, entretanto, gastava muito com instrumentos musicais e seus apetrechos. O meu violão, da marca Martin, custava um pouco mais de quinze mil reais. Não me arrependi de tê-lo comprado, eu só deveria ter dado mais atenção as prioridades se eu imaginasse que poderia acabar naquela situação.

Minha amiga Nice foi para a república de suas amigas, onde ela morava antes de ir morar comigo e eu estava no apartamento de Alex. Ele me convidou e como eu tinha muita afinidade com ele, ao contrário das meninas amigas da Nice, resolvi aceitar. No entanto, já estava arrependida.

O novo carinha que morava com ele me encarava de modo estranho e eu poderia estar sendo paranoica, mas eu me sentia vulnerável dormindo na sala.

Vulnerável, era exatamente assim que eu me sentia quando ouvi uma porta se abrir tarde da noite. Ouvi passos e me encolhi debaixo da coberta fingindo dormir. Os passos indicavam que o dono deles tinha ido em direção a cozinha. Respirei fundo e permaneci quietinha. Depois de alguns minutos, os passos retornaram e congelei quando pressenti que a pessoa tinha parado próxima a mim. Senti o sofá afundar indicando que quem quer que fosse tinha se sentado junto ao meu corpo.

Esperei pelo pior rezando para que o pior não acontecesse. Infelizmente, minhas orações não foram ouvidas.

Minha coberta foi puxada de mim e uma mão se esgueirou por baixo da minha saia. Soltei um grito e num instinto, chutei o indivíduo que caiu sentado do chão e começou a me xingar de vadia.

— Seu nojento asqueroso! – gritei mais alto do que ele e me levantei.

— O que está acontecendo? – Alex apareceu na sala ainda sonolento, seu outro colega de apartamento, Evandro, surgiu logo em seguida.

— Esse molestador de araque estava tentando abusar de mim! – aponte para o infeliz. Ele parecia bêbado ou drogado, sei lá.

— Isso é mentira! Ela que estava se insinuando aqui pra mim, essa vadia!

Meu queixo caiu. Olhei para o Alex e para o Evandro e os dois pareciam estar ponderando qual era a versão verdadeira.

Fiquei incrédula, não esperava que Alex tivesse a menor dúvida de que eu fosse capaz de me insinuar e depois fazer teatro.

Foda-se! Eu não ficaria ali nem mais um segundo esperando os dois darem conta de que tinham colocando um molestador debaixo do seu teto.

Abaixei-me e calcei minhas rasteirinhas. Peguei minha bolsa e meu violão.

— Onde você vai, Mari? É madrugada! – Alex veio atrás de mim.

— Não fico mais nenhum minuto sob o mesmo teto que esse... esse covarde.

— Mari...

Não esperei resposta, corri até o elevador, as lágrimas já embaçando minha visão. Eu estava me sentindo um lixo, e estava enojada. Nunca sequer tinha dado uma olhada mais demorada para aquele idiota para ele pensar que tinha qualquer liberdade para me tocar.

Quando alcancei a portaria, olhei para o relógio de parede, eram três da madrugada. Saí assim mesmo com medo de o Alex vir atrás de mim. Do lado de fora do portão, peguei meu celular e liguei para Nice, tocou várias vezes e nada. Deixei mensagens de texto e voz. Encostei-me nas grades do muro apavorada. Dinheiro para táxi eu até que eu tinha, míseros cinquenta reais na carteira, mas para onde eu iria?

O que eu faço, meu Deus?

Eu não podia voltar, foi então que pensei na única pessoa que poderia me ajudar naquele momento.

Gabriel.

Não pensei nas consequências. Só engoli meu orgulho e liguei.

— Mari? – ele atendeu na minha segunda tentativa.

Graças a Deus.

— Gabriel eu preciso de ajuda.

— *Me diz aonde você está, estou indo te buscar* – Simples assim, não questionou a hora, não perguntou o que aconteceu. Rápido e objetivo.

— Na rua... na frente do prédio do Alê.

— Não é seguro ficar na rua, Mari. Tem como você pegar um táxi, ou Uber? Eu pago quando chegar aqui. Até eu chegar aí pode demorar.

— Tem um ponto de táxi a duas quadras daqui, eu acho.

— Vá até lá. Não desliga – assenti e corri até o ponto. Por sorte havia dois táxis estacionados. Alex morava próximo a um clube de mulheres, por isso sempre havia taxistas por ali, mesmo de madrugada.

Entrei logo no carro e dei as coordenadas ao motorista.

— Já estou no trânsito – informei ao Gabriel.

— Que bom – suspirou aliviado.

— Obrigada, Gabriel. Muito obrigada eu...

— Pare de agradecer. Quando chegar aqui conversamos, O.K.?

— O.K. – respondi fungando. Desliguei e encostei minha cabeça no encosto fechando os olhos.

Que loucura.

Ainda não conseguia acreditar que o idiota tinha tentado me molestar. Sorte que eu estava acordada, o que mais ele teria feito antes de eu me dar conta? Cheguei a arrepiar pensando nas várias possibilidades.

Chegando no prédio do Gabriel, paguei o táxi e fui até a portaria. O porteiro o avisou da minha chegada e ele liberou minha entrada. Quando as portas do elevador se abriram, Gabriel já me esperava do lado de fora.

Ele ergueu a mão na direção do violão e o pegou. Com a mão livre segurou minha outra mão e me guiou até seu apartamento. Já dentro do apartamento, colocou o violão no sofá e me encarou. Minha reação foi me jogar em seus braços, literalmente.

Ele me abraçou de volta alisando minhas costas, murmurando frases como “estou aqui” e “vai ficar tudo bem,” o que só contribuiu para as lágrimas

deslizarem livremente pelo meu rosto.

Chorei abraçada a ele por tantos motivos que eram difíceis de enumerar, mas acho que o motivo maior das lágrimas foi a carência e estar, ali de novo, naquele lugar onde vivi os momentos mais quentes e emocionantes da minha vida não ajudava em nada.

Depois de um tempo, envergonhada por ter ensopado a camiseta dele, me afastei. Gabriel segurou meu rosto limpando minhas lágrimas com seus polegares.

— Mais calma? – perguntou com um sorriso tão sincero que aqueceu meu coração.

— *Me* desculpe por isso – sorri sem graça apontando para o molhado da camiseta.

— Isso seca. Sente-se ali no sofá, vou preparar um chá pra gente. – assenti, mas antes segurei seu rosto e dei um beijo em sua bochecha em agradecimento.

Ele foi para a cozinha e eu me sentei. Ainda estava triste com o que tinha acontecido, mas estava me sentindo segura. Coloquei minha bolsa ao meu lado e peguei meu celular.

Havia três ligações da Nice e duas mensagens. Respondi as mensagens a tranquilizando e disse que ligaria depois. Devolvi meu celular à bolsa e me assustei com algo tocando minha perna.

— Ai meu Deus que susto você me deu! – falei colocando a mão no peito.

Encarei o animal que me encarava de volta de orelhinhas baixas esperando por carinho. Estava mesmo muito distraída para não ter visto um cão enorme daquele se aproximar. Fiz cafuné na cabeça dela – constatei que era fêmea –, a cadela não satisfeita pulou no sofá ao meu lado e enfiou a cabeça no meu colo.

— Folgadinha você, hein? – eu disse para ela.

— Vi que já conheceu a mais nova integrante do *apê* – Gabriel surgiu da cozinha trazendo uma bandeja com duas canecas fumegantes e alguns biscoitinhos.

— Pelos olhos já sei que é coisa do Rafa.

— Na verdade, ele ganhou de presente de formatura da Maju e seus irmãos – respondeu colocando a bandeja na mesinha de centro. — Majuzinha diga olá para a Mari.

— Majuzinha? – ele assentiu. — Eu e Majuzinha já nos apresentamos. Parece que ela gostou de mim.

— Não se iluda. Ela gosta de qualquer um que dê um pouco de carinho que seja a ela.

— Danadinha – falei com a cadela, de novo. — Pensei que eu fosse especial – Gabriel sorriu me entregando uma caneca.

Ele sentou-se no sofá de frente e a cadela correu e pulou ao seu lado.

— Hum que delícia, Gabriel! – exclamei depois de provar um pouquinho do chá — O que tem aqui?

— Casca de abacaxi, hortelã, gengibre e mel – respondeu despretenso, mas o chá estava incrível. — E aqui são biscoitos *craquelés*, sabor limão – Estendeu o prato na minha direção. — Você pode lavar as mãos se quiser, mas essa mocinha aqui – Afagou a cadela — É mais limpa que nós dois juntos.

É claro que mesmo querendo, eu não iria lavar a mão depois daquela informação. Sorri e peguei um biscoitinho.

— *Hummmm!* Gabriel a mulher que casar contigo está feita – brinquei, ele sorriu balançando a cabeça.

— Quer me contar o que aconteceu? A propósito eu te disse que pagaria o táxi quando você chegasse...

— Eu sei que você disse, mas já estou abusando demais da sua boa vontade.

— Deixa disso, Mari – Ralhou.

— Deixa disso você, Gabriel. Já paguei e já estou aqui.

— O.K. ... e então?

— Aconteceu um lance meio sinistro lá no apartamento do Alex – Engoli em seco lembrando-me do acontecido.

— Que lance? – perguntou sério, provavelmente já supondo alguma merda.

— Eu estava dormindo, bem, eu não estava dormindo de fato, mas já estava deitada no sofá quando um dos *carinhas* que mora com Alex foi até a cozinha. Eu fechei os olhos e fingi dormir... – observei-o travar o maxilar. — Bem... ele se aproximou e começou a me tocar...

— Filho da puta! – Levantou-se de repente levando as mãos no cabelo. — Ele abusou de você, Mari?

— Não! Não abusou... eu meti meu pé nele e ele caiu sentado. Aí eu gritei. Os outros rapazes apareceram, eu disse o que tinha acontecido, mas o babaca distorceu tudo e...

— Acreditaram nele – Não era uma pergunta.

— Eu não sei se acreditaram, mas ficaram confusos. Eu não esperei para saber, catei meu violão e minha bolsa e saí – Gabriel respirou fundo assentindo.
— Minhas coisas ficaram lá, depois...

— Eu vou pegar suas coisas. Você não pisa mais lá – disse determinado.

— Tudo bem. Obrigada, Gabriel – Aceitei, pois, a última coisa que eu queria era ver aquele idiota novamente.

— Fico feliz que tenha confiado em mim pra te ajudar, você pode ir ficando aqui...

— Não – Nem o deixei terminar — Eu vim pra cá pelas circunstâncias, mas não pretendo ficar aqui.

— Deixa de ser cabeça dura, Ruiva.

— Não é isso, Gabriel. Você tem que concordar que é uma situação constrangedora. Acha que a Angelina vai ficar confortável em saber que estou aqui?

— Ela não é a dona do apartamento.

— Nem você – Aproximei-me tocando seu braço — O marido dela também não vai me querer aqui.

— Conheço meu primo, ele não iria te negar ajuda.

— Eu sei disso. Sei o quanto ele é generoso, mas... não vou ficar confortável, entende?

— E a Maju?

— O que tem a Maju?

— Você ficaria confortável com ela? – bufei.

Caramba era tão difícil para ele perceber que eu queria distância dali? Que não queria correr o risco de cruzar com o Kaiary ou com a Angelina? E nem era só isso, também não era seguro para meu coração ficar perto dele.

— Eu não...

— Você deve estar cansada – Cortou-me. — Vou te levar para o quarto. Tenta dormir um pouco, depois a gente vê o que faz – ergueu a mão na minha direção.

Como ele estava dando a conversa por encerrada eu só pude assentir. Peguei minha bolsa, o violão e segurei sua mão.

Gabriel me levou – Pelo que me lembrava, até o quarto que ele dividia com a Bia. Coloquei meu violão no chão, enquanto ele foi até o guarda-roupa. Pegou

uma camiseta e uma cueca e veio até mim.

— Pra você dormir mais confortável – sorri agradecida e peguei as peças de roupas. — Durma bem – Ele disse e, do nada segurou meu rosto com umas das mãos e me deu um selinho. Sorriu e se afastou. Quando já abria a porta eu o chamei.

— Gabriel – Ele voltou-se na minha direção e me encarou — Obrigada. Você é um anjo. Anjo Gabriel.

— Não tenho nada de anjo, princesa. Só quero o seu bem. Você é importante pra mim.

Ele deixou o quarto, mas sua frase ainda ecoava na minha cabeça.

Você é importante para mim.

— Sua amizade é importante pra ele, sua maluca – Ralhei comigo mesma.

Vesti sua camiseta e fiquei com a minha calcinha mesmo. Deitei em sua cama e me aconcheguei em seu cobertor. Embora a cabeça estivesse a mil, com o que aconteceu no apartamento do Alex, não demorei a dormir, porque eu sabia que ali eu estava segura.



Capítulo 17

Não Conhece Mais As Mulheres?

Gabriel

Eu estava preparando o café da manhã quando meu irmão Rafa entrou em casa.

— O cheiro *tá* bom – disse vindo até cozinha.

— Sua Majuzinha não te alimenta não, é?

— Ah Gabriel, se você soubesse – respondeu com cara de babaca.

— Prefiro continuar não sabendo.

— Bom dia – Foi a vez do meu primo Guilherme entrar na cozinha. — Gabriel vou precisar ir até a faculdade, mas quando eu sair de lá vou direto para o restaurante – assenti passando uma caneca de café para ele.

— Ei? É pra mim que você deve satisfação. O Gabriel só cozinha – segurei o riso, enquanto meu primo apenas revirou os olhos. Ele já nem se dava mais ao trabalho de responder ao Rafa.

— Vou nessa – Guilherme colocou a caneca na pia e pegou suas coisas na mesa.

— Se ficar chegando atrasado direto, vou descontar no seu salário, *mané*.

— *Tá* bom, chefia – Ele bateu continência ao Rafa e saiu.

— Você nunca cansa de pegar no pé do cara?

— Não – respondeu sorrindo.

O idiota encheu um pratinho com pão de queijo, encheu dois copos de sucos e colocou em uma bandeja.

— Você é muito chato, Gabriel. Vou tomar café com a minha princesa – disse e saiu.

Moral da história?

Além de eu alimentar a cambada de casa, ainda estava alimentando a vizinha da porta da frente.

Quando eu estava lavando a louça que eu tinha sujado preparando o café da

manhã, a Mari entrou na cozinha.

— Bom dia – disse timidamente.

— Bom dia – Eu não queria ter demorado tanto o olhar em cima dela, mas não consegui não admirar suas belas pernas expostas.

Ela usava minha camiseta que mais parecia um vestido para ela. Tinha feito um coque nos cabelos, era raro vê-la assim tão natural. Gostei do que vi.

— Eu ia ficar no quarto até ter certeza de que todo mundo saiu e de que o Rafa não voltaria, mas estou morta de sede.

— Fica à vontade pra pegar a água, princesa e você não precisa se esconder.

— Não quero que o Rafa me veja – respondeu abrindo a geladeira.

— Meio impossível isso, já que já estou vendo – Olhamos na direção da entrada da cozinha e demos de cara com meu irmão.

Estávamos tão entretidos que não ouvimos o barulho da porta. Pela cara da Mari, eu podia apostar que ela preferia que um buraco se abrisse e a sugasse do que ter que encarar os olhares especulativos do Rafa.

— Oi, Rafa.

— Oi, Mari – O sacana cruzou os braços e olhou de mim para ela como se fosse um pai a espera de respostas para a arte que o filho aprontou.

— Eu vou vestir uma roupa – Mari disse deixando a garrafa de água sobre a pia. Coitada passou pelo Rafa como se fosse um vendaval.

— *Tá* comendo a Mari? – Ele mal esperou a menina sair.

— Não estou comendo a Mari.

O costumeiro sorriso debochado dele se alargou ainda mais e eu sabia que lá vinha besteira.

— Então por que ela estava aqui na cozinha e usando apenas a sua camiseta, *brother*?

— Não é o que você está pensando.

— Não foi você quem disse uma vez que não entrava onde eu ou o Kay já tivéssemos entrado? – Jogou minhas palavras contra mim ignorando o que eu disse.

— Vai se foder, Rafa – Bufei irritado. Sabia que ele não iria deixar passar essa.

— Vai falar que não *tá* comendo? – Soltei a bandeja com o presunto e o queijo e me virei para encará-lo.

— Não estou, quer dizer... não desta vez.

— Vocês são o quê? Uma espécie de amigos coloridos? Aquele lance de pau amigo?

— Se você parar de falar babaquices eu posso te contar o que está rolando, idiota.

— Sou *todo* ouvidos – disse puxando uma cadeira e sentando-se.

Resolvi começar do começo, tudo bem, nem tão do começo assim. Ocultei a parte do sexo, mas contei que ficamos amigos e que eu a estava ajudando, porque ela estava passando por problemas. Contei o lance do idiota que tentou molestá-la e que aquele era o motivo de ela estar ali.

— Não dá pra acreditar que existam homens assim! – disse, revoltado. — Se bem que nem dá pra chamar de homem uma porra dessas. Cara eu amo meu pai – encarei confuso.

— O que o pai tem a ver com isso?

— Você sabe, cursei Direito, mas não exerço. O coroa aceitou de boa.

— É. O pai da Mari não parece tão legal assim. Rafa você acha que a Maju se importaria de dar um teto a ela até as coisas se acertarem? Ela não quer ficar aqui de jeito nenhum.

— Compreensível não é, cara?

— Acho um exagero isso. O Kaiary seguiu com a vida. Está casado e feliz. A Angel é uma boa garota...

— Mas é mulher, cara! Não conhece mais as mulheres? Agora cá pra nós. Estou te achando *preocupadinho* demais pra ser só amizade. Conta logo que tá comendo e me tira dessa agonia.

— Vai falar com a Maju? – barganhei.

— Claro que eu vou falar com a Maju. A Mari é uma garota bacana e elas se deram bem.

— Certo.

— Então?

— Então o quê? – Fiz-me de desentendido. Rafa ergueu a sobrancelha. — Tudo bem, Rafa. Sim, a gente transou algumas vezes, satisfeito?

— Claro que não! Quando? Naquela festa que a gente foi com ela vocês já estavam de rolo?

— Não estamos de rolo. Somos amigos e naquela festa foi a primeira vez.

Agora chega desse assunto, ela pode ouvir.

— Amigos com benefícios? – insistiu com um sorriso sacana.

— Não Rafa. Até porque ela não quer isso. Agora vamos encerrar este assunto. Vê isso com a Maju, por favor.

— Pode deixar.

— Eu vou trocar de roupa que vou lá no apartamento do babaca buscar as coisas dela. *Me* empresta o carro? – ele me jogou as chaves. — Fala para o Gustavo ir se virando sem mim.

Guardei as coisas na geladeira e quando estava saindo ele me chamou.

— Gabriel?

— O que é, Rafa? – bufei, já estava cansado da intromissão do meu irmão. Ele tinha arrancado mais informação de mim do que o necessário.

— A Mari é uma garota legal.

— Eu sei que é.

— E bonita, e parece ser gostosa, mas isso você já deve saber.

— Onde você está querendo chegar?

— Seguinte. Se você e ela se gostam e querem ficar juntos eu apoio, mas se você não quer nada com a garota, sai fora agora. Sabemos o que ela passou com o Kay, coitada. Não merece passar por isso de novo. Se tiver alguma chance de você voltar com a vad... Bia, nem comece nada com a Mari.

Não respondi, apenas acenei com a cabeça e fui para o meu quarto trocar de roupa. Entrei no quarto e vi que a porta do banheiro estava fechada. Peguei minha roupa e a vesti rapidamente.

Nunca passou pela minha cabeça começar algo com a Mari, já com a Bia... caramba! Aquela conversa estranha do Rafa tinha me deixado intrigado. Eu gostava de estar com a Mari, éramos muito bons juntos, ela era divertida, linda e gostosa pra porra, mas... era ex do Kay, e eu ainda tinha uma história inacabada com a minha ex-namorada. Sem falar que eu não estava interessado em relacionamento no momento. No entanto, em uma coisa o idiota do meu irmão estava certo, eu não deveria começar nada, nem com ela, nem com ninguém ainda com a Bia na cabeça.

Estava calçando meus coturnos quando a Mari saiu do banheiro, já vestida.

— Não está pensando em sair, está?

— Claro que sim, Gabriel. Preciso dar um jeito na minha vida.

A porta do meu quarto se abriu de repente e um Rafa muito afobado surgiu.

— O que foi, cara? – ele tomou algumas respirações tentando se acalmar até conseguir falar.

— Cara a bebê da Angel vai nascer. Vou correndo para o hospital – ele saiu com a mesma pressa que entrou.

— A chave da moto está no balcão! – gritei.

Um silêncio constrangedor se instalou no quarto. Majuzinha aproveitou a porta aberta e entrou. Foi direto para a minha cama.

— Você está bem? – perguntei me aproximando dela.

— Claro – falou sem me convencer.

— O.K. Bom, como você pode ver, não há chance de nenhum dos dois aparecer por aqui hoje. Então você fica.

— Gabriel...

— Vou sair pra buscar suas coisas, depois vou para o restaurante. A tarde devo ir ao hospital, mas a noite estou de volta e quero te encontrar aqui quando eu voltar. Depois se você quiser ir a algum lugar, te levo. Combinado? – ela ficou em silêncio — Combinado, Mari?

— Combinado.

— Certo, então fica à vontade. Assei pão de queijo, tem presunto e queijo na geladeira. Tem comida congelada no freezer, não faz cerimônia, O.K.?

— O.K.

— Majuzinha? – A cadela levantou as orelhas — Seja gentil com a visita – ela latiu abanando o rabo como se pudesse entender o que lhe foi pedido — Até mais tarde – beijei a testa da Mari e saí.



O porteiro me autorizou a subir e segui para o elevador. Respirei fundo tentando comprimir a raiva que ameaçava me consumir a cada andar que a grande caixa de aço alcançava.

Que espécie de amigo de merda era aquele que permitia que a garota dormisse na sala totalmente vulnerável, em um local onde só viviam homens?

Nossos pais sempre nos ensinaram a respeitar as mulheres, o ser humano de modo geral. Dona Suellen gostava de dizer que o corpo feminino era um templo que só deveria ser tocado ou até mesmo admirado, se fosse permitido.

“Ai de vocês dois se um dia chegar aos meus ouvidos que vocês desrespeitaram algum templo por aí,” ela dizia. Tudo bem que a gente desrespeitava alguns “templos,” no sentido figurado é claro, mas era tudo consensual.

As portas do elevador se abriram e eu marchei até o apartamento, mais tenso impossível. Eu sempre fui o mais zen dos primos, mas isso não me impediria de dar uns bons socos se fosse preciso.

Toquei a campainha e o tal Alex atendeu.

— Vim buscar as coisas da Mari – falei secamente para que entendesse que aquele era meu único objetivo ali, não estava a fim de papo.

— Como ela está?

— Onde estão as coisas dela? – perguntei entrando.

— Calma aí *mermão*...

— Eu não sou seu irmão, vai me trazer as coisas dela ou não? – ele bufou e foi em direção a uma porta. Pouco tempo depois voltou trazendo duas caixas médias, deixou-as na sala e voltou para pegar uma caixa grande e uma mala.

Uma vida guardada em três únicas caixas e uma mala – pensei com tristeza.

— Eu lamento muito o que aconteceu, cara. De verdade.

— Você deveria tê-la protegido, mas não fez isso, você a deixou vulnerável.

— Você está certo...

— E você a deixou sair com a roupa do corpo de madrugada porque estava na dúvida se o que ela dizia era verdade.

— Não foi bem assim! – ele se defendeu exasperado. — Eu só fiquei confuso e ela não me deu tempo de processar. Sei que não tem desculpa tê-la deixado sair, mas já coloquei o idiota pra correr daqui. Ela pode voltar se quiser.

— Ela não vai voltar.

— Será que ela vai me perdoar? – perguntou atordoado.

— Isso é entre você e ela. Bom, eu estou de saída – falei pegando a caixa maior — Eu volto daqui a pouco pra pegar essa outra e a mala.

— Eu levo pra você.

Descemos em silêncio. No carro, Alex me ajudou a ajeitar as coisas da Mari. Fechei o porta-malas do carro e fui em direção a porta do motorista.

— Se puder, diga a ela que sinto muito – pediu envergonhado. Assenti e entrei no carro.

É claro que eu não diria nada e ele que mantivesse distância dela.



Capítulo 18

Helena Bastos

Bia

Helena era a bebê mais linda que eu já tinha visto na vida. Toda *rechonchudinha* e cabeluda. Eu, minha tia, mãe da Angel e a mãe do Kay, encarávamos a mais nova integrante da família Bastos quando o Gabriel se juntou a nós.

— Olá! – ele nos cumprimentou e depois voltou sua atenção a bebê. — Por que ela ainda não se juntou a mãe?

— Ela nasceu a pouco tempo. Foram horas de trabalho de parto – dona Madalena explicou abraçando o sobrinho. — Daqui a pouco ela vai para perto da mãe.

— Parabéns pela netinha – ele disse amável, beijando o topo da cabeça da tia enquanto tocava o ombro da mãe da Angel.

— Eu vou ver se a minha Lina já foi para o quarto.

— Eu vou com você – As duas avós saíram nos deixando sozinhos.

— Quem diria que o Kay seria pai tão jovem – Gabriel disse.

— É – eu queria fingir naturalidade com a presença dele, mas as infinitas borboletas voando em meu estômago estavam dificultando isso, então apenas me virei e continuei a babar na minha priminha.

— Está tudo bem? – perguntou notando meu silêncio.

— Sim eu... só estou com fome — falei a primeira coisa idiota que veio à mente — Vim pra cá assim que a Angel me ligou. Ainda não tive a chance de comer.

Neste momento, Kaiary se aproximou da gente. Gabriel foi o primeiro a cumprimentá-lo com um abraço. Situação mais constrangedora para mim não existia, pelo menos, parecia que os dois haviam superado.

— Parabéns Kay – eu disse sem jeito.

— Obrigado, Bia – ele coçou a nuca antes de voltar a falar. — Seguinte: A partir de agora, vida que segue. Vamos deixar nossas diferenças de lado. Minha

filha nasceu hoje e quero que ela se sinta amada por todos, que seja mimada e que esteja acompanhada de pessoas que realmente se importam com ela e eu sei que apesar de tudo, você ama minha esposa e já ama minha princesinha. Você é bem-vinda lá em casa quando quiser aparecer. Vamos esquecer o resto? – ele fez a pergunta abrindo os braços.

Sacudi a cabeça aceitando seu abraço, que foi bem rápido, claro. Tive vontade de chorar, senti um peso enorme sendo tirado das minhas costas. Só esperava que o Gabriel seguisse o exemplo do primo e me perdoasse também.

Uma enfermeira pegou a bebezinha e começou a prepará-la para ir para o quarto.

— Quer aproveitar para fazer um lanche? Assim dá tempo de a *parentada* conhecê-la, quando voltarmos o quarto já vai estar menos congestionado – Gabriel sugeriu e eu só pude aceitar.

Descemos até o andar da lanchonete, sentamos em uma mesinha de duas cadeiras, próxima ao balcão e fizemos nossos pedidos.

— Tua irmãzinha deve estar linda também, não é?

— Sim – respondeu pegando seu celular. — Tenho várias fotos dela aqui. Arrasta pra direita pra você ver.

Ela era mesmo linda. A cara dos irmãos.

— Que coisinha mais fofa, Gabriel! Teu pai deve estar louco por ela.

— Todos nós estamos. Foi uma bênção nas nossas vidas.

Peguei-me imaginando como seria um filho nosso. Ultimamente eu estava pensando muito naquilo. Acho que justamente pela Angel estar grávida e tão feliz por formar sua família. Ela falava com tanta adoração, com tanta gratidão que estava me contagiando.

— Parabéns, sua irmãzinha é mesmo muito linda – falei lhe devolvendo o celular — Legal da parte do Kay ter dito aquelas coisas. Foi como se um peso tivesse sido tirado das minhas costas – Encarei o Gabriel que baixou os olhos, encostando-se na cadeira e cruzando os braços.

— O que você fez não foi legal Bia, mas foi o menor dos seus pecados.

— Só queria ter uma chance de consertar – eu disse com sinceridade. — Mesmo que *tu* nunca me perdoe, eu já me sinto vitoriosa por estarmos sentados aqui conversando normalmente...

— Ainda sente alguma coisa por ele? – interrompeu-me. Pisquei algumas vezes confusa.

— Por quem? Pelo Kay?

— Sim.

— Carinho e gratidão, por ele estar fazendo a minha prima feliz.

— Ele é o cara certo pra sua prima.

— Não tenho dúvidas disso, minha prima merece toda a felicidade do mundo e estou muito feliz por ela.

— Você meio que faz parte disso. Já que foi você que a trouxe para cá.

— Então, fiz uma boa ação do fim das contas – ele assentiu com um sorriso. — E tu como estás? Saindo com alguém? – já que ele havia tomado a liberdade de fazer perguntas, resolvi aproveitar.

— Não... você tá?

— Não – a garçonete trouxe nossos pedidos e demos o assunto por encerrado. Quando terminamos de comer nosso lanche, me muni de coragem e o convidei para sair.

— A gente devia sair qualquer dia, piá – Gabriel me encarou confuso e tratei de esclarecer — Não em um encontro, como amigos. Minha oferta de amizade continua de pé – Forcei um sorriso despreocupado.

— É a gente devia – ele sorriu — *Me liga quando quiser. Vamos voltar?* – Só consegui assentir com um menear de cabeça. Por dentro, meu coração estava em festa.

Quando chegamos no quarto da Angel, ainda estavam os pais dela, os pais do Kay, vó Henriqueta, Rafa, Maju e os gêmeos do lado de fora com o irmão, afinal o quarto estava pequeno pra tanta gente.

— Prima – Sorri me aproximando da Angel — Helena é o bebê mais lindinho deste mundo.

— É mesmo, *né?* – Minha prima sorriu fazendo carinho no rostinho da filha que mamava despreocupada.

— Ela parece tão calminha – eu disse me aproximando da cabeceira da cama.

— Parabéns Angel, ela é mesmo linda. Logo, logo ela estará correndo por aí com a Muriel – Gabriel disse e minha prima sorriu assentindo.

Percebi o Rafa trocar um olhar com ele. Algo me dizia que era por termos chegado ali juntos. Ele me ignorou totalmente e chamou o irmão lá para fora.

Suspeita confirmada.

Minha prima me encarou e segurou minha mão — Como andam as coisas entre vocês dois?

— Bom, eu acho que ele me odeia bem menos hoje do que me odiava ontem.

— Gabriel tem um coração enorme. Ele não te odeia nem um pouco, só está ferido – assenti sem tanta certeza.

— Teu marido veio falar comigo, pelo visto me perdoou. Disse que sou bem-vinda na sua casa.

— É por isso que eu o amo tanto.

— Bia minha querida, não vai falar comigo não? – Vó Henriqueta se aproximou.

— Desculpa, vó – eu sempre a chamei de vó e não iria deixar de chamar por causa do acontecido — Fiquei empolgada com a bebê.

Nós nos abraçamos e ficamos conversando um pouquinho antes dela anunciar que estava de partida.

— Tenha paciência. O que tiver que ser, vai ser – disse sem ao menos termos tocado no assunto. Sorri agradecida.

— Ainda bem que a dona Suellen não está aqui – brinquei com minha prima. — Se não ouvi nada do Rafa, nem da vó, com certeza dela eu ouviria.

— A Muriel toma todo o tempo deles.

— *Tu* não vai estar muito diferente daqui uns dias – apontei para Helena que agora estava no ombro da mãe para arrotar. — Mas *tu* leva jeito, prima. Vai tirar de letra.

— Eu espero.

— Bom, já vou indo. Tenho aula a noite. Mais uma vez parabéns, prima. Estou muito feliz por ti. Tua família é linda.

Ela segurou minha mão e sorriu docemente — Você também vai ser muito feliz prima. Com ou sem Gabriel você também vai ter uma família linda. Não se feche para as novas oportunidades. Se não for com ele, será com outro, basta abrir seu coração.

— Se não for ele, não será ninguém – ela quis argumentar, mas a impedi. — Não se preocupe, estou bem com isso.

Beijei o topo da cabeça dela, me despedi do restante do pessoal e saí. Do lado de fora, me despedi rapidamente de todos ignorando a cara feia do Rafa e fui embora.

Já estava abrindo a porta do meu carro do outro lado da rua quando Gabriel me chamou.

Borboletas, muitas delas.

— Me desculpe pelo Rafa – falou sem jeito.

— Não precisa se desculpar. Conheço a peça, mas ainda gosto dele – Sorrimos. — Foi bom conversar contigo sem gritos. Estou feliz com esse progresso.

— Olha...

— Não precisa dizer nada, guri. Ainda posso te ligar pra marcarmos algo? – perguntei ansiosa. Vai que o Rafa tinha conseguido colocar caraminholas na cabeça dele.

— Claro – assenti e quando pensei que ele se afastaria, algo extraordinário aconteceu.

Ele. Me. Beijou.

Foi um selinho de leve, mas ele manteve sua testa colada na minha e seus olhos fechados. Desejei puxá-lo pelo pescoço e enroscar minha língua na dele, mas tive medo de ele se afastar, então apenas fechei os olhos também absorvendo o contato.

Gabriel se afastou atordoado e encarei seu rosto tentando identificar as emoções que o invadiam.

Pude ver confusão, no entanto, não consegui desvendar mais nada. Pelo menos não estava estampado o arrependimento na sua cara.

Sorri e me afastei dele, que se afastou também para que eu abrisse a porta. Já sentada na direção, dei partida no carro e me despedi.

— Até, Gabriel – Não esperei resposta.

O que tinha sido aquilo?

Bom eu não tinha ideia, mas ainda assim, eu estava feliz, muito feliz.



Capítulo 19

Quebrados

Gabriel

Eu estava muito irritado quando entrei no meu apartamento naquela noite. Primeiro, porque tive que aguentar meu irmão Rafa me dizendo como eu deveria conduzir a minha vida, depois por ter deixado meus sentimentos me confundirem por estar tão próximo da Bia e terceiro, porque não havia sinal da Mari na casa.

Que droga! Eu tinha pedido a ela que ficasse, por que não me ouviu?

Estava com meu telefone na mão para ligar para ela quando o Gui saiu do seu quarto.

— Gabriel.

— Oi.

— E aí? Viu a bebê do Kay? – ele perguntou se jogando no sofá.

— Vi. É a coisinha mais fofa – respondi de mau humor.

— O que foi que aconteceu?

— Nada.

— Esse nada tem a ver com a garota que estava aqui mais cedo?

Também Guilherme, também.

— Que horas você a viu?

— Depois do almoço. Ela tinha acabado de esquentar um prato de comida quando cheguei. Ela até se ofereceu para fazer o meu, mas eu disse que não precisava, eu queria tomar um banho e cair na cama primeiro.

— Ela foi embora?

— Não... bom eu acho que não. Ela disse que iria até o terraço, pegou o violão e saiu, mas já tem tempo.

Não dei tempo para que ele me enchesse de perguntas, saí do apartamento e segui em direção a escada que dava para o terraço. Subi de dois em dois degraus até alcançar a porta de entrada. Suspirei aliviado ao ouvir alguns acordes de

violão.

Aproximei-me devagar e sentei na espreguiçadeira ao seu lado. Ela sorriu para mim e voltou sua atenção ao violão. Fiquei em silêncio esperando que terminasse de tocar a canção que logo reconheci. Depois que o último acorde foi tocado, Mari colocou o violão de lado e dobrou a folha de papel com a cifra.

— As pessoas têm me pedido bastante essa música nos bares e eu ainda não sabia tocar. Vou me apresentar em um bar na quinta-feira e é bom ter algumas músicas novas, não é?

— Ainda não sabia tocar essa? – negou revirando os olhos. — Aprendeu?

— Dá *pro* gasto.

— Quero ouvir – falei pegando o violão e entregando a ela.

— Você sabe? – perguntou.

— Sei, essa velha.

— Então toca que eu canto.

— Eu quero ouvir você tocar – insisti.

— *Tá bom.*

Mari começou a tocar e a cantar e me encostei na espreguiçadeira a observando. Ela era boa, e era linda. Senti um aperto no peito por ela. Não era pena, era, sei lá, frustração ou irritação por ela estar naquela situação.

O pai dela era um idiota, privar a garota de seguir seus sonhos, e ainda atrapalhar quando ela tentava fazê-lo sozinha.

Saí dos meus devaneios quando ela parou de repente.

— Ué por que parou?

— Você nem estava aqui, Gabriel.

— Desculpe, eu estava pensando no quanto o seu pai é um idiota – ela franziu o cenho confusa — Por querer atrapalhá-la seguir os seus sonhos. Você é boa, tem um talento incrível – falei erguendo o corpo e me aproximando dela. Peguei o violão da sua mão — Vai. Continua.

Mari respirou fundo e começou a cantar novamente.

*Tu é trevo de quatro folhas
É manhã de domingo à toa
Conversa rara e boa
Pedaço de sonho que faz meu querer acordar*

Pra vida
Ai ai ai... (Anavitória)

Cantei algumas partes com ela que sorriu toda linda para mim. Quando terminou de cantar a música, segurou uma das minhas mãos e me encarou profundamente.

— Obrigada por tudo que você tem feito por mim, Gabriel – eu quis interromper, mas ela não deixou — Você é o meu trevo – soltou minha mão sem graça e um leve rubor tomou suas bochechas *pintadinhas*.

— Não tem que agradecer por nada. Já te disse menina, você é importante pra mim – ela assentiu com a cabeça.

— Viu a bebê do Kaiary? – perguntou mudando de assunto.

— Vi. É a coisinha mais linda – Sua resposta foi um longo suspiro — Ele está feliz.

— Estou feliz por eles, de verdade é só que, sei lá... – não completou.

— É normal se sentir assim – Foi minha vez de segurar sua mão — O homem por quem você foi apaixonada seguiu com a vida, formou família. Você é humana Mari, não tem que soltar fogos de artifícios por eles.

— Será que um dia vou ter uma família? Digo, não agora, eu quero ter uma carreira na música antes disso, mas às vezes fico me perguntando; será que tem alguém me esperando lá fora?

— Sempre tem e sempre que pensar que não, lembre-se do Rafa – ela gargalhou.

— Certo, não esqueçamos do Rafa ... se até ele encontrou alguém ..., mas isso vale pra você também, *tá?*

— Combinado – concordei. — Vamos fazer o seguinte? Vamos voltar lá para o *apê* e vamos beber e cantar, o que acha? Ou a gente pode fazer outras *coisas*, se preferir.

— Não posso mais fazer outras *coisas* com você.

— Por quê? – perguntei confuso.

— Porque não quero acabar sendo a *ficante* descartada novamente.

— Por que está dizendo isso?

— Gabriel... mais cedo ou mais tarde você vai acabar voltando com a Bia, e eu não tenho psicológico para ser pneu de estepe enquanto você não se decide.

— Nunca a vi dessa forma – defendi-me ofendido.

— Sei que não, mas é como eu vou me sentir e sei que não dou pra ser nem mesmo uma amiga colorida.

— Não vou voltar com a Bia.

— Você tem certeza disso? – Na verdade, eu não tinha certeza de mais nada. Não depois de perceber que eu não conseguia me controlar perto dela.

— A única certeza que eu tenho agora é que não quero ver essa tristeza em seus olhos.

— Não estou triste, Gabriel...

— Parece que não somos muito honestos quanto aos nossos sentimentos, não é mesmo? – Interrompi-a. Mari baixou os olhos sem resposta. — Vamos descer, pegar uma das muitas garrafas de bebidas do Rafa e afogar a tristeza. Vamos ficar bêbados e idiotas, o que acha?

— Você idiota? Acho meio impossível – Sorriu.

— Ah eu posso ser bem idiota às vezes, quer pagar pra ver? – desafiei. Levantei-me da espreguiçadeira e ergui a mão para ela. Mari meneou a cabeça sorrindo e então a segurou.



Já tinha perdido as contas de quantos copos de vodca já tinha bebido e eu nem gostava daquela merda, mas vendo a Mari sorrir sem parar das idiotices que eu dizia, compensava todo o resto.

Ela estava sentada de frente para mim na mesinha de centro e tentava em vão tocar o violão. Tinha tomado um banho e vestido uma dessas blusas largas caídas nos ombros e shortinho jeans. Seus cabelos estavam soltos e ainda molhados, era a primeira vez que via seus cachos naturais – já que eles estavam sempre muito bem escovados – e confesso que gostei deles assim.

Majuzinha descansava no sofá ao meu lado, para variar, e se assustou quando Mari falou de repente.

— Não consigo parar de rir – ela disse colocando o violão de lado.

— Eu disse que eu poderia ficar bem idiota.

— Idiota não – Corrigiu-me — Divertido. É verdade isso?

— Verdade verdadeira – confirmei encostando no sofá.

Eu estava contando a ela sobre um episódio traumático da minha infância.

Estávamos eu e o Rafa na praia, lá em Niterói, deveríamos ter uns dez anos e eu estava me sentindo o próprio Aquaman dentro do mar. Em um dos meus mergulhos *fodásticos* – graças as aulas de natação – eu voltei sem a sunga. Foi muito constrangedor. O idiota do Rafa ria sem parar ao invés de correr na areia e pegar uma toalha para eu me cobrir. Algumas garotas que brincavam na margem me viram pelado e saíram gritando aos quatro ventos que tinha um menino pelado na água.

— Estou imaginando a cena – Mari disse limpando as lágrimas — Tipo, você com as duas mãos tapando o *documento* – ela parou de falar para mais uma crise de riso.

— Foi bem isso mesmo e o pior de tudo, eu chorei igual a um bebezinho – suspirei teatralmente — Foi traumático, nosso prédio é pertinho da praia, algumas pessoas que estavam ali eram nossos vizinhos, inclusive a menina que gritou. Fiquei conhecido no prédio como o peladão da *Flecha*.

— Para Gabriel, não aguento mais – Mari tomou algumas respirações limpando novamente as lágrimas.

— Tá, parei.

— Por que flecha?

— É o nome da praia. Vem vamos dançar – Levantei-me de repente.

— Dançar? – ela me encarou surpresa.

Não respondi, puxei-a para que se levantasse e enlacei sua cintura segurando sua mão com a mão livre.

— Dançar sem música?

— Não exija discernimento de uma pessoa alcoolizada, garota.

— Mas não consigo dançar sem música – insistiu. Soltei-a e peguei meu celular. — Vou resolver isto.

Abri minha pasta de música e selecionei uma qualquer. Coloquei o celular no sofá e enlacei sua cintura novamente. Mari sorriu e enlaçou meu pescoço meio cambaleante.

Dançamos colados um no outro no início, mas logo eu a afastei e a rodopiei tentando imitar aqueles passos de dança de salão. Mari riu por ter tropeçado, quando eu tentava virá-la. Com muito custo consegui nos derrubar no chão. Cruzei meus braços sobre os seus na frente do seu corpo, ela pendeu a cabeça para trás e a encostou no meu ombro. Ficamos um tempinho assim balançando no ritmo da música, mas quando a música seguinte começou ela me empurrou e começou a dançar solta.

— Adoro essa música – confidenciou com os olhos fechados, totalmente concentrada no que fazia.

Afastei-me e sentei no sofá para observá-la. Mari subiu na mesinha de centro e se entregou ao momento. A música que tocava, *Earned It* do *The Weeknd*, tinha uma batida sensual e era com sensualidade que ela dançava na minha frente.

Put a merda.

Suas mãos exploravam seu corpo, tateando suas coxas, sua cintura e confesso que fiquei um pouco lúcido assistindo aquilo, lúcido e excitado.

... On that lonely night / *Naquela noite solitária*
We said It wouldn't be love / *Nós dissemos que não seria amor*
But we felt the rush / *Mas sentimos a adrenalina*
It made us believe / *Que nos fez acreditar*
It was only us / *Éramos só nós*
Convinced we were / *Convencidos de que estávamos*
Broken inside, Inside / *Quebrados por dentro, por dentro...*

Exatamente como dizia a letra da música, nos dois estávamos quebrados, e por isso, não queríamos amor. Embora sentíssemos uma conexão, nossos corações pertenciam a outras pessoas, mas ainda assim, éramos só nós dois ali. E foi pelo momento que dividíamos que me levantei e fui até ela. Toquei sua cintura com as duas mãos trazendo-a de volta ao presente, porque sabe Deus aonde ela estava enquanto dançava para si.

Mari abriu os olhos e descansou os braços nos meus ombros, não sorriu, me encarou séria por um bom tempo e eu fiz o mesmo.

— Eu vou embora amanhã – abri a boca para protestar, mas ela me impediu colocando o dedo sobre meus lábios. — Vou ficar bem, arrumei um emprego de garçoneiro.

Suspirei fundo e assenti.

— Vai mesmo ficar bem, Mari?

— Você vai? – não respondi. — Promete pra mim que vai ficar bem, Gabriel?

— Não é comigo que eu estou preocupado.

— Mas você deveria. Você deveria ser a *sua* prioridade.

— Eu não preciso ficar bem, eu estou bem. Acredite – Mari suspirou e resolveu encerrar o assunto.

— Eu vou ficar bem também, não se preocupe.

— Certo – assenti.

Nossos olhares se conectaram de uma forma tão profunda que nenhum dos dois conseguiu desviar. Ela levou a mãos nos meus cabelos e os bagunçou.

Constatei que eu a queria.

Queria arrancar aquela blusa e beijar as sardas que enfeitavam sua pele. Queria enfiar minhas mãos nos seus cabelos enrolados e puxá-la para um beijo quente. Queria deitá-la ali no chão e fazê-la implorar por mim.

Balancei a cabeça atordoado com tais pensamentos.

Que desejo maluco era aquele?

Vi-me concordando que nos afastarmos era a coisa mais certa a se fazer, infelizmente, pois eu jamais me perdoaria se a fizesse sofrer. Abracei sua cintura e ela automaticamente enroscou as pernas ao redor do meu corpo.

— Estou cansada, Gabriel. Cansada e de pileque – falou meio enrolado — Acho que a bebida pegou.

Ela achava? Eu tinha certeza, afinal bebemos – eu bebi – praticamente a garrafa toda.

— Vou levá-la para o quarto – Mari concordou e descansou a cabeça no meu ombro.

Caminhei com ela enroscada a mim até o quarto. Tomei todo o cuidado do mundo para não cair com ela nos braços, mas tropecei ao chegar perto da cama e caí por cima dela.

— Acho que você não é a única de pileque aqui – eu disse. Era verdade, o álcool finalmente estava entranhado no meu organismo.

Saí de cima dela que tirou seu shortinho e se ajeitou na cama.

— Não consigo dormir de jeans – falou mais para ela do que para mim. Nem tinha se dado conta de que estava se despindo na minha frente. Peguei a colcha e a cobri.

— Fica até eu dormir? – pediu segurando meu braço quando eu já me afastava.

— Tem certeza?

— Por favor.

Assenti. Tirei a camiseta e me deitei ao seu lado. Mari virou-se na minha direção e me ajudou a me cobrir.

— Boa noite.

— Boa noite.

Mas não viramos um de costas para o outro para dormirmos. Ficamos nos encarando por um tempo até ela erguer a mão e deslizar o dedo indicador no meu nariz.

— Você é tão bonito, Gabriel. Lindo por dentro e por fora – Sorri e toquei seus cabelos cor de fogo. Ela fechou os olhos e meus olhos também pesaram e mesmo estando meio bêbado e com sono, algo acordou dentro de mim quando seus lábios cobriram os meus.



Capítulo 20

Des-deslumbrando

Alguns dias depois...

Mari

— O que vão pedir? – perguntei ao casal que tinha acabado de sentar-se à mesa, no canto da lanchonete. Tirei o meu bloquinho e caneta do bolso do avental.

Eu estava trabalhando na lanchonete há duas semanas. Emprego que Alex havia me indicado. Ele me ligara no dia seguinte a confusão em seu apartamento para desculpar-se e me falar sobre o emprego. Explicou-me que era na lanchonete da sua tia. Não era bem o que eu estava buscando, mas como eu estava realmente precisando, agradeci a ele e aos céus e não hesitei em aceitar, não poderia me dar ao luxo de ficar escolhendo nas minhas circunstâncias.

O desculpei também, nunca fui de guardar ressentimento, embora eu ainda estivesse com o pé atrás com ele.

— Eu vou querer um misto-quente e uma Coca-Cola – a moça informou — E para ele pode ser uma esfirra e suco de laranja – Sorriu amável para seu acompanhante.

— É isso aí. Essa mocinha me conhece bem – ele disse lançando a ela um olhar apaixonado.

Anotei os pedidos e me retirei, não antes de vê-los trocar um olhar cúmplice e apaixonado. Espetei o papel com os pedidos no quadro de pedidos na entrada da cozinha e segui novamente para atrás do balcão.

Estava servindo uma xícara de café a outro cliente, quando vi minha amiga Nice entrando na lanchonete.

Ela havia retirado os dreads?

— Que novidade é essa? – perguntei apontando para os cabelos dela — Não que eu não gostasse dos dreads, mas você está linda, Nice!

— Não vem com conversa mole *pro* meu lado não – Fez cara feia e sentou-

se no banquinho vago. — Quero um café bem forte, por favor.

Sorri sem graça e fui até a cafeteira. Nice ainda estava brava comigo por eu ter me negado a ir morar com ela na república de suas amigas, depois do que aconteceu no apartamento do Alex.

Voltei com a caneca fumegante de café e a deixei no balcão a sua frente.

— Por que não me contou que está ficando no apartamento do seu irmão? — perguntou dando um gole na bebida quente. Então era o esse o motivo da cara feia — Poxa Mari, eu pensei que você estava com o Gabriel! Você preferiu ir se enfiar no covil dos leões do que ficar comigo?

Sim eu tinha ido ficar com meu irmão e apesar dos pesares ele me acolheu de bom grado, ainda que tivesse aproveitado a oportunidade para tentar me persuadir a aceitar as escolhas de papai para a minha vida.

— Ele é meu irmão apesar de tudo, Nice – Minha amiga não teve uma boa impressão do Mau nas poucas vezes que esteve com ele, compreensível, é claro.

— Vai me dizer que ele te aceitou lá de boa? Que não ficou te pressionando pra *cair na real*? – revirou os olhos fazendo aspas nas palavras “cair na real”. — Você mesma disse que ele pensa como seus pais...

— Eu não poderia ficar com o Gabriel no apartamento do Kaiary... espera aí – pedi a ela um tempo e fui atender os dois clientes que chegaram.

Quando voltei, ela havia retirado um jornal da bolsa e colocado sobre o balcão.

— Eu vou direto ao assunto. Vi alguns apartamentos na zona norte nesses últimos dias, separei alguns pra gente visitar.

— Zona norte?

— Se quisermos realmente ter um canto só nosso, precisamos começar nos *des-deslumbrando* com a zona sul, Mari.

— *Des-deslumbrando*? – Sorri. — Essa palavra existe?

— Se não existe acabei de inventar – assenti e peguei o jornal.

— Olha esse – ela apontou para o anúncio circulado com caneta vermelha. — Fica no Méier. O preço é bom e pelo menos tem bastante condução. A Raquel, uma das meninas da república onde estou ficando, está querendo sair de lá também. Se você concordar, podemos levá-la para morar com a gente. É mais uma pessoa para dividir as despesas.

— Tudo bem Nice, mas vocês terão que correr atrás de apartamentos sem mim. Cantando a noite, trabalhando aqui agora e ainda tendo que ir para o curso,

não conseguirei ajudá-las.

— Está certo, mas você precisa ajudar a escolher, afinal também vai morar.

— Combinado, agora me conta, por que desistiu dos dreads? Você tinha o maior orgulho deles.

— Digamos que houve um pequeno acidente da última vez que saí com um carinha... – Nice caiu na risada.

— Que acidente?

— Estávamos no maior amasso no quarto dele, sabe. Aí do nada ele me jogou na cama e começou a me beijar, me lambe pra todo lado. Eu só percebi que meus cabelos tinham se enroscado na cabeceira de grade da cama dele quando ele tentou me virar de quatro – contou em alto em bom som.

— Fala baixo! – reprimi-a morrendo de rir.

— Mulher *tu* não tem noção, ele teve que cortar alguns dos dreads de tão enroscados nas grades que estavam, acabei tendo que cortar o cabelo todo depois. Pelo menos não ficou muito curto, *né*?

— Sua louca! – bati nela com o pano de prato. — Mas devo confessar que adorei conhecer suas verdadeiras madeixas.

— Obrigada! – Alisou os cabelos orgulhosa.

A Nice era uma negra muito linda. Alta, magra, com um sorriso de dentes perfeitos e agora, de cabelos muito pretos e volumosos. A baianinha era realmente arretada, como ela mesmo gostava de dizer.

— Gostei mais ainda assim. Você ficou ainda mais linda do que já é.

Ela fez um gesto de beijinho no ombro e sorriu.

— E você?

— Eu? – fingi limpar uma sujeirinha imaginária no balcão.

— É você. Como foi ficar hospedada com o anjo/gostoso/ Gabriel?

— Tenso – confessei. — Ficar naquele apartamento não trouxe boas lembranças, quer dizer, eram boas lembranças, mas não me fez bem lembrar, entende?

— Sinceramente não entendo, Mari. Você estava lá com aquele deus grego delicioso e estava pensando no passado?

— Não consegui evitar – bufei entristecida. — A bebê deles nasceu e... sei lá. Eu sei que não tem mais jeito e eu nem quero isso, mas foi inevitável sentir todas aquelas coisas e sentir outras...

— Outras? Que outras? – perguntou de boca aberta.

— Nada, esquece.

— Esquece uma ova, dona Mariana! Conta vai!

— Estou trabalhando!

A maluca se levantou e caminhou decidida e cheia de charme, diga-se de passagem, até o caixa. Conversou alguns segundos com meu patrão e voltou toda sorridente.

— Vem, ele te deu dez minutos de intervalo.

— O quê? – perguntei incrédula.

— Vem logo!

Tirei meu avental e passei pelo caixa pedindo desculpas envergonhada. Alcancei a Nice na calçada.

— Quer me fazer perder o emprego que acabei de conseguir? E como você sabia que aquele era o meu patrão?

— Relaxa! Eu não sabia, deduzi. Agora vamos conta logo que você só tem dez minutos – já foi me puxando para a praça que ficava na próxima quadra – sentamos no primeiro banco que encontramos. — Foi bem legal da parte do Alex descolar esse emprego pra você, mas isso não diminui em nada o quão negligente à sua segurança ele foi – ela falou segurando uma das minhas mãos em um gesto de conforto.

— Não foi culpa dele.

— É eu sei. Tudo bem, me conta que outras coisas você sentiu lá com o Gabriel. Por favor me diz que foram vários orgasmos – pediu juntando as mãos em oração. Abaixei a cabeça e suspirei. — Ih a coisa é bem mais séria, não é?

— Não posso mais vê-lo. Definitivamente não posso mais vê-lo – suspirei lembrando-me da imagem dele dormindo tão sereno ao meu lado quando acordei. Eu covardemente me vesti e saí de fininho de lá, deixando apenas um bilhete de agradecimento e despedida.

— Qual é o problema? Não me diga que é porque ele é primo do outro lá? *Pelo amor* estamos no século 21! O Kay pode ser feliz e seguir a vida dele com a garota que o tirou de você que está tudo certo, mas você não pode ser feliz com o anjo, porque é primo dele? Fala sério, *êta* mundo hipócrita – Nice resmungou me trazendo de volta a realidade.

— Não é só por isso. Ele ainda ama a ex. O Gabriel pode negar o quanto quiser, mas eu sei que ele a ama, só é orgulhoso demais pra aceitar a traição e

perdoar. Eu não quero ser pneu de estepe de ninguém, Nice. Eu mereço mais.

— Claro que merece, e se este outro Bastos não vê isso ele também não te merece!

— Chega de Bastos na minha vida – suspirei resignada.

— E o Alex? – Olhei para ela confusa — Não vai me dizer que nunca percebeu o interesse dele por você? Ai Mari você é muito devagar!

— Não sou devagar, só não estou à caça de namorado, Eunice Barbosa! – disse seu nome completo de propósito só porque ela detestava — E você mesmo concordou que eu mereço mais e o Alex não está com essa bola não, principalmente depois do que aconteceu.

— É verdade, desculpe. Vamos nos concentrar em arrumar um lugar para morar, depois nos concentramos nos *boys* – Sorri concordando com a cabeça.

— Bem depois, agora me deixa voltar para o trabalho se você quiser que eu tenha dinheiro no fim do mês pra pagar aluguel na zona norte.

— Ah vai ser divertido!

Eu esperava que sim, esse foi meu pensamento ao abraçá-la pelos ombros e seguir de volta para a lanchonete.



Capítulo 21

Estranheza

Gabriel

— Os últimos clientes acabaram de sair, Rafa – Adriele disse da porta do escritório do meu irmão.

— Reúna a galera no salão, mas antes diga ao Guga para vir aqui – ela assentiu e se retirou.

— Vou buscar o bolo – falei saindo também.

Era aniversário do Gustavo e decidimos cantar parabéns para ele depois do expediente. Também juntamos uma graninha entre os funcionários para dar de presente. Ideia do Rafa, “funcionário satisfeito no ambiente de trabalho é mais produtivo,” – palavras dele. Meu irmão estava empenhado a exercer com eficiência sua administração e isso incluía agradar seus colaboradores, a começar por um simples bolinho para cada aniversariante do mês, se fossem dois ou três no mesmo mês, continuaria sendo um bolinho. Ri ao me lembrar do idiota dizendo, “agradar economizando, Gabriel. Isso aqui não é salão de festas.”

Só sendo o Rafa mesmo.

Fui até a cozinha e peguei o bolo detalhadamente confeitado que fiz. O bolo, modéstia à parte, estava um espetáculo de bonito e muito delicioso também, com suas quatro camadas generosas de recheio de doce de leite e ameixa. Tive de preparar o bolo em casa para o Guga não desconfiar já que trabalhava comigo na cozinha.

Voltei para o salão com o bolo e quando o Gustavo saiu com o Rafa, começamos a cantar parabéns. Ele sorriu animado se aproximando de mim.

— Apaga a velinha! – Alguém gritou. Ele obedeceu e soprou a vela.

— Cara, valeu. Vocês são demais – Agradeceu empolgado.

Coloquei o bolo em cima da mesa e enquanto o pessoal foi desejando as felicitações, meu irmão Rafa pediu para servirem os refrigerantes.

— Parabéns, cara – Meu irmão disse se aproximando dele.

— Valeu, Rafa.

— Não tem de quê. Fizemos uma vaquinha – ele retirou do bolso um envelope e entregou ao Gustavo.

— Valeu, gente. Vou gastar tudo com cerveja – brincou.

— Devia gastar com sua gata, fazer um passeio, sei lá – Rafa disse dando um tapinha das costas dele.

Meu irmão se afastou para pegar uma fatia de bolo e me aproximei do meu amigo.

— O Rafa tem razão, você vive dizendo que sua namorada sempre reclama que vocês nunca fazem nada juntos, aproveita. Pega um fim de semana aí e leva-a a um hotel na beira da praia, lá na região dos lagos – ele suspirou desanimado.

— Terminamos, de novo pra variar. Acho que agora não tem mais volta.

— Poxa que pena.

— Nem tanto. A verdade é que esse vai e volta já me cansou. Ela termina comigo por qualquer coisinha, voltar pra quê? Pra quando eu esquecer de levar o cachorro dela no *Pet Shop* ela terminar comigo de novo? – caí na risada.

— Foi mal, cara. Não é engraçado.

— Pode rir, é patético.

— Bom, neste caso eu também gastaria tudo em cerveja.

— Tá convidado pra ir comigo, então.

— *Fechou!* – Fizemos um cumprimento com as mãos e me afastei para atender meu telefone que começou a tocar naquele instante.

Meu coração bateu descompassado quando li o nome na tela, Bia. Não dava para negar que ela ainda tinha muito efeito sobre mim.

— Olá – Atendi tentando parecer o mais despreocupado possível. — Como você está?

— Não tão bem quanto eu gostaria.

— O que aconteceu? – perguntei em estado de alerta.

— Eu tive um pequeno acidente, não se preocupe, não é nada grave. Estou no hospital, mas daqui a pouco serei liberada.

— Você se machucou? – perguntei indo em direção a cozinha.

— Sim, na academia. Um peso caiu no meu pé e o quebrou.

— Caramba, Bia.

— Está tudo bem, piá. Um mês de molho e logo estarei boa. E tu? Como estas?

— Bem, obrigado. Como vai pra casa? – perguntei entrando no banheiro para mudar de roupa.

— Estou esperando pela Hanna, o pessoal da academia queria esperar pra me levar, mas dispensei.

— Eu *te* busco aí.

— Não precisa, Gabriel. Não foi pra isso que liguei eu só... sei lá, me senti frágil e quis ouvir tua voz. *Tu* sempre soube como me acalmar.

— Que hospital?

— Aqui na Barra mesmo, mas é sério Gabriel, não...

— Passa o endereço por mensagem, eu *te* busco aí – insisti.

— O.K. então, vou avisar a Hanna.

— Até daqui a pouco – Desliguei.

Troquei de roupa, ajeitei meu cabelo e saí do banheiro indo em direção a porta de saída e me despedindo do pessoal no caminho.

— Vai aonde, *mané*? Vai comer o bolo, não? – Rafa perguntou.

— Preciso sair – Meu irmão me encarou desconfiado, mas não lhe dei tempo de questionar.

Só ao me aproximar da minha moto foi que me dei conta de que não poderia ir nela, a Bia tinha quebrado o pé e com certeza estaria com ele engessado. Considerei pegar o carro do Rafa, mas ele não ficaria nem um pouco satisfeito se soubesse quem eu estava indo encontrar, e eu não estava a fim de ficar explicando o que eu também não entendia.

Embora eu estivesse tentando ignorar, a preocupação crescia em meu peito por ela, a cada batida do meu coração.

Empurrei a moto para os fundos do restaurante e pendurei a chave nela. Mandeí uma mensagem para o Guga, pedindo que a colocasse dentro do restaurante quando todos saíssem e chamei um Uber.

Já dentro do carro, recebi a mensagem com o endereço do hospital. Demorei um pouco a chegar devido ao trânsito. Quando entrei na recepção, a avistei sentada sozinha em um canto, o pé engessado apoiado em uma cadeira de frente para ela. Sorriu comedida quando me viu. Aproximei-me e quando ela quis levantar a impedi.

— Devagar aí – Segurei seu ombro e a ajudei a se levantar.

— Obrigada. Tenho que ficar com este pé imóvel, acredita? Não vou conseguir – queixou-se.

— Vai ter que conseguir, senão quiser ficar com o pé torto – ela sorriu revirando os olhos.

— Sabe que não aguento ficar quieta.

Eu sabia mesmo, Bia tinha uma energia sem fim, irradiava disposição. Iria ser complicado para ela ter que ficar de molho.

— Vamos?

— Não precisava ter vindo, Gabriel – Ignorei pegando sua bolsa na cadeira. A verdade é que eu estava aliviado por conferir com meus próprios olhos que ela estava bem, na medida do possível, é claro.

— Deixa de frescura, já estou aqui – Bia soltou um gritinho surpresa quando a ergui em meus braços.

Caminhei com ela no colo ignorando a sua cara de vergonha até a saída. Sorte que de frente para o hospital havia um ponto de táxi.

— Prontinho – falei a acomodando no bando de trás do carro. — Viu? Nem doeu.

Ela sorriu assentindo. Sorri de volta e era incrível como eu estava à vontade na presença dela. Há alguns meses, o simples fato de estar no mesmo espaço que ela me causava uma confusão de sentimentos. Do ódio ao puro desejo cru, mas ali, enquanto seguíamos para o apartamento dela eu me sentia leve, liberto.

A possibilidade de eu estar finalmente a perdoando passou pela minha cabeça e me causou uma estranheza no estômago. Olhei de relance para ela que tinha a perna esticada e apoiada na minha, por não poder colocar o pé no chão, estava absorta à minha inspeção concentrada em seu celular. Depois de alguns instantes, notou que eu a encarava e justificou estar mandando mensagem para sua amiga avisando que já estava indo para casa.

— ... Ela ficou de comprar um par de muletas para mim e levar mais tarde.

— Você podia ter me falado, a gente aproveitava que já estava na rua e passava em algum lugar para comprar.

— Não quis dar trabalho – Balancei a cabeça discordando e virei o rosto na direção contrária.

Pensei em como seria se a gente reatasse. Eu conseguiria confiar? Eu conseguiria não jogar na cara dela as coisas que me fez a cada vez que tivéssemos uma briga? Porque uma coisa era aceitar, outra muito mais difícil, era esquecer.

Eu sempre acreditei que a confiança é um cristal e quando quebrado, fica

impossível de consertar, as rachaduras serão para sempre, a questão era; eu saberia viver com essas rachaduras?

Infelizmente eu não tinha as respostas, no entanto, já não me sentia tão impotente por não as ter.



Capítulo 22

Não Abusar

Bia

— Não precisava me carregar até aqui em cima, piá – eu disse quando ele me colocou do chão.

— *Me dê a chave* – pediu ignorando meu comentário. — Eu deixo você ir sozinha até o sofá – brincou. Revirei os olhos e quando ele abriu a porta me apressei a ir pulando desajeitada até o sofá.

— Está com fome? Tem alguma coisa que dê pra improvisar na sua geladeira ou você ainda tem preguiça de ir ao mercado? – perguntou e já foi entrando na minha cozinha.

— Gabriel é sério, *tu* já fez demais por mim hoje.

Ele voltou e se encostou ao batente da porta me encarando — Consegue você mesma fazer alguma coisa? Ainda mais sem as muletas? – respirei fundo, negando com a cabeça — Então você precisa de ajuda. E aí? Biscoitos de polvilho?

Biscoitos de polvilho era golpe baixo, eu amava aqueles biscoitos e o Gabriel fazia os melhores.

— Sério que vai tentar me convencer com biscoitos de polvilho?

— Culpado – ele piscou e sorriu e acho que meu coração simplesmente parou de bater por aquele breve instante. Ele estava ali, cuidando de mim e conversávamos como se não houvesse uma barreira infinita entre nós. A vontade que eu tinha era de me jogar em cima dele com gesso e tudo, mas decidi que não iria abusar da sorte.

— Infelizmente não tenho polvilho – dei de ombros. Gabriel fez uma cara decepcionada — Ainda tenho preguiça de ir ao mercado, mas estou precisando muito mais de um banho do que de comida agora.

Só depois que as palavras saíram da minha boca foi que me dei conta do que eu disse. Ele deveria estar pensando que eu queria que ele me desse banho, argh!

Qual foi a parte de não abusar?

— Eu... é... não estou pedindo pra tu tirar minha roupa e me dar banho eu só...

— Relaxa – ele disse com um sorriso divertido. Gabriel se aproximou e perguntou: — Como posso ajudar sem precisar tirar a sua roupa e *te* dar banho?

— Na terceira gaveta debaixo da pia tem um saco grande de lixo, preciso cobrir esse gesso da melhor forma possível.

— Certo – ele foi até a cozinha e voltou com o rolo de saco plástico.

Gabriel se abaixou na minha frente e destacou um saco de lixo. Pegou minha perna engessada e a colocou sobre a sua. Ele cobriu o gesso com o saco e o amarrou firme.

— Acho que não vai molhar.

— Obrigada – Antes que eu pudesse tentar me levantar sozinha ele já estava enlaçando minha cintura e me levando em direção aos quartos com ele.

— Qual porta?

— A da esquerda – Empurrou a porta entreaberta e entramos. Gabriel parou de andar e encarou meu quadro na parede. Fechou a cara por alguns instantes e quando eu achei que ele me soltaria e viraria as costas, ele caminhou comigo até o banheiro. Sorri sem graça, porém agradecida.

— Você vai precisar se apoiar, tem alguma cadeira que possa usar no box?

— Na área de serviço tem uma cadeira de plástico, vai servir.

— Eu já volto.

Ele saiu e eu suspirei. Fiquei feliz por ele ter preferido ignorar o quadro, ou voltaríamos à estaca zero.

A minha vontade era de pedir a ele para me ajudar a tomar banho, me ajudar a tirar a roupa pelo menos, a Bia de antes faria isso, mas a Bia de agora precisava ser cautelosa se não quisesse afastá-lo novamente.

Falando em roupa, eu estava usando um top com uma blusinha transparente e um short de lycra. Eu poderia pedir a ele para me ajudar pelo menos com o short, afinal eu não iria mesmo conseguir tirar. Olhei para a peça de roupa e constatee que não havia como ele ser tirado sem ajuda.

Gabriel voltou com a cadeira e eu me afastei para ele conseguir colocá-la dentro do box. Ele me encarou e olhou brevemente para a minha roupa, provavelmente pensou o mesmo que eu. Esperei para ver se ele se ofereceria para me ajudar, mas ele manteve-se calado. Resolvi eu mesma fazer algo a

respeito, estávamos progredindo e eu não iria estragar forçando dessa forma.

Virei-me e abri uma gaveta da bancada, peguei uma tesoura e a fechei novamente.

— Obrigada Gabriel, eu me viro daqui – falei com tanta firmeza que até me estranhei.

— Certo – ele saiu e fechou a porta do banheiro atrás de si.

Eu quis me bater, tinha acabado de perder uma boa oportunidade de tentar seduzi-lo, eu tinha quase certeza de que ele se renderia. Gabriel sempre foi muito transparente, seus olhos demonstravam tudo o que ele sentia e eles estavam me dizendo que ele estava confuso, mas que tinha alguma expectativa, embora arrependida de tê-lo deixado sair, sorri satisfeita e comecei a cortar o short.

Mesmo querendo, e muito, que acontecesse algo a mais entre nós, com aquele gesso não seria nada sexy. Foi a decisão certa. Quando finalmente nos entendêssemos eu desejava que fosse tudo perfeito entre nós. Estava louca de saudade de sentir seu corpo suado colado ao meu, de ouvir as juras de amor que ele sempre sussurrava no meu ouvido enquanto fazíamos amor.

O Gabriel era perfeito e eu? Uma idiota. Bem feito pra mim!

Tomei banho o mais rápido que consegui, foi bem difícil por sinal. Não quis lavar o cabelo apesar de estar todo suado, não queria perder tempo, queria estar na companhia dele o máximo que eu conseguisse.

Desliguei o chuveiro e me enxuguei antes de tirar o saco plástico da perna. Pulando fui até meu closet e notei duas muletas encostadas na cama.

Hanna.

Vesti um shortinho de algodão sem nada por baixo e uma camiseta masculina. Sempre dormia com uma das camisetas do Gabriel, inclusive tinha levado uma comigo quando fui embora, mas não iria pegar bem vesti-la com ele ali. Acabei comprando outras depois, só para pelo menos fantasiar que eram as camisetas dele.

Enrolei meu cabelo em um coque e peguei as muletas. Apanhei um pouco, mas consegui chegar à cozinha sem cair de cara no chão.

Encontrei Gabriel passando o que parecia um patê em algumas torradas.

— Improvisei um patê com umas latas de atum que estavam quase vencidas na sua despensa – Sorri sem graça.

Escorei as muletas na parede e ele puxou a cadeira para eu me sentar.

— Obrigada. Foi a Hanna quem trouxe as muletas?

— Sim, deixou aí e praticamente saiu correndo, disse que tinha um compromisso urgente.

— Compromisso nada, no mínimo te viu aqui e já imaginou um monte de coisas.

— Foi o que pensei – ele sorriu e se sentou na outra cadeira. Empurrou o prato com as torradas na minha direção e serviu um copo de suco. — Você precisa comprar frutas pra fazer um suco decente, isso – bebeu um gole e fez careta — É veneno.

— *Tu* estás fazendo falta. Desde que nos separamos como muito mal.

— Você sempre comeu mal.

— Mas agora estou pior – Gabriel apenas sorriu e mordeu um pedaço da torrada dando o assunto por encerrado.

Comemos conversando sobre a bebezinha da Angel, sobre o restaurante e quando nos demos conta as horas tinham voado.

— Preciso ir – disse se levantando. Eu quis pedir para que ele ficasse, mas obviamente não fiz isso.

— Tudo bem – Levantei-me também, peguei as muletas e o acompanhei até a porta.

— Tenta ficar com esse pé quieto, já falei que se não sossegar vai ficar com o pé torto – Sorri concordando.

— Obrigada por tudo, Gabriel. *Tu* és um anjo.

— Nem tão anjo assim – Piscou sorrateiramente. — Já vou indo – Beijou-me na testa e se foi me deixando ainda mais apaixonada.

Fechei a porta e me encostei a ela feliz. Gabriel estava voltando a ser o Gabriel de sempre, o meu Gabriel.



PARTE DOIS



Capítulo 23

Méier

Um mês depois...

Mari

Eu estava olhando feliz para o meu mais novo quarto em um modesto apartamento no *Méier* quando, de repente, comecei a ouvir gemidos. A princípio eu pensei que alguém estivesse passando mal no apartamento do lado, isso até uma mulher gritar *mais forte* em alto e bom som.

Sem conseguir conter a curiosidade, me aproximei da parede e coleí meu ouvido nela.

— Meu Deus, tem uma cachorra no cio no apartamento do lado! – pulei de susto e me afastei bruscamente da parede — E você estava espiando? – Nice sorriu divertida.

— Eu não estava espiando eu pensei que a mulher estivesse passando mal.

— Ela está, meu bem, mas no *bom* sentindo – Nice se aproximou e colocou o ouvido na parede, não resisti e lá estava eu com ouvido na parede também.

Os gemidos da mulher se transformaram em gritos e Nice e eu caímos na risada.

— O que vocês estão fazendo? – Raquel perguntou entrando no meu quarto.

— Vem ouvir – Nice a chamou.

“Geme pra mim, gostosa”

— Estou ouvindo daqui – ela disse tapando a boca segurando o riso.

Continuamos com os ouvidos colados na parede ouvindo aquela sessão interminável de sexo selvagem até que o que parecia ser a cama começou a bater freneticamente na parede, então eu e a Nice nos afastamos.

— Nossa vou ter que conhecer esse vizinho – Nice brincou, ou não, *né?*

— *Pelo amor*, me diz quando for você do outro lado da parede pra eu correr para o mais longe possível – Caímos as três na risada —, mas é sério, espero que

isso não seja frequente.

— Melhor comprar tampões de ouvido para garantir. Terminou de arrumar tudo? – Nice perguntou olhando ao redor do quarto.

— Sim, já está tudo no lugar, agora é só forrar a cama.

— Então vou pedir a pizza – Raquel disse e saiu do quarto.

— Não é tão ruim – eu disse a Nice.

— Não é. E o melhor de tudo é que cabe no nosso orçamento – assenti.

— Obrigada por você ter ido buscar o restante das minhas coisas lá no Gabriel.

— Eu que agradeço, não é todo dia que a gente dá de cara com uma perfeição daquela, sem falar que pude conhecer o irmão também, é perfeição ao quadrado, meu Deus! – revirei os olhos sorrindo — O anjo ficou chateado de você não ter aceitado a ajuda dele na mudança. Reclamou que você não fala mais com ele, que saiu sem se despedir e que depois daquilo não te viu mais

— Foi a decisão mais certa que já tomei. Saí enquanto era tempo – afastar-me dele nunca me pareceu tão certo, ainda mais depois de acordar enroscada nele na manhã seguinte.

— Isso aí. Quando um não quer, dois não brigam, bola pra frente, gata!

— Mais uma vez muito obrigada Nice, você é uma superamiga, a melhor.

— Eu sei que sou, mas pelo amor de Deus pare de agradecer – ela sorriu e nos abraçamos.

Na verdade, ela era minha única amiga atualmente. Fomos apresentadas por um amigo em comum da faculdade e a afinidade foi instantânea. Pouco tempo depois, já estávamos morando juntas.

Apesar de ela ser meio louquinha, eu a admirava. Nice sempre fazia o que lhe dava da telha, não se importava com a opinião dos outros, era autêntica, forte, era a minha heroína.

— Você está bem? – ela perguntou quando nos afastamos. — Parece abatida e está mais magra.

— Estou bem – Menti. Estava começando a sentir o cansaço das noites em claro tocando nos bares. Tinha noites que eu conseguia dormir no máximo três horas, porque tinha que trabalhar cedo na lanchonete no outro dia, fora o curso. — Só um pouco cansada com a nova rotina. Vou me acostumar.

— Mari você tem que dormir, tem que descansar, olha só, está ficando a capa do Batman, sem falar nessas olheiras de panda. Você precisa se alimentar

direito – apontou para o meu corpo, eu ri.

— Não exagera, não está tão ruim – eu disse pegando um espelho que tinha deixado sobre a cômoda para fazer minhas maquiagens, na verdade, estava bem ruim olhando de perto.

— Estou falando sério. Quero te ver bem, saudável, física e psicologicamente.

— Eu vou me cuidar.

— Certo. Então vamos beber algumas cervejas que o dia foi puxado. Minha coluna nunca mais vai ser a mesma depois dessa mudança – Sorri. Demos os braços e caminhamos em direção a sala.

Fomos para a cozinha, coloquei algumas cervejas no freezer, enquanto Nice desempacotava alguns pratos e talheres. Depois que lavamos os utensílios, forramos a pequena mesa redonda de três cadeiras.

Quando a pizza chegou, as meninas serviram as fatias nos pratos, enquanto eu fui buscar as cervejas. Entreguei uma para cada e depois que retiramos a tampa brindamos ao nosso novo lar.

— Saúde! – dissemos juntas batendo nossas garrafas.

Foi a última palavra ouvida durante um bom tempo. Bebi um longo gole da cerveja e suspirei, eu estava morta de cansada, mas eu estava feliz, finalmente as coisas estavam começando a clarear e eu esperava de coração que continuasse assim.

Um pouco depois das vinte horas, me despedi das meninas e fui para o quarto, louca por um banho. Vesti uma roupa leve peguei um livro e caí na cama, mal li dois capítulos, pois minhas pálpebras estavam pesando.

Fechei o livro e o coloquei de lado, puxei a coberta e me aninhei a ela. Quando estava quase adormecendo o barulho no apartamento ao lado recomeçou.

— Era só o que faltava!



Capítulo 24

Isso É Tão Sexy

Gabriel

Sorri para Bia e me levantei quando ela saiu da sala do médico — Como se sente?

— Com a perna defeituosa, olha – ela apontou para a perna. — Está bem mais fina que a outra – queixou-se fazendo bico.

— Vai voltar ao normal, o importante é que está calcificado – ela concordou e tirou da bolsa o outro par do chinelo.

— Não preciso mais disso – disse erguendo as muletas. As peguei da sua mão e começamos a caminhar em direção a saída. — Estou com medo de pisar no chão direito.

— É natural, você quase tem que aprender a andar de novo.

— Não exagera.

— Espera! – ela parou de repente.

— O quê?

— Anda na frente, deixa eu confirmar uma coisa – Bia me encarou confusa. Insisti fazendo um gesto para que fosse na minha frente. Ela andou alguns passos e se virou para mim novamente.

— O que é? – perguntou, a preocupação estava visível em seu olhar enquanto ela conferia a perna — O que foi, piá?

— Acho que você ficou manca.

— O quê? Ai meu Deus! – ela levou as mãos na boca — Está brincando, né? – neguei com a cabeça. — Droga.

Os olhos dela se enxergam de lágrimas. Parei de sacaneá-la e corri até ela — Ei estou brincando, é brincadeira. Você não está mancando – eu disse segurando um ombro dela com uma mão enquanto limpava uma lágrima com a outra. — Desculpe, eu sou um idiota.

— *Tu és* – ela concordou fungando, depois sorriu. — Na verdade, estou

mentindo, tu não és idiota, talvez só um pouquinho – Foi minha vez de sorrir.

— Vou tentar compensar isso. Que tal a gente sair hoje à noite, eu te pago uma bebida e você perdoa a minha brincadeira de mau gosto.

— Ou, eu posso te bater com essas muletas – ela brincou.

— Acho justo.

— Pra tua sorte, prefiro beber.

— Então, combinado. *Te* deixo em casa e a busco logo mais à noite. Vamos comemorar a liberdade do seu pé – Bia assentiu.

Entramos no estacionamento do hospital, eu abri a porta traseira do carro do Rafa e joguei as muletas para dentro, enquanto Bia se ajeitou no banco do passageiro. Entrei no carro e dei partida com destino a sua casa. Fomos conversando e rindo, foi como nos velhos tempos. A Bia sempre foi muito divertida, engraçada, era fácil falar com ela. Eu sentia falta desses momentos de descontração, em que a gente apenas conversava assuntos sem importância e ria das coisas.

Também sentia falta dos nossos momentos entre quatro paredes, não precisava mais negar isso e esses dias todos, que ela esteve com o pé engessado nos aproximou. Foi inevitável não pensar nela nua na cama, em cima ou abaixo de mim, no entanto sempre que esses pensamentos invadiam minha mente, o fato de ela ter me deixado e ido embora, vinha me assombrar. Com isso, deduzi que eu ainda não estava pronto e que talvez nunca ficasse, mesmo assim, não queria ficar remoendo os, *e se*, por isso a chamei para sair. As coisas aconteceriam naturalmente, assim eu esperava.

Parei em frente ao prédio dela, mas preferi não descer.

— Mais tarde venho te pegar.

— Combinado – ela abriu a porta para descer, então me lembrei das muletas e desci também para pegá-las.

— Seria interessante doá-las – falei.

— Vou fazer isto – entreguei as muletas a ela e dei um beijo em sua testa.
— Às vinte horas.

— Estarei esperando – Acenei e voltei para o carro. Bia seguiu para seu prédio e eu segui para o Leme.



Eu estava terminando de calçar meus sapatos, quando meu celular apitou

me avisando que eu tinha recebido mensagem. Sorri ao ver de quem era.

Mari: Finalmente me mudei.

Gabriel: Já estava na hora, e aí? Como é o Méier?

Mari: Estou adorando o Méier.

Fiquei feliz por ela. Aquela garota era incrível e merecia o mundo. Eu estava sentindo uma falta do caralho dela. Desde o dia que ela saíra do meu apartamento escondida, não nos falamos mais, só trocamos algumas mensagens.

Eu não queria que ela tivesse se afastado de mim, mas entendi. Ela tinha medo de se envolver comigo e minha vida estava bagunçada demais para eu deixá-la entrar. Mari não merecia um coração pela metade, ela merecia um cara que estivesse inteiro para ela, eu entendi isso, só não entendia a inquietude que eu sentia em relação a sua ausência, eu a queria por perto.

Gabriel: Estou muito feliz por você. Precisamos comemorar. Que dia eu passo aí? Nem estou mais bravo contigo, por você ter ignorado minha ajuda e ter se recusado a conversar comigo.

Mari: Hahaha.

Mari: Estou tão sem tempo, Gabriel.

Ela estava me dispensando mais uma vez, mesmo que sutilmente. Eu não estava esperando outra reação sua, mas eu precisava tentar.

Gabriel: Você vai pelo menos me deixar conhecer onde você está morando?

Perguntei chateado, acima de tudo eu me preocupava com ela, queria me certificar de que estava bem instalada.

Mari: Claro, a gente combina.

Gabriel: Estou com saudade =(

Sua resposta não veio, ela ficou digitando um tempão e nada chegava. Eu

poderia vê-la mordendo o lábio indecisa pensando se enviava ou não a resposta, aproveitei a pausa e enviei outra:

Gabriel: Esse lance de falar só por mensagem acaba comigo, Mari. Precisamos conversar.

Mari: Estamos conversando.

Depois, era eu que escorregava feito quiabo.

Gabriel: Você entendeu :(

Mari: Tá tudo bem, não se preocupe.

Gabriel: Não é só preocupação, Mari. Quero te ver também. Você vai acabar me esquecendo desse jeito. “Se me esqueceres, só uma coisa, esquece-me bem devagarinho.”

Eu sei, dramatizei.

De repente fiquei ansioso esperando sua resposta. Eu precisava sair de casa, tinha marcado com a Bia e já estava quase na hora, mas não consegui me despedir da Mari e ela não me respondia.

Quando estava desistindo de esperar sua resposta, e pronto para enviar uma mensagem de despedida, meu celular tocou. Ela estava ligando com chamada de vídeo.

— Oi – disse sorrindo quando atendi — Jamais vou te esquecer. De quem é essa frase?

— É de um tal de Mário Quintana.

— Isso é tão sexy – Achei graça. — Estou parecendo um leão com essa juba, não repara, tá? – disse colocando o celular em algum lugar para ajeitar os cabelos em um coque.

— Seus cabelos são lindos. Você devia deixá-los soltos com seus cachos naturais, é tão sexy – Não consegui evitar. Ela sorriu meneando a cabeça. — Me mostra o seu cantinho, vai.

Mari pegou o celular e trocou a direção da câmera, ela começou a me mostrar seu quarto, foi passando pela sala e me explicando sobre a posição dos móveis. Entrou na cozinha e me apresentou a garota que estava morando com

elas, Raquel era o nome dela, eu a conhecia de vista.

— E onde está a Nice? – perguntei, quando ela estava voltando para o quarto.

— No quarto dela – Mari foi até uma porta e bateu — Nice?

Nice apareceu na porta e sorriu quando me viu — Anjo! Que saudade! Que dia você vai aparecer aqui?

Eu não iria perder a oportunidade.

— O dia que você me convidar, porque se eu for esperar pelo convite da sua amiga, é nunca.

— Então está convidado, vou ajeitar uma festinha aqui e te chamo.

Sorri satisfeito. Nice jogou beijos e voltou para o seu quarto, Mari entrou novamente no quarto dela e deitou-se na cama, trocando a câmera novamente para ela.

— Viu? Estou bem.

— Fico feliz, mas ainda sinto sua falta – eu não conseguia mais segurar minha língua. Estava tentando levar numa boa essa distância que ela tinha colocado entre a gente – Embora que ainda sentisse sua falta –, mas vê-la em vídeo só confirmou que para mim, não estava tudo bem.

— Também estou sentindo sua falta, Gabriel, mas é sério, estou trabalhando feito louca, de dia na lanchonete e a noite tocando em bares, ainda tem o curso de música. Estou tendo que me desdobrar em três para dar conta.

— Mas não tem tempo nem pra me dar um oi? Tentei te ligar, tentei falar com você sobre a forma que você saiu daqui aquele dia – pigarreei — Você fugiu...

— Gabriel não foi pra isso que eu liguei, eu já disse, não precisa se preocupar com isso, deixa pra lá – bufei irritado.

— Você que sabe. Aparece lá no restaurante então, o almoço é por minha conta – toda vez que eu dizia isso a alguém, me lembrava das palavras do Rafa: *“isso aqui não é a porra de um restaurante comunitário, Gabriel, nós não somos uma ONG.”* — Vai e leva a Nice, assim você não corre o risco de ficar sozinha comigo, apesar de que vão ter outras pessoas e eu vou estar trabalhando – não queria ter soado estúpido, mas não consegui evitar.

Ela sorriu sem graça e suspirou.

— Desculpe, Mari. Eu não quis...

— Tudo bem – ela me interrompeu. — Eu aceito o convite, apareço lá, até

porque ainda não conheço.

— Ficarei esperando. Preciso desligar, tenho um compromisso agora – Infantil eu sei, mas se ela estava agindo com indiferença, eu iria fazer o mesmo. Se ela não me queria por perto, então para mim também estava tudo certo.

Que grande mentira!

— Ah é? É um encontro? Com quem?

— Com a Bia.

— Eu sabia que vocês acabariam se entendendo, estou feliz por você.

— Não é desse jeito que você está pensando. Só vamos sair pra beber.

— De qualquer forma é um grande passo, Gabriel. Vá e abra seu coração.

— Preciso ir. Foi muito bom falar contigo, mas quero ver você pessoalmente pra *te* dar pelo menos um abraço de urso, combinado?

— Combinado.

— Ah! Caso vocês apareçam lá no bar, cantarei um repertório bem romântico pra ajudar no clima.

— Engraçadinha.

— Eu estou falando sério!

— Sério? E você não acha estranho eu aparecer lá com ela? Quero dizer... a gente...

— Gabriel somos amigos, não vou achar estranho e você não deveria achar também – ela me interrompeu.

— Certo então, vou ver com ela aonde ela prefere ir de qualquer forma – claro que eu não ia ver, não sairia em um encontro com a Bia na frente da Mari.

— Não esquece, abra o seu coração.

— Beijo, Ruiva.

— Beijo, Gabriel.



Capítulo 25

Ainda Me Odeia?

Gabriel

Bia estava linda, se o objetivo era se produzir toda para matar o Gabriel aqui, ela tinha conseguido. Estava usando um vestido preto justo no corpo com comprimento na altura dos joelhos, seria um vestido comportado se não fosse o decote exageradamente sexy que deixava pouco para a imaginação. Os cabelos dela estavam soltos e enrolados artificialmente, a maquiagem estava impecável. As sandálias não eram tão altas, eram de tiras que estavam amarradas nas suas canelas.

— Você *tá* linda, Bia – eu disse, a cumprimentando com dois beijos no rosto.

— Obrigada, quase vesti uma calça por causa dessa perna.

— Esquece a perna e vamos – peguei o braço dela e enlacei no meu. A guiei em direção ao táxi que nos esperava — Eu preferi não vir de moto já que você quer ficar bêbada e louca – brinquei abrindo a porta do carro para ela.

— Bêbada sim, louca não, piá – ela respondeu entrando no carro. Entrei também e perguntei a ela onde queria ir torcendo para que não fosse no bar que a Mari tocava.

— A gente podia ir lá no bar que a Mari canta, eu gosto de lá.

Putá merda!

— Tem certeza?

— A não ser que você não queira – encarou-me intrigada.

— Não tudo bem, também gosto de lá – ela sorriu e se ajeitou no banco.

Dei as coordenadas ao taxista, fomos conversando sobre o restaurante. Eu contei a ela nossos projetos futuros – abrir a noite –, ela apoiou a ideia.

— Às vezes preciso sair da minha zona de conforto, que é a minha cozinha, e frear o Rafa. Ele sonha alto, eu sei que eu deveria sonhar também, afinal, quem não quer que seu negócio cresça, mas nunca gostei dessa parte administrativa, projetos e *tals*, o que eu quero é cozinhar, então essa parte é com ele, mas, sei lá,

eu sou mais *pé no chão*.

— Então continue fazendo o que *tu* gosta e deixe o resto para o Rafa, sabemos que ele dá conta. Apesar de ele ser um chato, é inteligente, vai levar o negócio de vocês longe.

— Eu confio no meu irmão, só queria que as coisas acontecessem no seu tempo, sem pressa.

— Eu *te* entendo – ela disse dando uma batidinha na minha perna. — Eu esqueci de dizer, *tu* estás um gato – Sorriu.

— Eu pensei que eu era um gato – Fingi ficar contrariado.

— Como se *tu* precisasse de mim pra saber disso – Sorri.

Estávamos tão entretidos na conversa que só percebi que havíamos chegado quando o taxista parou. Paguei o cara e desci do carro. Ajudei-a a descer e seguimos para dentro do bar de mão dadas.

Bia fez questão de sentar próximo ao pequeno palco. Sentei-me ao seu lado e encarei a Mari cantando no palco, ela sorriu para nós e meu desconforto inicial passou, até eu enxergar o tal Alex no palco com ela. Não gostei.

— Tudo bem? – Bia perguntou notando meu silêncio.

Reparei que seus olhos verdes estavam mais escuros que o normal, reparei no seu sorriso lindo que estampava seu belo rosto. Meus olhos me traíram e desceram para o decote, o olhar durou segundos, mas foi suficiente para ela perceber.

Era melhor deixar a Mari e o tal Alex de lado e me concentrar na garota linda a minha frente.

— Está pronta para ficar bêbada? – perguntei para dissipar a tensão que se instalou entre nós.

— Pronta! – respondeu animada. Chamei o garçom e pedi as bebidas.



Mari cumpriu o que dissera ao telefone e cantou todas as músicas românticas que pôde, cantou algumas tão melosas que eu tinha quase certeza que sairia dali diabético.

— Como se sente estando comigo assim em um clima tão amistoso? – Bia perguntou com um leve brilho no olhar.

Suas bochechas estavam coradas entregando que ela estava um pouquinho alterada. Estava na sua quarta cerveja e provavelmente se sentindo corajosa para

abordar o assunto.

— É estranho – eu disse. Ela arqueou a sobrancelha desanimada — Não dessa forma que você... como vou explicar isso? É um estranho bom, mas ainda estranho – Sorriui assentindo.

— Ainda me odeia?

— Eu não odeio você. Cheguei a pensar que sim, mas não era isso de fato. Eu fiquei com tanta raiva de você, por tanto tempo, até que não senti mais raiva. Eu só precisava de tempo, acho. E você? Como se sente sobre isso?

— É reconfortante, estranho também, mas só porque tudo poderia ter sido diferente se não fosse por mim... Eu sinto muito Gabriel – ela precisou falar um pouquinho mais alto a última frase porque a música recomeçou. Levantei-me da cadeira de frente para ela e me sentei ao seu lado.

— Escuta – Pigarreei. — Nada do que dissermos, ou fizermos vai apagar o que aconteceu. O seu arrependimento, sua culpa, não vai me fazer sentir melhor e fomos ambos culpados de qualquer forma...

— *Tu* não Gabriel, a única culpada fui eu – ela me interrompeu.

— Se você se interessou por outro cara estando comigo, alguma coisa eu fiz de errado, mesmo que inconsciente, mas tudo bem...

— Não está tudo bem, isso que *tu* estás dizendo não tem cabimento! Não vou te deixar se culpar para diminuir a minha culpa! A culpa foi toda minha, fui inconstante, fui... – coloquei o dedo indicador em seus lábios silenciando-a.

— Biju – o apelido escapou dos meus lábios. — Eu não quero pedidos de desculpas esta noite. Não foi pra isso que *te* trouxe aqui, viemos pra você ficar bêbada, lembra? – Tentei amenizar o clima.

A verdade era que eu não queria trazer à tona aqueles sentimentos que me deixavam para baixo. Como eu havia dito a ela, a raiva tinha se dissipado, mas uma pequena mágoa ainda persistia ali e era por isso que eu simplesmente não tomava sua boca com força antes de levá-la dali para me perder em seus braços.

Ela foi a primeira garota que amei e talvez eu ainda a amasse. Não era o nosso fim, não ainda, mas eu precisava ser cauteloso, meu coração tinha acabado de juntar os últimos caquinhos que ela mesma havia espalhado, então, não seria da noite para o dia que as coisas se acertariam.

— Eu só queria que *tu* me perdoasse – disse por fim. Suspirei encarando seus olhos tristes.

— Por que você acha que merece perdão?

— Porque traí tua confiança, traí o meu porto seguro.
— É isso que eu represento pra você, segurança?
— Não é só isso, eu digo porto seguro porque ao seu lado eu sinto paz, mas tu representas tudo pra mim, Gabriel.

— Você precisa ser mais específica.
— Tudo bem, quero que me perdoe porque eu te amo e quero resgatar o que tínhamos. Quero ter a chance de te fazer feliz, Gabriel. *Tu* podes não acreditar em mim, mas eu te amava mesmo quando não sabia que te amava.

Desviei os olhos para o palco, foquei nos acordes de violão e respirei fundo algumas vezes. Essa foi a primeira vez que discutimos o assunto amigavelmente, mesmo assim, não mudava muita coisa. O que tinha acontecido, como eu mesmo havia dito a ela, não iria se apagar só porque decidimos passar uma *borracha* por cima, o que aconteceu ainda estaria lá. Estaria lá quando ela estivesse dispersa, estaria lá quando ela trocasse mensagens com alguém, estaria lá quando ela saísse sozinha e demorasse a voltar.

— Talvez *tu* não goste do que vou dizer agora, mas toda essa situação me fez amadurecer e serviu para me mostrar o que eu realmente precisava de verdade. A única pessoa de quem eu preciso pra ser feliz, é de ti, Gabriel – ela baixou os olhos e tomou um longo gole da cerveja. Respirei fundo e segurei a mão dela.

— Nós ainda vamos conversar muito sobre isso, mais vezes do que podemos contar, por isso, vamos apenas aproveitar a noite. Eu gosto da sua companhia, gosto de conversar com você.

— E eu amo que *tu* goste.
— Que tal uns shots de tequila pra animar?
— *Tua* intenção é mesmo me embriagar, *né*?
— Ora, foi pra isso que viemos – ela gargalhou.

Pedi duas rodadas que bebemos praticamente de uma vez. Conversamos assuntos aleatórios e rimos como dois idiotas. Quando finalmente julgamos que ela estava satisfatoriamente bêbada – palavras dela – pedimos a conta.

Chamei um táxi pelo aplicativo e quando ele chegou, acenamos para Mari que acenou de volta e saímos. No caminho, Bia encostou a cabeça no meu ombro e segurou a minha mão, fiquei apreensivo, mas não recuei. Encarei seu rosto de perfil e notei que tinha adormecido. Suspirei e com cuidado tirei meu celular do bolso.

Havia uma mensagem da Mari.

Mari: As músicas ajudaram?

Sorri e respondi.

Gabriel: Não sei responder, só sei que acho que estou diabético com tanta música melosa que você tocou.

Minutos depois chegou outra mensagem dela.

Mari: Hahaha

Mari: Não sei não, mas de onde eu estava eu podia jurar que estava dando certo. A Bia parecia bem na sua. Aproveita campeão! Vou parar de atrapalhar agora, aliás você não deveria estar falando comigo, cadê ela?

Gabriel: Aqui do meu lado, estamos a caminho da casa dela, mas ela pegou no sono.

Mari: Humm deixou a garota entediada com esses papos de poeta?

Gabriel: Acho que deixei ela bêbada.

Mari: kkkkk

Mari: Preciso voltar *pro* palco.

Gabriel: A gente se fala Mari.

Mari: S2

Já estava colocando o celular no bolso quando decidi mandar outra mensagem.

Gabriel: Meus papos de poeta te entediam?

Esprei um tempo por sua resposta que não veio. Julguei que ela já havia voltado a cantar e guardei o celular.

Quando chegamos na porta do prédio de Bia, cutuquei seu ombro de leve para acordá-la.

— Só vou levá-la na porta, coisa rápida – falei para o motorista que assentiu não muito satisfeito.

Saímos do carro e percebi seu olhar decepcionado, mas eu não iria transar com ela. Eu só a levaria para a cama quando eu soubesse exatamente o que eu queria, ou pelo menos, quando eu me sentisse pronto. Apesar de tudo, ela não merecia ser usada, como a Mari também não merecia, mesmo que eu nunca tivesse ficado com qualquer das duas com esse intuito.

Subimos em silêncio pelo elevador. A porta se abriu e ela saiu na frente. Enfiei as mãos no bolso da calça enquanto ela vasculhava a bolsa a procura da chave. Quando achou a sacudi na minha direção e se virou para abrir a porta.

— *Me* desculpe por não ficar – pedi quando ela já entrava.

— Tudo bem, Gabriel – ela respondeu e segurou a minha mão –, estou feliz que tenhamos saído, foi divertido, me fez lembrar meus tempos felizes ao teu lado – eu quis falar, mas ela me impediu – Eu vou esperar o tempo que for preciso até que tu estejas pronto – assenti satisfeito por sua resposta. — Mas... posso te fazer um único pedido?

— Faz.

— *Me* beija? – Encarei-a surpreso.

Eu não esperava por este pedido, eu esperava que ela fosse me pedir para não se afastar dela, ou para a gente sair outras vezes, ou quem sabe, ela só estivesse a fim de ir ao restaurante, mas não para beijá-la.

— Eu só quero um beijo, na verdade, eu preciso desesperadamente de um beijo, por favor – suplicou.

Embora seu pedido tivesse me pego de surpresa, eu não pensei em negar. Passei para o lado de dentro do apartamento e fechei a porta com o pé, puxei-a pela cintura e a aprisionei na parede. Não a beijei de imediato, abaixei a cabeça e cheirei seu pescoço, plantei um beijo ali e o desejo que tomou conta de mim, não permitiu mais delicadeza.

Apertei ao bunda dela e a puxei para mim assaltando seus lábios. Sua língua enroscou na minha rendida. Levei uma mão atrás da sua cabeça para mantê-la onde eu queria e fechei a outra num seio. Bia arquejou contra os meus lábios e levou as mãos nos meus cabelos aprofundando ainda mais o beijo. A sorte que seu vestido era de comprimento um pouco longo e muito justo, ou eu não teria conseguido controlar minhas mãos que àquela altura, já estariam na sua calcinha.

Mordi seus lábios tentando ganhar um pouco de ar antes de invadir sua boca novamente. As mãos dela agora estavam sobre o meu peito, por dentro da

camiseta, me explorando, mapeando meus músculos, reconhecendo novamente àquela parte do meu corpo. Seus toques estavam me deixando maluco e eu já começava a implorar que suas mãos descessem um pouco mais. Minha vontade era de levantar o vestido, rasgar a sua calcinha e ali mesmo, contra aquela parede, tomar o que já me pertenceu, cruamente, como ela gostava. Foi difícil recuperar o controle e quando me afastei dela eu ainda estava hesitante. Meu coração parecia que ia sair pela minha boca. Sem resistir coloquei minha mão sobre o seu coração, por sorte estava exatamente como o meu.

Todo o meu discurso de bom moço, o de não querer usá-la já estava indo para o ralo, quando ela apontou com os olhos para porta: — Vai.

Beijei seus lábios mais uma vez antes de me afastar e sair sem olhar para trás. Cheguei à portaria e o cara me aguardava do lado de fora com cara de poucos amigos.

— Foi mal amigo – pedi desculpas entrando no carro.

— Tudo bem, deve ter sido difícil deixar aquela princesa, com todo respeito – assenti com a cabeça, ele não imaginava o quanto. — Pra onde agora?

— Leme – respondi e peguei meu celular. Abri o *WhatsApp* para me distrair. Tinha várias mensagens, mas fui direto em uma especificamente.

Mari: Nunca!

Bufei e sorri encostando a cabeça no banco.



Capítulo 26

Estou Muito Bem Assim.

Mari

Assistir ao Gabriel e a Bia juntos no bar, tão entrosados, de certa forma foi bom, nada melhor para curar minha repentina paixão platônica por ele – eu não assumi isso – do que o ver com a garota que ele ama. Se os dois se acertassem, ele pararia de me torturar com seus pedidos para me ver, não precisaria mais me presentear com seus sorrisos irresistíveis, ou com aquela carinha que ele fazia que me desestruturava, e as coisas poderiam voltar ao normal. Poderíamos voltar a sermos simplesmente amigos.

— Está pronta para ir? – Alex perguntou.

— Estou Alê, mas você não precisa me levar, vou chamar um Uber.

— Mari eu não sei mais o que eu posso fazer pra você me desculpar – suspirou desolado.

— Não tem nada a ver, eu já te desculpei, só não precisa me levar. É contramão pra você.

— Eu faço questão.

— Tudo bem – Bufei vencida. Ele abriu um sorriso lindo de dentes muito brancos e foi até o palco terminar de arrumar as coisas. Fui até o balcão do bar e recebi o dinheiro da noite.

Alex se aproximou e me entregou meu violão, lhe entreguei sua parte do pagamento e nos despedimos dos outros rapazes.

— Pronta? – perguntou.

— Sim.

No carro o ajudei a guardar os instrumentos e nos acomodamos no veículo. Alex perguntou se eu queria parar em algum lugar para comer, mas recusei a oferta, mesmo morta de fome, comeria qualquer coisa em casa.

Ele foi todo o caminho puxando assunto, tentando ser engraçado, até conseguiu arrancar algumas risadas de mim. Eu gostava dele, era um bom amigo, mas às vezes eu sentia que ele queria ser mais que isso. Soltava algumas

indiretas sutis de vez em quando, me elogiava demais e sentia ciúme do Gabriel.

— Seu amigo estava bem acompanhado hoje – pareceu ter lido meus pensamentos.

— É a ex dele. Os dois tem uma história, estão tentando resgatá-la.

— E você está bem com isso?

— Por que eu não estaria? – Levantei uma sobrancelha.

— Não sei, eu pensei que vocês tivessem um lance.

— Somos apenas amigos, Alê. Eu gosto muito dele e desejo que ele seja feliz, só isso.

— Fico feliz em saber – ignorei e virei a cabeça para o lado da porta. Ele encerrou o assunto e engatou em outro papo.

Lance. Ainda bem que nem chegamos a ter um lance ou àquela altura eu já estaria sendo chutada para escanteio, mais uma vez.

Não obrigada, estou muito bem assim.

Um tempo depois, Alex estacionou na frente para o nosso humilde prédio. O condomínio era composto por seis blocos, cada bloco tinha quatro andares e quatro apartamentos para cada andar. Morávamos no bloco três, no quarto andar, e não tinha elevador. Nem tudo é perfeito.

— A gente podia sair qualquer dia desse, o que acha? – perguntou sem jeito, eu poderia jurar que estava constrangido, as segundas intenções ali, tentando escapar.

— Claro. A gente marca. Preciso entrar – não esperei resposta, me despedi dele com dois beijinhos, peguei meu violão e saí do carro. Acenei e entrei portão adentro.

Em casa e encontrei a Nice deitada no sofá com um pote de sorvete na mão. Olhei no relógio e já passava da uma da madrugada.

— Por que ainda está acordada? – perguntei jogando o violão no sofá e me sentando ao seu lado.

— Acabei de chegar, conheci um gatinho e a noite rendeu.

— Hum. Ele era gostoso? – perguntei pegando o pote de sorvete da mão dela. Ela me passou a colher e respirou fundo.

— Ainda terei que descobrir isso.

— Você não quis ir para os *finalmentes*?

— Ele não quis. Garoto estranho.

— Estranho como?

— Sei lá – ela deu os ombros. — Eu demonstrei que estava a fim, mas ele foi apenas... cavalheiro.

— E isso é ruim?

— É, se você só quer sexo.

— Você deveria querer mais do que apenas sexo de vez em quando, só pra variar, sabe? – indaguei. Coloquei uma generosa quantidade de sorvete na boca e devolvi o pote a ela.

— Não quero isso pra mim, Mari. Eu quero viver minha liberdade, testar meus limites, me conhecer profundamente antes de entregar o meu coração a alguém — assenti com a cabeça.

Eu a admirava, Nice era intensa, verdadeira, muito resolvida quanto a sua sexualidade e para ela, a sexualidade deveria ser tratada da mesma forma por homens e mulheres, pois ambos sentem os mesmos desejos, os mesmos prazeres. Não se conformava de que para o homem estava tudo certo sair por aí transando, só porque estava com vontade e para a mulher a mesma atitude fosse absurda. Ela levava o feminismo muito a sério. Era dois anos mais nova que eu, mais era muito mais sábia.

— Você ainda pode ser livre mesmo estando ao lado de outra pessoa – eu disse —, mas admiro você por isso. Por se colocar na frente de todo o resto.

— Ainda sou muito nova e imatura, *Marizinha*. Ainda tenho muito o que aprender, mas de uma coisa pode ter certeza, aprender a amar alguém agora não é prioridade, amar sim, mas a mim mesma.

— Você é muito sábia, isso sim. Queria pensar como você – suspirei.

— Verdade. Se você pensasse como eu nunca empurraria o Gabriel pra a ex.

— Eu não empurrei ninguém, ele se empurrou sozinho.

— Eu ouvi você dizendo a ele para abrir o coração, Mari. Você ainda disse pra ele aparecer no bar com a tal Bia e que você cantaria músicas românticas para eles – ela fez careta.

— E ele apareceu.

— Jura?

Eu não sei porque eu disse aquilo, acho que queria demonstrar que não estava me importando com o fato de que ele iria sair com ela. Eu não pensei que acataria, mas quer saber? Foi ótimo ele ter aparecido lá com ela, foi ótimo poder

assistir aos dois juntos, porque isso só confirmou o que eu já sabia, mais cedo ou mais tarde os dois reatariam e eu estaria mais uma vez jogada para escanteio.

— Juro e foi melhor assim. Ele iria acabar reatando com ela de qualquer forma e, se eu tivesse me deixado envolver, a essa hora, eu já estaria deitada no seu colo chorando de novo.

— Eu não me importo de você chorar no meu colo – Nice disse colocando o pote de sorvete na mesinha e me abraçando em seguida.

— Mas eu me importo de chorar por quem não me quer, Nice. Estou cansada disso! E quer saber? Vou ser como você, vou gostar de mim e só de mim. Vou fazer o que me deixa feliz, vou reativar meu canal no YouTube e fazer *covers* de umas músicas bem legais, vou me concentrar apenas na minha música de agora pra frente.

— Isso amiga! Você tem que ser sua prioridade, se o anjo não sabe o que quer da vida, não é você quem vai ficar mostrando. Deixe pra lá.

— É isso aí, já deixei – Ergui minha mão e ela bateu a dela na minha. — Falando nisso, o Alê me chamou para sair.

— Falei que tem umas segundas intenções atrás de toda aquela pose.

— É, mas não sei, não gosto de ser magoada, mas também não quero magoar ninguém.

— Não vai adiantar eu te aconselhar a curtir o momento, não é?

— Não, mas... gosto dele, talvez eu aceite só para não fazer desfeita. Ele tem se mostrado um bom amigo e se sente culpado pelo que aconteceu comigo na casa dele.

— Com razão, né?

— Bom, passou. O importante é que agora tenho onde morar e estou muito feliz que estejamos novamente juntas.

— Oh! – ela me abraçou novamente. Meus olhos se encheram de lágrimas, eu andava muito emotiva ultimamente.

— O que tem pra comer?

— Tem uma lasanha na geladeira.

— Vou esquentar, você quer?

— Não eu já vou dormir.

— Certo. Boa noite – Nice jogou beijou e foi para o seu quarto.

Entrei na cozinha e fui até a geladeira, peguei a travessa de lasanha e retirei

um pedaço pequeno. Coloquei no micro-ondas e acertei o tempo. Aproveitei para despejar um pouco de suco no copo. O micro-ondas apitou, peguei o prato e me sentei na pequena mesinha da cozinha.

Enquanto comia, ia pensando nas músicas que gravaria para o canal. Muita gente tinha sido descoberta ali, não que eu esperasse que alguém fosse me ver no YouTube e querer me *empresariar*, mas quanto mais eu conseguisse divulgar minha música melhor.

Terminei de comer e lavei a louça. Fui para o meu quarto e tomei um banho quente e relaxante, ainda não estava com sono, então quando me deitei na cama peguei meu caderno de composições e comecei a rascunhar.

Quando eu penso em você. Parece que meu coração vai parar de bater...

Pensei por alguns instantes e o Gabriel surgiu na minha mente. Joguei o caderno para o lado.

Não, eu não iria escrever uma música para ele!

Guardei o caderno na gaveta e apaguei a luz. Um tempo depois, meu estômago começou a revirar de repente, me levantei correndo. Foi o prazo de eu chegar no banheiro e abaixar a cabeça no vaso para vomitar toda a lasanha que eu tinha comido.

Droga será que estava azeda, e com a fome que eu estava não tinha percebido?



Capítulo 27

Bônus Guilherme

As palavras do meu primo Rafa ecoaram na minha cabeça me deixando sem reação: *A Alexia e a Aline virão passar o feriado com a gente. A Alexia e a Aline virão passar o feriado com a gente...*

A pergunta que eu me fazia era, por quê? O que àquela maluca estava tramando?

— Guilherme, você está me ouvindo? – Rafa perguntou chutando meu pé.

— Estou ouvindo, as primas de Resende virão passar o feriado com a gente.

Estávamos eu, o Gabriel, o Rafa e a Maju sentados no chão da sala ao redor da mesinha de centro. Era a tão falada noite da pizza.

— Ótimo! E eu quero que você continue me ouvindo então: seja lá o que rola entre você e a Alexia eu não quero sonhar que vocês dois...

— Rafa, você não tem que ficar se intrometendo da vida do Gui – Maju o reprimiu.

Obrigado Maju!

— Isso depende, princesa, porque se ele tiver comendo a prima...

— Rafa! – Nós três o repreendemos. Gabriel me encarou por alguns instantes e não resistindo perguntou:

— Rola alguma coisa entre vocês, Guilherme? Porque se rola, isso tem que parar, cara.

— Qual é o problema de o Guilherme e a Alexia namorarem? – Maju perguntou.

— Além de todos os problemas éticos? – Rafa respondeu.

— Podem ficar despreocupados, porque se depender de mim, isso não vai acontecer – falei por fim.

— Mas se dependesse dela já estaria rolando, não é? – Rafa perguntou.

Eu estava cansado de guardar aquilo. Eu já tinha decidido dar uma basta naquela situação e não tinha a intenção de voltar atrás.

— A gente meio que se envolveu – Soltei.

— Filho da puta! Tanta mulher dando sopa aí e você foi pegar justo a prima? Você não tem respeito pelos tios? Não me diga que vocês... — Rafa levantou irritado e eu podia jurar que ele estava perto de me dar uns tabefes.

— Não aconteceu nada entre a gente — Levantei-me também — Nada que você está pensando, pelo menos.

— Rafa se acalme e deixa o Gui falar, porra! — Gabriel voltou-se para mim — O que exatamente aconteceu, Guilherme?

— Bom... a gente meio que se gosta há um tempo. Eu tinha uns quinze anos quando comecei a ver a Alexia com outros olhos, mas por sermos primos nunca que eu pensaria em levar isso adiante. Só que ela também estava desenvolvendo sentimentos por mim, mesmo assim eu nunca teria coragem de assumir ou de fazer qualquer coisa a respeito. Só que a Alexia, vocês sabem como é, ela não é de meias palavras. Ela quer, ela vai atrás. Há alguns meses, fomos a uma festinha, bebemos demais, ela disse que não estava se sentindo bem, eu a levei ao banheiro e acabamos ficando presos lá, então rolou. Só beijo — tratei de esclarecer quando via a expressão dos meus primos. — Só que ela queria mais, eu não vou negar, eu também queria, mas não tive coragem. Pô! Era minha prima, e era virgem...

— Virgem? — Rafa perguntou de repente — A Alexia não é virgem.

— Não? — perguntei confuso.

— Como é que você sabe essa porra, Rafa? — Gabriel perguntou.

— *E-eu*, bem... eu meio que perguntei — O idiota respondeu sem graça encarando a Maju.

— E por que você queria saber se a sua prima era virgem, Rafa? — ficamos os três o encarando aguardando a resposta. Pela primeira vez na vida eu o vi sem graça.

— Er... eu perguntei a ela no dia do casamento do Kay, eu queria saber se era comum uma garota de dezoito anos ainda ser virgem, porque você era, mas aí ela disse que não era mais...

— Rafa, eu não acredito! — Maju saiu da sala pisando duro em direção ao quarto dele.

— Essa conversa não acabou! — Ele apontou para mim e foi atrás dela.

Ficamos eu e o Gabriel na sala sem entender nada. Suspirei e me sentei no sofá. Por que ela havia falado para o Rafa que não era virgem sendo que era? Esse foi o principal motivo de eu me afastar.

— Naquele dia que o Rafa pegou a gente na sala de jogos, lá na fazenda,

estávamos discutindo porque eu tinha decidido dar um basta. Eu não podia fazer isso com os tios, Gabriel. Não vou negar, estava louco por ela, mas eu não tinha certeza dos meus sentimentos, e se fosse só tesão? E se depois eu descobrisse que não era aquilo que eu queria? – Meu primo assentiu e se sentou no outro sofá.

— Você fez a escolha certa, Guilherme. Pensa só na merda que isso iria dar?

— Não quero nem pensar, *brother*. Foi por isso que eu decidi vir pra cá estudar. Ficar longe dela é a melhor opção.

Com a Alexia morando em Niterói, por causa da faculdade, a gente acabava se esbarrando direto, sem falar que saíamos sempre juntos. Eu precisava me distanciar se eu realmente quisesse dar um basta na situação e minha prima não era de desistir tão fácil, eu sabia que ficando perto eu acabaria cedendo.

— E agora ela quer vir pra cá passar o feriado – assenti.

— Se elas realmente vierem, vou pra fazenda. Não vou ficar aqui para ela ter a chance de dizer pela milésima vez que eu não sou homem de verdade.

— Quer merda, Guilherme.

— É, que merda!

O casal retornou à sala e embora a Maju ainda estivesse de cara amarrada, eles pareciam ter se entendido. O interfone tocou e eu agradeci aos céus pelo assunto ter sido encerrado.

— Até que enfim, estou morrendo de fome – Rafa disse indo em direção ao interfone.

— Não é a pizza – Gabriel informou alcançando o interfone. — Sim, pode deixá-la subir.

— Cara, não me diga que é a Bia que está subindo. – Os irmãos se encararam e eu poderia jurar que estava saindo fumaça dos ouvidos do Rafa.

Sorri satisfeito. Eu não era mais o seu alvo.



Capítulo 28

Amistosa Discussão

Gabriel

— Gabriel eu não acredito que você chamou a Bia pra vir comer pizza com a gente e não me avisou!

Lá vamos nós.

Eu sabia que eu deveria ter avisado a ele sobre a minha convidada, mas eu não estava a fim de ouvir conselhos, muito menos sermão, e o Rafa tinha que parar, de uma vez por todas, com aquela implicância com a garota.

A primeira reação dela foi negar meu convite, justamente por causa dele, ela estava preocupada que o clima ficasse constrangedor. Na hora eu achei que fosse um exagero, no entanto, eu estava enganado. Pela forma que meu irmão estava me encarando, o constrangimento era certo e o sermão estava prestes a começar.

No fundo eu a havia convidado porque queria sentir como seria estarmos todos reunidos novamente, infelizmente eu tinha acabado de constatar que as coisas não seriam como antes, porque o idiota do meu irmão achava que sabia o que era melhor para mim, melhor do que eu mesmo.

— Não tenho que te avisar de quem eu convido ou deixo de convidar aqui pra casa – Tentei parecer indiferente.

— Tem sim se eu vou estar presente e vou ter que tolerar a presença da pessoa.

— Cara você anda um pé no saco! Eu tenho os mesmos direitos nessa porra de apartamento que você!

— É, mas eu não fico trazendo quem você não gosta pra cá!

— Rafa você pode trazer quem você quiser pra cá, eu não tenho *pinimba* com ninguém, me dou bem com todo mundo.

— A Bia te meteu um par de chifres, *mané*! Ela não merece estar aqui! – Engoli em seco e respirei *muito* fundo para não socar a cara dele.

— Olha pra ser bem sincero eu nem sei se houve chifres, de qualquer

forma, não nos vimos mais depois daquela discussão, então é melhor calar a porra da boca!

— E você acha que esse cara surgiu como, Gabriel? Como um passe de mágica, depois que vocês brigaram? Fala sério você já foi mais esperto!

— É melhor vocês pararem de brigar ou a menina vai acabar ouvindo – Maju interveio.

— Ele tinha que ter nos consultado, não é Guilherme? – O babaca ainda insistiu buscando apoio no primo.

Ele estava pedindo alguns socos.

— Não tenho nada contra a Bia, gosto dela – Gui respondeu. Bem feito.

— Rafa você não é obrigado a gostar da Bia – Maju disse —, mas você deve respeitá-la, isso é o mínimo que eu espero de você.

— Eu não falo mais nada – ele ergueu as mãos para cima —, mas não vou ficar aqui. Quando as pizzas chegarem vocês levam uma pra gente lá no quarto, vem Maju.

— Deixa disso, Rafa! Nós vamos comer aqui com eles e você seja educado – Meu irmão revirou os olhos, mas assentiu. Fazia tudo pela sua garota de olhos bicolores.

Olhei para ele que enfrentou meu olhar. Eu sabia que ele só estava preocupado comigo, não é que ele realmente a odiasse, o problema todo era porque ela tinha me magoado.

— Rafa... – Bufei — Eu agradeço a sua preocupação, mas eu sou maior de idade e pela milésima vez: eu sei me cuidar, então cuida da sua vida!

A campainha tocou interrompendo nossa *amistosa* discussão. Rafa xingou alguns palavrões e foi em direção da cozinha, Maju foi até a porta e a abriu.

— Oi, Bia.

— Oi, Maju – As duas se cumprimentaram e minha cunhada deu espaço para a visitante entrar.

— E aí, Bia? – Guilherme levantou e foi até ela a cumprimentando com dois beijos na bochecha.

— Como vai, piá? Soube que tu também estás morando aqui. Que legal!

— Pois é – O interfone tocou novamente — Deve ser a pizza – Gui disse indo até o interfone. Maju nos deixou na sala e foi até a cozinha provavelmente chamar a atenção do namorado.

— Oi – Aproximei-me e beijei sua bochecha.

— Oi – Bia mordeu os lábios e encarou meu irmão que estava de costas encostado no balcão. A cozinha era estilo americana então, se ele queria se esconder, era melhor ter ido para o quarto. — Tem certeza de que foi uma boa ideia, Gabriel? – perguntou em tom baixo.

— Relaxa – ela assentiu, mas pela sua cara, ela estava tudo, menos relaxada.

— Cadê a cadela?

— Vou te mostrar. Ela está lá na varanda porque se a deixarmos aqui com a gente, é capaz de comer toda a pizza com uma única bocada – ela sorriu.

Fomos ao quarto do Kay, andei até a varanda e a abri, Majuzinha saiu de lá feliz da vida e sem cerimônia pulou em cima da Bia.

— Ei! – Puxei-a pela coleira — Cuidado com a visita.

— Ela é muito linda, Gabriel – Bia disse ignorando o fato de eu estar tentando tirar a cadela. Ela se sentou no chão para brincar com a Majuzinha e eu me sentei na cama.

— *Me* desculpe pelo, Rafa – pedi.

— Não tenho o que desculpar, mas era melhor eu não ter vindo, acho que foi um pouco precipitado. Ele precisa de tempo.

— Eu deveria ter dito a ele que você vinha.

— Ele não sabia?

— Não.

— Gabriel *tu* tinha que ter dito a ele!

— Eu sei, por isso estou me desculpando.

— Tudo bem – ela suspirou, fazendo carinho na cabeça da Majuzinha.

— Quer saber? – Levantei-me e estendi a mão para ajudá-la a se levantar.
— Nós vamos comer a nossa pizza em outro lugar, o que não falta aqui por perto é lugar pra isso.

— Tem certeza, piá?

— Vamos – Saímos do quarto e eu fechei a porta.

No caminho até a porta de entrada, notei que a Maju ajeitava os pratos na mesa de centro, enquanto o Rafa cortava a pizza e o Gui servia o refrigerante. Ignorei e abri a porta para Bia. Os três olharam na nossa direção e ficaram sem reação quando eu bati a porta sem dizer uma única palavra.

— Aonde você quer comer? – perguntei quando alcançamos o elevador.

— Gabriel é sério, *tu* não precisas fazer isso, o Rafa vai me odiar ainda mais...

— Esquece o Rafa, Bia. Ele tem que cuidar da própria vida – ela assentiu e encostou na parede do elevador.

Descemos em silêncio. Notei que ela mexeu o pé e fez uma careta. Meus olhos subiram um pouco por suas pernas e alcançou suas coxas. Ela usava um shortinho de pano leve e uma blusa solta, estava linda. Ela era muito linda usando apenas uma camiseta... minha camiseta. Nossos olhos se encontraram, ela me flagrou a encarando, mas apenas deu um sorriso amarelo. Eu me senti um idiota pela atitude impensada de levá-la ali sem consultar o pessoal – um certo irmão enxerido para ser mais exato – A menina saiu de casa pra ser mal recebida da casa dos outros.

— Seu pé está doendo?

— Às vezes, quando eu piso, até marquei uma nova consulta pra ver isso – assenti.

O elevador chegou ao estacionamento. Deixei que ela saísse primeiro e a conduzi até a minha moto.

— *Tu* tens uma moto?

— U-hum.

— Uau, Gabriel! Eu pensei que iríamos a pé.

— Ah vamos dar um *rolê*, não quer?

— Claro que eu quero! – Sorri e me abaixei para tirar os capacetes do cadeado. Entreguei um a ela e coloquei o outro na minha cabeça.

Montei na moto. Bia também colocou o capacete e atravessou a alça da bolsa no corpo. Ela sorriu animada para mim, antes de montar na garupa. Ela envolveu minha cintura e colou o corpo no meu. Saímos do estacionamento e pouco tempo depois, chegamos ao destino, uma pizzaria a alguns quarteirões do prédio.

Uma moto tão potente como a minha sendo desperdiçada no trânsito caótico do Rio de Janeiro, eram tantas fiscalizações eletrônicas e tantos semáforos, que era impossível acelerar para sentir a potência do motor.

Talvez eu subisse a Serra qualquer dia com destino a Petrópolis, ou quem sabe, Cabo Frio?

Bia desceu da moto e eu a estacionei direito, preendi os capacetes com o cadeado e ajeitei o cabelo. Andamos até a entrada, eu a conduzi com a mão em

suas costas.

— É linda a sua moto – Bia disse. O atendente fez nossos pedidos e se retirou.

— Obrigado.

— Deve ser boa para viajar.

— Sim, ainda não fiz nenhuma viagem como ela, mas pretendo – nós nos encaramos.

Eu estava mesmo pensando em fazer uma viagem de moto, sozinho, sem destino. Sair sem rumo, me desligar de tudo que me puxava para baixo.

De repente me veio um estalo a mente. Eu deveria convidá-la para ir comigo, seria uma boa oportunidade para nos aproximarmos, um tempo sozinho nos faria bem, mas então por que eu não sentia que devia?

Será que eu estava finalmente me libertando? Será que eu a estava deixando ir, quando não a estava incluindo em meus planos, mesmo que um deles fosse apenas uma viagem?

Eu senti um alívio absurdo em apenas pensar na possibilidade. Senti um peso de toneladas ser tirado das minhas costas. O melhor de tudo, era que eu estava começando a perceber a minha própria mudança. Eu estava amadurecendo, deixando a mágoa e o ressentimento para trás. Aqueles sentimentos não comandavam mais o meu raciocínio.

Não tinha me dado conta de que o que ela havia feito comigo não doía mais, até perceber que eu estava preferindo a solidão a ter sua companhia.

Poderíamos até ficarmos juntos novamente, mas isso dependeria única e exclusivamente de ela ainda ser o que eu buscava em uma relação.

— Gabriel? – Encarei-a quando sua voz me trouxe de volta a razão. — Nossa! *Tu* estavas longe.

— Desculpe.

O atendente trouxe a pizza e nos serviu as fatias. Trocamos poucas palavras, enquanto comíamos. Estávamos cada um preso em seus próprios pensamentos, no entanto, estávamos bem confortáveis com isso, pelo menos eu estava.

Quando o atendente retirou os pratos, pedi sobremesa para ela e água para mim.

O silêncio foi substituído por várias perguntas suas sobre as sobremesas que servíamos no restaurante, contei com detalhes, eu adorava falar das minhas invenções culinárias. Empolgamos no papo e só nos demos conta que a pizzaria

estava fechando quando olhando ao redor e vimos os funcionários colocando as cadeiras sobre as mesas.

— Acho melhor a gente ir, ou seremos enxotados – eu disse, apontando com a cabeça na direção do pessoal. Ela riu concordando.

Paguei a conta e caminhamos de mãos dadas até a moto. Não a levei em casa naquela noite, mas a levei até um ponto de táxi para que pudesse voltar em segurança para casa. Não rolou beijo, não achei que devesse beijá-la e ela também não pediu. Nós nos despedimos com a promessa de que sairíamos novamente.

Observei o carro se afastar e suspirei mais leve que o ar.

Eu já havia a perdoado, constatei isso quando encarei seu belo rosto antes de nos despedirmos. Eu só precisava compreender o que esse perdão significava; ficar ou seguir em frente. Que eu a desejava isso era fato, mas para ficarmos juntos pra valer, era preciso mais do que desejo, tesão, claro que essas coisas eram importantes, mas deveriam estar em sintonia com o meu coração.

Quando o táxi partiu, montei na minha moto e segui para casa. Assim que entrei no apartamento dei de cara com meu irmão Rafa sentado no sofá.

Eu estava tão em paz comigo mesmo que nem estava mais chateado pela atitude estúpida dele.

— Ué, não vai ficar com a sua Majuzinha hoje? – perguntei colocando o celular e minha carteira em cima do balcão que separava a sala da cozinha.

— Ela está me esperando no meu quarto.

— Hum – Entrei na cozinha e fui até a geladeira. Enchi um copo de água e o bebi. Rafa continuou me encarando em silêncio. Devolvi a garrafa à geladeira e lavei o copo. O coloquei no escorredor de pratos e voltei para sala.

— Se você tem algo a me dizer, então diz logo, Rafa. *Tô cansadão*, quero minha cama.

— Na verdade, eu tenho – assenti e me sentei de frente para ele que pigarreou antes de continuar — Bom, eu vou dizer isso só uma vez, então presta atenção: *Me desculpe pela minha atitude de mais cedo, exagerei.*

— Como? – Coloquei a mão no ouvido — Pode repetir eu não ouvi direito? Está se desculpando?

— *Hahaha* eu falei que só iria dizer uma vez, então é melhor dar-se por satisfeito, babaca – Sorri.

— Tudo bem, Rafa. Está desculpado – ele assentiu.

— Eu só não quero que você sofra de novo por causa dela, cara. Tenho medo daquela doida te sacanear de novo, não consigo confiar. A Bia é uma garota muito imatura e ainda vai meter e muito os pés pelas mãos até aprender, não quero que isso respingue em você de novo, *brother*.

— Eu sei que você só está preocupado comigo, mas acredite, eu tô na boa. Pode confiar. Estou em paz comigo mesmo com relação a isso.

— Eu fico mais tranquilo, então e prometo tentar ser mais educado na presença dela. Minha atitude não foi legal.

— Você chegou a essa conclusão sozinho ou precisou de “alguém” para alertá-lo? – Fiz aspas na palavra alguém. O idiota gargalhou.

— Cara, nunca ouvi tanto esporro na minha vida, de príncipe virei sapo. Ouvi coisas horríveis como: *Você desaprendeu a tratar as pessoas, cordialmente? Perdeu o respeito pelo outro? Educação vem de berço, viu? Deixa a dona Suellen saber dessa sua atitude grosseira*, e por aí vai – disse imitando a Maju.

— Definitivamente a Maju é a minha cunhada preferida – sorrimos.

— E o Guilherme? O que a gente faz com ele?

— Deixa o cara em paz, Rafa. Ele não quer problema.

— Está certo, mas estou de olho. Bom, então me deixa ir lá dizer a Maju que já me redimi com você. Se eu não fizer sexo depois dessas *discussõezinhas* bestas, acordo mal-humorado – Revirei os olhos. Informação desnecessária.

Ele parou na minha frente e segurou meu ombro com uma das mãos.

— *Te cuida*, Gabriel. Eu te amo, cara.

— Vou me cuidar – ele assentiu e virou-se para sair — E Rafa? – virou-se novamente na minha direção. — Eu também te amo.

— Eu sei.

Cada um foi para o seu quarto. Eu para dormir, pois estava acabado, diferente do Rafa que ainda iria transar, mas eu estava bem com o fato de só dormir, tanto que apaguei logo após cair na cama.



Capítulo 29

Bônus Maju

— Amor, vou pegar a dona Suellen e a Muriel na pediatria e volto correndo pra você. — Rafa disse me dando um beijo rápido na bochecha — Se comportem na casa da tia Angel, crianças.

— *Tá bom, Rafa* — Malu respondeu enquanto Benício permaneceu distraído com o boneco em suas mãos.

— Te amo, príncipe — também beijei sua bochecha antes de descer do carro. Abri a porta do passageiro e ajudei as crianças a descerem. Rafa acenou e buzinou antes de partir.

Peguei na mão dos meus irmãos e andamos em direção a entrada do prédio da Angel.

Eu estava devendo uma visita à Helena, só havia ido ao hospital e ela já tinha quase um mês de nascida. Meus irmãos ficaram empolgados quando souberam que eu estava indo fazer uma visita e quiseram vir comigo. Estavam curiosos para verem a bebê.

O porteiro nos anunciou e seguimos para o elevador.

— Maju quando você vai ter um bebê? — Minha irmãzinha perguntou quando entramos no elevador.

— Ainda vai demorar um pouquinho, eu preciso terminar minha faculdade primeiro — respondi fazendo carinho nos cabelos dela.

A verdade era que eu não me via sendo mãe, não ainda. Tinha tanta coisa que eu queria fazer e o bom era que o Rafa compartilhava da mesma opinião. Como ele mesmo dissera quando me pediu em namoro lá na Pedra Bonita, ainda éramos muito jovens, eu estava começando a viver a minha vida e sei que ele nunca me privaria de realizar meus projetos, isso era o que eu mais amava nele. E, como ele, eu nos via lá na frente como eternos namorados. Nunca planejamos detalhadamente o nosso futuro, a única exigência era que estaríamos juntos nele. Ele disse também que talvez nunca estivesse pronto para casar e para mim estava tudo bem, desde que ele estivesse ao meu lado.

— Eu queria ser titia — Malu continuou — Você e o Rafa vão se casar, *né?* Também quero ser dama de honra.

— Você não está querendo coisas demais, não? – ela deu os ombros — Olha – Abaixei-me para ficar na sua altura. — Se um dia eu me casar, pode ter certeza que você e seu irmão entrarão comigo, junto com a Muriel – que até lá, se acontecesse, já estaria grandinha.

— *Ebaaaa!*

Finalmente o elevador chegou ao andar da Angel e a Malu já se empolgou pela bebê novamente, deixando de lado as perguntas difíceis.

— *Oiii!!!* – Angel nos cumprimentou animada quando abriu a porta. Sorri e ela já foi me empurrando a bebê em meus braços. — Pega um pouquinho sua afilhada que estou correndo aqui com o almoço. Oi crianças!

Peguei a Helena toda desajeitada, enquanto a mãe dela correu afobada.

— Fiquem à vontade! – ela gritou da cozinha.

Fui até o sofá e me sentei com a bebê no colo. Malu sentou-se ao meu lado maravilhada com a Helena.

— Ela é tão fofinha! – concordei.

— Vem ver a Helena de perto, Benício – chamei-o, mas ele não pareceu tão empolgado quanto a irmã, apenas olhou para a criança e voltou sua atenção ao boneco. Coisa do Rafa que vivia entupindo as crianças de mimos e manhas.

— Vou lá na cozinha falar com a Angel.

Deixei meus irmãos na sala e fui ao encontro da minha comadre com minha afilhada linda no colo.

— Angel você não precisava fazer almoço, você já está sobrecarregada demais.

— Imagina, Maju. Não é trabalho algum, só que precisei dar um tempo aqui para amamentar a Helena.

— Você parece estar tirando de letra – elogiei.

— Pra ser sincera, não é tão fácil quanto parece, mas o Kay tem me ajudado muito. A Helena está tendo cólicas e essa noite quase não dormiu nos deixando acordados. O pai dela foi trabalhar moído.

— Parece que ela dormiu – eu disse notando que minha afilhada tinha parado de se remexer no colo.

— Agora ela vai dormir, tadinha.

— E você deveria estar aproveitando para dormir também.

— Deixa disso, Maju! Coloque-a no bercinho e volta aqui pra gente

conversar sossegadas.

Fiz o que ela pediu e disse à *Maluzinha* para ficar de olho na bebê. Voltei e me ofereci para ajudar, mas Angel negou dizendo apenas para me sentar.

— Estou fazendo o básico, meu sogro esteve ontem no restaurante e o Gabriel mandou comida.

— Esse meu cunhado é um anjo.

— Não, é? A propósito – ela disse virando-se para mim e enxugando as mãos no avental — A Bia me contou que rolou um clima estranho entre os gêmeos outro dia. O Gabriel não deu detalhes a ela, mas parece que os dois se desentenderam porque ele a convidou para a noite da pizza.

— Foi. O Rafa não *engole* a sua prima, Angel.

— Eu sei – ela suspirou.

— Mas eles já se acertaram e o Rafa prometeu manear em respeito ao irmão.

— O que a Bia fez não foi legal, sabe. O Gabriel é um cara incrível, mas conheço minha prima, ela está arrependida, está tentando consertar. O Rafa não tem que se meter, aliás ninguém, isso é coisa dos dois, eles que tem que resolverem.

— Eu concordo com você, Angel. Também conversei com o Rafa, afinal, não é ele que decide, é o Gabriel, *né?*

— Isso aí. Eu só quero que eles sejam felizes, eu amo aqueles dois. Se eles ficarem juntos ou separados não me importa, só me importa que fiquem bem. Eu não me meto, nem quando ela me pede pra interceder, ou algo assim. Eles que se resolvam, *né?*

— Com certeza.

Ficamos mais um tempinho conversando antes da Helena chorar pedindo atenção. Angel já tinha adiantado o almoço, então fomos para a sala. Meu namorado e sua mãe chegaram e se juntaram a nós na sala. Rafa foi direto na Angel, beijou o topo da sua cabeça e pegou a Helena do colo dela. Ele tinha tanto jeito com criança.

Aproveitei para mimar minha cunhadinha. Minha sogra nos atualizou da saúde da pequena e as duas mães engataram em um papo sobre bebês do qual eu não fiz parte, afinal, nem pegar direito eu sabia, tanto que a Muriel logo reclamou em meus braços. Devolvi a minha cunhada para a mãe e fui me sentar perto do Rafa.

— Quero no mínimo uns oito Majuzinha – ele soltou do nada. Revirei os olhos sorrindo.

— Não é você quem vai parir, *né*? – A mãe dele falou.

— Quer parir, e a cesariana?

— É muito pior – Angel se queixou.

— *Tá* vendo o tanto que seu namorado *te* ama *né*, Maju? – dona Suellen alfinetou. Está querendo que você seja costurada oito vezes.

— Eu passo – respondi sorrindo.

— Então é melhor parto normal – ele continuou.

— E você quer que a Maju *espirre* oito crianças por lá, Rafa? – Agora eu sabia de onde vinha o filtro zero.

— Credo! Quero não, imagina como vai ficar a...

— Rafa! – cortei logo. O conhecendo como eu conhecia, eu sabia que ele falaria das minhas partes íntimas ali no meio de todo mundo como se tivesse falando do tempo.

— Não quero mais oito não amor – ele beijou minha testa com aquele sorriso safado. — Três está bom não é, dona Suellen? – virou para a mãe. — Seu Felipe não tem reclamado da mercadoria, *né*?

— Vai *te* catar, menino! – ele gargalhou. — Mas não, para o seu governo eu dou conta direitinho do seu pai.

— Tudo bem eu pedi por isso, mas chega, não quero saber – ele tapou o ouvido e dona Suellen continuou disparando suas intimidades com meu sogro só para provocá-lo.

Que família maluca! Mas eu os amava de paixão.

O almoço ficou pronto e almoçamos entre conversas animadas e chorinhos de bebês. Um tempo depois dos despedimos da Angel e fomos até o apartamento da minha sogra deixá-la.

Quando chegamos a casa, as crianças foram direto para o meu apartamento e eu e o Rafa fomos para o dele. Eu queria dar uns amassos no meu namorado sem plateia por perto.

— Você leva jeito com crianças – eu disse puxando-o para o quarto.

— E você não leva jeito nenhum – ele riu e eu fechei a cara —, Mas isso não quer dizer nada, eu tenho certeza que você será a melhor mãe do mundo – Tentou se corrigir. Deite-me na cama o levando comigo. Rafa apoiou o cotovelo no colchão e me encarou — Você não mudou de ideia, não é, princesa?

— Sobre? – perguntei beijando seu pescoço.

— Sobre não querer filhos agora. Você sabe que se você quiser a gente faz agora, mas...

— Relaxa Rafa, eu não mudei de ideia. Sou muito nova para ser mãe, tenho outras prioridades – interrompi-o.

— Que bom. Por um momento te vendo lá rodeada de crianças eu pensei que talvez você estivesse desejando ter as suas próprias. Eu quero muito ser o pai dos seus filhos, Maju, mas ainda quero ser por muito tempo apenas o seu namorado. Ainda não quero ter que dividir você – sorri toda boba.

— Não vai precisar me dividir tão cedo, príncipe – falei toda dengosa.

— Te amo.

— Te amo mais, agora vem fazer seu serviço!

— Tarada! – sorriu e partiu obediente para o ataque.



Capítulo 30

Não É Nada Demais

Alguns dias depois...

Bia

— Só *tu* para me fazer vir a uma festa no meio da semana, Hanna – queixei-me enquanto tentávamos passar pelo aglomerado de gente na sala de estar da casa de não sei quem. — Estou com medo de pisarem no meu pé!

— Bia não seja tão ranzinza! Você prometeu me ajudar com o Léo.

Hanna era uma romântica. Ela acreditava muito em sinais e desde que ela esbarrou em Léo – literalmente – na faculdade, cismou que o ocorrido fosse um sinal dos *cosmos*, sei lá. Desde então, estava esperando uma oportunidade de colocar seu plano – caça ao namorado perfeito – em prática e ela viu na festa que ele estava organizando para um dos nossos professores a oportunidade perfeita.

— Sim, prometi, mas pensei que íamos convidá-lo para sair com a gente e não que iríamos nos enfiar em uma festa de aniversário de um professor que eu nem gosto! – respirei aliviada por conseguir chegar aos fundos da casa sem ninguém pisar no meu pé.

— Mas é a turma dele que organizou a festa surpresa para o professor. Pensei em vir aqui e me fazer ser vista, uma coincidência sabe, melhor do que convidar pra sair na lata. Esqueceu que eu sou difícil?

— *Tu* guria? Difícil? – ela fechou a cara e me presenteou com o dedo do meio antes de me puxar em direção a uma roda de alunos.

— Oi gente! – Hanna cumprimentou as pessoas animada, também os cumprimentei, mas sem a animação dela, é claro.

Olhei ao redor para ver se via o tal Léo para que eu pudesse empurrá-lo até minha amiga e poder sair logo dali, mas não o avistei e sim o professor Álvaro. Ele estava encostado em uma pilastra da varanda com um copo de bebida intacto na mão. Nossos olhares se encontraram e eu desviei sem graça.

— Parece que o Léo não está aqui – Hanna chamou minha atenção.

— Também não o vi.

— Ai meu Deus olha quem está ali? – eu queria que um buraco se abrisse e me engolisse. É claro que não dava para ouvir o que ela dizia, mas só se ele fosse idiota para não sacar que ela estava o mostrando para mim. Tanto ele sacou que sorriu.

— Hanna, pelo amor! Seja discreta! E o que tem demais o professor estar aqui?

— Nada, a não ser que ele é a sensação da noite, *né?* Dá uma olhada em volta, a mulherada está só esperando uma oportunidade para *dar o bote*.

— Pelo que eu sei, ele ignora totalmente o assédio das alunas – eu disse.

— Ah vocês já viram quem está aí, *né?* – Cláudia, a menina que estava na roda de alunos perguntou se aproximando da gente. — Acredita que o professor Di’ Biasi é pai dele?

— Isso explica ele estar aqui – Hanna concluiu.

Olhei de relance e lá estava ele olhando novamente na nossa direção. Ele deveria estar achando que éramos mais três na lista de alunas que queriam *dar* para ele.

Pretensioso.

Virei as costas e continuei ouvindo entediada o papo sem graça de Cláudia. Um tempo depois, o professor Di’ Biasi apareceu e junto com ele o Léo.

Ótimo! Não precisava mais enrolar ali.

Eu até tentei passar despercebida, mas esse não era muito o hobby da minha amiga, ela gostava de brilhar – palavras dela. Tanto que me puxou para o meio da varanda onde algumas meninas dançavam e adivinhem? Sim, funk.

Claro que eu não dancei, como as outras meninas estavam dançando, mas fui obrigada a pelo menos requebrar o corpo.

— Meu primo está no Rio! – Hanna gritou do nada. — Ele quer te ver!

Levi estava no Rio e queria me ver?

— Quando ele chegou? E por que tu resolveste me contar agora, no meio de uma festa? – gritei de volta.

— Desculpe, só lembrei agora! – Hanna deu os ombros e voltou a sua dança quase erótica e eu simplesmente parei de dançar e saí dali.

Andei alguns passos e parei próxima ao jardim onde havia um pequeno banco de madeira. Sentei-me e dei graças a Deus pelo alívio que senti. Tive a impressão de que meu pé estava inchado. Eu precisava voltar logo ao médico

para ver isso.

Refleti sobre a informação de Hanna. Levi queria me ver, por quê? Ele tinha deixado bem claro que se eu fosse embora não iria me perdoar.

No dia da nossa calorosa discussão, dia em que ele chegou no apartamento e viu minhas malas prontas, ele foi bastante claro de que, se eu partisse eu estaria rompendo tudo, também deixou claro que eu não receberia um tostão pelos quadros e que eu jamais trabalharia no ramo novamente.

O que ele não sabia é que eu não tinha mais o interesse naquilo. Levi na verdade, foi minha válvula de escape depois de toda confusão relacionada ao Kaiary, ele foi minha fuga depois da minha relação com Gabriel acabar.

Assim que o conheci, eu fiquei seduzida por ele, tentada a me aventurar, mas eu tinha o Gabriel. Só que depois da confusão eu pensei: por que não? E foi bom no início, não vou negar, infelizmente, quando a realidade começou a bater de frente comigo, eu simplesmente não pude mais. Eu olhei para trás e vi a grande merda que havia feito em deixar o Gabriel. Não consegui mais ignorar o fato de que Paris não era para mim, como eu achei que fosse, como eu achei que seria ali que eu iria recomeçar. Tudo aquilo tinha sido uma, doce e quente, ilusão e que já era hora de voltar para a realidade, Gabriel.

Eu precisava penetrar de vez nas rachaduras da sua armadura contra mim, quando eu pensava que ele estava se rendendo, ele se mostrava irredutível. Na noite em que saímos para comer pizza, eu pensei que ele talvez resolvesse passar a noite comigo, mas ele simplesmente me colocou em um táxi para casa.

Peguei meu celular e mandei uma mensagem para ele.

Bia: Olá

Esperei que ele visualizasse. A mensagem chegou, mas ele não visualizou. Olhei em direção a *muvuca* de gente e vi minha amiga e o Léo quase se comendo, quer dizer, dançando na varanda.

Ótimo! Eu poderia sair à francesa sem culpa.

Mandei uma mensagem a ela avisando que já estava indo. Quando ia guardar meu celular a mensagem do Gabriel chegou.

Gabriel: Olá pra você.

Bia: O que está fazendo de bom?

Pela hora ele já deveria estar em casa se preparando para dormir.

Gabriel: Estou pronto para dormir e você? Ainda na festa?

Bia: Sim, mas já estou de saída. Hanna arrumou alguém.

Gabriel: Quer que eu vá te buscar?

É claro que eu queria, mas não iria fazê-lo sair do Leme para ir até o Recreio, sendo que eu morava ali nas proximidades. Seria uma boa oportunidade para ele dormir na minha casa. *Não*. A Bia de antes não hesitaria, mas a de hoje queria fazer as coisas do jeito certo.

Bia: Vou pedir um Uber, estou bem perto de casa, não precisa se preocupar, mas podemos marcar algo qualquer dia, se quiser.

Gabriel: Claro. Eu te ligo. *Me* deixe saber que você chegou bem.

Bia: Certo, beijo Gabriel.

Gabriel: Beijo.

Enchi-me de coragem e enviei uma última mensagem.

Bia: Eu vou querer este beijo.

Aguardei ansiosa a resposta, ele digitou algumas vezes antes de a mensagem finalmente chegar.

Gabriel: É só pegar.

Sorri toda boba para o telefone e decidi encerrar a conversa com um boa noite. Coloquei meu celular na bolsa e me levantei do banco indo na direção da saída. Parei na entrada da casa e encostei na grade. Tirei meu celular da bolsa novamente para pedir um Uber, olhei de um lado para o outro e decidi fazer isso do lado de dentro do portão, era mais seguro.

Quando me virei bati de frente com alguém. Meu celular voou longe.

— *Me* desculpe, eu estava distraído – ele disse, se abaixando e pegando

meu celular.

— Tudo bem, professor Álvaro eu também estava distraída – respondi pegando o celular da sua mão.

— Álvaro, me chame de Álvaro. O que você estava fazendo aí fora sozinha?

— Eu ia pedir um Uber.

— Já está indo para casa?

— Sim, minha amiga arrumou alguém, não quero ficar *de vela*. Tu também estás saindo?

— Ah sim, com certeza. *Festa estranha, com gente esquisita* – não pude deixar de sorrir.

— Mas é a festa de aniversário do teu pai.

— Por isso mesmo que é esquisita – ele sorriu mostrando os dentes brancos
— Você está indo pra onde?

— Eu moro aqui perto, no comecinho da Barra.

— Eu posso lhe dar uma carona, estou indo para a zona sul – o encarei sem saber o que responder. — É só uma carona, tudo bem se não quiser aceitar – ele disse rapidamente percebendo meu constrangimento.

— Ah, é que... não sei se pegaria bem, *tu* és meu professor.

— Sim eu sou e que eu me lembre não ultrapassei isso – sorri sem graça. — Bom, eu já vou indo então, boa noite Beatriz – disse virando-se.

— Eu aceito a carona – Álvaro voltou-se na minha direção. — Obrigada por oferecer.

— Tem certeza?

— É só uma carona – repeti suas palavras.

Ele assentiu e fez um gesto com a mão para que eu o acompanhasse. Fomos em direção a um carro preto estacionado próximo à esquina, ele olhou em direção a casa e então abriu a porta para mim. Agradei e entrei. Quando assumiu a direção do carro, parecia ansioso.

— Eu só estou te dando uma carona, mas pode parecer outra coisa aos olhos dos outros alunos, se nos verem saindo juntos.

— Não quero causar problemas.

— Tudo bem, não é nada demais – assenti. Álvaro deu partida no carro e pareceu relaxar quando nos afastamos dali.

— Então o professor Di' Biasi é teu pai? – decidi iniciar um assunto.
— Sim, por que a surpresa?
— Porque vocês são completamente diferentes. Ele é tão chato – fiz careta
— Desculpe.
— Tudo bem, já estou acostumado a ouvir isso. Mas lá no fundo, bem lá no fundo, ele é um cara legal.
— Se você diz.
— Acredite, eu sei – concordei com a cabeça. — Mas fico lisonjeado com o elogio.
— Não me lembro de ter *te* elogiado, guri.
— Ah você fez.
— Quando? – perguntei me virando para ele.
— Quando disse que nós somos diferentes. Logo, se ele é chato, eu sou legal – Fiquei sem resposta, apenas sorri e me ajeitei no assento.

Trocamos mais algumas palavras relacionadas ao pai dele e eu acabei descobrindo que ele na verdade, era filho da esposa do professor Di' Biasi, mas o considerava como um pai já que sua mãe e o professor haviam se casado quando ele tinha apenas seis anos.

Não quis falar muito sobre mim então apenas fiquei o ouvindo falar. Álvaro era totalmente diferente fora da faculdade, era descontraído, não que ele não fosse em sala de aula, mas ele se reservava a ser mais contido.

Quando já chegávamos próximo ao meu prédio, dei o endereço exato.
— Então está entregue – falou quando estacionou.
— Obrigada pela carona, professor.
— Álvaro, não é difícil vai, tenta.
— Álvaro.
— Isso aí – disse e desceu rapidamente do carro dando a volta para abrir a porta para mim.
— Olha só temos um cavalheiro aqui – brinquei para descontraír. Ele estava conseguindo me deixar perturbada com toda aquela atenção.
— Sempre.
— Obrigada, de novo.
— Não precisa agradecer – Ficou me encarando como se quisesse dizer mais alguma coisa, mas apenas fez um gesto apontando para o prédio — Boa

noite, Beatriz – Acenei e entrei no prédio.

Dentro de casa fui direto para o sofá, me sentei e peguei minha bolsa. Mandeí uma mensagem avisando ao Gabriel que havia chegado em segurança. Ele não visualizou, com certeza já deveria estar dormindo, pensei em ligar, mas desisti. Coloquei meu celular de lado e tirei minhas sandálias.

Pensei no professor Álvaro, ele era um cara legal, pelo pouco que conversamos tinha dado para perceber. Era muito bonito também e eu tive a impressão de que ele estava me dando *mole*, claro que ele não se insinuou em nenhum momento, mas mulher percebe essas coisas. Percebi seus olhos demorando mais que o necessário sobre mim, percebi um flerte nas entrelinhas durante toda a nossa conversa.

Nossa, ele era muito charmoso, era alto e pelo jeito que as roupas abraçavam perfeitamente seu corpo, dava para ver que se cuidava. Seus cabelos eram castanhos escuros e a barba bem aparada era um charme à parte. Seus olhos eram castanhos, mas às vezes pareciam mais para verdes, seu sorriso cativante mesmo, com aquela presa se sobressaindo entre os demais dentes completavam o que seria um partidão.

Pena que meu coração já tinha dono, infelizmente para ele, não havia a menor chance. Meu Gabriel estava cada vez mais próximo de mim e da próxima vez que nos encontrássemos eu iria partir para o ataque.



Capítulo 31

O Troféu Inconsequente do Ano Vai Para...

Mari

Fazia alguns dias que eu não estava me sentindo bem, mas naquele sábado especialmente, eu estava me sentindo péssima. Meu estômago revirava e até então, eu acreditava que era por eu não ter comido nada. Ignorei o mal-estar e continuei passando um pano no chão da lanchonete onde uma criança havia derrubado seu refrigerante. Quando me levantei, após ter me abaixado para torcer o pano de chão, senti uma vertigem. Encostei-me no balcão e respirei fundo algumas vezes com os olhos fechados.

— Mari você está bem? – dona Bethânia, esposa do meu patrão e que também trabalhava na lanchonete perguntou se aproximando.

— Não sei, acho que levantei muito rápido, fiquei um pouco tonta.

— Venha sentar um pouco, querida – disse me puxando para uma cadeira.

— Já volto *pro* trabalho, é só o tempo de eu me recuperar – falei olhando para o balde no meio da lanchonete.

— Não se importe com isso menina! Tenho notado que você anda abatida... – não consegui esperar que ela completasse a frase, corri para o banheiro. Foi o tempo de abrir a porta e me abaixar sobre o vaso para o vômito sair.

Não tinha nada no meu estômago, além do leite puro que tomei antes de sair de casa. Dona Bethânia entrou no banheiro acompanhada de Tatiana, sua filha e também atendente da lanchonete.

— Menina você não está bem – eu não tinha mais como negar. Alguma coisa estava acontecendo comigo.

Levantei-me e fui até a pia lavar o rosto.

— Será que você comeu alguma coisa que te fez mal, Mari? – Tati perguntou.

— Já estou assim há alguns dias – confessei. –, mas preferi ignorar os sinais e torcer para que eu melhorasse logo.

— Mari não devemos ignorar quando o nosso organismo dá sinal de que

tem algo errado – dona Bethânia me repreendeu. — Vou te dar o dia de folga pra você ir ao médico, O.K.?

— Não precisa, dona Bethânia.

— Sem discussão, você não pode trabalhar assim, mal está conseguindo parar em pé.

— Tudo bem – assenti, ela parecia irredutível em me deixar ficar.

— Vou chamar um Uber pra levar você ao hospital.

— Não precisa, eu...

— Você não vai conseguir ir de ônibus querida e se você passar mal na rua? O rapaz do Uber vai te deixar na porta, é muito mais prático. Você tem plano de saúde?

— Eu acho que ainda tenho – se meu pai não tivesse cortado meu plano de saúde também eu ainda o teria, pelo menos até a carteirinha vencer, depois disso eu já não sabia. — Vou ligar para minha amiga Nice e ver se ela pode me levar, tudo bem?

— Certo. Vê com ela e me fala.

Mandeí uma mensagem para Nice perguntando se eu poderia ligar para ela. Minha amiga respondeu que estava saindo da sala de aula e que eu já podia ligar.

— Oi *Marizinha* – disse quando atendeu.

— Oi, Nice.

— O que houve? Que voz é essa? – ela já me conhecia bem.

— Passei mal no trabalho.

— Como assim? Explica isso direito.

— Fiquei tonta e vomitei, dona Bethânia quer que eu vá ao médico.

— E tem que ir mesmo, você não está bem há dias. Deixa só eu assistir ao restante dessa aula e levo você.

— Pode assistir suas aulas sossegadas, vou pra casa e quando você chegar a gente vai.

— Tem certeza? Não é melhor ir logo?

— Estou me sentindo melhor agora. Vou pra casa, me encontra lá.

— Tudo bem, até daqui a pouco. Beijo.

— Beijo.

Desliguei e fui até minha patroa.

— Eu vou pra casa dona Bethânia, a Nice vai me encontrar lá para ir comigo.

— Certo, então. Vou pedir um Uber para te levar até sua casa – ela foi até o caixa e pegou seu celular. Digitou alguma coisa nele e o entregou para mim — Coloca o seu endereço – Fiz o que ela pediu e depois lhe devolvi o celular. Dona Bethânia foi até o caixa e voltou com algumas notas na mão. — Toma pra você pagar o Uber.

— Não precisa, eu tenho dinheiro.

— Pegue logo menina! – Ralhou erguendo o dinheiro na minha direção.

— Obrigada. Amanhã trago um atestado – eu disse agradecida.

— Só se for para comprovar que você realmente foi ao médico. Agora fique quietinha aí esperando o carro.

— Tá bom.

Quando o Uber chegou apanhei a minha bolsa, me despedi das meninas e fui para casa.



— Mariana Guedes – Ouvi meu nome ser chamado e fui até o balcão da recepção. Eu estava com receio de o plano ter sido cancelado, mas para minha sorte, ainda estava ativo. Assinei os papéis e voltei a me sentar ao lado da Nice.

— Que bom que ainda tenho o plano – suspirei aliviada.

— Aproveita e faz um check-up geral depois.

— Vou fazer isso, preciso mesmo ir ao ginecologista. A última vez que fui, foi em São Paulo nas férias do ano passado.

— Aproveito e vou com você. Tem um tempinho que fiz preventivo também.

Mofamos por mais ou menos quarenta minutos na recepção da emergência do hospital e quando fui chamada, ainda não foi para ser atendida e sim para passar por uma triagem. Quando novamente fui chamada para o atendimento, pedi a Nice para entrar comigo.

A médica sorriu amável e nos pediu para sentar — Quem é a Mariana?

— Sou eu, doutora.

— Muito bem me conte o que você está sentindo.

— Eu ando um pouco indisposta ultimamente, tenho sentido muito cansaço,

náuseas, dores abdominais e hoje eu vomitei.

— U-hum – disse anotando as informações no computador — E quando foi a última vez que você menstruou?

Eu e Nice nos encaramos, fiquei em silêncio porque não tinha entendido o porquê da pergunta. Nice continuou me encarando com olhos interrogativos, como se estivesse me perguntando: *“Tem alguma coisa que você não me contou?”*

Percebendo meu silêncio, a médica – Fabiane, era esse o nome dela – me encarou.

— Bem eu... faz alguns dias, não me lembro o dia exato, minha menstruação é desregulada, meu fluxo é pouco e meu período é curto também, mas menstruei sim.

— Certo e você tem uma vida sexualmente ativa?

— Não tenho um namorado.

— Mas se relacionou sexualmente com alguém recentemente? – Respirei fundo tentando evitar que o pânico me dominasse. — Mari? – a médica tentou chamar minha atenção, mas ela voltou no tempo, para mais ou menos um mês e meio atrás, mais precisamente para o apartamento do Gabriel.

Fica até eu dormir?

Ai não!

— Mari, eu preciso que você responda as perguntas para que eu possa tomar as providências corretas.

— Desculpe, doutora... é... sim eu me relacionei – Olhei para os olhos esbugalhados da minha amiga. Eu teria rido se não tivesse a ponto de sofrer um ataque de pânico.

— O.K. e vocês se preveniram ou você faz uso de alguma pílula anticoncepcional?

— Eu não tomo pílula e bem... a gente não se preveniu, mas ele tirou antes – que constrangedor. Eu podia ver a recriminação nos olhos da médica.

— Mari, coito interrompido não é método contraceptivo, mesmo que o seu parceiro consiga segurar a ejaculação e tirar antes de gozar dentro de você, é possível que alguns espermatozoides estejam na uretra devido à liberação do fluido pré-ejaculatório e com isso, a possibilidade de haver fecundação pode existir – ela estava claramente chamando minha atenção para minha irresponsabilidade, como se eu fosse uma adolescente inexperiente.

Tudo bem eu merecia e concordava em gênero, número e grau com ela, só que na hora não pensei muito na eficácia daquele tipo de proteção. Os beijos do Gabriel, as suas mãos experientes, os seus movimentos deliciosos de vai e vem misturados ao fato de ainda ter bebido, estavam me impedindo de raciocinar direito.

— Eu sei – Foi o que respondi.

— Então, pelos os sintomas que você me descreveu e pelo fato de você não fazer uso de pílula anticoncepcional, nem ter se prevenido com uso de preservativo, pode ser que você esteja grávida. Vá até a salinha ao lado, tira a parte de baixo da roupa e veste o roupão. Vou examinar você e depois pedir um Beta HCG.

Grávida.

Mas eu tinha menstruado. Não tinha como eu estar grávida. Tinha?

— Mari deixa para pirar depois, agora você precisa fazer o que a médica pediu – Nice chamou a minha atenção.

— Mas eu menstruei, doutora.

— Sim você disse, porém, vinte por cento das mulheres sangram no primeiro trimestre da gravidez e algumas facilmente confundem esse sangramento com menstruação. Ainda mais quando não sabem que estão grávidas. Vamos fazer logo os exames para descartar ou não a possibilidade?

Era só o que faltava eu nem saber mais identificar se eu estava menstruando ou não.

Muito bem Mari, o troféu de inconsequente do ano vai para você.

Levantei-me mecanicamente e fui até a salinha. Tirei minha calça jeans e minha calcinha e vesti o roupão verde descartável que estava pendurado ao lado da cama.

Grávida. A palavra martelava na minha cabeça.

A médica entrou na sala e sorriu enquanto lavava as mãos e vestia suas luvas. Fechei meus olhos e fiquei em silêncio enquanto ela me examinava.

— Seu útero está alterado – ela disse quando terminou de me examinar –, mas só um exame de sangue vai poder comprovar se você está realmente grávida ou não. Pode vestir a roupa. Vou passar o pedido de exame, você pode fazer aqui mesmo, é só atravessar a rua e ir no laboratório aqui de frente, O.K.? – Apenas assenti com a cabeça.

Depois que me vesti, voltei a outra sala e me sentei ao lado da Nice, que

mesmo tentando parecer relaxada, estava quase tão nervosa quanto eu.

— Aqui está o pedido. O exame deve ficar pronto em uma hora. Quando tiver pronto é só me avisar, aqui, que puxo pelo computador certo?

Peguei o pedido de exame e agradeci. Eu e Nice saímos do consultório, estava tão entretida em meus pensamentos que esbarrei na enfermeira que vinha direção contrária.

Nice dizia algo, mas eu não conseguia prestar atenção, meu coração parecia que iria sair pela boca.

— Ei! – ela me parou — Não pira ainda, Mari.

— Não posso estar grávida, Nice – falei com os olhos cheios de lágrimas.

— Não se precipita. Você mesma disse que menstruou – sacudi a cabeça assentindo.

Ela sorriu e agarrou meu braço. Caminhamos para fora do hospital em direção ao laboratório em silêncio. Eu sabia que ela deveria estar morta de curiosidade para saber o que havia acontecido entre mim e o Gabriel, e porque eu não havia contado nada a ela, mas respeitou minha aflição. Eu a amava um pouquinho mais por isso. Não estava conseguindo nem raciocinar direito, muito menos dar explicações do que eu ainda não entendia.

Entreguei o pedido da médica na recepção junto com o cartão e aguardei ser chamada. Pelo menos no laboratório fui logo atendida.

— Tenho que esperar uma hora – falei quando me juntei novamente a Nice.

— Então vamos procurar alguma lanchonete. Estou com fome – só de pensar nos salgados meu estômago revirou.

Droga eu já estava com gravidez psicológica.

Mesmo me sentindo enjoada acompanhei minha amiga até a lanchonete do hospital. Ela foi até o balcão pedir seu lanche e eu me sentei em uma mesa do lado de fora.

— Pedi um suco pra você.

— Não quero beber nada.

— Tem que beber, já que não está conseguindo comer – Bufei assentindo. Depois que voltei do trabalho tinha comido apenas uns biscoitinhos.

Nice sorriu com compaixão. Sorri de volta, mas só para retribuir, minha vontade era de chorar. Apoiei os cotovelos na mesa e esfreguei meu rosto.

— Isso não pode estar acontecendo.

— Tem realmente alguma chance de você estar grávida?

— Bom de acordo com a médica sim, né?

— Por que você não me contou que vocês transaram?

— Quando eu saí do apartamento dele na manhã seguinte, eu decidi esquecer amiga, ou eu não conseguiria seguir adiante. Eu pensei em te contar, mas aí a minha vida virou uma correria só.

— Mari você não ficou preocupada com isso, não? Não ficou com medo de engravidar? Mulher a gente aprende na adolescência que isso não é confiável.

Tudo bem eu mereci essa também.

— Eu fiquei encucada, mas o que eu poderia fazer? Já tinha acontecido – Nice me encarava como se eu tivesse chifres. — Eu sei, fomos inconsequentes, eu mais ainda. Se eu não tivesse pedido para ele dormir comigo eu não estaria nessa situação agora.

— Mari não diminua a culpa dele, o Gabriel foi tão irresponsável quanto você, aliás ele foi mais, afinal, foi dele que saiu os espermatozoides – Sorri. Só a Nice mesmo para me arrancar sorrisos nesta situação.

— Mas eu deixei que ele os colocasse dentro de mim.

— Teoricamente você não deixou. Você o deixou colocar o pinto, não os filhotinhos dele.

— Meus Deus, Nice! Só você – Sorri, mas funguei em seguida.

— *Ai Marizinha.*

— Eu sei, estou muito ferrada.

— Também não é assim, você não está sozinha nessa, claro se você estiver grávida e eu tenho quase certeza que não – ela tentou minimizar, mas não tinha como, se eu estivesse mesmo grávida, eu estaria mesmo ferrada.

Nice foi ao banheiro e minha mente vagou para as lembranças que eu tanto insistia em esquecer.

Quando Gabriel fechou os olhos naquela noite ao meu lado, eu perdi alguns segundos encarando seu rosto, ele era tão perfeito. Tinha uma áurea tão boa. Eu só queria beijá-lo, e beijei, mas quando estava me afastando, ele agarrou a minha cintura.

Foi surreal.

Eu me conectei com ele de uma forma tão absurda que no outro dia eu só quis fugir, fiquei apavorada com a força do sentimento que eu estava desenvolvendo por ele.

Fui mesmo irresponsável. Eu deveria ter resistido, não deveria tê-lo beijado, ele já estava quase dormindo, por que não o deixei em paz?

Eu me julgava uma garota tão segura das minhas atitudes, tão certa do que era certo e errado. Já tinha me decepcionado antes e era fato que eu me decepcionaria novamente, mas ao invés de eu pensar em tudo isso na hora e me afastar, eu me agarrei a ele ainda mais.

Foi a transa mais rápida e mais alucinante da minha vida. Estávamos tão absortos naquele momento, nas carícias que proporcionávamos um ao outro que, nada mais importava lá fora, pelo menos para mim, nada mais importava. A única coisa que me importava era a forma intensa e suplicante com que ele me olhava nos olhos quando entrou em mim. Quando ele me preencheu inteira, esperou pela minha reação, mas a única reação que o momento me permitia era a de agarrá-lo com as pernas e incentivá-lo a se mover. Foi o que eu fiz.

Era loucura, mas estávamos cientes daquela loucura.

O prazer que tomou conta de mim foi avassalador, nunca tinha sentido algo parecido. Nem mesmo com Kay. Eu ainda estava mergulhada nas sensações do orgasmo quando ele se afastou bruscamente e direcionou sua ereção para minha barriga. Ele não gozou de imediato ainda se masturbou alguns segundos, antes de despejar seu sêmen na minha barriga.

Nunca vou esquecer daquele momento e se eu não estivesse com suspeita de gravidez justamente por conta do que fizemos, aquele momento seria o melhor momento da minha vida, porque eu me entreguei de corpo e alma e senti que ele de alguma forma tinha se entregado também.

O rapaz trouxe o lanche da minha amiga e meu suco e agradeci mentalmente por ele ter me trazido dos meus devaneios.



— Se eu me livrar dessa eu prometo que nunca mais na minha vida vou transar – murmurei deitando a cabeça sobre os meus braços na mesa.

— *Pelo amor* faz uma promessa mais fácil de cumprir! – Nice exclamou de boca cheia e não pude deixar de sorrir.

— Não posso estar grávida. Que merda! Não posso estar grávida de um cara que ama outra, não posso estar grávida nas condições que eu estou, mal posso cuidar de mim! Isso é um pesadelo.

— Você não fez sozinha!

— Já estamos falando como se eu já tivesse recebido a sentença.

— Verdade, credo! Você não está grávida. Você menstruou – assenti me agarrando àquela pequena esperança.

Quando deu o horário do exame ficar pronto seguimos para o consultório, esperamos o paciente que estava na sala sair e entramos.

— Muito bem, Mari. O exame já está pronto. Vou imprimir – Minhas pernas começaram a tremer e minhas mãos gelaram. Meu coração foi parar na minha garganta.

Por favor que tenha dado negativo eu pedia ouvindo o barulho da impressora cuspidando o papel. Doutora Fabiane ajeitou os óculos e franziu o cenho ao pegar o papel.

— Deu positivo. Você está grávida, Mari.



Capítulo 32

Dividido

Gabriel

Eu tinha decidido aproveitar um pouco mais a minha moto, então, assim que saí do restaurante, no sábado à tarde, peguei a estrada direto para a fazenda. Um pouco de chamego de vó seria muito bem-vindo, e eu estava precisando de um pouco de sossego. Desde que eu havia começado a trabalhar no restaurante, estava com o tempo muito corrido.

É claro que primeiro eu levei a maior bronca por ter chegado a fazenda de moto e ainda ouvi um *baita* discurso sobre os acidentes de moto serem fatais em sua maioria. Ouvi calado e concordei com tudo prometendo pegar a estrada apenas se houvesse grande necessidade.

Passado o sermão, dona Henriqueta me encheu de cuidados, fez uma *jantinha* caprichada e de sobremesa me serviu o simples, porém maravilhoso pudim de pão que só ela sabia fazer.

Depois do jantar, estávamos nós dois sentados na varanda. Ela tomando sua sagrada dose de cachaça – Rafa tinha mesmo a quem puxar – enquanto eu balançava em uma das redes fumando meu cigarro.

— Você foi ver sua mãe?

— Não vó. Vim direto pra cá.

— Eu fico muito feliz quando vocês aparecem para me ver, mas alguma coisa me diz que é mais do que isso. Você não veio guiando esse *troço* até aqui a noite apenas para ver essa velha gagá – Sorri me levantando da rede.

Apaguei o cigarro no cinzeiro e me sentei ao seu lado. Passei o braço em volta dos seus ombros e a puxei para perto.

— A senhora é mais lúcida do que todos nós juntos e eu vim até aqui só pra ver a minha vó sim. Estava sentindo falta de ser mimado. Agora que a mãe tem a Muriel, mal liga para os outros filhos – Minha vó gargalhou. — É sério, não sou mais o filho preferido!

— Suellen está *cortando um dobrado* com a Muriel, a menina está ficando

cada dia mais serelepe.

— Vai deixar seu Felipe de cabelo em pé.

— Para ele aprender. Seu pai deu muito trabalho para o seu avô – seu Felipe tinha sido mesmo terrível antes de se apaixonar por minha mãe. — Mas me diga o que mais essa avó pode fazer por você, além de mimá-lo.

— Só me mimar muito já está ótimo – Tentei desconversar, mas dona Henriqueta era uma senhorinha obstinada.

— Você é muito fechado, meu neto. Estou vendo nesta sua carinha que você não está tão bem quanto quer transparecer. É alguma coisa com a Bia, voltaram? – perguntou sem rodeios.

— Por que a senhora acha isso?

— Não acho nada, por isso estou perguntando se seguiu meus conselhos?

— E os seus conselhos eram para que eu voltasse com ela? – perguntei confuso.

— Não. Só disse para você se libertar.

— Eu estou tentando fazer isso, na verdade, acho que estou conseguindo. Eu não sinto mais aquela raiva, nem mágoa pelo que aconteceu, estou em paz – suspirei.

— Então por que parece que isso não é uma coisa boa?

— É. Eu e a Bia estamos nos reaproximando, estou deixando rolar. Não estamos namorando, mas saímos algumas vezes e nos falamos todos os dias. Eu gosto dela, mas não sei vó, as vezes acho que é um troço mais físico, entende? Fico doido quando estamos juntos, tenho que me segurar para não mandar a razão para o espaço, mas quando estamos separados, não é como se eu fosse enlouquecer com sua ausência como era antes.

— Isso não é ruim, Gabriel. Você está se libertando, se tornou sua prioridade, está cuidando mais de você, mesmo antes de colocar seu coração na mão dela novamente. Está sendo precavido. Agora, você só precisa observar se está mesmo se colocando em primeiro lugar, ou se você não está mais apaixonado por ela, como pensa que está ou queria estar.

Refleti sobre aquelas palavras. Não sabia responder se havia deixado de amá-la, mas eu ainda continuava louco por ela. Pensava nela no decorrer do meu dia e havia ficado com ciúme por ela ter ido àquela festa, mas eu não conseguiria definir exatamente o que eu sentia, não como antes, quando ela era a mulher da minha vida, quando meu maior desejo era estar com ela, casar e a coisa toda.

— Tem alguma mocinha no meio dessa confusão toda de sentimentos? – Minha avó perguntou chamando minha atenção.

Obstinada e talvez vidente.

Não respondi, mas pensei na Mari.

— Não tem mais ninguém.

— Não foi o que a sua reação me disse, meu neto.

— É complicado, a senhora não iria entender, vó – afinal, nem eu mesmo entendia.

— Por que você não me diz e deixa que eu julgo se sou capaz de entender ou não? – assenti.

Talvez fosse bom falar com alguém sobre a Mari, alguém neutro que não iria só querer saber se eu estava comendo e depois me dizer para eu não a magoar.

É, alguém como o Rafa.

— Eu conheci uma garota nesse tempo em que eu e a Bia estivemos separados. Na verdade, eu já a conhecia, mas acabamos ficando amigos e a gente... ficou junto algumas vezes, a senhora sabe o que eu quero dizer.

— Vocês transaram, pode falar, Gabriel, eu sei o que é. Eu inclusive fiz muito isso, senão você não estaria lindo desse jeito aqui na minha frente – perdi a fala, literalmente. — Continue.

— Tudo bem – pigarreei — Essa garota é muito especial, eu gosto dela, de verdade, quero que ela seja feliz, mas... não me vejo com ela. A Mari é ex do Kaiary e não é só por isso, eu... não quero me envolver com ela, nem com ninguém confuso do jeito que estou. Ficamos juntos em um momento que estávamos quebrados, eu pelo que aconteceu comigo e a Bia e ela por ter sido trocada pela Angel. Acho que acabamos buscando uma forma de aliviar a dor que sentíamos na dor do outro. Aconteceu algumas vezes, mesmo assim éramos amigos, só que ela tomou a decisão de se afastar de mim e eu não estou feliz com isso.

Na verdade, eu não estava feliz e ainda me sentia culpado. Ela decidira se afastar de mim depois do que houve na última noite que estivemos juntos. O pior era que ela nem queria falar sobre o assunto.

— E nesse meio tempo você se reaproximou da Bia? – Minha avó perguntou me trazendo de volta a realidade.

— Sim.

— Essa Mari sabe da sua história com a Bia?

— Sabe. Quando ela estava com o Kay vivia lá no apartamento, isso na mesma época que eu estava com a Bia.

— E ela sabe que você e a Bia se reaproximaram?

— Sabe – Não estava entendendo o porquê de todas aquelas perguntas.

— Com certeza essa garota se apaixonou por você e não quer ficar entre você e a Bia. Concordo com a atitude dela, Gabriel. A menina já foi trocada por outra, uma vez é suficiente, mas quer saber o que eu acho? – Balancei a cabeça assentindo. — Acho que seu coração se dividiu e você nem se deu conta. E enquanto você não souber o que fazer quanto a isso, é melhor ficar longe das duas. A Bia o magoou, mas nem por isso você precisa pisar sobre os sentimentos dela, ela parece arrependida e quer ter a chance de provar isso, e essa Mari também não merece ficar entre vocês dois. O conselho que eu te dou agora meu neto é: conheça seu coração, escute-o e deixe que ele tome as rédeas.

— Vó eu gosto da Mari, mas... – eu queria poder dizer com clareza que não era como ela estava insinuando, mas dona Henriqueta tinha me deixado confuso pra caralho.

A verdade era que eu pensava na Bia, mas também pensava na Mari. As duas estavam ocupando meus pensamentos, por motivos diferentes, mas estavam.

— Escute-o – ela disse se levantando. — Essa velha aqui vai se retirar, minha artrite, artrose, reumatismo, etc., estão gritando por descanso.

— A senhora não tem nada disso, vó.

— Então vou só descansar mesmo. Boa noite – Beijou minha testa.

— Boa noite, vó.

Ela entrou na casa e eu deitei de novo na rede.

Suspirei cansado, dona Henriqueta tinha conseguido me deixar com a cabeça quente. Acendi outro cigarro e fechei meus olhos puxando a fumaça para dentro. Eu não fumava com frequência, mas de vez em quando só um cigarro conseguia me acalmar. Aquele era uma desses momentos.

Ouvi um trotar de cavalo e levantei o corpo para ver quem era. Era o Dé, filho do caseiro e braço direito da minha avó na fazenda.

— E aí, Gabriel, beleza? Meu pai me disse que você estava por aqui.

— Beleza, sim cheguei agora a noite – respondi seu cumprimento.

— Vai rolar um truco lá em casa mais tarde, tá a fim de ir?

— Claro, faz tempo que não jogo.

— Então *vamo* embora. Tem um tio meu aí e meu pai está assando uma carne.

— Demorou. Daqui a pouco chego lá.

— Valeu – Dé saiu trotando com seu cavalo e eu fui até o móvel da sala pegar a chave da minha moto. Apaguei cigarro na metade e subi na moto.

O convite do Dé veio em boa hora, tudo que eu precisava era focar em algo que não fosse a conversa com a minha avó e, algumas cervejas, junto a algumas rodadas de truco, iriam ajudar.



Capítulo 33

Tem Como Piorar?

Mari

Nice abriu a porta do nosso apartamento e eu me arrastei até o sofá. Ela se sentou ao meu lado e segurou minha mão. Tinha tentado falar comigo durante o trajeto de volta para casa, mas permaneci muda.

Um bolo se formou na minha garganta, após eu ouvir a confirmação da médica de que eu estava realmente grávida, e eu sabia que assim que eu comesse a falar, iria desmoronar, portanto, estava tentando adiar ao máximo.

— Mari, eu estou ficando preocupada com este silêncio. Precisa de alguma coisa? Quer que eu prepare algo para você comer?

Comer?

Eu tinha certeza que não conseguiria comer nada por meses com toda aquela aflição que eu estava sentindo.

Grávida. Meu Deus! Grávida do Gabriel. Eu não estava só apaixonada por um cara que amava outra, eu estava grávida dele também.

Levei a mão na boca, tentando impedir o choro de escapar, pisquei várias vezes para espantar as lágrimas que se formaram em meus olhos.

— Mari, querida – Olhei para Nice, seus olhos preocupados e marejados foram o suficiente para eu não conseguir mais me conter — Você não tem que se segurar, coloca pra fora.

Eu desabei, literalmente, deitei em seu colo e chorei como uma criança amedrontada. Eu me encolhi como um feto em seu colo e chorei sem parar. Nice tentava me confortar dizendo que eu ficaria bem, que eu não estava sozinha, mas suas palavras só serviam para me fazer chorar ainda mais. A dor em meu peito era tão grande que eu pensei que iria morrer, tanto que comecei a respirar com dificuldade. Levantei-me do colo dela assustada.

— Mari? O que está acontecendo?

— Eu não... *s-sei... e-estou* sentindo... – Tentei explicar, mas as palavras não saíam e eu sentia cada vez mais falta de ar.

— Você está tendo um ataque de pânico – Nice constatou — Respira fundo – eu tentei respirar fundo como ela sugeriu, mas estava difícil e comecei a me apavorar por não conseguir respirar — Pelo amor de Deus, respira fundo, Mari! Junto comigo amiga – ela começou e eu tentei acompanhá-la. — Isso assim, respira bem fundo.

Enquanto eu respirava fundo buscando desesperadamente por ar, as lágrimas escorriam livremente pelo rosto.

Que patético. Eu era uma patética. Uma patética grávida, uma fraca.

— Isso amiga, continue respirando fundo.

Continuei o exercício de respiração e graças a Deus meu coração já não batia tão descompassado e a falta de ar estava diminuindo.

— Eu não vou conseguir passar por isso – eu disse depois que minha respiração normalizou. — Eu sou tão patética!

— Você não é patética, Mari! Não vou deixar você se menosprezar na minha frente!

— Eu sou tão fraca!

— Você não é fraca. Pare já com isso! Você é a garota mais forte que já conheci – ela me puxou para um abraço.

— Então eu só sou burra mesmo – resmunguei agarrada a ela. — Burra por transar sem proteção. Eu mereço isso. Quem mandou eu ser idiota? – Nice se afastou e me encarou segurando meus ombros.

— Agora me escuta – Olhou-me firme — Como já dizia a minha avó, não adianta chorar pelo leite derramado. Não vai adiantar nada você ficar se culpando. Ficar pensando no que você não deveria ter feito não vai mudar sua situação, *Marizinha*. Você vai continuar grávida e o Gabriel é tão culpado quanto você, poxa!

— Era minha obrigação dizer a ele que não podíamos transar sem proteção, ele não tinha como saber que eu não me prevenia.

— Ele tinha por obrigação usar camisinha, pelo amor de Deus, Mari! Preservativo sempre! Evita doença também, ele não sabe disso?

— *Me* sinto como uma adolescente inexperiente que transou a primeira vez na vida e engravidou – Continuei lamuriando ignorando o que ela disse.

— Essas coisas acontecem, são aqueles cinco minutos de bobeira...

— Não é só pelo Gabriel, sabe? – Interrompi-a — Na verdade, de quem eu estou grávida acaba sendo o menor dos meus problemas. Como vou trabalhar?

Como vou tocar a noite? Tudo bem que agora no início eu ainda vou conseguir tocar, mas na lanchonete eu não sei se vou conseguir trabalhar, só de pensar em comida meu estômago revira. Ainda tenho o plano de saúde, mas até quando? Meus Deus quando meus pais souberem!

— Você está falando como se tivesse feito este filho sozinha. O pai tem a obrigação de ajudar e eu sei que o *anjo* não vai te deixar passar por isso sozinha.

— Não quero ele por perto!

— Mari, acorda! Não é mais só sobre você. Pensa na criança. Eu sei que não vai ser fácil conviver com o Gabriel sabendo que ele está com outra, mas isso não tem nada a ver com o fato de que ele é o pai e tem os mesmos direitos e deveres que você. Você não pode excluí-lo.

— Desde quando você ficou tão sábia? Prefiro você desmiolada, por favor volte a ser a minha amiga doidinha.

— Desculpe, mas você pediu por isso. Você trouxe a Nice responsável à tona, agora aguenta – Sorri. — Quando você vai contar pra ele?

— Eu acabei de saber. Não tenho psicológico pra isso agora.

— Tudo bem, concordo, você precisa digerir primeiro.

— Que merda de vida! Tem como piorar? Eu devo ter jogado pedra na cruz. Se existe mesmo essa coisa de vidas passadas eu devo ter sido uma pessoa horrível para estar pagando todos os pecados nesta vida.

Nice sorriu. Deitei novamente a cabeça em seu colo e permaneci ali, seus dedos fazendo carinho nos meus cabelos iam me acalmando aos poucos.

— Você vai passar por isso tudo e vai olhar para trás e reconhecer a mulher forte que é – disse convicta, mas eu não tinha tanta certeza.

Mais tarde no meu quarto, eu já estava um pouco mais calma, Nice tinha me preparado um chá de camomila e empurrado um croissant. A preocupação estava longe de me abandonar, mas pelo menos, eu já não estava tão ansiosa a ponto de ter um treco.

Eu decidi tentar não pensar demais nas consequências, pelo menos naquela noite. Se eu comesse a imaginar como meus pais reagiriam, como seria quando eu contasse ao Gabriel, eu me desesperaria novamente e a Nice não estaria ao meu lado para me ajudar a respirar. E ela já tinha me ajudado muito durante todo aquele fatídico dia e merecia um boa noite de descanso. Já eu, não conseguia me imaginar deitando a cabeça no travesseiro e dormindo tranquila, tendo lindos sonhos com um bebezinho lindo correndo pela praia com o pai mais lindo de todos correndo atrás dele e eu, tirando milhões de fotos para registrar

aquele momento lindo da minha família perfeita.

Odiei-me por imaginar aquilo, odiei imaginar como ele seria um excelente pai. Odiei-me mais ainda porque comecei a chorar novamente.

Foi a noite mais longa da minha vida, sabe quando você leva um susto e fica com aquela sensação esquisita no estômago e o coração batendo descompassado? Por várias vezes me senti assim quando eu estava quase dormindo, aí despertava por causa da sensação horrível.

As seis da manhã eu já estava de pé. Fui me arrastando para fora do quarto agarrada ao meu cobertor. Sentei-me no sofá e liguei a televisão, mas não consegui me concentrar em nada, fiquei passando pelos canais de TV com o pensamento longe. Quando consegui cochilar um pouquinho, acordei com ânsia de vômito.

Corri para o banheiro e fiquei lá convulsionando sem nada sair.

— Mari você está vomitando de novo? — Raquel perguntou a porta.

Ela deveria estar querendo usar o banheiro para ir para a faculdade. Nosso apartamento tinha três quartos minúsculos e só um banheiro.

— Desculpa Raquel, já vou sair.

— Tudo bem, vou fazer o café.

Ela saiu e eu voltei a abraçar o vaso. Quando os espasmos cessaram, saí do banheiro e voltei para o sofá. Senti o cheirinho do café — Que foi agradável no início, pois eu adorava café — mas que logo me fez voltar ao banheiro.

Felizmente foi alarme falso, até por que eu iria vomitar o quê? Só se fosse o estômago. Voltei novamente para a sala e Raquel estava parada com sua caneca de café na mão.

— Você precisa ir ao médico, Mari.

— Ela já foi — Nice respondeu vindo do corredor. Minha amiga sorriu sonolenta e descabelada e sentou ao meu lado no sofá. — Mas vai ter que ir novamente, você sabe, *né*? Aquele lance todo de pré-natal.

— Você está grávida? — Raquel perguntou sentando-se do outro lado.

— Sim, foi o que disseram — respondi.

— Posso perguntar de quem é? Você não tem namorado, nunca te vejo com ninguém, só com aquele Bastos... — ela parou de falar — Você está grávida do irmão do Rafa? Não sabia que vocês estavam juntos, ele é lindo!

— Não estamos juntos, Raquel, por favor não comente com ninguém ainda, o Gabriel ainda não sabe — pedi.

— Claro, pode deixar – suspirei encarando seus olhos especuladores.

— A gente ficou algumas vezes, mas não chegamos a ter nada.

— Pois você deveria ter tentado. Aquele lá é o genro que toda mãe sonha.

Com certeza não a minha mãe.

— Voltando ao que interessa – Nice disse fechando a cara para Raquel — Você tem que procurar um ginecologista obstétrico para você fazer o acompanhamento. Saber de quanto tempo *tá* o bebê e se está tudo bem com ele.

— Minha prima teve bebê recentemente, se quiser posso perguntar a ela o nome da médica que fez o pré-natal e o parto.

— Por favor, Raquel eu agradeço.

— Então é isso, Mari. Vamos nos preocupar com a saúde e bem-estar do meu sobrinho e deixar o resto pra depois.

— Sobrinho? – perguntei franzindo o cenho.

— Isso mesmo, sobrinho ou sobrinha. Vou mimar muito seja menino ou menina! – Nice disse empolgada e eu só pude sorrir.

— Tudo bem, vou correr atrás disso – eu disse e pela primeira vez desde que soube que estava grávida, toquei minha barriga.

Saber que havia um *serzinho* ali dentro de mim era apavorante, mas a Nice estava certa, ele era parte de mim agora e deveria ser a minha prioridade dali em diante.

A minha ficha finalmente caiu. Eu não estava mais sozinha e a vida daquele bebê dependia única e exclusivamente de mim. As duas me abraçaram e eu as abracei de volta.

Não me senti tão sozinha. Eu buscaria forças no inferno se fosse preciso, mas eu iria dar conta.



Capítulo 34

Vamos Conversar

Alguns dias depois...

Gabriel

— O restaurante está lotado – Gustavo disse se aproximando.

— Isso é bom, não? – Acrescentei um pouco mais de tempero à panela e devolvi a colher ao nosso ajudante, voltando minha atenção para ele. — É sinal de que estamos no caminho certo.

— Eu sei e concordo – ele pigarreou.

— Então qual é o problema? – perguntei notando seu nervosismo. — Se é um aumento que você está querendo, terá que falar com o Rafa. Como ele mesmo adora frisar, eu só cozinheiro.

— Não é isso, na verdade eu só estou puxando assunto tentando criar coragem para entrar em outro.

— Não precisamos disso, Guga. Somos amigos, você pode e deve ser direto.

— Certo – disse sem jeito. — Eu terminei com a minha namorada, você sabe.

— Sim, você fez bem, se não estava mais dando certo era coisa certa a se fazer.

— Então, eu estou saindo com outra garota e... estou gostando dela – Cocei a nuca confuso.

Fiquei feliz por ele, mas no que aquilo me interessava?

— Você está me pedindo algum conselho? Porque cara, não sou exemplo pra ninguém, minha vida afetiva anda uma confusão que...

— É a Luana – disse me interrompendo.

— A Lu?

— É Gabriel, aconteceu. Olha eu... sei que vocês meio que tiveram um

lance, mas...

— Guga – foi a minha vez de interrompê-lo. — Eu e a Luana somos amigos, nem chegamos a ter um lance, relaxa – ele suspirou aliviado. — Estou contente por vocês, você é um cara legal, tenho certeza de que vai fazê-la feliz – Segurei seu ombro.

— Ufa que alívio! Eu pensei que você pudesse não gostar, que tivesse alguma intenção de sair com ela de novo. Ela me disse que vocês eram apenas amigos, mas quis me certificar que estaria tudo bem pra você.

— Está. Só cuida bem dela, O.K.?

— Pode deixar.

— E vê se a convence a vir trabalhar com a gente, quem sabe agora ela não anima?

— Vou falar com ela – assenti.

Eu realmente fiquei feliz por eles. Por tudo o que a Luana já tinha passado com o ex-marido, ela merecia uma cara bacana ao seu lado e o Gustavo era um bom homem, eu o admirava. Ele vinha de uma família humilde do interior do Espírito Santo, mas pelo que sempre contava, seus pais eram muitos guerreiros e fizeram das tripas coração para pagar uma boa escola para que ele pudesse fazer faculdade.

— Gabriel? – Adriele chamou, me trazendo de volta dos meus devaneios.

— Sim?

— Lembra da Mari? – Meneei a cabeça assentindo. — Ela está aqui e perguntou por você.

— Daqui a pouco vou falar com ela. Ela já escolheu o que vai comer?

— Sim. Vou olhar o pedido dela.

— Não precisa, é só pra saber. Quando ficar pronto eu mesmo levo pra ela. Qual é a mesa?

— Doze.

— O.K.

Encostei-me no balcão e as palavras da minha avó ecoaram na minha cabeça como se ela estivesse ao meu lado falando: *“Acho que seu coração está dividido e você nem se deu conta.”* Será que isso explicaria o fato de ele ter disparado em meu peito?

Eu não saberia responder, no entanto, a euforia por vê-la me dominou. Quando o pedido dela ficou pronto, fui pessoalmente levar. Estranhei o pedido,

apenas salada e frango grelhado.

Será que ela havia entrado para o time dos fitness?

Mari franziu o cenho e sorriu ao me ver levando a sua comida.

— Você foi rebaixado? – perguntou em tom de brincadeira.

— Ainda não – respondi colocando os pratos a mesa com ajuda do garçom. Ele se retirou e eu me sentei na cadeira de frente para ela.

Nós nos encaramos. Ela sorriu antes de desviar o olhar para o prato. Parecia bem mais magra o que me fez pensar que realmente estava fazendo alguma dieta maluca. Eu gostaria de saber pra quê?

— Está tentando provar que o ser humano pode voar? – brinquei.

— Engraçadinho!

— É verdade, se der um vento muito forte *te* carrega.

— Nossa estou lisonjeada com seus elogios.

— Desculpe, é só que você parece mais magra, sem contar que está um pouco abatida.

— Nossa Gabriel, você sabe mesmo como deixar uma garota com o ego inflado. Estou me sentindo a própria Olívia Palito – gargalhei.

— Só estou preocupado. Você continua linda.

— Ah, obrigada! – respondeu com ironia.

— É sério. Agora, estou decepcionado, você vem ao meu restaurante e é isso que vai comer? Salada e carne grelhada? Está de dieta?

— Não estou de dieta – respondeu, cortando um pedaço da carne e levando-a a boca. — Só tenho estado ruim para comer esses dias. Meu estômago não anda muito legal – sorriu e desviou o olhar para o nada.

Estava na cara que ela estava passando por algum problema. Seria por isso que teria me procurado? Preferi não a abordar com perguntas, deixei que ela se abrisse por conta própria, afinal ela havia me procurado, *né?*

— Tem que se cuidar, Mari. Já procurou um médico?

— Sim – assentiu revirando a salada no prato.

— Posso pelo menos oferecer alguma bebida? – perguntei notando que ela só tinha pedido uma água — Você é minha convidada, é por minha conta.

— Obrigada Gabriel, mas ficarei só na água mesmo.

— O.K. – Encostei-me na cadeira a observando. Mari revirou a salada mais algumas vezes no prato antes de me encarar — Eu vim aqui pra conhecer o

restaurante, mas também pra saber se poderíamos conversar mais tarde.

— Vai finalmente conversar comigo sobre aquela noite?

— Também, de certa forma... Fomos tão irresponsáveis, Gabriel! – ela suspirou.

— Eu sinto muito – na verdade, eu não sentia muito, eu sentia era falta, mas preferi me desculpar.

— Não precisa se desculpar, vamos falar sobre isso mais tarde, certo?

— Certo – Aproximei-me e segurei sua mão — Vamos conversar.

Mari sorriu, mas seu sorriso não alcançou os olhos e agora eu tinha certeza de que ela estava com problemas.

— Você sabe que pode contar comigo, *né*?

— Eu sei... e você e a Bia? – perguntou do nada.

Não respondi de imediato, de repente falar sobre meu envolvimento com a Bia para ela me pareceu tão inconveniente.

— Nós...

Não consegui terminar de responder pois a própria Bia se materializou na nossa frente.

— Oi Gabriel – ela me cumprimentou sorridente — Oi Mari! – levantei-me e a cumprimentei com dois beijos no rosto. Mari sorriu apenas, mas foi puxada pela Bia para um abraço.

Eu não sabia o que a Mari estava pensando, se estava bem com a situação – Pelo menos ela havia demonstrado que não se importava da última vez que nos falamos –, mas eu estava achando tudo muito constrangedor.

— Posso me sentar com vocês?

— Claro! – Mari respondeu. Bia sorriu novamente e sentou-se na cadeira ao meu lado. Um dos garçons foi até a mesa anotar o pedido dela. Fui salvo pelo gongo quando fui solicitado na cozinha.

— Meninas eu já falo com vocês.

— Tudo bem, vai trabalhar – Bia respondeu segurando minha mão que descansava em cima da mesa. Olhei para Mari que estava com os olhos fixos nas nossas mãos unidas.

Mais constrangedor, impossível.

Pedi licença e praticamente corri até a cozinha, ainda dei uma olhada rápida na direção delas. Bia falava sem parar enquanto Mari apenas sorria. Meu celular

vibrou no meu bolso e eu não precisei olhar para saber que era o Rafa.

“*Gabriel e suas duas mulheres*” a mensagem do idiota dizia. Ele tinha uma televisão de 52 polegadas no escritório dele que transmitia todas as imagens das câmeras. O babaca sabia tudo que acontecia ali, nada passava despercebido por ele. Eu até gostava de ver o quanto ele se empenhava em manter tudo funcionando perfeitamente, menos quando resolvia se meter no que eu fazia ou não ali dentro.

Guardei o celular de volta no bolso e me ocupei em orientar o me que foi solicitado. Quando retornei, a Mari já havia partido.

Por que ela foi embora sem se despedir?

— ... Não. Ela disse que estava atrasada para um compromisso – Bia me informou quando perguntei se ela havia deixado algum recado para mim. Assenti me sentando ao lado dela.

— Já fez o seu pedido, *né?* – perguntei notando que a comida ainda não estava na mesa.

— Já sim e vim até aqui convidá-lo para ir até a minha casa mais tarde, topa? Pensei em cozinhar pra ti, pra variar.

Mari tinha dito que queria conversar comigo mais tarde, mas havia ido embora sem combinarmos o lugar, ou um horário.

— Tudo bem se não puder – Bia completou quando não lhe dei uma resposta.

— Eu tenho que confirmar contigo mais tarde. Pode ser?

— Claro – respondeu desanimada. — Mas digo que irei esperar ansiosa teu retorno – disse me lançando um olhar que me faria ter uma ereção se eu não tivesse sido pego de surpresa.

Seu olhar me dizia que ela estava com segundas e até terceiras intenções, e era fato de que as coisas aconteceriam entre nós se eu aparecesse na sua casa, pelo menos no que dependesse dela.

Confesso que estava admirado com a paciência da Bia em brincarmos de amiguinhos. Até que ela tinha demorado a tomar uma atitude. Não a culpava por querer reverter a situação. Estava empenhada a me reconquistar, desde o início sabia o que queria e estava trabalhando para isso, eu, no entanto só queria me libertar, e quando finalmente me libertei, andava meio sem rumo.

— Eu *te* ligo a noite – Sorriu animada.

Despedi-me dela e voltei para minha cozinha. Tentei falar com a Mari,

mesmo durante meu expediente, mas o celular dela só tocava até cair na caixa postal. Deixei mensagem de voz e de texto e ao fim da tarde eu já estava me sentindo um idiota, por estar mais uma vez sendo ignorado por ela.

Não conseguia entender o motivo. Foi ela que tinha ido ao meu encontro dizendo que queria conversar, por que não queria me atender então?

Eu não queria acreditar que ela poderia ter ficado chateada porque a Bia apareceu, mas era o que sua atitude estava demonstrando.

Será que a Bia tinha dito algo a ela que a fez sair às pressas daquele jeito a fazendo desistir de ter uma conversa comigo?

Se era isso, ela poderia negar o quanto fosse, mas o fato de eu e a Bia estarmos próximos a incomodava.



Já em casa fiz minha última tentativa. A ligação foi direto para a caixa postal. Fui para o banho e quando voltei ao meu quarto, peguei meu celular e lá estava uma mensagem dela dizendo que não era nada importante o que ela queria conversar e que poderia ficar para outro dia qualquer.

Que merda!

Fiquei puto pra caralho, além de magoado. Eu não era adivinho e não iria ficar esquentando minha cabeça. Se ela tivesse realmente algo para me dizer atenderia a ligação e conversaríamos.

Estava frustrado e cansado de ser ignorado.

Olhando para o celular em minha mão, respirei fundo e enviei uma mensagem à Bia. Eu iria até ela e deixaria as coisas rolarem, afinal de contas eu precisava me decidir e alguns momentos de intimidade poderiam me ajudar.



Capítulo 35

Isso Não Está Certo

Bia

Tirei a lasanha do forno e coloquei sobre a bancada da cozinha. Respirei aliviada, pelo menos visualmente estava perfeito. Eu torcia para que o gosto também estivesse bom.

Fui até a mesa e ajeitei os pratos e os talheres. Finalizei a arrumação colocando um arranjo de flores no centro. Arranquei o avental do meu corpo e corri para o banheiro. Gabriel chegaria em menos de quarenta minutos e eu ainda estava desarrumada.

Tomei um banho rápido e caprichei no hidratante. Já havia secado meus cabelos quando os lavei mais cedo, então apenas os penteei. Fui até minha gaveta de lingerie e escolhi um conjunto preto e muito sexy, o sutiã era tomara que caia e a calcinha de renda. Escolhi um vestido especialmente para a ocasião. Ele era de malha com alças finas e justinho no corpo. Calcei meu par de rasteirinhas porque não queria parecer arrumada demais, mas queria ser notada. Meu vestido abraçava meu corpo de uma forma que, ao mesmo tempo que era discreto, era sensual.

Eu havia esperado pacientemente o momento em que Gabriel estivesse pronto para dar algum passo em relação a nós, mas cheguei à conclusão de que ele precisava de um empurrãozinho. Eu compreendia sua resistência e com razão, ele temia ser magoado novamente por mim, fazer o quê? Eu lhe dei motivos para isso, mas não iria acontecer, eu precisava mostrar a ele que não iria feri-lo novamente. E eu mostraria, na cama, onde a gente sempre se entendeu sem ser preciso palavras. Eu deixaria o meu corpo mostrar a ele que estava seguro comigo.

Eu estava um pouco na dúvida – mesmo querendo muito – se seria uma boa ideia dar este passo, mas hoje quando o vi com a Mari no restaurante, não sei explicar, me senti ameaçada. Eles pareciam tão íntimos, o jeito que ele olhava para ela antes de se dar conta da minha presença. Eu poderia estar ficando maluca, mas já vi aquele olhar.

Eu soube por alguns amigos que os dois estavam próximos. Eles foram vistos juntos algumas vezes, na época não me importei, eles sempre se deram bem quando a Mari frequentava o apartamento, aliás, todos nós nos dávamos bem, entretanto, quando eu o convidei para irmos ao bar que ela tocava, notei que ele hesitou. Eu estranhei, mas fiquei na minha, afinal não tinha o porquê eu ficar grilada, mas os vendo juntos hoje, percebi uma cumplicidade, uma ligação que ele não deveria ter por ela.

Poderia ser que fosse só amizade, os dois se aproximaram pelo fato de terem tido uma decepção amorosa, mas na dúvida, tratei de marcar meu território. No meio da nossa breve conversa eu disse a ela que eu e Gabriel estávamos nos entendendo e que eu estava ali para convidá-lo para jantar comigo, *tipo* um jantar romântico.

Não tenho nada contra a Mari, eu gosto dela, de verdade, mas ela que fique longe do Gabriel se estiver interessada nele. Não ligo de eles serem amigos, mas que seja só isso.

Voltei para a cozinha e recoloquei a lasanha no forno para mantê-la quente, peguei as taças e a coloquei na mesa. Estava escolhendo qual vinho servir quando o interfone tocou.

Meu coração disparou e corri para atender. Liberei a entrada do Gabriel e o esperei com ansiedade. Meu coração estava disparado, e confesso que eu estava um pouco receosa, mas não voltaria atrás, eu iria investir forte, foi para isso que o havia convidado para jantar. O tempo de amizade já tinha passado, pelo menos para mim e eu esperava de coração que, para ele também.

Abri a porta e não consegui conter um suspiro de satisfação. Ele estava lindo e muito cheiroso. Eu estava adorando aquele seu novo estilo de cabelo e barba maior, do que ele costumava usar, quando namorávamos. Ele ficava com um ar mais adulto e extremamente mais sexy.

— Oi! – Recebi-o empolgada.

— O cheiro está bom, hein? – ele disse depois de me cumprimentar com dois beijinhos.

— Espero que o gosto também – confessei. — Mas isso é *tu* que vai me dizer.

— Você não provou? – neguei com a cabeça o puxando para a cozinha. — Quer dizer que serei sua cobaia?

— Exatamente – gargalhou.

— Deixe-me ver o que temos aqui – disse se aproximando do fogão.

Ele me encarou e fiz um gesto com a mão para ele prosseguir. Gabriel sorriu e abriu o forno. Deu uma boa olhada antes de pegar as luvas e retirar a lasanha lá de dentro.

— Está bonita.

— Por que *tu* não nos serve enquanto abro um vinho pra gente? – sugeri. Ele assentiu animado depositando a forma sobre a mesa.

Sorri satisfeita pela naturalidade com que estávamos lidando com a situação, parecíamos um casal comum, jantando em um dia qualquer – tudo bem que sem a parte do romance –, mas ainda assim, eu estava bem com isso.

Fui até a geladeira e peguei a garrafa de vinho. Gabriel sorriu pela escolha. Claro que eu me lembrava que ele preferia vinho branco, assim como eu.

Servi as taças enquanto cortava a lasanha e colocava nos pratos. Eu não estava com medo de ter ficado ruim, eu fui namorada dele, claro que ele me ensinou algumas coisinhas na cozinha. Embora eu não gostasse de cozinhar, aprendi uma coisa aqui e outra ali, só para deixá-lo contente, mas confesso que estava ansiosa para que ele provasse.

Sentamos à mesa e brindamos ao momento, comemos conversando animadamente. Ele elogiou a comida e a escolha do vinho.

— Eu sei os seus preferidos são os vinhos brancos. Eu não me esqueci de nada relacionado a ti – aproveitei a oportunidade, ele sorriu ignorando o que eu tinha dito e começou a falar de outra coisa.

Fiquei um pouquinho decepcionada, mas não iria desistir assim tão fácil.

Depois que jantamos, guardei o que sobrou da lasanha, enquanto Gabriel lavava a louça. Quando deixamos a cozinha em ordem, abri uma nova garrafa de vinho e o convidei para a sala. Coloquei uma música para tocar e me sentei no sofá. Gabriel seguiu meu exemplo e se sentou ao meu lado.

— Como vão seus pais? Você nunca os menciona – ele iniciou o assunto.

— Estão bem. Mamãe quer passear aqui novamente para matar a saudade e conhecer a Helena. A propósito, quando irei conhecer a Muriel?

— Meus pais estão me devendo uma visita, quando eles vierem *te* aviso, tudo bem?

— Claro – respondi e dei um longo gole na bebida secando o conteúdo da taça.

Coloquei a minha taça na mesa de centro e segurei sua mão. Gabriel virou-se para mim e me encarou.

— Gabriel eu sei que *tu* quer levar as coisas devagar, eu entendo e respeito isso...

— Mas? – Interrompeu-me

— Mas estou morta de saudades de ti. Desculpe, mas preciso dizer que sinto sua falta e essa nossa proximidade tem me feito perceber isso. Sinto falta do teu abraço, do teu carinho, dos teus beijos. Eu sei que você quer levar na amizade até estar pronto para dar algum passo, mas preciso dizer que a cada dia que passamos juntos, a cada sorriso *teu*, eu sinto essa falta crescer em meu peito.

— Bia...

— *Me* deixe *te* mostrar o quanto sinto sua falta? – Não esperei resposta.

Tirei a taça da mão dele e me sentei em seu colo. Suas mãos foram para minha cintura me deixando confiante. Deslizei a mão por sua barba e segurei seu rosto aproximando o meu. Ele não recuou, então coleí nossas bocas. Gabriel entreabriu seus lábios e sua língua buscou a minha. Aconcheguei-me em seu colo, enquanto suas mãos deslizavam pelas minhas costas. O beijo era perfeito, delicioso como sempre foi. Quando achei que me deitaria no sofá, ele recuou.

— Bia você tem certeza de que quer mesmo fazer isso? Olha, não vou negar que eu sempre tive um desejo absurdo por você, mas eu não sei como vamos proceder daqui pra frente, não me sinto pronto para ir adiante, talvez eu nunca esteja. Se a gente transar, não significa que iremos reatar.

— Eu quero assumir o risco, Gabriel. Se amanhã as coisas continuarem como estão, irei respeitar, eu só não quero e não consigo ficar longe de ti agora. Eu preciso ser *tua*.

Ele engoliu em seco e pude ver a indecisão em seus olhos. Puxei novamente para mim e o beijei. Passei minhas pernas uma de cada lado do seu corpo e pude sentir seu desejo por mim. Sim ele me desejava, mas me amaria de novo, no que dependesse de mim ele me amaria de novo.

Aprofundei o beijo e quando fiz menção de levantar sua camiseta, ele segurou minhas mãos.

— Bia, para. Isso não está certo.

— Por que não, se a gente se quer?

— Não consigo fazer isso – Encarei-o boquiaberta.

Um celular começou a vibrar, não sei aonde, levando embora toda a chance que eu tinha de convencê-lo. Gabriel se afastou de repente e tirou o celular do bolso.

Droga!

— Desculpe. Número estranho, pode ser importante – assenti saindo do colo dele que se levantou e atendeu a ligação.

Encarei sua fisionomia e pela sua cara, estava nítido que não era boa notícia.

— ... Nice me diz aonde vocês estão – quem era Nice? — Já estou indo pra aí, obrigado por avisar. Beijos – ele encerrou a ligação e já foi caminhando em direção a porta. — Eu sinto muito – disse quando me aproximei.

— Tudo bem, aconteceu alguma coisa com alguém?

— A Mari foi hospitalizada. Preciso ir até lá.

Mari? Ele precisava ir até lá? Que merda era aquela?

— Certo, eu vou com você – falei. Já ia me afastando quando ele segurou minha mão.

— Não precisa se incomodar, Bia. Eu te dou notícias, O.K.? Obrigado pelo jantar, estava incrível, mas eu realmente preciso ir até o hospital saber o que aconteceu.

Minha língua coçou para perguntar porque tinha de ser ele, mas me contive. Fazer *ceninha* não iria me ajudar.

— Claro, por favor me dê notícias então – ele assentiu. Toquei de leve seus lábios com os meus e abri a porta.

Ele passou por mim rapidamente e partiu sem olhar para trás, praticamente correu até o elevador me deixando sem reação.



Capítulo 36

Um Bebê

Mari

Entrei na lanchonete apressada e guardei minha bolsa. Coloquei o avental e peguei um bloquinho para anotar os pedidos.

— Mari está tudo bem? – Tati perguntou me encarando preocupada.

— Está. *Me* desculpe a falta de educação, nem a cumprimentei, estava perdida em pensamentos.

— Eu percebei, mas tudo bem, eu imagino que não deva ser nada fácil passar pelo que você está passando.

— Não é, mas eu vou ficar bem.

— Falou com ele? – dona Bethânia perguntou vindo da cozinha. Neguei com a cabeça. — Mari, você vai ter que falar...

— Eu sei – Interrompi-a — Eu fui até lá, falei que precisávamos conversar, mas aí... – Funguei. Droga esses hormônios!

— Mas aí?

Aí a Bia disse que eles estavam se entendendo.

— A namorada dele chegou e perdi a coragem.

Eu tinha contado a dona Bethânia e a Tati por alto o que tinha rolado entre mim e o Gabriel, o fato de ele ser apaixonado por outra garota e de estar tentando se entender com ela. Também contei sobre a minha situação familiar. As duas estavam me dando muita força e passaram a ser muito especiais para mim.

— Então eles voltaram?

— Ela disse que eles estavam se entendendo e que ela estava lá para convidá-lo para um jantar romântico. É questão de tempo para eles se acertarem.

— Independentemente de eles se acertarem, ele é o pai, minha querida.

— Eu sei. Eu nem sei o porquê estou tão triste. Eu já sabia que isso aconteceria.

— Está triste porque você está apaixonada por ele e lá no fundo você ficaria feliz se ele escolhesse ficar com você.

— Não quero segurar ninguém pela barriga, dona Bethânia. Minha mãe fez isso. Casou com papai porque estava grávida do Mau. A família do meu pai disse que ela tinha dado o golpe da barriga, não sei se é verdade, mas sei que eu não sou assim. Acima de tudo, eu quero que o Gabriel seja feliz, ele é meu amigo e do fundo do meu coração, espero que eles se acertem logo, se realmente se amam. Não vou estragar a felicidade dele, não agora. E outra, eu não queria um relacionamento antes de estar grávida, portanto, vou continuar não querendo.

— Você que sabe, Mari, mas uma hora você vai ter que contar e espero que não seja quando já estiver com a criança no colo – ela me deu um abraço rápido e voltou para a cozinha.

— Ela está certa.

— Eu sei, Tati – ela sorriu com compaixão. — Obrigada por tudo, vocês estão sendo maravilhosas.

— Ah, que isso!

Elas estavam mesmo sendo dois anjos para mim, além da Nice. Quando dona Bethânia soube da gravidez, pensei que ficaria chateada pela a funcionária estar grávida, mas ela foi de uma solidariedade impressionante. Eu iria pedir as contas por estar me sentindo tão enjoada, foi então que ela me surpreendeu dando-me alguns dias de folga e me colocando para trabalhar só no período da tarde já que os enjoos mais fortes aconteciam pela manhã.

— É verdade, você e sua mãe são dois anjos. Eu fiquei muito desesperada quando soube que seria mãe solteira, mas depois parei para analisar e quer saber? Eu tenho muita sorte por ter a Nice e vocês duas ao meu lado. Por isso vou parar de me queixar e segurar as pontas, afinal, eu não estou sozinha.

— Assim que se fala! – Tati soltou um grito e foi repreendida por seu pai que nos encarava do caixa. — Desculpa, pai – ele abaixou a cabeça novamente para a calculadora, mas deu para vermos um breve sorriso.

— *Me* deixe trabalhar – Tati assentiu e eu fui até a mesa atender o cliente que tinha acabado de chegar.

Claro que eu iria contar ao Gabriel sobre a gravidez, eu tinha me acovardado, mas não desistido. Como a Nice mesmo já havia dito, eu não tinha feito a criança sozinha, todavia, eu contaria quando me sentisse bem para contar. O Gabriel saber sobre a paternidade não era minha prioridade no momento. Minha prioridade era o bem-estar do meu bebê, só isso e eu até que estava me

saindo bem nessa coisa toda de ser mãe de repente. Já havia procurado uma obstetra e feito os primeiros exames iniciando o pré-natal.



Quando deu o horário de eu ir para a casa me despedi do pessoal e me apressei para pegar o ônibus. Estava lotado e acabei fazendo o trajeto todo praticamente em pé. Sorri pensando se quando minha barriga já estivesse aparecendo, eu teria prioridade nas filas dos bancos, dos cinemas e poderia ir sentada nos transportes coletivos, pelo menos eu esperava por aquilo.

Fui o caminho todo pensando sobre como seria minha vida depois que o bebê nascesse e acabei pensando em como seria a sua aparência. Ele seria ruivo? Ou se pareceria com o pai? Ele ou ela, seria a criança mais linda do mundo se parecesse com ele. Sua aparência, no entanto, não importava, o importante era que ele viesse com saúde.

Era incrível como eu já o amava, enfrentaria o mundo por ele ou ela.

Pensei em meus pais, em como reagiram quando soubessem da minha gravidez. Eu sabia que seria da pior forma possível, não iria me iludir que eles aceitariam numa boa, afinal, eles tinham, de certa forma, abandonado a própria filha, mas para mim já não importava mais ter a aprovação deles, em qualquer coisa que eu fizesse.

O ônibus parou no ponto e desci ajustando minha bolsa no ombro. Caminhei cerca de dez minutos até chegar próximo ao prédio. Estava virando a esquina quando senti uma umidade entre minhas pernas e uma leve pontada no ventre. Congelei no lugar.

O que foi isso?

Comecei a me apavorar percebendo que saía algo de dentro de mim. Tentei continuar meu caminho, mas o que quer que fosse continuava saindo.

Ai meu Deus!

Encostei-me nas grades que cercavam o conjunto de prédios e procurei meu celular na bolsa, tremendo, custei a achar o número da Nice no aparelho.

— Oi, gata! – ela exclamou quando atendeu.

— Graças a Deus! Você está em casa?

— Sim, acabei de chegar. O que houve?

— Eu não sei... – Olhei disfarçadamente para os lados e levantei minha saia, deslizei os dedos na minha calcinha e confirmei o que eu já temia. Era

sangue.

— Mari?

— Estou sangrando, Nice – Respirei fundo tentando não me desesperar.

— Aonde você está? – ela perguntou e pude ouvir a porta do apartamento bater.

— Aqui embaixo, estou com medo de andar.

— Estou descendo. Vou pegar o carro.

— Obrigada, Nice – respondi quase chorando.

— Fica calma, Mari – ela disse antes de encerrar a ligação.

Ficar calma iria ser difícil. Só de pensar na possibilidade de estar perdendo o bebê, já era motivo suficiente para eu entrar em pânico.

Nice me avistou encostada nas grades quando saiu no portão e estacionou na calçada. Desceu e correu até mim.

— Vem amiga, devagar.

— Vou sujar o banco – disse enquanto andávamos até o carro a passos de tartaruga.

— Dane-se o banco! – Minha amiga abriu a porta e me ajudou a sentar.

Pouco tempo depois, Nice parou o carro no estacionamento do hospital ali mesmo no Méier.

Saí do carro com o máximo de cuidado, enquanto Nice correu na entrada do hospital e pegou uma cadeira de rodas. Fiz minha ficha e por ser uma emergência fui encaminhada imediatamente para o médico. Ele me fez algumas perguntas e logo depois me encaminhou para a sala de ultrassonografia.

Nice me acompanhou e ficamos de mãos dadas o tempo todo. Com certeza algumas pessoas deveriam estar pensando que éramos um casal, mas eu estava muito agradecida em ter minha amiga junto comigo. De repente o Gabriel me veio à mente. Eu deveria ter contado logo a ele, era seu direito saber, se algo acontecesse ao bebê...

— Boa noite Mariana, eu sou a doutora Lucília e vou realizar o exame de ultrassom em você – ela disse olhando os papéis em sua prancheta.

— *O-obrigada!* – respondi gaguejando, um bolo se formava em minha garganta. Estava difícil até para respirar.

— Fique calma – Impossível ficar calma perante a situação, mas assenti.

A doutora despejou o gel gelado em minha barriga e começou a deslizar o

aparelho. Apertei ainda mais forte a mão da Nice que tentava transparecer calma, mas que estava nítido em sua cara a sua preocupação.

Depois de um tempinho um som alto e rápido ecoou pela sala de exames. Sorri aliviada ao ouvir aquele barulho com qual eu já estava familiarizada devido a ultrassonografia que eu já havia feito dias antes.

— É o coração? – Nice perguntou emocionada.

— É sim – a médica respondeu. — Pode ficar tranquila que está tudo bem com seu bebê – disse limpando o gel da minha barriga — Vou enviar o exame para o médico que lhe atendeu e ele já fala com você, O.K.?

— Certo – suspirei aliviada. As lágrimas saíam livremente dos meus olhos.

Nice me ajudou a sentar na cadeira de rodas e seguimos acompanhada de uma enfermeira até o quarto. Já instalada aguardei que o médico viesse falar comigo.

— Vou ligar para o Gabriel – Nice disse sentando-se ao meu lado.

— Não vai, não!

— Mari você poderia ter perdido o bebê e ele nem saberia que seria pai porque sinceramente, eu não acredito que você tivesse coragem de dizer pra ele: “ah Gabriel, eu estava grávida de um filho seu, mas eu perdi, me desculpe não ter contado.” – Fechei os olhos segurando as lágrimas. Eu estava virando uma chorona.

Nice tinha razão, ele não iria me perdoar, mas ainda assim eu não queria contar, não naquelas circunstâncias, queria adiar ao máximo.

— Ele deve estar no encontro romântico com a Bia – Ainda tentei justificar.

— Dane-se. Vou ligar pra ele – Levantou-se e saiu sem esperar minha resposta.

Minutos depois ela voltou e sentou-se ao meu lado. Esperei que ela dissesse algo, mas ela ficou em silêncio. Comecei a ficar ansiosa pensando no que ele poderia ter dito.

Será que não atendeu? Será que tinha dito que estava ocupado demais no momento?

— Ele não atendeu, não é? Deve estar ocupado com a Bia – não vou negar que fiquei decepcionada.

— Claro que ele atendeu e está vindo pra cá – ela deu um sorrisinho cúmplice. Revirei os olhos e sorri também.

O médico veio falar comigo antes que o Gabriel chegasse e, confesso que

achei melhor já ter um diagnóstico quando conversássemos.

— O bebê está mesmo bem, doutor? – perguntei assim que ele começou a falar.

— Sim, mas diante do ocorrido, sua gravidez inspira cuidados, Mariana. O que você teve foi um Hematoma Subcoriônico.

— Hematoma Subcoriônico? – Nice perguntou.

— Sim. É caracterizado pelo acúmulo de sangue entre o útero e o saco gestacional, geralmente pode ocorrer no primeiro trimestre da gravidez.

— E o que pode ter provocado isso, doutor? Será que fiz algum esforço além da conta?

— Não há uma causa específica, especula-se que durante a implantação do ovo, ele se separa ligeiramente do útero causando o sangramento. Não foi nada que você possa ter feito, mas o que você vai fazer daqui pra frente é determinante. Eu preciso que você faça repouso. Nada de ficar em pé muito tempo, permaneça sentada ou deitada o máximo que você puder e não pegue peso. Evite ficar subindo ou descendo escada, beba bastante água, e claro, não mantenha relações sexuais – como se eu fosse precisar dessa orientação — O hematoma tende a desaparecer por conta própria na maioria dos casos. Em todo o caso, também vou receitar um medicamento a base de progesterona que deve ajudar – ele sorriu e me entregou a receita no momento que o celular da Nice tocou. — Você já está liberada. Depois passe no laboratório para pegar o resultado do exame pra que você possa levar para o seu obstetra.

Agradei ao médico um pouco atordoada com tudo o que ele havia dito. Repouso. Como eu iria fazer repouso precisando trabalhar?

Nice voltou e sorriu com compaixão.

— Que bom que foi só um susto, né?

— É, mas, e agora? O que eu vou fazer? Preciso trabalhar.

— Precisa é cuidar do – ela interrompeu o que estava falando quando o Gabriel apareceu na porta. — ... De você, precisa cuidar de você. Oi, anjo! – Virou-se para ele e o puxou para dentro.

Meu coração disparou no meu peito quando ele sorriu para mim, enquanto abraçava a Nice. Eu sabia que a situação estava toda errada, mesmo assim fiquei extremamente feliz por vê-lo. Pena que o que eu precisava lhe contar iria arrancar aquele sorriso lindo do seu rosto.



Capítulo 37

Seremos Pais

Gabriel

— Ei! – Cumprimentei a Mari, me sentando ao seu lado na cama e segurando sua mão. — Que susto você me deu – suspirei aliviado. O que quer que tivesse acontecido a ela, não era grave, *né*? Ela parecia bem. — O que foi que houve contigo? Bem que eu notei que você não parecia bem.

Mari engoliu em seco e baixou os olhos, mal sinal. Eu não tinha ideia do que havia acontecido a ela para parar no hospital, Nice não me deu maiores detalhes. Apenas pediu que eu fosse até lá.

— Eu vou *te* contar, mas aqui não. Já estou de alta, quero ir pra casa.

— Eu levo você.

— Estou com a Nice.

— Eu a levo, Nice – Sua amiga balançou a cabeça concordando.

— *Me dê o papel que eu pego o resultado do exame* – Nice pediu. — Vejo você em casa – ela disse guardando o papel na bolsa. Beijou a amiga no rosto e fez tchau para mim antes de se retirar.

— O.K., então. Já podemos ir – Mari disse levantando-se da cama, corri para ajudá-la. Peguei sua bolsa pendurada ao lado da cama e passei sobre seu ombro, foi então que vi a mancha de sangue em sua saia.

Mari percebeu que eu olhava para sua bunda – não para sua bunda exatamente – e puxou a saia para olhar.

— Ah droga! – exclamou olhando a mancha de sangue com desgosto. — Como vou sair assim?

— Sua bolsa é grande, passe o lado sujo pra frente, deve tampar – ela fez o que eu disse e realmente a bolsa conseguiu tampar a mancha. — Preciso ficar preocupado? – perguntei. Ela suspirou tristemente deixando-me ainda mais ansioso.

— Podemos conversar quando estivermos na minha casa? Estou louca por um banho.

— Tudo bem, vamos então – segurei sua mão. Pude perceber sua hesitação, mas ignorei.

Caminhamos em silêncio pelo corredor do hospital até a saída. Seguimos para o estacionamento, ainda bem que eu tinha saído com o carro da minha cunhada. Eu precisava urgentemente comprar outro carro, não dava pra ficar pegando carro emprestado toda vez que eu fosse sair. Comprar a moto não me pareceu mais ser uma boa aquisição como pensei a princípio.

Abri a porta e a ajudei a sentar-se. Corri para o assento do motorista e dei partida no carro. Seguimos o trajeto em silêncio. Mari estava perdida em pensamentos, mas eu estava muito atento a ela e criando inúmeras suposições na cabeça.

— É logo ali naquela rua – ela apontou.

Virei a esquina e parei na entrada de um condomínio de prédios. O condomínio era modesto, mas parecia estar bem cuidado. Abaixei o vidro e Mari se anunciou ao porteiro. Ele liberou nossa entrada abrindo o portão.

— É naquele prédio ali – apontou para o quarto bloco.

Estacionei em uma das vagas correspondente ao bloco e saí do carro para ajudá-la a sair também.

— Droga! – ela resmungou quando entramos no prédio.

— O que foi?

— Não posso fazer esforço. Nem me liguei nisso. O médico disse para eu evitar de subir e descer escada.

— Então eu *te* levo.

— São quatro lances de escada.

— Já disse que *te* levo – não dei chance para ela questionar. Aproximei-me e a peguei no colo. Subi com ela em meus braços e minutos depois estávamos parados de frente a sua porta.

— Obrigada – disse ajeitando a saia. Mari pegou suas chaves na bolsa e abriu a porta.

Ela entrou seguida por mim, fechei a porta e reparei no local. A sala era minúscula, mas era aconchegante. Tinha um toque feminino e a decoração embora simples, era de muito bom gosto.

— Eu gostei – disse me referindo ao local.

— É pequeno, mas é aconchegante.

— Sim.

— Gabriel importa-se de eu tomar um banho primeiro?

— Claro que não.

— Obrigada. Fique à vontade, tá? Se quiser água, ou refrigerante, tem na geladeira.

— Estou bem, pode ir tomar seu banho sossegada. Eu espero aqui – Mari assentiu e foi em direção ao seu quarto.

Sentei-me no sofá, ela não demorou mais do que quinze minutos para tomar banho e vestir uma roupa, mas para mim, pareceram horas. Eu não queria ficar pensando em suposições, mas não conseguia evitar, meu cérebro trabalhava rápido imaginando os vários motivos que levaria uma mulher a ter hemorragia.

Será que... Puta merda!

Eu já estava para levantar e ia atrás dela quando ela surgiu na sala.

— Vamos conversar aqui no meu quarto – assenti e me levantei indo até ela. Mari abriu a porta do seu quarto que era ainda menor do que a sala e me convidou a entrar. Ela fechou a porta e apontou para a cadeira.

— Eu estou bem em pé, pelo amor de Deus diz logo, estou agoniado aqui – assenti bufando.

— Bom, não tem uma forma fácil de dizer isso, então lá vai... Gabriel, eu estou grávida.

Fiquei mudo.

Grávida.

Eu nem me dei ao trabalho de perguntar de quem, porque estava óbvio que era meu, ou eu não estaria ali.

Nosso ato inconsequente trouxe consequência e agora ela estava grávida. Puta que pariu! Eu seria pai e eu nem estava em um relacionamento com a mãe do meu filho. Eu seria pai e sequer me imaginava sendo um, não naquelas circunstâncias.

Por um tempo eu pensei que quando eu constituísse família, iria querer pelo menos três filhos, mas nos meus pensamentos eu estaria casado e sendo feliz com a Bia, ela seria a mãe dos meus filhos. Mas veja a grande trapaça do destino, eu não estava com a Bia e era minha amiga que está esperando um filho meu.

— Se você não disser algo, eu vou começar a pirar e acredite, eu já fiz muito isso desde que descobri – Mari disse me trazendo de volta a razão.

Espera aí. Se ela engravidou naquela noite, já fazia um tempinho, não é?

— Você não descobriu hoje – não era uma pergunta — Há quanto tempo você sabe?

— Tem um tempinho...

— E resolveu contar só agora? Por quê? – Interrompi-a.

— Eu ia contar...

— Por que você estava no hospital? Esse sangramento...

— O médico explicou que tive o que é chamado de Hematoma Subcoriônico. É um acúmulo de sangue, por isso a hemorragia – foi sua vez de me interromper. — Mas estamos bem, claro que a gravidez inspira cuidados, mas segundo o médico, se eu seguir o repouso direitinho, vamos ficar bem – disse alisando a barriga. Quando se deu conta do gesto afastou a mão de repente.

Esfreguei a têmpora e me sentei na cadeira. Eu a encarei, ela desviou o olhar mordendo os lábios como sempre fazia quando estava nervosa, entretanto, se ela estava nervosa eu estava irritado e me sentindo traído.

Ela já sabia há algum tempo que estava esperando um filho meu e não pensou em me contar? Só contou por que teve sangramento?

— Você devia ter contado assim que soube, Mari! Você não foi muito justa comigo me escondendo algo tão importante – eu não queria ter soado grosso, mentira eu queria sim, afinal eu estava puto por ela ter escondido algo tão importante de mim.

— Olha me desculpe se contar a você não era a minha prioridade no momento! Eu tinha que digerir tudo primeiro, Gabriel. Sou eu que estou carregando uma criança!

— Você só contou porque foi parar no hospital! – ignorei a razão movido pela emoção.

— Isso não é verdade!

— Não? Quando iria me contar? – perguntei me aproximando.

— Eu ia contar hoje, fui ao restaurante pra isso. Eu disse a você que precisávamos conversar.

— Hoje Mari? Hoje? Praticamente dois meses depois que ficamos juntos?

— Gabriel eu soube há pouco tempo, meu Deus tenta entender! Não planejei ficar grávida, já tenho problemas demais. Claro que eu ia *te* contar, você é o pai, mas poxa, primeiro eu tinha que me acostumar com a ideia e você está com a Bia. Eu não queria jogar a bomba no seu colo, logo agora que vocês se entenderam.

— Quem *te* disse isso?

— Isso o quê? – perguntou confusa.

— Que eu e a Bia estamos juntos.

— Eu deduzi, ela foi lá no restaurante convidá-lo para um jantar romântico, não foi? Ninguém faz jantar romântico pra outra pessoa se não está junto com essa pessoa.

Por que a Bia diria isso a Mari?

— Não estamos juntos e mesmo se estivéssemos, eu não estava com ela quando engravidei você. Caramba! Não estou conseguindo acreditar nisso. É muita coisa pra digerir.

— Viu? Foi exatamente assim que eu me senti.

— Você está grávida e podia ter perdido o bebê hoje. Eu não entendo nada de gravidez, mas sei que perder sangue pode ser perigoso. Eu acabo de saber que vou ser pai e a notícia ainda vem acompanhada deste susto. Ou seja, talvez a notícia fosse outra. Você não podia ter escondido isso de mim, Mari!

Eu não estava pronto para ser pai, muito menos para ser pai e deixar de ser assim tão rapidamente, minha cabeça estava muito confusa.

Nice abriu a porta do quarto e entrou se colocando entre nós. Eu nem havia notado que ela já tinha chegado.

— Eu sei que o médico não disse nada sobre se estressar – disse segurando o ombro da amiga —, mas sei que estresse não é bom para bebês. Dizem que eles sentem. Então, acho melhor os dois respirarem e conversarem civilizadamente – virou-se para mim. — Gabriel eu sei que você está chateado por ter sido o último a saber, eu não tiro a sua razão, mas a Mari já passou e vem passando por muita coisa por conta dessa gravidez, dê um desconto a ela – assenti constrangido.

Caramba, Nice tinha toda razão e aquela discussão não nos levaria a lugar nenhum. O que estava feito, estava feito. Mari estava esperando um filho meu e sua gravidez inspirava cuidados. Ficar gritando com ela e cobrando explicações não resolveria nada.

Quando Nice deixou o quarto, eu estava me sentindo um estúpido. Encarei a Mari que tinha os olhos marejados, eu quis me socar mentalmente. Aproximei-me dela e a puxei para um abraço. Ela se aconchegou no meu peito e abraçou minha cintura.

Como senti sua falta, Mari!

— *Me* desculpe. Eu fui estúpido com você, não tinha o direito. Nem imagino como deve ter sido difícil pra você. O medo que você deve ter sentindo hoje...

— Tudo bem, Gabriel. Também lhe devo um pedido de desculpas. Você está certo, eu não deveria ter escondido a gravidez – ela me interrompeu.

— Shiii! Vamos deixar isso pra lá, não vai nos levar a nada – eu disse puxando-a para se sentar na cama. Sentei-me ao seu lado e segurei a sua mão. — Você não está sozinha, princesa. Estamos juntos nessa.

— Fomos tão inconsequentes – começou a chorar.

— Mari não adianta nada ficar se martirizando com isso. Está feito. Seremos pais.

Claro que mentalmente eu também estava me culpando. Se eu tivesse pensado mais com a cabeça de cima ao invés da cabeça de baixo, eu teria me prevenido e teríamos evitado o problema, mas de nada iria adiantar ficarmos nos recriminando e eu precisava lhe passar segurança, mesmo que eu estivesse tão apavorado quanto ela. Como a Nice mesmo disse, Mari já tinha passado por poucas e boas desde que havia descoberto a gravidez, pirar junto com ela só pioraria a nossa situação.

— Estou me sentindo tão culpada porque eu sei que isso pode *te* prejudicar com a Bia – eu nem tinha parado para pensar nisso, mas eu não estava preocupado. Minha consciência estava limpa, eu não estava com a Bia quando transei com a Mari, nem antes e nem agora.

— A minha consciência está limpa e a sua deveria estar também. Não enganamos ninguém.

— Imagina como vai ser quando sua família descobrir que você vai ser pai. Quando eles souberem que eu já me envolvi com o Kay. Vão pensar que eu sou uma vadia.

— Mari esse é o menor dos problemas. Você não é nenhuma vadia e não vou permitir que pensem isso de você e quanto ao meu primo, estou pouco me importando para o que ele pensa. Vamos nos concentrar no que importa, agora chega desse assunto, eu quero saber exatamente o que aconteceu e todas as recomendações do médico.



Capítulo 38

Vou Ser Titio

Gabriel

— ... Então é isso, preciso fazer repouso, tomar bastante água, além do medicamento que o médico receitou.

Mari passou os próximos trinta minutos me contando tudo o que aconteceu, desde que havia descoberto a gravidez até ali.

— Que bom que foi só um susto, Mari. Agora é seguir as orientações do médico – Tentei minimizar a situação. Sabia que não era tão fácil assim, mas ela precisava saber que não estava sozinha.

— O problema Gabriel é que preciso trabalhar. Não posso ficar em casa, as contas vencem. Eu já não estou tocando a noite, agora não poderei trabalhar na lanchonete.

— Eu entendo a sua frustração, mas não tem jeito. Você não pode fazer esforço – ela esfregou os olhos e se jogou na cama. Imittei seu gesto me deitando ao seu lado, ficamos os dois de barriga para cima, olhando para o teto em silêncio.

Depois de tudo o que Mari me contou, eu estava me sentindo muito culpado por ela estar naquela situação. Descobriu que estava grávida de um cara que não é seu namorado, e se não bastasse, quase sofreu um aborto. Ela não tinha o apoio dos pais, e estava sem grana, só tinha a mim, e claro, a Nice.

Virei-me para encará-la. Senti uma pontada no coração ao ver uma lágrima escorrendo do canto do seu olho até desaparecer no meio dos seus cabelos. Apoiei o peso do meu corpo sobre o cotovelo e toquei seu rosto virando-o para mim.

— Eu sei que agora parece que está tudo desmoronando, mas vai ficar tudo bem. Confia em mim Mari, por favor. Não vou *te* deixar desamparada. Vou cuidar de você... de vocês.

— Eu nunca pensei o contrário Gabriel, eu sei a pessoa íntegra que você é, mas essa situação toda... ah sei lá... – ela suspirou enxugando o canto dos olhos.
— Eu pirei quando descobri, mas depois que amadureci a novidade, eu me

conformei. Desde então eu tenho tentado ser forte porque tem um ser dentro de mim que depende exclusivamente da minha boa saúde, tanto física, quanto emocional, eu estava fazendo tudo certinho, mas aí acontece isso.

— Pelo que você me disse, não foi culpa sua, não foi nada que você possa ter feito, não se martirize com isso.

— Amanhã terei que ir até a lanchonete conversar com a dona Bethânia. Ela é um amor, Gabriel, mudou meu horário para meio período porque eu estava enjoando muito, mas não acho correto ficar recebendo se não estou trabalhando – mudou de assunto.

— Se você tem carteira assinada, não tem porque se preocupar com isso. Você só precisa levar um atestado, é um direito seu continuar recebendo mesmo estando afastada.

— Amanhã vejo o que vou fazer. Vou até lá e converso com eles.

— Eu levo você.

— Não precisa, se a Nice não puder eu pego um táxi.

— Mari se você tem que fazer repouso, você não deveria nem sair de casa. Agora que me liguei nisso. São quatro lances de escada pra você chegar ao térreo. E depois para subir?

— Não posso ficar ilhada aqui em cima.

— Mas não pode subir e descer escada – Mari bufou. — Vou levar você comigo para o apartamento. Você fica lá até esse hematoma desaparecer – falei de repente, convicto.

— Ficou maluco, Gabriel! Claro que eu não vou com você! – respirei fundo tentando não ficar irritado com sua teimosia.

— Mari me escuta, lá em casa você vai poder fazer o repouso direitinho, não vai precisar se preocupar com nada, nem fazer nada. Aqui você vai acabar fazendo esforço, vai acabar descendo essa escada.

— Isso não vai acontecer, não vou me enfiar no apartamento do Kay – insistiu sentando-se na cama.

— É disso que se trata? É sério? Sua gravidez é de risco, você precisa ficar de repouso e a sua preocupação é com o Kay? – Levantei-me da cama irritado. — O meu primo está casado e feliz com a mulher e a filhinha dele, nem lembra que você existe e você deveria fazer o mesmo. Supere isso!

Eu tinha pegado pesado nas palavras, mas não iria voltar atrás. Era um filho meu na barriga dela. Eu iria fazer o que eu pudesse para ajudá-la a levar a

gravidez até o final. Essa foi a educação que eu recebi, arcar com as consequências dos meus atos. Eu faria isso e foda-se o Kaiary, se bem que conhecendo meu primo, ele não se oporia se eu a levasse para ficar no apartamento.

— Desculpe, mas não é mais sobre você, ou sobre a sua situação com o Kay. É sobre a criança, nosso filho. É com ele que devemos nos preocupar — insisti.

— Eu já superei — Mari disse encarando o chão e em um tom tão baixo que não tive certeza de ter ouvido direito.

— O quê?

— Eu já superei o Kay há um bom tempo — Levantou a cabeça e me encarou. — Eu só não quero impor a minha presença.

— Você o superou? — não consegui evitar a pergunta. Absurdamente eu precisava ter certeza. Ela apenas assentiu com a cabeça dessa vez. — Vem comigo *pro* apartamento, Mari? — perguntei me aproximando, tentei ignorar a ansiedade que sua confissão me causou. — Lá vai ter tudo ao alcance das suas mãos. Vou deixar comida pronta, você não precisa fazer nada. Se você quiser, contrato uma pessoa pra ficar contigo. Temos a diarista, eu posso ver com ela pra trabalhar todos os dias. Olha se você disser que não, eu venho pra cá. Nem vou trabalhar aí você vai ter que se entender com o Rafa. Aposto que ele mesmo vem aqui e te leva a força.

— Nossa!

— O que foi? Duvida que ele não faça isso?

— Não é sobre o Rafa é... eu não estou surpresa com a sua atitude, mas estou admirada. Eu não esperava outra coisa de você. Eu o conheço, sei o quanto você é um cara íntegro, centrado, mas caramba! Você não surtou em nenhum momento, por que você não está pirando? Você acabou de descobrir que vai ser pai, isso não estava nos seus planos e você está aí — apontou para mim — Tão tranquilo.

— Eu não estou tão tranquilo assim e acredite, eu vou pirar, mas vou deixar pra fazer isso quando eu estiver sozinho, certo? O momento agora não pede isso, pede que a gente entre em um acordo Mari, vamos fazer isso juntos. O que me diz? — Mari suspirou e assentiu. — Ótimo!

— Mas Gabriel, como sua amiga eu preciso alertá-lo. Já vai ser difícil para a Bia digerir que você engravidou outra mulher, imagina como vai ser para ela quando descobrir que além de eu estar grávida, estou hospedada na sua casa?

Não é melhor você conversar com ela primeiro?

Eu iria conversar com a Bia, claro, isso se ela ainda quisesse me ver depois do que aconteceu. Senti-me mal pela minha atitude, mas não consegui seguir adiante, eu tentei de verdade, mas não rolou, ainda bem que eu recuei a tempo, era certo que eu me arrependeria depois por ter me deixado levar pelo momento.

— Eu vou conversar com todas as pessoas que precisam saber e que de certa forma fazem parte da minha vida, mas não é essa a minha prioridade no momento. Eu vou deixar você descansar agora e amanhã bem cedo venho pegá-la. A gente vai até a lanchonete e depois seguimos para o *apê*. Combinado?

— Combinado.

— Que bom – aproximei-me cautelosamente e beijei sua testa. Ela sorriu sem graça.

Despedi-me dela e parti para lhe dar a oportunidade de tentar me coagir a desistir de levá-la comigo.

Desci os quatro lances de escada, e parecia que eu estava em um mundo paralelo quando cheguei ao térreo, estava alheio a tudo a minha volta. Dentro do carro foi quando a ficha realmente caiu.

Mari estava grávida.

Eu ia ser pai.



Eu estava sentado no chão na varanda do quarto do Kay, fumando meu, sei lá, oitavo cigarro, acompanhado da minha fiel escudeira Majuzinha e claro, da garrafa de vodca do Rafa quando ele entrou no meu campo de visão.

— Que porra é essa, Gabriel?

— Porra – sorri com ironia — É tudo culpa dela – traguei o cigarro e o apaguei no cinzeiro. Rafa encostou na grade de proteção e me encarou como se eu tivesse chifres.

— Do que você está falando? – não respondi.

O que ele estava fazendo ali? Como tinha me achado? Tudo bem que deveria ser pela música um pouco alta para o horário, mas isso não lhe dava o direito de invadir minha privacidade e me encher de perguntas.

— Rafa volta pra sua cama e me deixe em paz.

— Eu sabia que isso iria acontecer, eu avisei, *mané*. Se você tivesse me ouvido não estaria aí sentindo dor de corno de novo.

— De que porra você está falando, cara?

— Da Bia. Com certeza ela deve ser a causa desse seu estado deprimente – eu ri.

— Antes fosse, Rafa. Isso não tem nada a ver com a Bia.

— Não? Você não estava com ela?

— Também.

— Será que dá pra ser mais claro?

Suspirei e apontei para o chão. Era melhor contar de uma vez. — Senta aí que a conversa é longa.

— Vamos conversar lá dentro, está frio aqui fora.

— É meu problema, eu decido onde eu quero contar – meu irmão revirou os olhos e sentou-se de frente para mim.

— Pronto, agora desembucha.

— Eu estive com a Mari hoje. Ela foi hospitalizada – Bufe.

— Ela está bem?

— Vai ficar, eles vão ficar bem, assim eu espero.

— Eles?

— A Mari está esperando um filho meu, *brother* – contei de uma vez — E eu só soube hoje, no dia que ela poderia tê-lo perdido – Rafa arregalou tanto os olhos que eu pensei que eles pulariam no meu colo.

— Mano! Tu *tá* brincando, né?

— Parece que eu estou brincando, Rafa?

— Puta que pariu! Passa essa garrafa pra cá – entreguei-lhe a garrafa e ele bebeu direto do gargalo. — Cara que merda!

— Você não está ajudando.

— Foi mal. Eu não sei o que dizer. É sério mesmo, não consigo acreditar.

— Nem eu, *man*.

— Conta essa história direito.

Eu contei, desde o dia que transamos de forma imprudente, até receber a notícia de que seria pai. Contei sobre o que havia acontecido a Mari e de toda a precaução que ela teria que ter dali em diante. Meu irmão ouviu tudo em silêncio, o que me deixou levemente ansioso.

— Vai, pode dizer. Diz que me avisou, diz que eu ferrei com a vida dela

porque eu ferrei mesmo. Ela já tinha problemas o suficiente e eu vou lá e faço o quê? Enfio um filho na barriga dela.

— Por que ela deixou não é, Gabriel? Você não forçou, os dois fizeram a merda juntos. Cara, se vocês queriam transar, beleza, mas pô, não dava pra parar um instantinho pra encapar o desesperado aí não? — sim apontou para minhas partes íntimas, suspirando com descrença. — Bom, não adianta agora ficar falando o que você deveria ter feito, já está feito.

— Não sei o que me deu naquela noite.

— Eu sei, foi uma das minhas garrafas de vodca. Ela estava quase fazendo quando a encontrei na manhã seguinte.

— Não foi a bebida, ela... só me deixou corajoso.

Eu não tive vontade nenhuma de parar o que eu estava fazendo, estava me lixando para preservativo, errado eu sei, mas estávamos conectados de uma forma tão intensa que eu não seria doido de quebrar nossa ligação. Tudo bem, eu era sim muito doido, mas só por não ter me prevenido, de ter transado com ela não, nunca me pareceu tão certo.

— Você vai precisar dessa coragem novamente porque a dona Suellen vai surtar quando souber.

— Eu sou adulto, Rafa. Há tempos que eu deixei de ser moleque, nossa mãe pode até ficar decepcionada comigo, mas é só, pois eu vou arcar com as consequências como ela e o pai sempre nos ensinaram. Isso é o mínimo que eu posso fazer.

— Espero que você não esteja querendo dizer que vai se casar com ela pra reparar seu erro que, também é dela, porque sinceramente, não é a solução.

— Não vou me casar com ela, *man*. Até porque nem ela aceitaria esse tipo de proposta, casar por causa de filho. Eu vou arcar com as despesas e cuidados com os dois. A Mari precisa fazer repouso, e onde ela mora são quatro lances de escada, não dá pra ela ficar lá, por isso vou trazê-la para cá amanhã. Ela fica com a gente até o hematoma desaparecer.

— Eu concordo e apoio sua decisão *brother*, tem que pensar na criança. Só acho que, embora eu não acredite que o Kay vá ser contra, seria bom *tu* conversar com ele, afinal o *apê* é dele, *né*? Eles podem aparecer aqui e dar de cara com a Mari.

— Farei isso. Amanhã mesmo depois do trabalho vou falar com ele e com a Angel. Já aproveito que estarei em Niterói e conto para nossos pais.

— Isso aí! Cara eu vou ser titio, ainda não consigo acreditar nisso.

— Se você ainda não acredita, imagina eu.

— Só do fato de a Bia não ser a mãe do meu sobrinho já fico feliz.

O que ele disse me fez pensar nela. Eu saí da sua casa praticamente fugido. Realmente fiquei aliviado quando a Nice ligou, pois eu sabia que na manhã seguinte, eu estaria arrependido como eu já estava só de ter trocado alguns beijos com ela. Por mais que ela tivesse consciência de que as coisas poderiam não mudar entre a gente depois que transássemos, não era certo fazer isso com ela. O certo a fazer, na verdade, era me afastar, pelo menos por enquanto. Se antes eu não estava pronto para dar um passo, muito menos depois dos últimos acontecimentos.

Eu não tinha que colocar só a minha vida em ordem com aquela novidade, precisava também colocar o meu coração. A notícia estava dando um nó na minha cabeça, eu estava amedrontado e ao mesmo tempo eufórico.

— Rafa, você tem que parar com essa implicância com a Bia. Ela errou comigo, mas as pessoas erram e muitas tentam aprender com o erro. Eu já a perdoei, tanto que estava disposto a dar uma chance a ela. A Bia tem demonstrado estar arrependida, ela é humana. Está tentando consertar seu erro.

— Você acredita mesmo nisso?

— Que ela está arrependida e está tentando consertar o erro? Sim.

— Que você queria dar uma chance a ela? Você por acaso notou que usou o verbo “querer” no passado? – Revirei os olhos. — Quer saber o que eu acho?

— Vai adiantar dizer que não?

— Olhando daqui de fora eu percebo que você tem se empenhado demais em proteger a Mari e cuidar dela para estar pensando – no passado ou não – em dar chance a Bia – Continuou.

— Rafa ela está grávida de um filho meu. É claro que eu tenho que cuidar dela!

— Você só soube disso hoje, Gabriel. Bem antes de descobrir que ela está grávida, você já estava todo *preocupadinho* com ela. Você a trouxe para cá e transou com ela, mesmo depois de ter estado no hospital com a Bia.

— Ela não tinha pra onde ir!

— Até aí tudo bem, mas precisava transar com ela?

— Onde você está querendo chegar, cara? – perguntei cansado daquele assunto.

— A pergunta aqui é: aonde você quer chegar, *man*? Não responde não, só

pensa e pra encerrar o assunto, só nos resta brindar a boa notícia. Ao teu filho, cara. Que ele venha com muita saúde – disse e deu um gole da bebida passando a garrafa para mim.

— Ao meu filho – respondi e imitei seu gesto tentando ignorar as palavras dele e focando no que realmente importava no momento.

Meu filho.



Capítulo 39

Esteja Preparado

Bia

Caminhei apressada até o estacionamento da faculdade para pegar um livro que havia esquecido no carro. Estava abrindo a porta do veículo quando o Levi entrou no meu campo de visão.

— Oi, gata – Congelei no lugar e o encarei sem reação.

— Levi? O que *tu* está fazendo aqui?

— Estou atrás da Hanna. Não a encontro em lugar algum – não a encontraria mesmo, ela deveria estar em algum canto da faculdade com o novo *pequeto*, apesar de eu não acreditar que ele estava ali a procura da prima.

Os celulares existem para isso, não é?

— Já tentou o celular dela? – perguntei fingindo indiferença. Peguei o livro em cima do banco e fechei a porta do carro.

— Ela não me atende.

— Bom, você pode sentar lá na lanchonete que ela não vai demorar aparecer por lá – Abracei o livro junto ao meu peito. — Foi bom ver você, Levi – Virei as costas pronta para ir embora, mas ele me impediu agarrando o meu braço. Deixei meu livro cair e algumas folhas que estavam dentro dele se espalharam no chão.

— *Me solta!* – pedi alterada. Ele não me soltou, ao contrário se aproximou de mim ainda mais.

— Qual é Bia, por que tanta indiferença? Confesso que vim aqui ver você, estava com saudades.

— Saudades? Não foi *tu* mesmo que disse que se eu fosse embora eu estava morta pra ti?

— Eu disse isso? – Sorriu com ironia. — Tudo bem eu disse, mas eu estava com a cabeça quente, você estava me deixando, ia sair sem ao menos se despedir.

— Levi solta o meu braço – insisti. Ele soltou, mas não se afastou.

— Desculpe, eu me excedi.

— Preciso ir para a sala de aula – eu disse torcendo para que ele assentisse.

— Podemos conversar depois?

— Não podemos – respondi de imediato.

— Por quê? – perguntou se aproximando ainda mais, se é que era possível e agarrou minha cintura.

— Ficou maluco?! – Tentei empurrá-lo.

— Está tudo bem por aqui? – Olhamos os dois na direção da voz. Meu professor nos encarava sério com os papéis que havia caído do meu livro nas mãos.

— Está tudo bem, pode cair fora – Levi respondeu e voltou sua atenção para mim. Álvaro ignorou e se aproximou de nós. — Qual é o seu problema, cara?

— O meu problema é o seu braço na cintura dela – Álvaro disse firme e com um olhar que deixaria qualquer um com medo. O encarei tão boquiaberta quanto Levi. — E se você não for embora, vou chamar a segurança da universidade para te ajudar a sair.

Levi soltou minha cintura e me encarou com um sorriso cínico — A fila já andou, hein? Bem que me disseram que você era uma vadia. Eu não poderia esperar menos de uma garota que largou namorado pra viajar com um quase desconhecido para Paris – Álvaro ameaçou partir para cima de Levi, mas eu o impedi segurando seu braço — Cuidado cara, ela vai descartar você em breve. Esteja preparado – o idiota ainda acenou em reverência antes de seguir em direção a saída.

Respirei fundo. Vergonha era meu nome do meio naquele momento. Não consegui olhar na cara do meu professor, apenas agradei e arranquei os papéis da mão dele, a fim de sair correndo dali, mas quando fiz menção de fazê-lo, ele segurou meu pulso me impedindo.

O que havia de errado com os homens? Por que tinham essa mania se sair pegando, puxando?

— Está tudo bem, Beatriz? – perguntou preocupado.

— Sim eu... eu estou bem. Obrigada – Tentei um sorriso na esperança de que ele se convencesse e me soltasse, mas ele não fez isso, continuou me encarando com condolência. — Eu só preciso de um tempo – suspirei e de repente me veio uma vontade de chorar.

Era só o que faltava!

Respirei fundo tomando o controle da situação, eu não choraria na frente do meu professor, não mesmo, ainda mais que ele já estava me encarando com o olhar de pena.

— Por que a gente não se senta na lanchonete? Você toma uma água, ou um suco para se acalmar, o que me diz? — perguntou se abaixando e pegando meu livro do chão.

— *Tu* não tens que dar aulas? — perguntei surpresa.

— Só no próximo tempo.

— E não vai prejudicá-lo ser visto na lanchonete com uma aluna?

— Eu só estarei esclarecendo algumas dúvidas sobre o trabalho que te passei — Levantou o livro no ar.

— Ah, claro — Sorri.

Eu não estava mesmo com a menor vontade de assistir aula naquele momento, e o professor Álvaro parecia ser uma companhia agradável. Talvez ele pudesse me distrair. Além da visita surpresa do Levi eu ainda estava com a cabeça cheia por conta de como o Gabriel havia saído, quase desesperado, da minha casa para ir atrás da Mari. Ele sequer me ligou.

O que será que tinha acontecido a ela para ele sair correndo daquele jeito? E o que será que tinha acontecido que era da conta dele?

Eu tinha até medo de pensar na resposta. Sabia que eles estavam próximos, mas... será que eles? Não... ela não fazia o tipo dele, e ela ficou com o Kay antes, o Gabriel sempre foi muito chato com essas coisas.

Eu só esperava que a Mari não se metesse entre nós.

Caminhamos em silêncio até a lanchonete da Universidade. Professor Álvaro sentou-se e abriu meu livro em uma página qualquer espalhando as folhas que estavam dentro dele sobre a mesa. Sentei-me de frente para ele e pendurei minha bolsa no encosto da cadeira.

A garçonete veio nos atender, eu pedi um suco de laranja e ele uma garrafinha de água.

— Sobre — pigarreei — Sobre o que Levi falou...

— Você não tem que justificar nada pra mim, não é da minha conta — disse me interrompendo.

— Eu sei que não, mas é que ele disse coisas horríveis sobre mim e *tu* podes estar pensando...

— Nada. Não estou pensando nada, Beatriz. E eu só interferei porque percebi que ele estava te segurando contra sua vontade, até peço desculpas se a constrangi por ter me intrometido.

— Não! – eu respondi rápido — Eu tenho é que agradecer, ele estava meio que perdendo o controle.

— Não precisa agradecer e espero que seu ex-namorado não a perturbe mais, a não ser que você queira falar com ele, é claro.

— Ele não é meu ex-namorado e não, eu não quero mais papo com ele. Na verdade, eu me arrependo e muito de ter me envolvido com esse cara. Eu tinha um namorado perfeito, estava cercada de pessoas maravilhosas, mas em um momento de confusão de sentimentos eu meio que meti os pés pelas mãos, sabe?

— Você não precisa explicar – insistiu.

— Tudo bem, acho que vai ser bom falar sobre isso com alguém neutro – ele assentiu. — Eu estava com o Gabriel, esse sim é meu ex-namorado, mas em um momento confuso da minha vida, eu tive dúvidas sobre a veracidade dos meus sentimentos por ele. Eu gostava de outra pessoa antes de começar a namorar com ele, e essa pessoa começou a namorar minha prima e... sei lá, isso bagunçou minha cabeça. Eu não gostava mais do outro cara, mas ver minha prima tão realizada, me afetou. Por favor, não pense que eu sou uma vaca que estava cobiçando a felicidade ou o namorado dela, não foi isso, eu juro, mas isso me fez perceber que talvez não fosse aquilo que eu queria para mim, estar com o Gabriel. Eu tive dúvidas sobre os meus sentimentos, então eu meio que surtei e sim, nesse ponto fui mesmo uma vadia, como o Levi mesmo falou. No meio dessa confusão de sentimentos que estavam fervilhando na minha cabeça e no meu coração, o Levi apareceu. Depois uma briga feia com o Gabriel, aceitei o convite dele – não tive coragem de contar o motivo da briga e claro, também preferi ocultar que o outro cara em questão era seu primo — Eu aproveitei a deixa e fui com Levi para a França, mas não durou, logo eu percebi a burrada que fiz e voltei, desde então estou lutando para recuperar o amor do Gabriel, mas às vezes acho que ele nunca conseguirá me perdoar, eu o magoei demais.

Respirei fundo quando terminei de falar. Desabafar com Álvaro me fez bem, me senti um pouquinho leve, mesmo que ele continuasse mudo me encarando.

— Tudo bem ficar chocado ou decepcionado, acredite eu entendo.

— Não estou nenhuma das duas coisas, eu só estou tentando compreender ambas as partes envolvidas. Mas posso te dizer que é normal sentir-se assim, Beatriz. Você é jovem ainda tem muito o que aprender e nem é só por questão de

idade, essas coisas acontecem o tempo todo, às vezes demoramos para amadurecer um sentimento e outras vezes nem conseguimos. Entendo também o lado do seu ex. Ele tem todo o direito de estar magoado e realmente, talvez ele nunca a perdoe, mas é a vida. Pode ser que ele passe o resto da vida dele te odiando, ou pode ser que vocês dois reatem, mas isso só o tempo pode dizer. No meu caso – ele pigarreou — Eu não fui perdoado e acho que nunca serei, mas aprendi a lidar – Encarei-o com curiosidade.

— Conte mais – pedi interessada.

— Eu e minha *ex-futura* esposa, namorávamos desde que éramos adolescentes, noivamos depois de um tempo e faltando um pouco mais de um mês para o casamento, eu terminei tudo. Já havíamos comprado o apartamento, os móveis, já tínhamos pago a festa, o vestido de noiva, tudo.

— *Tu* simplesmente terminou? Mas por quê, guri?

— Porque eu sabia que não a faria feliz, ela merecia alguém melhor do que eu.

— Uau!

— É, foi um baque, tanto para a família dela, quanto para a minha. Ninguém de lá fala comigo, isso já faz uns seis anos, mas eu espero que quando ela finalmente encontrar o homem da vida dela, dê graças a Deus pelo dia que eu terminei tudo e então consiga me perdoar.

— Nossa que história! – exclamei encostando na cadeira. — Eu não sei se eu o perdoaria – brinquei, ele riu. —, Mas quando foi que *tu* descobriste que não a faria feliz continuando com ela?

— Quando eu visualizei meu futuro e não a vi comigo.

— Caramba!

— Você deve estar me achando um crápula agora, mas acredite, ela está melhor sem mim.

— Claro que não estou pensando isso – ele sorriu e apontou alguma coisa para mim no livro, quando algumas garotas sentaram na mesa ao lado nos encarando com curiosidade. Peguei a deixa e formulei uma pergunta qualquer.

— Já reparou que *tu* estás sempre vindo em minha ajuda? *Me* deu carona aquele dia, colocou o Levi pra correr. *Tu* és o meu herói – brinquei para descontraí-lo.

— Engraçadinha, mas... o que eu puder fazer para te ajudar, farei de bom grado.

A resposta dele poderia ter sido totalmente inocente se não fosse pela forma intensa com que ele me encarou, tanto que quando ele mesmo percebeu que me encarava, desviou os olhos sem graça.

A garçonete voltou com o meu suco e a água dele. O silêncio reinou sobre nós, no entanto, era um silêncio bem-vindo, não era constrangedor. Depois de trocarmos uma meia dúzia de palavras, ele colocou minhas folhas dentro do livro e me devolveu. Despediu-se de mim e foi em direção ao prédio do Direito.

Encarei seu físico enquanto ele caminhava. Álvaro era um cara muito gato e parecia ser bacana também e, eu poderia estar vendo coisas, mas parecia que ele estava empenhado demais em estar comigo, falar comigo. Na sala de aula ele sempre me fazia perguntas, estava sempre me incluindo nos temas trabalhados e a forma intensa com que me encarou, há pouco, só me deixava ainda mais encucada.

Será que seu interesse em mim ia além do interesse didático?



Capítulo 40

Não É Favor

Mari

— O anjo está aqui – Nice disse entrando no meu quarto.

Suspirei dando um sorriso triste e encarei com desânimo minha pequena mala que havia arrumado na noite anterior.

Eu não queria ir para o apartamento dos primos. Por mais que eu não sentisse mais nada pelo Kay, a situação era no mínimo estranha, embora para o Gabriel estivesse tudo normal. Sem falar que eu nunca fui de depender dos outros para nada, iria ter que ficar lá de favor.

— Eu esperava que ele refletisse quando estivesse sozinho e mudasse de ideia. Não tem necessidade disso.

— Mari – Minha amiga sentou-se ao meu lado na cama — Ele só está querendo ajudar, só está querendo ser útil e ele pode estar muito preocupado com a criança também. Já parou para pensar nisso? Do mesmo modo que você quer fazer tudo *pro* bebê ficar bem, ele também quer. Vai, fica uns dias até ele entender que sua estadia lá é um exagero, aí você volta pra cá.

Refleti sobre o que ela disse. Não tinha parado para pensar em como ele estaria se sentindo em relação a paternidade. Claro que estava nítida a preocupação e o cuidado comigo e com o bebê, mas eu não sabia como ele estava lidando com o fato de se tornar pai tão repentinamente.

— Você tem razão, eu não faço ideia de como ele possa estar se sentindo.

— Do pouco que eu o conheço, posso apostar que ele já consegue se ver lá na frente sendo um ótimo pai – assenti e não pude deixar de imaginá-lo todo babão pelo filho, ou filha. — Agora Marizinha, só toma cuidado com o coração, não vai confundir as coisas e começar a desejar que vocês se tornem uma linda família feliz, porque você bem sabe que tem uma terceira pessoa envolvida aí.

— Nem penso nele dessa forma, já não pensava antes, agora que não penso mesmo. Não quero que ele fique comigo por causa de filho, aliás não quero que ele fique comigo por motivo algum, ele tem a Bia. Estando juntos ou não, eles se pertencem. Eu fiz bem em me afastar, embora eu deveria ter me afastado antes

de transar com ele. Enfim, eu só quero me preocupar com meu bebê, o pai dele é livre para fazer o que quiser, não teremos um relacionamento, seremos pais da mesma criança, só isso.

— Isso aí. Eu acredito em você, só precisava cumprir meu papel de amiga.

— Ah, mas você cumpre – Abracei-a pelo ombro — E muito bem.

— Então é isso. Vai lá que o anjo está esperando – Nós nos abraçamos. Eu bobona é claro comecei a chorar — Aff, esses hormônios! – Limpei as lágrimas quando nos afastamos. — Estarei esperando sua visita.

— Que não vai demorar, *né amore*, você vai morar com dois deuses gregos e ainda tem o tal do primo que eu não conheci. Vou viver lá – sorrimos.

Peguei minha mala e fui ao encontro do Gabriel. Ele abriu aquele sorriso perfeito para mim assim que entrei na sala.

É pensando bem, seria um pouquinho difícil minha estadia na República *Amor&Soca*.

— Bom dia! – ele veio na minha direção e beijou minha testa como se estivesse tudo bem, como se ele não estivesse ali por causa do “problema” que arrumamos juntos. — Só vai levar isso? – apontou para a mala em minhas mãos.

— Só, Gabriel. É temporário, não vou me mudar definitivamente – revirou os olhos.

— Eu sei que não, mas é que vocês mulheres são sempre tão exageradas quando se trata de roupas e sapatos.

— No estado em que estou, só quero ficar confortável.

— Está certo – concordou. — Pronta para ir?

Pronta eu não estava, mas decidi guardar a informação para mim e assenti concordando.

— Mari você esqueceu seu violão – Nice disse entrando na sala com o violão. — Oi, anjo!

— Como vai, Nice? – Gabriel a cumprimentou com dois beijinhos.

— Melhor agora – ele sorriu sem graça pela resposta e eu achei graça do seu embaraço. Ficava ainda mais lindo sem graça.

Aff Mari!

— Eu levo o violão e a mala e você leva a *gravidinha* aí – Nice disse pegando a mala da minha mão.

— Não precisa – Tentei recusar.

— Não pode se esforçar, lembra? – ela reforçou.

— Mas vou descer, não subir.

— Concordo com a Nice – Gabriel interveio. Bufei vencida, eu não tinha chance com aqueles dois juntos.

Descemos a escada, ele comigo no colo e Nice com minhas coisas. Nos despedimos dela e seguimos para a lanchonete.



Dona Bethânia era realmente um anjo enviado do céu para cuidar de mim, ela nem se importou por eu não poder trabalhar por enquanto e ainda ficou feliz por eu finalmente ter contado ao Gabriel sobre a gravidez.

— Mari qualquer coisa que você precisar não hesite em me ligar, O.K.? – disse me abraçando na porta da lanchonete. — Depois me passe o endereço de onde você vai estar hospedada para que eu e a Tati possamos ir visitá-la.

— Ah, dona Bethânia a senhora é um amor de pessoa! Muito obrigada por tudo, pode deixar que te envio o endereço por mensagem. Vou adorar receber a visita de vocês – suspirei tristemente observando o Gabriel que já se dirigia ao carro.

— Ele é lindo! – ela cochichou no meu ouvido e a Tati concordou com a mãe. — E parece que não é só por fora, hein?

— Ele é a melhor pessoa que eu já conheci. Mais uma vez obrigada, dona Bethânia e Tati – Abracei as duas e segui em direção ao Gabriel que me esperava encostado no carro. Ele gentilmente abriu a porta para mim e acenou para as duas.

— Elas parecem serem ótimas pessoas – disse enquanto ajustava o cinto de segurança.

— São, e elas disseram o mesmo de você – ele deu os ombros. — É sério Gabriel, você é incrível. Tudo que você tem feito por mim, toda a ajuda que você... eu sei que tenho dado trabalho.

— Mari – ele me interrompeu virando-se na minha direção. Gabriel segurou a minha mão e me encarou sério. — Eu preciso que você entenda de uma vez por todas. Não é favor que eu estou fazendo por você, nem agora, muito menos antes. É minha obrigação ajudar, porém, mesmo que esse filho não fosse meu, eu faria de tudo para ajudá-la. Você não está me dando trabalho algum. Se eu a ajudei antes é porque me importo contigo e se estou novamente ajudando, não é só porque você está grávida, é porque eu gosto de você e quero que você fique

bem. Você entendeu? – Engoli em seco tentando evitar que as lágrimas descessem pelo meu rosto, foi inevitável, no entanto.

— Desculpe – Limpei as lágrimas — São os hormônios.

Ele sorriu suavizando a expressão. Mas minhas lágrimas não eram só pelos hormônios, não eram só porque eu estava agradecida, ou por ele ter dito que gostava de mim. Minhas lágrimas eram resultado do que eu havia acabado de constatar. Eu o amava. Eu amava aquele cara ali na minha frente afagando minha mão me encarando com um olhar que dizia que tudo ficaria bem. Sim eu amava Gabriel Bastos e minhas lágrimas também eram porque ele não me amava, não da mesma forma e por uma fração de segundo, eu tive inveja da Bia.

Gabriel se aproximou e esfregou os dedos nas minhas bochechas enxugando as lágrimas que agora jorravam dos meus olhos.

— Vai ficar tudo bem – Puxou-me para mais perto e depositou um beijo demorado na minha testa.

Quando se afastou, me presenteou com mais dos seus sorrisos lindos e deu partida no carro, antes que ele o colocasse em movimento, toquei sua mão sobre o volante: — Apesar da forma como tudo aconteceu e apesar de não sermos um casal, eu preciso dizer que mesmo assim, ainda me sinto grata. Não existe pessoa melhor neste mundo para ser o pai do meu filho do que você, Gabriel.

— Obrigado – respondeu sem jeito.

Soltei sua mão e ele saiu com o carro. Claro que eu não esperava que ele dissesse que eu também era a mulher ideal para ser a mãe dos filhos dele, eu sabia que essa mulher era a Bia, mesmo assim, me bateu uma tristeza profunda.

Quando chegamos ao apartamento, ele me levou até o seu quarto e colocou meu violão e minha bagagem em cima da cama. A cadela deles entrou conosco no quarto e pulou na cama.

— Você fica aqui, eu já desocupeí algumas gavetas, troquei a roupa de cama e ajeitei uns objetos de higiene no banheiro. Também comprei toalhas novas. Eu vou ficar no quarto do Kay.

— Não precisava ter feito nada disso.

— Você está me dizendo que eu poderia ficar aqui contigo, é isso? – brincou.

— Estou me referindo a parte das gavetas, dos objetos de higiene e das toalhas, seu bobo!

— Ah, entendi – Sorriu se aproximando. — Eu vou ter que ir para o restaurante agora, você vai ficar bem?

— Sim, vou aproveitar pra tentar dormir. Dormi mal a noite.

— É pra descansar, mas também é pra se alimentar direitinho, O.K.? Pedi ao Rafa para comprar umas frutas e pães, tem comida na geladeira também, ah e tem água de coco. Pelo que andei lendo, beber líquidos ajuda com os enjoos. Eu não sei se você está tendo enjoos, mas dizem que colocar uma rodela de limão na água ajuda também, além de biscoitos salgados que ele também comprou.

Eu não queria ter achado tão fofo toda aquela preocupação, claro que era tudo por causa do bebê, mas saber que ele se preocupou em comprar toalhas, desocupar gavetas, comprar frutas e ainda pesquisar sobre gravidez na internet me deixou toda boba.

— Obrigada pela preocupação.

— Não precisa me agradecer, Mari. Bom eu vou nessa. Vem Majuzinha! – chamou a cachorra, mas ela permaneceu imóvel na cama. — Ela é muito apegada a mim, por isso gosta tanto de ficar no meu quarto. Se não quiser que ela entre, deixe a porta fechada.

— Pode deixá-la aqui. Fazemos companhia uma a outra, eu não ligo.

— O.K. Até mais tarde, então – Gabriel saiu do quarto e eu me sentei na cama.

Majuzinha mal esperou que eu me ajeitasse e já colocou a cabeça no meu colo pedindo carinho. Sorri. Até a cadela era louca por ele.

— É Majuzinha, estamos no mesmo barco – murmurei fazendo carinho na cabecinha dela.



Capítulo 41

Novos Planos

Gabriel

— Caramba, Gabriel! – Meu primo me encarou perplexo quando lhe contei sobre a gravidez da Mari.

— O susto já passou Guilherme, o que eu quero agora é que a Mari esteja bem, que eles fiquem bem.

— Você está certo, *man*. Quando vai contar aos tios?

— Quando der. Não estou pensando nisso agora, mas preciso procurar o Kay e conversar com ele sobre a situação, não por ele e a Mari já terem ficado juntos, e sim porque embora ele não more mais aqui, o apartamento continua sendo dele. Eu ia fazer isso hoje quando saísse do restaurante, só que como é o primeiro dia dela lá em casa, não quis deixá-la sozinha mais tempo que o necessário.

— E a Bia? Já contou pra ela?

— Ainda não, vou procurá-la amanhã e abrir o jogo. Não tenho nada a esconder, não estávamos juntos e também não há motivos para alarde, eu e a Mari não somos um casal. Só vamos ter um filho juntos.

— A Mari parece legal.

— Ela é.

— Gabriel esse lance de amizade colorida nunca acaba bem e olha no seu caso o que deu, gravidez indesejada.

— Eu sei, mas nunca pretendi ter esse tipo de lance com ela, nem ela comigo, simplesmente aconteceu. Acho que nos apoiamos um no outro pelas nossas recentes decepções amorosas, mesmo assim, não pretendíamos esquecer a dor usando um ao outro, só aconteceu, não foi planejado.

— Bom, pelo o que te conheço, você vai saber lidar com a situação. Você é um cara muito centrado, com os pés no chão e no que precisar de mim, pode contar com a minha ajuda.

— Eu sei, obrigado. Eu vou precisar mesmo. Preciso cuidar da Mari e quero

que ela se sinta bem enquanto estiver conosco.

— No que depender de mim, ela vai se sentir à vontade com a gente. Gostei dela.

— Não tem como não gostar. Tudo bem que a Angel é maravilhosa e conquistou nosso primo, mas não entendo como o Kay deixou a Mari, ela é incrível. Ela é doce, determinada, honesta. Não é uma Patricinha mimada, é íntegra e tem um coração de ouro – Meu primo pensou por alguns instantes e me encarou.

— Posso *te* jogar a real?

— Claro.

— Se ela é mesmo tudo isso, por que você está perdendo tempo com a Bia, ao invés de ficar com essa garota que ainda por cima está grávida de um filho seu? Eu posso estar enganado, mas está parecendo que você gosta dela, cara. Você fica aí tentando fazer dar certo com a Bia, e por conta disso não consegue enxergar que talvez, o que vocês tinham acabou. Eu acho que você parece preso na comodidade do que o relacionamento de vocês foi um dia, mas – ele frisou a palavra, mas — que nunca voltará a ser igual.

— Não é isso. Não quero que seja igual, eu estava, quer dizer, – Revirei os olhos lembrando do meu irmão fazendo insinuações por eu ter usado o verbo no passado — Eu estou disposto a dar uma chance a nós, para que, lá na frente, eu não olhe para trás e me arrependa de não ter feito nada a respeito e eu não penso na Mari desse jeito. Eu me preocupo com ela, quero ajudá-la, mas não é desse jeito, não vamos ficar juntos só por causa da gravidez... – suspirei incapaz de continuar explicando o que eu não entendia.

Eu gostava sim da Mari, fiquei triste quando ela parou de falar comigo, senti uma falta do caralho dela. Também fiquei louco quando ficamos juntos na última vez, eu me preocupava com ela, pensava nela quase sempre, mas... caralho que confusão!

Ela nunca ficaria comigo... ainda mais agora, grávida. Iria com certeza pensar, esse seria o único motivo... seria?

O que eu estava pensando!?

Eu não me via em um relacionamento com a Mari, mas a conversa com o Guilherme me fez ficar muito confuso. Primeiro o Rafa, depois ele. Será que só eu que não enxergava? Ou será que eles estavam enxergando demais?

— Você pode até não gostar da garota nesse sentido, mas tem que reconhecer que talvez não goste mais da Bia nesse mesmo sentido.

— Você teria voltado para ela se fosse você? – perguntei de repente, curioso com sua resposta.

— Se eu realmente a amasse, sim. Sem hesitação. Ainda mais se eu já a tivesse perdoado.

— Eu já a perdoei, de verdade.

— Então por que ainda não estão juntos? – suspirei.

— Eu realmente não sei.

— Precisa descobrir, cara. A Bia foi uma filha da puta contigo, mesmo assim não merece ficar sendo cozinhada em banho-maria. Se não a quer, deixe que ela vá de vez.

Sorri encarando meu primo que tinha pouco mais de dezenove anos, mas que para a minha surpresa era muito mais sábio do que eu.

— Você é bem mais inteligente do que parece, Guilherme – ele sorriu colocando o dedo do meio para mim. — Tem certeza que não vale a pena lutar pela Alexia? – ele me encarou e depois olhou para fora da janela.

— Tenho. Não vou arriscar a boa convivência familiar que temos, e da qual prezo muito por algo que lá na frente eu descubra que foi só uma ilusão. Se tiver que ser, vai ser um dia.

— Corrigindo, você é muito inteligente.

— Posso ser sincero? – assenti — Eu estou mesmo é preocupado com as minhas bolas. Vai ser a primeira coisa que o tio Jeferson vai mandar arrancar de mim – gargalhamos.

Peguei a comida embalada no banco traseiro e saímos do carro em direção ao elevador.

Encontramos a Mari sentada no sofá da sala assistindo a novela. Majuzinha dormia sossegada ao seu lado. Coloquei a comida no balcão, enquanto meu primo foi até ela cumprimentá-la.

— Olá bem-vinda ao lar. Qualquer coisa que precisar é só falar.

— Ah, obrigada. Você é muito gentil – ela agradeceu gentilmente.

— Bom, vou tomar um banho – Gui fez carinho da cadela que agora estava alerta e seguiu para o seu quarto.

Majuzinha veio até mim e pulou em busca de atenção — Como vai mocinha? – Abaixei-me e fiz cócegas na barriga dela que já tinha se esparramado no chão só esperando pelo carinho.

Cumprida a tarefa de dar atenção a cadela, me levantei e fui até a Mari.

Beijeí sua testa e me sentei ao seu lado.

— Novela? – perguntei fazendo careta.

— Não tem muita opção, os canais de TV a cabo sempre passam as mesmas coisas.

— Verdade. E como você está se sentindo? Como passou o dia?

— Bem e bem.

— Comeu direitinho?

— Comi, papai.

— Engraçadinha!

— É sério Gabriel, o seu filho está aqui dentro, não sou eu – disse alisando a barriga. Olhei para seu rosto e depois para sua barriga. Em pouco meses começaria a aparecer.

— Quando é possível saber o sexo? Quer dizer, você vai querer saber? – perguntei interessado.

— Sim, chega de surpresas – Sorri assentindo. — Eu não sei ao certo, mas acho que é a partir do quarto mês.

— Eu... posso ir contigo na próxima consulta?

— Claro Gabriel, eu vou te incluir em tudo, se você quiser é claro. Você é o pai, tem os mesmos direitos – nossos olhares se cruzaram por segundos, mas foi inevitável não sentir a atmosfera intensa que se instalou entre nós. Mari desviou o olhar sem graça para a TV.

— Vou aquecer a comida, está com fome?

— Confesso que estou, tenho comido muito. Só não preparei eu mesma porque eu não sabia para quantas pessoas cozinhar.

— Você não precisa cozinhar, trouxe comida do restaurante, é só esquentar. Rapidinho aqueça aqui.

— Posso ajudar em alguma coisa? – insistiu.

— Não, só fica quietinha aí.

— Então vou aproveitar para tomar um banho.

— Certo.

Pouco tempo depois a comida estava servida. Comemos na mesa da cozinha, eu, a Mari e o Guilherme, já que o Rafa tinha ido direto para a porta da frente. Guilherme lavou a louça apesar de a Mari ter insistido em ajudar. Quando ele terminou sua tarefa, despediu-se de nós e foi para o seu quarto estudar

levando a cadela com ele.

— Vou tomar um banho – avisei.

— Vai lá – respondeu voltando para a sala e sentando-se no sofá.

— Procura um filme pra gente ver no Netflix – pedi.

— Claro.

Fui para o meu quarto e tomei um banho rápido. Vesti minha roupa e voltei para a sala descalço mesmo.

— E então? Qual vai ser? – perguntei me jogando ao seu lado no sofá.

— *O Silêncio dos Inocentes*.

— Pensei que você colocaria algum romance bem mamão com açúcar, não um com serial killer – brinquei.

— Eu prefiro os serial killers.

— Então, O.K. Pode apertar o play.

O filme começou e ela se concentrou na TV, eu, no entanto estava com minha cabeça fervilhando, pensando nas coisas que meu primo tinha me dito, na conversa que teria com a Bia, nos meus pais, na Mari. Olhei de relance para ela concentrada no filme. Apesar de estar se esforçando para não transparecer, eu sabia que estava preocupada. Com o trabalho, com seu curso, com a gravidez.

E seus pais? Será que já sabiam?

— Mari? – chamei-a de repente. — Seus pais sabem da gravidez?

— Não – ela baixou os olhos — Não é da conta deles, afinal eles meio que me abandonaram a minha própria sorte.

— Você não está sozinha – Segurei sua mão.

— Eu sei, mas poxa! Eles são meus pais eu só... queria ter o apoio deles.

— As coisas vão se ajeitando, Ruiva.

— Eu sei e sinceramente? Estou melhor sem eles.

— E o curso? – Resolvi mudar de assunto.

— Eu liguei pra lá e expliquei minha situação, assim que eu estiver melhor posso voltar, mas estou pensando em abandonar, pelo menos por enquanto. Com a chegada do bebê, não vou ter muito tempo de qualquer forma.

— Desculpe ter ferrado com a sua vida – suspirei, eu realmente me sentia culpado.

— Ambos temos culpa e relaxa que eu já me conformei. Já estou até fazendo novos planos – Sorriu.

— Ah é? Pode compartilhá-los comigo? – perguntei interessado.

— Bom, enquanto o bebê estiver novinho eu posso trabalhar em casa como, sei lá, *explicadora*, só mesmo para ajudar as meninas com o aluguel. Quando ele ficar maiorzinho, aí vai para a creche para que eu possa trabalhar.

— Creche?

— Sim, existem creches muito boas. São de tempo integral você pode deixar as crianças sem preocupação.

— Você vai ter coragem de deixá-lo o dia todo numa creche? – perguntei preocupado.

— Muita gente faz isso, Gabriel. Tem muita gente que precisa trabalhar e não tem com quem deixar seus filhos, então optam pelas creches. Vou precisar trabalhar o dia todo já que não poderei cantar a noite tão cedo.

— Você sabe que pode contar comigo, não é? Tipo, pra ficar com ele quando você precisar e também vou ajudar nas despesas.

— Eu sei.

— Certo – Voltei minha atenção para o filme do qual eu não tinha prestado a mínima atenção. Fiquei olhando para aquela tela na minha frente com a cabeça a mil.

Não tinha gostado de saber aquele lance de creche, mas ela estava certa, sozinha em uma cidade em que conhecia tão pouca gente e tendo que trabalhar, colocar o bebê na creche seria sua única opção. No entanto, fiquei feliz por ela estar fazendo planos de acordo com sua nova realidade.

Para a mulher era realmente tudo muito mais difícil, o homem era apenas um mero expectador, salvo o fato de que quando o casal está junto, assim o homem ajuda no que pode, entretanto, o trabalho maior ainda é todo da mãe. Gerar, trazer ao mundo, alimentar, cuidar.

Só quando tentei mudar de posição foi que me dei conta de que nossas mãos ainda estavam grudadas. Puxei suavemente a minha mão, mas ela não soltou, então vi que tinha adormecido. Tinha dormido sentada, coitada.

Desliguei a TV e fui até o interruptor apagar as luzes. Voltei até ela e a peguei nos braços, ela protestou sonolenta, mas ignorei. Carreguei-a até o meu quarto que, provisoriamente, agora dela, e a coloquei suavemente na cama.

— Você é uma péssima companheira de filme – brinquei a cobrindo com o edredom.

— São os hormônios – ela balbuciou com um sorriso nos lábios. — Agora

eles são minhas desculpas para tudo – Achei graça.

— Descansa.

— *U-hum* – Virou-se para o lado se aconchegando ao travesseiro já praticamente dormindo.

— Boa noite – murmurei baixinho, quando eu estava saindo do quarto ela me chamou.

— Gabriel?

— Oi – Aproximei-me novamente e me abaixei ao seu lado da cama preocupado. — Tudo bem?

— Seremos bons pais?

— Sim, seremos ótimos pais – respondi tirando uma mecha de cabelo dela da frente do seu rosto. — Tomara que ele se pareça contigo – eu disse de repente. — Vai ser a coisinha mais linda.

— Não. É melhor que se pareça contigo. Ele vai sofrer muito bullying na escola se parecer comigo.

— Pra compensar vou dizer a ele todos os dias que ele é lindo como a mãe.

O silêncio que reinou foi perturbador e eu senti uma imensa vontade de beijá-la. Levantei-me de repente e me despedi saindo do quarto. Entrei no meu rapidamente e me encostei na porta.

Que merda tinha sido aquilo?



Capítulo 42

Nada Além De Incredulidade

Bia

A chuva fina caía lá fora enquanto eu esperava pelo Gabriel sentada no sofá com uma caneca de café em minhas mãos. Ele havia ligado logo no início da manhã perguntando se poderíamos conversar e pelo timbre da sua voz, eu poderia jurar que não vinha coisa boa por aí. Parecia que eu estava pressentindo alguma merda, tanto que quando o interfone tocou e o porteiro me avisou que ele estava ali, senti o pânico me invadir.

Deus que ele não esteja vindo para acabar tudo entre a gente – eu pensei enquanto o aguardava subir. Deixei o café de lado, já que era praticamente impossível descer algo pela minha garganta.

A campainha tocou e por um instante eu quis fugir daquela conversa. Eu poderia dizer que não estava me sentindo bem, para ele voltar um outro dia, ou eu poderia simplesmente partir para cima dele feito louca e beijá-lo até morrer para não lhe dar a chance de falar, no entanto, apenas respirei fundo e abri a porta.

— Ei, você! – cumprimentei-o fazendo um esforço enorme para não transparecer meu nervosismo.

— Olá! – ele sorriu gentilmente e me puxou para um abraço. Eu desejei que ele não me soltasse mais e até prolonguei um pouquinho mais o contato.

Dei espaço para que entrasse e o convidei para sentar. Sentamos um ao lado do outro. Percebi seu nervosismo também. Pelo menos eu não era a única, embora isso me deixasse ainda mais preocupada.

— *Tu* queria conversar sobre? – Iniciei já que estava parecendo difícil para ele dar esse passo.

— Bom eu... tenho uma novidade. É uma coisa boa e ao mesmo tempo complicada... eu... – Segurei sua mão e o forcei a me encarar.

— *Me* diga o que é, e conversaremos a respeito. Farei o que estiver ao meu alcance para te ajudar, piá. – Gabriel suspirou e entrelaçou os dedos nos meus.

— Bia... Quando estávamos separados eu e a Mari nos aproximamos, nós transamos algumas vezes e ela descobriu há pouco tempo que está esperando um filho meu.

E o ar simplesmente fugiu dos meus pulmões.

Grávida?

Dele?

Ai. Meu. Deus.

Engoli em seco e tentei engolir o bolo que se formou na minha garganta, infelizmente não consegui e lágrimas começaram a se formar nos meus olhos. Eu continuei o encarando muda na esperança de que ele começasse e rir e dissesse “te peguei!” todavia, ele continuou muito sério esperando alguma reação minha, que não foi outra além de incredulidade e claro, muitas lágrimas, eu não tinha como contê-las.

A Mari estava grávida dele. Era surreal.

— V-vocês estão juntos? – Finalmente formulei uma pergunta.

— Só pelo bebê, não temos um relacionamento – Encarei-o confusa. — Vou explicar tudo, O.K.?

E ele explicou, passou os próximos minutos me contando como eles se aproximaram, como se apegaram um ao outro, das transas apesar de serem apenas amigos e, de como descobriu a gravidez, que foi justamente naquele dia que ele saiu daqui desesperado para ir atrás dela.

— ... Por conta do risco, ela está ficando lá no *apê*, mas é só até o hematoma desaparecer, enfim. Estou assustado com tudo isso, mas não vou deixá-la desamparada, você me conhece, sabe que eu não fujo das minhas responsabilidades.

Sim eu sabia e principalmente naquele caso, eu sabia que ele jamais a deixaria desamparada.

— Não sei o que dizer. Essa novidade me pegou completamente de surpresa. Eu cheguei a ponderar que tu estiveste vindo até aqui para dizer que não estava mais interessado, mas isso ... é surreal, Gabriel.

— Eu não espero que você compreenda, não vou exigir isso de você, Bia. Mas não estávamos juntos. Eu não traí você. Eu estava simplesmente tentando seguir com a minha vida. Fiz a burrada de transar sem proteção e com uma amiga que tanto estimo, mas meu erro para aí.

— Concordo – eu disse rapidamente — *Tu* não me deves satisfação, por

isso. Eu só não posso negar que a notícia me entristeceu, não pela Mari estar grávida, mas pelo fato de que não sou eu. Nos meus sonhos, eu sou a mãe dos teus filhos, eu sou sua esposa e agora tem outra garota grávida de ti.

— Eu também costumava pensar assim – ele bufou — Antes de tudo. Você era a única em que eu visualizava lá na frente carregando um filho meu, era a única que eu pensava em constituir família, mas as coisas mudam. Não estou culpando você e nem jogando na sua cara, mas você acabou desviando meus planos, nossos planos. Coisas podem acontecer quando saímos dos trilhos.

— Eu sei! – Funguei desolada. — Ela gosta de ti? Digo, será que ela tem sentimentos por ti? – refleti sobre aquilo — Será que quando percebeu que *tu* não iria ficar com ela, engravidou de propósito pra tentar *te* segurar, já que o Kay já a tinha abandonado por outra? – ele me encarou incrédulo, mas era uma possibilidade, poxa!

— Bia eu sei que você está chateada, mas não vai adiantar culpar a Mari e ainda acusá-la de ter manipulado a situação. Eu estava lá, somos ambos culpados e eu a conheço, ela jamais faria algo nesse sentido – Era nítido que tinha ficado chateado pelo que eu havia dito.

— Desculpa, desculpa, desculpa! – Corri até ele e o abracei. — Eu só preciso digerir tudo isso, Gabriel, por favor me desculpe – ele me abraçou de volta descansando o queixo na minha cabeça.

Eu estava me desesperando, porque conhecendo seu instinto protetor como eu o conhecia, eu sabia que ele colocaria a gravidez da Mari como prioridade e acabaria por deixar a relação que estávamos construindo em segundo plano.

— Tudo bem, eu entendo toda essa confusão e as suposições que você está fazendo, mas eu acredito que foi acidental. Não nos encontramos para transar ou algo do tipo, estávamos até meio afastados. Foi uma situação que não prevemos. Já nem estávamos mais ficando quando aconteceu.

Assenti e apesar de, por dentro, eu estar morrendo, respirei fundo tentando ganhar o controle da situação. Eu não iria desistir de ficar com o Gabriel só porque outra garota, que nem era nada dele, estava esperando um filho seu e se eu tivesse que tolerar a Mari para tê-lo comigo eu a toleraria de bom grado.

— Eu fiquei baqueada com a notícia – falei olhando fundo em seus olhos — Mas isso não muda nada, Gabriel. Eu te amo e quero que as coisas deem certo entre nós. Se a relação de vocês se resume apenas a amizade e agora, paternidade, não tem porque eu ficar receosa. Eu o conheço, sei o homem íntegro que *tu* és e pode contar comigo no que precisar, eu vou ajudá-los, a ti e a Mari, da forma que eu puder. Esse bebê vai ser bem-vindo por mim também,

apesar de não ser um filho meu, ele é seu, eu amo você e vou amá-lo também, só por favor não me afaste de ti.

— Bia – Gabriel se afastou um pouco e segurou minhas mãos. — Você está correta, eu e a Mari não temos nada além de amizade, mas – pigarreou — Eu tenho estado confuso em relação aos meus sentimentos...

— O que isso quer dizer? Estás apaixonado por ela?

Meu Deus, eu quero morrer!

— Eu estou querendo dizer que estou confuso sobre meus sentimentos e não acho justo ficar enrolando você...

— Gabriel isso é perfeitamente normal, *tu* ficaste confuso por causa gravidez, por isso está misturando os sentimentos. Eu entendo, não precisa me afastar por causa disso. *Tu* vai perceber depois de um tempo que não sente nada pela Mari mulher, apenas um enorme carinho pela mãe do teu filho.

— Pode até ser isso Bia, mas até lá acho melhor ficarmos separados. Já disse, não é justo contigo.

— Não faz isso, por favor, Gabriel, não me afaste. Deixe-me estar por perto, pelo menos como amiga, pra apoiá-lo – eu já estava em prantos. — Eu acredito no nosso amor, acredito que *tu* ainda vais me perdoar.

— Eu já te perdoei, Biju – sorri. Pelo menos uma boa notícia.

— Então, apenas deixe as coisas se ajeitarem.

— Bia...

— Só pensa, Gabriel. Pensa no que conversamos com carinho – ele assentiu com um meneio de cabeça. — Sabe o que mais me dói? – Negou — É saber que tudo isso que está acontecendo é culpa minha. Se eu não tivesse feito a burrada que eu fiz, se eu não tivesse o deixado, não estaríamos nessa situação.

— Não existe um culpado nessa história, as coisas simplesmente acontecem e quem nos garante que mesmo se nada daquilo tivesse acontecido ainda estaríamos juntos? Eu não quero mais focar nos erros. Preciso pensar em soluções daqui pra frente, não quero errar contigo e também não quero errar com a Mari.

— O.K., só não me afaste de ti. Deixe-me estar por perto, nem que seja como amiga.

— Preciso ir, tenho que estar no restaurante daqui a pouco – disse ignorando o meu apelo. Assenti, não iria forçar mais, ele já sabia o meu ponto de vista.

— Tá – Gabriel me deu um longo abraço e um beijo na bochecha.

— Eu ainda não contei para o Kay e pra Angel, só contei pra você, além do Rafa e do Guilherme.

— Não vou falar nada – Ainda tinha isso, a Mari era *ex-ficante* do Kay e agora estava grávida do primo. Minha prima ainda iria ter que engolir a presença dela.

— Obrigado. Eu vou contar em breve. Agora eu preciso realmente ir.

Assenti e mal esperei a porta fechar para me debulhar em lágrimas. Gabriel foi embora e levou com ele toda a minha esperança de ficarmos juntos. Eu quis gritar, chutar algo, ir até a casa deles e gritar com ela. Eu também quis odiá-la, no entanto, por mais que ele me dissesse que não havia culpados, eu sabia que a culpa era toda minha.

O Gabriel me amava, era louco por mim, jamais olharia para outra garota se estivesse tudo bem, mas não, eu tinha que afundar o pé na jaca, agora pagaria um preço alto demais pelos meus erros e essa dívida poderia ser eterna.



Capítulo 43

Deixa Existir

Mari

— Como foi? – perguntei assim que ele se sentou ao meu lado no sofá. Pela sua cara, não tinha sido nada bem. — Disse a ela que não ofereço perigo à relação de vocês?

— Ela ficou decepcionada e se culpou por estarmos nessa situação – suspirei tristemente.

— Eu sinto muito, Gabriel. Logo agora que vocês estavam se entendendo...

— Não é culpa sua, nem dela, não é culpa de ninguém, Mari. Mesmo surpresa, ela disse que o fato de você estar grávida, não muda nada, então não se preocupe – assenti um pouco aliviada. — Mas eu pedi um tempo a ela.

— O quê? Por quê?

— Eu não sei, eu... só acho que... sei lá, não quero entrar de cabeça em uma relação agora.

— Por favor, me diga que não é porque eu estou grávida, Gabriel – ele me encarou por alguns longos momentos antes de responder.

— Não estou com cabeça pra isso agora, Mari.

— Vocês se amam...

— Como você pode ter tanta certeza disso? – perguntou elevando o tom de voz. Engoli em seco e mordi os lábios. Gabriel segurou minha mão e sorriu sem graça.

— Desculpe, não quis descontar em você.

— Tudo bem, eu não quis me intrometer.

— Não intrometeu... vamos fazer o seguinte: Vamos deixar esse assunto de lado por enquanto, e nos preocuparmos apenas com o seu bem-estar, tudo bem?

Não estava tudo bem. Eu não queria ser um empecilho na relação dele com a Bia. Por que ele tinha pedido um tempo?

— Eu só quero que você seja feliz, Gabriel.

— E eu só quero que você... — Olhou para minha barriga — Vocês, fiquem bem. E pra acabar de vez com esse assunto. Eu sou feliz, O.K.? — assenti.

Meu celular começou a vibrar na mesinha e olhamos ao mesmo tempo para o aparelho. O nome Alex surgiu acompanhado de sua foto. Gabriel fechou a cara e encostou no encosto do sofá. Peguei o telefone e atendi a ligação.

— Oi, Alex.

— Mari. Como você está? Eu soube da gravidez, minha tia me contou. Você está bem?

— Sim, estou. Obrigada por se preocupar.

— Olha, eu estou aqui na portaria do prédio do Gabriel, sei que você está hospedada com ele. Queria muito ver com meus próprios olhos se você está bem, por favor.

Olhei para o Gabriel que tinha ido até a cozinha e fuçava dentro da geladeira. Ele não iria gostar nadinha de ver o Alex ali, mas eu não poderia simplesmente ignorar meu amigo. Decidi descer e encontrá-lo lá embaixo. Apesar de tudo, eu tinha um carinho enorme por ele, Alex já tinha me ajudado em vários momentos também.

— Eu desço aí — Desliguei e encontrei o olhar do Gabriel que estava encostado no balão com um copo de água na mão.

— Err... O Alex está lá embaixo. Dona Bethânia disse a ele que eu estou hospedada aqui.

— O que esse cara quer? — perguntou de cara feia.

Por que ele estava tão irritado?

— Gabriel, assim como você, o Alex também é meu amigo e se preocupa comigo.

— Se preocupa contigo? Ele quase deixou você ser abusada e ainda por cima duvidou de você! — Encarei-o de queixo caído.

— Por que você está agindo assim?

— Estou tentando abrir seus olhos. Fui eu que fui em seu socorro aquele dia, se você não se lembra. Ele te deixou na rua, Mari. Na rua!

— Ele não me deixou na rua! — Defendi exasperada — Eu sei porque quis! E não precisa jogar na minha cara que você me ajudou naquele dia, Gabriel. Eu sou muito grata por tudo que você já fez por mim, mas isso não lhe dá o direito de me ofender.

Ele ficou calado, funguei e engoli o bolo que se formou na minha garganta.

Caminhei até a porta e saí. Ele ficou lá encostado no balcão com uma expressão incrédula por eu ter simplesmente saído.

Entrei no elevador com a minha cabeça a mil. O que ele estava pensando? Que por eu estar grávida dele eu era algum tipo de propriedade? E por que ele estava tão irritado se foi ele quem pediu um tempo à Bia? Ele não deveria estar tão irritado comigo!

Para de confundir minha cabeça, Gabriel!

Encontrei o Alex na portaria e o convidei para sentar na pequena recepção do prédio.

— Mari que notícia! – ele exclamou quando me abraçou. — Você está bem? Tia Bethânia disse que sua gravidez é de risco.

— Eu estou bem, minha situação inspira cuidados, mas não é tão grave assim. Só preciso de repouso.

— Fico feliz – Sorri, ele pareceu sincero — Parabéns!

— Obrigada, Alex. Ainda estou assimilando tudo isso, mas já me sinto feliz por ser mamãe.

— Você e o Gabriel estão realmente juntos?

— Não estávamos e não estamos. Somos amigos, aconteceu algumas vezes, mas não tem nada rolando entre a gente.

— Mas você está aqui.

— Porque ele também está preocupado com o bebê e como eu preciso fazer repouso, estou impossibilitada de descer e subir escada, ele achou melhor eu ficar aqui com ele.

— E você?

— Eu?

— O que você acha?

— Eu concordei – não de bom grado — Assim que o hematoma desaparecer eu volto pra casa.

— Entendi. Vai dar tudo certo – Segurou minha mão. — Você sabe que também sou seu amigo, né? E que também posso ajudá-la no que precisar?

— Eu sei – Sorri. — Você já me ajudou muito. Sou muito grata por ter me indicado pra sua tia, ela é um amor de pessoa.

— Não tem de quê – ele respondeu se levantando. — Bom, então deixa eu ir, já vi com meus próprios olhos que você está bem, fico mais tranquilo.

Levantei-me e o abracei. Alex foi embora e eu subi torcendo para que o Gabriel não estivesse me esperando para me dar umas palmadas como se eu fosse uma criança levada.

Entrei no apartamento e o encontrei sentado no sofá com o seu violão nas mãos. Ele descansava os pés descalços na mesinha de centro e dedilhava alguns acordes. Eu fiquei na dúvida entre ir direto para o quarto ou tentar conversar sobre o assunto. Decidi pela segunda opção já que sua carranca tinha desaparecido.

Sentei-me no sofá de frente para ele que me encarou e deu um sorriso antes de voltar sua atenção para o violão.

*... Olho pra você, processo em transição
Recuo ao deixar o seu falar
Abrir sorrisos com poemas de lágrimas
Sorrir com suas lágrimas...*

Ele começou a cantar e fechei meus olhos prestando atenção na letra da música, que com certeza passaria a ser a minha canção preferida no mundo inteiro.

*... Você não sabe, o que eu sinto em vão
Você não sabe
Você não sabe não
Você não sabe, o que eu fui sentir
Você não sabe
Deixa existir...
(Outro Eu)*

Abri meus olhos e encontrei seu olhar.

Eu estava delirando ou ele estava tentando me dizer algo?

As letras da música dançavam na minha cabeça “você não sabe o que eu sinto em vão,” “você não sabe o que eu fui sentir,” “deixa existir.” Eu estava a ponto de ter um treco quando ele terminou de tocar e sorriu.

— Ouvi esses dias e achei bonitinha.

— É... lindinha – respondi com o coração a mil.

Deixa de ser idiota, Mari é só uma música!

Tentei acalmar meu coração idiota que já estava pronto para se iludir por uma letra de música. Gabriel colocou o violão de lado e sentou-se ao meu lado.

— Me desculpe, Mari. Fui um idiota por dizer aquelas coisas.

— O Alê é um cara legal, Gabriel. Ele pode ter vários defeitos, mas é do bem. As pessoas erram.

— Ao que parece, eu tenho uma grande dificuldade em reconhecer isso. Foi mal, de verdade. Eu fui um estúpido, não tinha o direito de dizer aquelas coisas.

— Tudo bem. Vamos esquecer isso, então.

— Obrigado – disse espalmando a mão na minha bochecha. Fechei os olhos absorvendo o contato e quando os abri ele estava muito próximo.

— O que você está fazendo?

— Não sei – respondeu, mas não recuou. Gabriel segurou meu rosto entre as mãos e encostou sua testa na minha.

— Não faz isso, Gabriel – Implorei porque se ele fizesse mesmo o que eu estava pensando que faria, não conseguiria impedi-lo.

Fechei os olhos novamente incapaz de encarar a intensidade do seu olhar. Senti seus dedos deslizarem sobre meus lábios e arfei.

Não faz isso!

Mas ele fez, senti seus lábios cobrirem os meus com suavidade. Aí era pedir demais, claro que eu não iria resistir a isso. Entreabri meus lábios e permiti sua língua invadir minha boca e encontrar a minha.

Como eu senti falta de sentir seu gosto, como senti falta daquele contato.

Gabriel segurou minha nuca e aprofundou o beijo, e que beijo. Aquilo era loucura, mas eu não conseguia pensar em mais nada que não fosse beijá-lo de volta. Ele me deitou no sofá e me cobriu com seu corpo, enquanto suas mãos exploravam o meu. Sua mão subiu por dentro da minha camiseta e fechou sobre meu seio, meu corpo estava prestes a entrar em erupção quando ouvimos a chave na porta e nos separamos rapidamente. Guilherme entrou com um cara que eu não conhecia.

— Oi pessoal, esse aqui é o Jeferson, meu colega da *facul*.

— Muito prazer, cara. Eu sou o Gabriel – ele cumprimentou o visitante e se afastou sem me encarar provavelmente tão atordoado e tão excitado quando eu, seu rosto estava vermelho e seu cabelo todo bagunçado.

O pensamento me fez divagar para os momentos íntimos que já compartilhamos, ele ficava ainda mais lindo quando tomado pelo desejo.

É claro que nada aconteceria entre a gente no meu estado, mesmo que não tivéssemos sido interrompidos, mas foi de uma intensidade aterrorizante o pouco que fizemos.

— Oi. Eu sou a Mari – Também cumprimentei o visitante e fui na direção ao quarto. — Vou descansar um pouquinho – Praticamente corri para o quarto, mas antes que eu pudesse fechar a porta, Gabriel já tinha me alcançado. Ele segurou e entrou atrás e mim.

— Por favor Gabriel, agora não. *Me* deixa sozinha.

— Por favor Mari, conversa comigo! Desculpe eu não...

— Pior do que ter feito é se desculpar, pelo amor de Deus só me deixa sozinha!

— Você é a última pessoa neste mundo que eu quero magoar. Eu não sei o que me deu – ele ainda insistiu, mas ele mal sabia que estava piorando tudo se desculpando e dizendo aquilo.

— Eu sei o que *te* deu. Você está confuso com tudo o que tem acontecido, mas você está misturando as coisas. Eu estou grávida de você, mas não significa que você tem obrigação de ter alguma coisa comigo!

— Do que você está falando?

— Sai do quarto, por favor – Pedi tentando segurar as lágrimas. Se ele não saísse logo eu pateticamente choraria na sua frente.

— Eu vou sair porque você não pode se estressar, mas precisamos conversar.

— Não temos nada pra conversar e se você continuar a insistir, eu vou embora! – disse firme. Ele me encarou como se eu tivesse chifres. Gabriel ergueu as mãos em rendição e saiu batendo a porta.

Joguei-me na cama e abracei o travesseiro. Eu tinha feito a coisa certa. Não iria ficar alimentando esperanças, enquanto nem mesmo ele sabia o que estava acontecendo dentro de si. Eu o conhecia, sabia que ele estava colocando seu senso de proteção na frente de tudo e eu não queria isso. Não fazia ideia do que estava se passando na cabeça dele, mas não queria ninguém do meu lado só por obrigação.

Mas ele tinha pedido um tempo a Bia, ficado irritado com a visita de Alex e ainda cantou aquela música cheia de palavras não ditas.

Não Mari! Para! Não se ilude.

Ele estava misturando as coisas, mas eu não iria permitir que ele bagunçasse meus sentimentos, enquanto tentava descobrir os seus. Eu tinha mais com o que me preocupar. Meu filho era minha prioridade e para que eu pudesse pensar só nele, eu não poderia ficar mais ali, mas ele não me deixaria ir.

Que droga!



Capítulo 44

Mão Na Massa

Alguns dias depois...

Gabriel

Mari entrou na cozinha e eu tive certeza que sua reação foi de querer sair correndo assim que me viu. Ela tinha conseguido me evitar com sucesso durante dois dias consecutivos, no entanto, falhou no terceiro. Era o dia da pizza eu tinha chegado mais cedo do que o costume para preparar a massa.

— O que você está fazendo? – perguntou sentando-se à mesa e observando os ingredientes espalhados pela mesa.

— Preparando a massa da pizza. Hoje vamos ter pizza caseira.

— Hum e de que sabores serão? – perguntou interessada.

— Marguerita, frango, calabresa, se tiver algum pedido especial, aproveita.

— Gosto dessas – Sorri e voltei minha atenção à massa. — Quer ajuda? Encarei-a por alguns minutos antes de responder.

Estava parecendo que ela queria desfazer o clima chato entre nós, fiquei feliz por isso. Olhei para os ingredientes na mesa, para a massa e de novo para ela — Você pode ir me passando os ingredientes.

— O.K. – ela levantou e se posicionou ao meu lado.

— Farinha – pedi. Mari pegou a farinha e foi despejando na vasilha até que eu dissesse que já bastava. — Ovos, quebre-os na xícara para garantir que não estejam estragados.

Assim ela fez, quebrou um por um na xícara e foi adicionando na massa quando pedi.

— Eca! – brincou fazendo careta para a massa grudenta que se formava em minhas mãos. Aproveitei seu momento de descontração e passei o dedo sujo na ponta do seu nariz. — Ah, seu! – ela ralhou fingindo estar brava e enfiou a mão na massa e tentou passá-la em mim, mas fui mais rápido e me desvencilhei.

— Você lavou essa mão? – perguntei.

— Claro que sim – respondeu enquanto continuava tentando me sujar.

Segurei suas mãos atrás das suas costas e o momento de descontração foi instantaneamente substituído pela tensão que sempre se instalava entre nós na menor proximidade. Nossos olhares se cruzaram e embora ela tenha ficado sem jeito eu não fiquei, sorri tentando parecer natural.

— Por causa da gracinha vai ter que enfiar a mão na massa.

— Eu não! – Tentou se soltar, mas eu já a estava posicionando na frente do recipiente e enfiando as mãos dela na massa. — Seu chato!

— Você não queria ajudar? Então, ajuda direito. Mão na massa!

— Eu estava ajudando.

— Você não ajuda de verdade se não se sujar. Vai amassa – Insisti segurando as mãos dela.

Mari bufou e começou a socar a massa. Eu sabia que ela não podia se esforçar então preendi meus dedos aos dela e a ajudei, mas foi por pouco tempo. Parei de mover nossas mãos e descansei meu queixo em seu ombro. Ela não recuou, apenas soltou um longo suspiro.

— Por que você está fazendo isso comigo, Gabriel? – perguntou de repente.

— Não estou fazendo nada demais, só quero que esse clima estranho entre nós vá embora. Não gosto de ficar sem falar contigo.

— Por que você me beijou? – Foi mais direta. Eu sabia que era sobre isso sua pergunta, quis me fazer de desentendido para ver se colava.

Fiquei em silêncio porque eu não sabia a resposta, a única certeza que eu tinha era que não queria aquele clima estranho entre a gente, queria seus sorrisos todos para mim, queria poder abraçá-la sem precisar ficar sendo cauteloso, queria... beijá-la de novo.

Como não respondi, ela desvencilhou suas mãos das minhas e se afastou indo na direção da pia. Mari abriu a torneira e começou a lavar a massa de suas mãos. Aproximei-me e puxei suas mãos, comecei a esfregar seus dedos debaixo da água para limpá-los. Não olhei para ela, mas podia sentir seus olhos azuis em mim.

Continuei de cabeça baixa lavando suas mãos e mesmo quando não havia mais nenhum vestígio da massa grudada sobre elas, eu não a soltei. Permaneci com nossas mãos unidas debaixo da água, apenas para prolongar o contato. Instantes depois, desliguei a torneira e a encarei.

— Sabe Mari... – Suspirei — Eu sempre fui muito bem resolvido quanto aos meus sentimentos. Eu me apaixonei pela Bia e me entreguei a isso e eu amava tanto que... provavelmente se nada daquilo tivesse acontecido, eu ainda estaria tão apaixonado por ela como antes, mas aí, ela foi embora e você apareceu.

— Gabriel...

— *Me deixe terminar* – assentiu — Eu estava com muita raiva naquela época. Quando a gente transou pela primeira vez eu só queria esquecer, Mari – seu olhar encontrou o meu e seus dentes castigaram seus lindos lábios —, mas eu não sinto mais raiva e eu ainda quero você, até mais que antes. Eu não sei dizer o que está acontecendo comigo, infelizmente, não tenho uma resposta para a sua pergunta. Eu só sei que se você deixar, te beijo novo, agora.

— Olha — ela disse se afastando — Eu sei que você está tentando ser sincero...

— Tentando não, estou sendo o mais sincero que posso – falei a interrompendo.

— Eu sei, mesmo assim, não é justo comigo. Não posso ficar me iludindo porque, embora, você esteja sendo sincero sobre os seus sentimentos é o que vou acabar fazendo, então, não é justo eu ficar me iludindo enquanto você não sabe o que quer. E se amanhã você perceber que não é nada do que você pensou que fosse hoje? Além do mais, eu acredito que esse seu recente interesse por mim seja somente pela gravidez. Essa é a verdadeira confusão.

— Tudo bem – Respirei fundo — Eu concordo com você até onde diz que não é justo contigo, mas para aí. Não tem nada a ver com a gravidez...

— Tem Gabriel. Você que não quer assumir – Foi sua vez de me interromper.

— Eu não estou pensando em paternidade quando eu olho pra você, Mari. Eu penso um milhão de coisas, mas posso lhe garantir que não é em trocar fraldas – ela sorriu.

— Você é tão bobo! – Sorri satisfeito por tê-la feito sorrir. Mari ficou séria novamente e me encarou — Você precisa resolver a confusão aqui dentro – apontou para meu coração. — Só assim você vai ser para alguém aquilo o que você quer que alguém seja pra você.

— Certo. Então isso quer dizer que nada de beijo enquanto eu não resolvo? – Pisquei para ela que revirou os olhos.

— Nada de beijo.

— O.K. – Bufeí fingindo ficar chateado.

— Mas você pode abraçar se quiser – Sorri e a abracei. Ficamos um bom tempo abraçados em silêncio até meu irmão Rafa entrar na cozinha pigarreando exageradamente. Nós nos afastamos sem graça.

— Espero não estar interrompendo, mas Gabriel, você que inventou de fazer a pizza, então para de ficar de namorico e *bora* agilizar isso aí – apontou para a mesa. Eu quis socar o idiota.

— Não tem namorico nenhum – Mari disse sem graça.

— Poxa Mari, pensei que eu já podia começar a te chamar de cunhada – O idiota continuou.

— Por que não chama a Nice para vir comer pizza com a gente? – perguntei a ela ignorando meu irmão que tinha um sorriso cínico pregado na cara e nos observava com interesse.

— Vou fazer isso – ela sorriu e saiu da cozinha indo para o quarto.

— Por que você é tão idiota? – perguntei voltando minha atenção para os ingredientes.

— Por que você é tão idiota? – Devolveu a pergunta — Fica perdendo tempo com aquela lá ao invés de investir na Mari que é uma garota muito bacana. Meu irmão, figurinha repetida nunca completou álbum.

— Não que eu deva qualquer satisfação a você, mas resolvi dar um tempo com a Bia. Não é justo ficar enrolando-a, sem saber o que eu quero.

— Acho justo.

— Então chega de papo e corre ali no mercado e compra muçarela porque eu esqueci de trazer do restaurante.

— Você? Esquecendo ingrediente? – zombou.

— Pra você vê como anda a minha cabeça. Estou muito fodido – Rafa sorriu e acenou antes de sair. Eu fiquei ali, com meus ingredientes e meus pensamentos.



Capítulo 45

Os Melhores Doces Dessa Cidade

Bia

Desde que Gabriel saiu do meu apartamento há dois dias eu só conseguia chorar. Eu precisei sair da sala de aula inúmeras vezes para ir ao banheiro incapaz de conter minhas lágrimas.

Eu nem podia culpá-los, eu queria muito poder fazer isso, ah como eu queria ir até a casa do Gabriel e falar umas poucas e boas para a Mari, como eu queria gritar com ela e dizer o quanto ela havia ferrado com a minha vida, mas eu não podia. Eu era a única culpada pela aquela situação e teria que conviver com isso.

O que mais me doía era a desconfiança que martelava sem parar na minha cabeça. Eu tinha fortes suspeitas de que ele estaria se envolvendo emocionalmente com ela. Gabriel chegou a afirmar estar confuso, eu até disse a ele que deveria ser por conta da gravidez, mas lá no fundo eu sabia, ele estava realmente nutrindo sentimentos por ela e a criança os aproximaria ainda mais.

Molhei meu rosto na pia do banheiro feminino da faculdade e encarei minha imagem no espelho.

— Tu estás tão ferrada, Beatriz — Funguei e lá estavam as lágrimas novamente.

Eu precisava fazer alguma coisa a respeito, mas eu não tinha ideia do quê. Talvez eu devesse falar com a Mari, colocar as cartas na mesa, dizer a ela que embora ela estivesse carregando um filho dele, eu o amava e iria fazer de tudo para tê-lo ao meu lado. Conversaria com ela de mulher para mulher deixando claro que eu lutaria, afinal tínhamos uma história juntos e ela estava chegando agora. Eu precisava de alguma forma fazê-la entender e aceitar que o Gabriel era meu, embora ele estivesse confuso, porque é claro, que se ele estalasse os dedos ela iria correndo, quem não iria?

Duas garotas entraram no banheiro e me encararam, uma delas me perguntou se estava tudo bem, apenas assenti e deixei o banheiro.

Quando saí dei de cara com professor Álvaro no corredor.

— Você está bem? – Encarei-o sem reação. Ele estava na minha sala dando aula. Tinha deixado a turma e ido atrás de mim para saber se eu estava bem?

— Na verdade não, eu acho que vou pra casa, não estou conseguindo prestar atenção na aula. Não que a aula estivesse chata – Apressei-me em dizer — Só não estou me sentindo bem.

— Fisicamente ou emocionalmente? – perguntou arrependendo-se em seguida — Desculpe-me não é da minha conta.

— Não é – Concordei —, mas não preciso esconder, é emocionalmente mesmo. *Tu vieste atrás de mim?* – perguntei com curiosidade.

— Eu só precisava saber que você está bem.

— Ah – foi o que consegui dizer. Ficamos nos encarando no corredor da escola, algumas alunas passaram e nos observaram com curiosidade.

— Preciso voltar – assenti, eu teria que ir na mesma direção que ele, afinal precisava pegar minhas coisas na sala de aula.

Caminhamos lado a lado e antes de entrarmos na sala e parou e me olhou — Essa é minha última aula. Se quiser esquecer um pouco o que está deixando-a assim. Encontre-me no estacionamento daqui uns quinze minutos – Virou as costas e entrou.

Eu tinha ouvido direito? Ele queria que eu o encontrasse no estacionamento? Esquecer o que estava me deixando assim? Como ele me faria esquecer? E quem ele achava que eu era para propor algo a mim?

Por acaso ele achava que porque tinha deixado o Gabriel e ido para França com outro cara, eu era mesmo uma vadia?

Maldita hora que eu fui me abrir com ele!

Entrei na sala irritada por sua ousadia, peguei minhas coisas e sai sem ao menos olhar para trás. Quem ele pensava que era? Se ele estava acostumado a fazer suas alunas “esquecerem um pouco” qualquer coisa que fosse, cairia do cavalo comigo.

E eu estava começando a achar que ele era diferente!



Observei o professor Álvaro entrar no estacionamento e olhar de um lado para o outro a minha procura. Eu deveria ter ido embora, mas tinha ficado tão irritada por sua atitude que decidi dizer umas verdades a ele antes. O que eu havia lhe contado, não lhe dava o direito de me julgar e de achar que eu me

atracaria com ele em algum canto do estacionamento.

Saí do meu carro e me aproximei dele que sorriu aliviado ao me ver.

— Eu pensei que tivesse ido embora.

— Eu vou, só o esperei aqui para dizer, que o que te contei a meu respeito não te dá o direito de pensar coisas sobre mim. Eu não sou esse tipo de garota!

— Estou confuso, a que tipo de garota está se referindo? – encarei sua cara de inocente.

— A que do tipo que se atraca contigo em estacionamentos! – Álvaro franziu o cenho e depois de alguns instantes seu rosto se iluminou e ele caiu na risada.

Que ótimo, agora ele estava rindo da minha cara!

— É isso que você acha que eu queria fazer aqui? *Me* atracar com você? – perdi um pouco o rebolado, mas empinei o nariz aguardando sua resposta. — Olha... acho que você entendeu errado...

— Acho que não, ouvi claramente *tu* dizer para esperá-lo aqui.

— Sim para que eu pudesse levá-la até a loja de doces da minha tia – engoli em seco. — Minha tia Francisca faz os melhores doces dessa cidade, de qualquer sabor que você quiser. Eu não sei o que funciona para você nos dias em que tudo parece estar uma grande merda, mas para mim, um brigadeiro bem feito funciona e muito. Quando estou chateado, ou frustrado, com problemas, eu como doces e pelo menos naquele momento eu consigo relaxar. Não estou ou estava julgando você pelas coisas que me contou, eu acho que você é quem está julgando aqui. Eu jamais traria uma aluna para o estacionamento para me “atracar” com ela, mesmo que eu quisesse e muito.

Eu queria que um buraco se abrisse e me sugasse para o centro da Terra. Que vergonha!

— Eu pediria desculpas agora se tivesse coragem de encará-lo – eu disse de cabeça baixa.

— Olha você não precisa se desculpar – ele respondeu, parecia chateado — Eu não me expressei bem, acho.

— Preciso sim, fui uma idiota, *tu* só estavas tentando ajudar, como sempre – finalmente o encarei. Ele tinha o olhar cravado em mim e assentiu embora continuasse sério. — Meu ex vai ser pai, isso está acabando comigo. Não queria ter descontado em ti, muito menos deturpado suas intenções.

— Eu sinto muito – disse suavizando a expressão. — Parece que ele seguiu

em frente, então. Não acha que você deveria fazer o mesmo?

— Não ele, não... seguiu em frente. Foi um acidente – eu queria acreditar veemente nas minhas palavras, embora não tivesse sentido segurança alguma ao dizê-las.

— Tudo bem... eu preciso ir. Já estamos tempo demais aqui fora. Fica bem, tá? – disse e abriu a porta do seu carro.

— Sem doces, então? – perguntei sentindo-me idiota.

— Vamos deixar para uma outra hora – assenti —, mas você vai ter que pedir. Anota o número do meu celular – peguei meu celular e gravei seu número em minha agenda. Álvaro piscou e entrou no carro. — Se cuida, Beatriz.

Assisti seu carro partir e caminhei até o meu carro me sentindo estranha. Eu tinha quase certeza que meu professor estava dando em cima de mim ao sugerir que nos encontrássemos no estacionamento, afinal ele tinha me dado alguns sinais, bom, pelo menos foi o que enxerguei nas entrelinhas, mas não era nada do que eu tinha pensando, mais um vez ele só estava tentando ser legal, eu só não entendia o porquê.

Será que ele era legal com todas as suas alunas, será que dava conselhos a todas as outras e lhes contava sobre sua vida?

“Eu jamais traria uma aluna para o estacionamento para me atracar com ela, mesmo que eu quisesse e muito.”

O que ele quis dizer com isso?

Por alguns minutos eu me esqueci completamente do Gabriel tentando novamente ler nas entrelinhas o que aquele homem queria me dizer.



Abri a porta para minha prima e sorri dando espaço para que ela entrasse com o carrinho da bebê. Angel havia me ligado no início da tarde avisando que estava na cidade e que passaria na minha casa para me ver. Eu quis inventar alguma desculpa, afinal eu estava um trapo e ela astuta como era iria perceber, mas desisti, afinal eu estava com saudades da minha prima.

— Que saudade, prima! – exclamei ao abraçá-la.

— Eu também, prima! Sei que deveria ter vindo antes, mas nossa, ainda estou me adaptando a vida de mãe e esposa em tempo integral. Não estou reclamando!

— Como vai essa *fofurinha*? – eu disse pegando a Helena do carrinho —

Nossa ela está mesmo a cara do pai.

— Não está? – minha prima sorriu satisfeita. Pela cara dela, não ligava nem um pouquinho do fato de só ter gerado a criança. A menina não tinha nada dela, era toda o Kaiary.

— Venha, vamos tomar um café na cozinha – Eu a chamei e fui andando na frente com Helena em meus braços.

Angel se sentou e estacionou o carrinho da bebê ao seu lado. Devolvi sua filhinha a ela e me ocupei em servir o café que eu havia acabado de passar e cortar algumas fatias do bolo de cenoura que o Gabriel certa vez me ensinou a fazer. O único bolo que eu sabia fazer.

— Você está com uma cara péssima, prima. O que houve?

Era por isso que eu não queria que ela viesse. Poxa nem me confidenciar com minha prima eu poderia, afinal eu tinha certeza que ela ainda não sabia sobre a gravidez da Mari ou teria me ligado antes.

— Impressão sua prima. Açúcar ou adoçante? – perguntei desviando o assunto. Não olhei para ela, mas podia sentir seu olhar em mim.

— Está com problema e não vai me contar? É sobre o Gabriel? – insistiu — O que ele fez?

— Do que adianta te contar, tu nunca ficas do meu lado – Fiz bico.

— Eu não fico do lado de nenhum, mas nada me impede de aconselhá-la.

— Não quero falar sobre isso – disse empurrando a caneca para ela. Minha prima colocou Helena no carrinho e se ocupou em adoçar seu café.

— O que me leva a crer que é sério, né, Bia? Você não querendo falar sobre o Gabriel e nem me fazendo perguntas sobre a vida dele?

Respirei fundo e me sentei, ela não desistiria tão fácil.

— Ele achou melhor nos afastarmos por enquanto.

— Assim do nada? Da última vez que conversamos você me disse que as coisas estavam progredindo.

— Sim, mas agora ele... está com problemas e... ah deixa pra lá – consegui controlar minha língua há tempo.

— Problemas? Que problemas?

— Não posso dizer e por favor, não comenta isso com o Kay.

— Estou ficando preocupada.

— Não é pra tanto, por favor, será que podemos não falar sobre aquele piá,

pelo menos hoje? Outro dia te procuro e falamos sobre isso está bem? – ela bufou assentindo.

Conversamos sobre sua vida linda e feliz ao lado do homem da sua vida, sobre sua linda filhinha e sobre como tudo estava se encaminhando para eles. Fiquei feliz por minha prima, de verdade, mas tudo o que ela me contava sobre a sua vida me fazia pensar no Gabriel e me fazia lembrar que provavelmente eu não teria *aquela* vida, não com ele e quando Angel foi embora duas horas depois, eu estava ainda mais arrasada que antes.



Capítulo 46

Bônus Nice

O porteiro liberou minha entrada e sorri para ele em agradecimento. Ajeitei as sacolas com o refrigerante nas mãos e segurei o presentinho do bebê na outra. Mari disse que eu não precisava levar nada, mas não queria chegar de mão abanando. Eu estava contente por finalmente poder visitar minha amiga. Desde que ela se “mudara” para o apartamento do Gabriel, não havia conseguido visitá-la ainda, mas agora eu estava ali, feliz da vida apertando a campainha, toda trabalhada no decote e salto alto, afinal eu queria impressionar o primo. Nunca o tinha visto antes, mas pela genética, eu sabia que não me decepcionaria, isso até a porta ser aberta.

Encarei boquiaberta o carinha estranho da minha última quase foda casual.

— Nice? – seu sorriso se iluminou.

Eu não queria ter reparado na forma como ele deslizou os dedos nos cabelos e o colocou atrás da orelha, no entanto, foi meio que impossível. Minha mente fértil já estava formando várias imagens na minha cabeça de minhas mãos puxando aquela cabeleira linda e negra em direção... a vocês sabem, *né?*

— Oi, te conheço? – Fingi estar surpresa. Ele ergueu uma sobrancelha e deu um sorrisinho de canto de boca.

— Entre – disse me dando espaço. Praticamente taquei as sacolas com o refrigerante nele que se desequilibrou um pouco e entrei.

— Mari! – Fui em direção a ela e abracei. — Preciso de cinco minutinhos para me recompor, me leva *pro* banheiro – cochichei no ouvido dela.

— *Tá* – Encarou-me confusa — Deixa só eu te apresentar o Guilherme.

— Já nos conhecemos – Sorri sem graça para ele que nos encarava com curiosidade.

— Já? – O sacana sorriu. Revirei os olhos e voltei minha atenção à Mari.

— O que é isso na sua mão? – ela apontou para o embrulho. Fiz um gesto exagerado com os olhos para o corredor de onde ela havia surgido meio que desesperada quando ela finalmente desconfiou.

— Venha comigo até o quarto – Puxou-me com ela. — O que houve mulher? Você está agindo como uma louca psicótica ou é impressão minha? –

perguntou quando fechou a porta.

— É possível que eu esteja mesmo à beira de um surto. Como assim o primo Bastos é o meu último encontro fracassado?

— É? – Mari perguntou de boca aberta. — Não me diga que o Gui é o tal carinha estranho que não quis se divertir no seu parquinho? – ele riu apontando para mim.

— Ri da minha desgraça – Bufeí exageradamente — Só por causa disso não vou lhe entregar o presentinho que comprei para o meu *Bastinhos*.

— Passa isso pra cá – arrancou o pacote da minha mão. — *Bastinhos*, é? – Sorri assentindo. Deixei de lado meu quase pânico por ter dado de cara com Gui *o estranho* e sentei-me ao lado dela que já abria o pacote.

— Que gracinha! – Mari exclamou pegando os sapatinhos nas mãos. — Nossa obrigada, ainda não comprei nada para o bebê – suspirou. Preciso começar a me preocupar com o enxoval, mas ainda tenho medo sabe? Da gravidez não ir adiante.

— Não pense assim – Eu a abracei pelos ombros. — O que houve? Tem alguma coisa te aporrinhando?

— Acho que amo o Gabriel, é isso que está me aporrinhando.

— Acha? – eu ri — Eu tenho certeza, Marizinha.

— E dois dias atrás ele me beijou, para me deixar ainda mais confusa.

— Te beijou?

— Sim, e hoje ele me disse que me beijaria de novo se eu deixasse.

— E você deixou é claro, né?

— É claro que não – Revirei os olhos. — Ele está confuso, não quero me meter no meio da confusão de ninguém.

— Você já está metida, faz parte dela, *miga*.

— A confusão dele é somente porque estou grávida, Nice. Senão fosse isso ele já teria reatado com a Bia, ao invés de pedir um tempo.

— Ele pediu um tempo? – perguntei empolgada.

— Não se empolga...

— Mari já parou pra pensar que talvez ele esteja gostando de você também? Porque caramba! O jeito com ele se preocupa contigo, o jeito que ele sempre a tratou.

— Deve ser por causa da criança, Nice. Não quero ninguém comigo por

causa de filho!

— Não sei não Mari, não me parece ser do feitio dele isso. E se ele realmente gosta de você e não dessa forma que você insiste em acreditar? Pensa amiga, aproveita a oportunidade.

— Querida cheguei! – Ouvimos a voz do Rafa.

— Rafa chegou com a Maju. Vamos voltar para a sala.

— Vamos *né*, vou ter que enfrentar o estranho – Mari revirou os olhos.

— O Gui não é estranho, ele é um cara muito bacana e muito gato também.

— Tem alguma coisa errada com ele.

— Só por que ele resistiu aos seus encantos?

— Exatamente – Sorrimos. — *Bora* que quero babar um pouquinho no gostoso do Rafa também.

— A Maju é brava viu?

— Olhar não arranca pedaços.

— Vem logo sua maluquinha! – Pegamos na mão e saímos do quarto em direção à sala.



Capítulo 47

Em carne, Osso, Esposa e Filha

Mari

— Prontinho! – Gabriel anunciou tirando a pizza do forno. Rafa correu para ajudar o irmão enquanto eu, Nice, Maju e Guilherme ficamos na sala.

— Então, Mari? Como tem se sentido? – Maju perguntou.

— Estou melhor, semana que vem tenho médico. Espero que o hematoma tenha desaparecido – ela sorriu assentindo.

Continuamos conversando sobre a gravidez e bebês. Minha amiga estava fazendo todo o esforço do mundo para ignorar o Guilherme, mas eu sabia que ela estava constrangida, o que era raro de acontecer.

Olhei para a cozinha e encontrei o olhar do Gabriel. Ele sorriu daquele jeito doce e voltou sua atenção para o que estava fazendo, eu continuei encarando. Ele ficava tão à vontade em uma cozinha, era tão bonito ver sua empolgação ao fazer qualquer coisa que fosse, podia ser um café, um ovo mexido que o entusiasmo era o mesmo de que se ele estivesse preparando um prato mais elaborado.

Senti vontade de vê-lo em sua cozinha, dominando todo o ambiente, ao mesmo tempo em que colocava as mãos na massa, porque eu sabia que ele não era de dar ordens apenas, ele gostava de participar.

Sem que eu pudesse impedir, minha mente divagou para um lugar desconhecido, onde ele sorridente preparava uma papinha para uma criança ainda mais sorridente que ele. Vi-me de repente ao lado deles na minha alucinação. Vi seus braços me apertarem enquanto sorriamos para a criança que gritava divertida fazendo bagunça com a comida.

Balancei a cabeça espantada com tais pensamentos. Tive vontade de chorar, eu estava apaixonada pelo Gabriel e agora que ele tinha plantado todas aquelas dúvidas na minha cabeça, estava meio que impossível não ter esperanças.

Os meninos voltaram para a sala com a pizza. Nós nos servimos e comemos tagarelando sobre diversos assuntos. Nunca ri tanto na vida, ninguém conseguia ficar sério na presença do Rafa, minha barriga já estava até doendo.

— Rafa você é tão bobo! – Maju disse fingindo estar brava.

— Bobo, mas você adora, *né?* – ele disse a agarrando na nossa frente e lhe tascando um beijão.

Lembrei-me da conversa que eu e Gabriel tivemos sobre ainda haver esperança para mim, já que até o Rafa tinha encontrado alguém. Se eu encontrasse um cara que fosse um pouquinho para mim o que o Rafa era para a Maju, eu já me daria por satisfeita e muito. O pensamento me deixou triste, pois infelizmente eu já havia encontrado esse cara, ele estava bem ao meu lado, sentado com uma fatia de pizza na mão.

— *Me deem licença* – pedi me levantando.

Fui até o banheiro do quarto do Gabriel e fechei a porta, encostei-me a ela me sentindo sufocada. Já estava na hora de eu voltar para meu apartamento. Não estava dando mais para ficar ali na presença dele. Ficava cada vez mais difícil olhar para ele e não desejar me jogar em cima dele, de me entregar de corpo e alma. Pelos menos a restrição devido a minha situação me impedia de fazer isso, mesmo assim, minha mente não parava de projetar imagens de nós dois. Eu pensava o tempo inteiro no beijo que trocamos e na forma como ele me encarou. Eu estava fantasiando e não podia continuar com a cabeça concentrada no pai, eu precisava me concentrar no filho, apenas nele.

— Mari? Está tudo bem? – Gabriel perguntou-me do lado de fora.

— Sim, já vou sair – abri a torneira para fingir que estava lavando as mãos. Abri a porta e encarei seus olhos preocupados.

— Está tudo bem mesmo?

— U-hum. Foi só um mal-estar, já deveria ter passado, mas é totalmente normal – Gabriel assentiu e aproximou-se um pouco incerto.

— Vai me dizer se não estiver se sentindo bem de fato, *né?* – assenti de cabeça baixa. — Não é só pelo bebê, Mari. Eu preocupo com a mãe o mesmo tanto que me preocupo com o filho – disse erguendo meu queixo.

— É claro que vou dizer e eu sei disso, nem precisava ter dito.

— Precisava porque você insiste em colocar este muro gigantesco entre nós, alegando que a gravidez é a única coisa que me liga a você – disse de repente.

— Não é só a gravidez, a amizade também – Sorri, mas ele não, ficou me encarando com um ar magoado. — Vamos voltar para a sala? – pedi.

Gabriel segurou a minha mão e me puxou em direção a porta. Eu quis soltar nossas mãos, mas antes que eu pudesse fazê-lo, já estávamos no corredor dando

de cara com ninguém mais, ninguém menos do que o Kaiary em carne, osso, esposa e filha.

Puxei minha mão de repente, quando constatei que ele encarava vidrado nossas mãos juntas. O momento não poderia ser mais constrangedor, pelo olhar reprovador do Gabriel, ele não gostou nada da minha atitude.

— Boa noite – Kay disse abrindo espaço para Angel passar com o carrinho – Festinha?

— É só a noite da pizza – Rafa respondeu indo ao encontro da Angel e a abraçando.

Sentei-me ao lado da minha amiga Nice – Embora minha vontade fosse de sair correndo – e podia sentir os olhos da esposa do meu ex em mim.

— Tem mais uma saindo do forno – Gabriel disse tentando soar o mais natural possível.

— Não vamos ficar – Kay respondeu — Só passamos para ver como vocês estavam. Angel insistiu – ele abraçou a esposa de lado que sorriu sem graça.

— Não sabíamos que vocês estavam na *City* – Rafa disse pegando a filhinha deles do carrinho. Maju levantou-se e foi até a Angel cumprimentá-la.

— Trouxe a Angel para ver a Bia.

Encarei o Gabriel que me encarou de volta.

— Mari – Kaiary me cumprimentou.

— Oi Kay – fiz um sacrifício imenso para não gaguejar. Os olhos do Gabriel se voltaram para mim.

— Muito bem, o que está havendo?

— Por que a pergunta? Estamos apenas comendo pizza – Gabriel respondeu com indiferença.

— Estão estranhos demais pra ser só isso...

— Amor, estou cansada, acho melhor irmos logo para casa – Angel o interrompeu.

— Nós já vamos – ele respondeu com os olhos fixos em mim e no Gabriel.

— Oi, eu sou a Nice, amiga da Mari – minha amiga disse do nada. Ela se levantou e se apresentou aos dois — A gente já estava de saída *né*, amiga? Vamos?

Demorei um tempo para entender o que ela pretendia. Quis dar a impressão que estávamos ali como convidadas. Ir embora era o certo a se fazer, Gabriel

ainda não havia contado ao Kay que eu estava grávida e muito menos que eu estava morando com ele.

— *C-claro.*

— Não, Mari – Gabriel segurou minha mão me impedindo de me afastar.

— Por favor – praticamente supliquei.

— Já que vocês estão todos aqui, aproveitem a oportunidade e conversem de uma vez – Rafa disse e por um instante eu não o achei tão legal.

— O que está havendo? – Kay perguntou novamente, dessa vez em um tom autoritário.

— Mari e Nice que tal irmos lá pra casa? – Maju perguntou fuzilando o namorado — Vamos deixar os rapazes conversarem.

Assenti e nem esperei Gabriel se manifestar, praticamente corri até a porta ignorando os olhares dos dois.

Não era eu quem devia satisfações dos meus atos, eu não precisava e não merecia participar daquela conversa. Se o Gabriel tivesse contado logo aos dois, sobre a gravidez, teríamos sido poupados de todo o constrangimento. Não que ele também devesse alguma explicação, pelo menos não pela gravidez, e sim apenas por eu estar morando com ele no *apê* do Kaiary.

— Nossa que saia justa – Nice suspirou quando sentamos no sofá da casa da Maju.

— Desculpe pelo Rafa, Mari. Ele não tem filtro.

— Não é culpa do Rafa, Maju. A situação chegou onde chegou porque o Gabriel ficou adiando contar ao Kaiary – Respirei fundo tentando controlar as emoções que começavam a se apossar de mim.

— Será que a tal de Bia disse alguma coisa para eles aparecerem assim do nada? – minha amiga questionou.

— Ela sabe da gravidez? – Maju perguntou. Assenti.

— Gabriel disse a ela.

— Mesmo assim não teria motivos para ela contar a Angel.

— Elas são primas, devem contar tudo uma para a outra – nem sei porque ainda tentei justificar.

— Ele se afastou dela – foi Nice quem disse. — Talvez ela esteja se vingando.

— Será? – perguntei.

— Uma mulher rejeitada é capaz de tudo – minha amiga concluiu.

— Ela não foi rejeitada, Nice.

— Mari foi você mesma que me disse que ele rompeu com ela por estar em dúvida quanto aos sentimentos em relação a você.

— Ele fez isso? – Maju perguntou.

— Fez, mas não tem nada a ver comigo, ele só... está confuso.

— Em relação aos sentimentos que tem por você – Nice insistiu.

— Não quero pensar nisso agora, estou mais preocupada é com a conversa entre eles. Dá última vez que discutiram, não acabou bem.

— Não fica preocupada, o Rafa ficou para apaziguar, apesar de eu achar que não é necessário. O Kay está casado e muito feliz com a Angel, eles se amam, não tem porque os dois primos discutirem por você estar grávida do Gabriel.

— Eu sei disso, Maju, mas o Gabriel me levou pra morar com ele sem nem consultar o Kay. O apartamento é dele, apesar de ele não morar mais lá.

— Não sofra por antecipação. Aqueles três são loucos um pelo outro, eles vão se acertar – Maju disse tentando me tranquilizar.

A campainha tocou e ela foi até porta para atender. Quando eu pensei que não teria como piorar, Angel entra no apartamento da Maju empurrando o carrinho de bebê.



Capítulo 48

É Só Pela Criança

Gabriel

— O que a Mari estava fazendo aqui? – Kay perguntou quando a porta se fechou.

— A Mari é nossa amiga – foi o Rafa quem respondeu.

— Bom eu vou pro meu quarto – Gui disse se retirando.

— Eu vou ficar bem aqui, sabe como é, *né*? Pra evitar que alguém acabe desacordado.

— Você não precisa nos dar qualquer satisfação, Gabriel – Angel disse se aproximando — Não é da nossa conta quem você convida ou deixa de convidar para sua casa – ela disse essa parte encarando o marido de cara feia.

— Amor eu só estou achando tudo muito estranho. Sua prima diz que meu primo está com problemas, a gente chega aqui e dá de cara com a Mari, tudo bem até aí, mas as caras que todos fizeram me deixou intrigado!

— Kay você é muito linguarudo!

— O que eu fiz?

— O que a Bia disse? – perguntei interrompendo a discussão.

— Nada Gabriel. Ela só me contou que vocês haviam se afastado e que você não estava muito bem, só isso. Eu que quis aproveitar que estávamos por aqui e ver com meus próprios olhos se você estava bem – sorri. Aquela garota era mesmo incrível.

— Estou bem, fica tranquila.

— Então podemos ir – ela disse.

— Não – meu primo respondeu — O Rafa disse algo sobre conversarmos de uma vez. O que temos que conversar?

— O.K. – suspirei — Eu deveria ter procurado os dois e tido essa conversa há um tempo, acabei adiando.

— Se for para falar que está ficando com a Mari e saber se o Kay se

importa, nem precisa terminar Gabriel. Não é da conta dele – Angel disse encarando o marido.

— Não me importo mesmo! – meu primo encarou a esposa.

— É um pouco mais complicado que isso – respondi — A Mari está esperando um filho meu.

Os dois me encararam como se eu tivesse dito que era o responsável pela corrupção no Brasil.

— Uau! – meu primo sentou-se atordado.

— Quando eu e a Bia terminamos, eu e a Mari nos aproximamos, transamos algumas vezes sem compromisso e em uma dessas vezes ela engravidou – os dois continuaram calados — Acontece que a gravidez dela é de risco, então eu a trouxe pra cá pra ficar comigo até que ela possa voltar a ter uma vida normal.

— Vocês estão juntos? – Angel perguntou.

— Não... é só pela criança – meu primo arqueou a sobrancelha. Eu me senti um merda ao dizer aquilo, nunca seria só pela criança, mas não era da conta dele.

— Coitada da Mari – ele disse.

— Por que coitada da Mari? – perguntei.

— Porque ela está grávida de você, e você não gosta dela, gosta da Bia. Ela... não merece isso.

— Não transfira sua culpa para mim, *man* – respondi irritado. — Não tenho a obrigação de fazê-la feliz ou ficar com ela porque você não fez isso!

— Eu não quero te culpar de nada! – ele levantou-se. — É só que a Mari é uma menina bacana. Eu torcia para que ela encontrasse um cara que a fizesse feliz, assim como eu encontrei uma mulher que me faz muito feliz, mas veja só, está atrelada a um cara que ama outra.

— Muito bem, vamos parando por aqui – Rafa que até então estava calado, resolveu se manifestar.

— Você não sabe o que está dizendo – minha voz foi nada mais que um sussurro.

— Não? Vai me dizer que não ama a Bia?

— Chega Kaiary! Você não tem esse direito! Se alguém aqui tem alguma culpa então esse alguém sou eu. Eu me meti no meio de vocês!

— Não, amor – ele correu até ela. — Eu nunca amei a Mari, você não fez nada.

— Ninguém fez nada gente, eu hein? Ninguém manda no coração, falo isso por experiência própria. Eu fiz de tudo para não me apaixonar pela Majuzinha, mas não teve jeito. Essas coisas acontecem. Só o que importa agora é o bem-estar da Mari para que ela possa levar essa gravidez até o final. A menina já passou por coisas demais.

— O Rafa tem razão. Vocês dois, conversem como os dois homens civilizados que vocês são, que eu vou falar com a Mari. No que depender de mim não vai haver constrangimento nenhum por ela estar grávida do Gabriel!

Angel virou as costas e saiu empurrando o carrinho. Nós três ficamos parados encarando a porta como idiotas.

— Cara eu amo essa mulher – Rafa disse jogando-se no sofá

— Ei! Eu é quem deveria dizer isso.

— Você é devagar demais, Kay – meu primo sorriu e voltou-se para mim.

— Desculpe, *brother*...eu...

— Tudo bem, Kay. Eu confesso que a situação é bem inusitada. Sua ex “ficante” está grávida de mim...

— O cara que não entra onde o irmão e os primos já entraram – eu juro que se não fosse meu irmão iria cobri-lo de porrada. Kaiary gargalhou e se sentou no braço do sofá.

— Você é um idiota – resmunguei fuzilando meu irmão com o olhar.

— Ah qual é? Só pra quebrar o clima.

— Quer dizer que não existe sentimento entre vocês? É mesmo só pela criança? – meu primo perguntou.

— Rola uma parada entre a gente, embora nenhum dos dois queira assumir de fato, na verdade eu não faço ideia do que seja. Estou confuso pra caralho. Foi por isso que decidi me afastar da Bia, não é justo com ela.

— Então eu vou ter que ser o cara chato, mais uma vez. A Mari é uma garota incrível, não merece sofrer mais do que eu já a fiz sofrer. Ela merece um cara bacana, se você não é esse cara Gabriel, não fica no caminho dele e enquanto a Bia, ela errou, mas nem por isso ela merece ficar nessa situação.

— Discordo – Rafa se manifestou. Revirei os olhos, ele não pedia a oportunidade. — *Brother* você é corajoso demais, a garota vai embora com outro cara sem se dar ao trabalho de te comunicar, fica lá por meses, depois volta e coloca na cabeça que quer você de volta e o que você faz? Tenta voltar.

— Rafa, nem se ela quisesse falar comigo naquela época eu iria querer. Não

queria vê-la nem pintada de ouro na minha frente, mas hoje eu penso diferente, eu penso que todo mundo merece uma segunda chance. Por isso eu estava tentando.

— Todo mundo que realmente esteja arrependido, o que pra mim não é o caso dela, não é Kay?

— Não vou me meter nisso, já estou encrencado demais com minha esposa neste momento para correr o risco de ser pego falando mal da prima dela – Rafa gargalhou.

— Já respondeu, babaca.

Guilherme apareceu na sala e juntou a nós no sofá — Cadê as mulheres?

— Estão no apartamento da Maju.

— Impressão minha ou você e a amiga da Mari estavam flertando um com outro? – Rafa perguntou.

— Jura que você estava perdendo seu tempo prestando atenção em mim com sua Majuzinha do seu lado?

— Vai falar que não estava? – o curioso insistiu.

— A gente já se esbarrou por aí.

— Olha só. Temos outro come quieto do caralho na casa.

— Hahaha! Mas é só quieto mesmo, ainda não comi ninguém nessa cidade.

— Fala sério, Gui! Nem parece que é um Bastos. Se eu fosse solteiro te levaria pra transar.

— Sorte sua que ele está comprometido, Guilherme. Um dia ele me levou para transar e agora aqui estou eu. Prestes a me tornar pai – Guilherme sorriu e meu irmão é claro, ergueu do dedo do meio para mim.

— Eu te levei pra transar, não para engravidar alguém e você fala como se a Mari tivesse engravidado naquela vez. Depois daquele dia, vocês bem que continuaram transando por um bom tempo até ela ficar grávida.

— Não foi tanto tempo assim – contestei.

— Que dia foi esse? – Kaiary perguntou entrando na conversa.

— Um dia depois que tive que resgatá-lo no bar, lembra? Os meninos ligaram porque ele ficou *trêbado* depois da discussão com a Bia – Rafa esclareceu. Foi a minha vez de colocar o dedo do meio pra ele.

— Você sabia que a Nice era amiga da Mari? – perguntei ao meu primo mudando estrategicamente de assunto. Não me senti muito à vontade para falar

das minhas transas com a Mari na frente do Kay.

— Não. Ela quase caiu de costas quando abri a porta – Guilherme sorriu. — Mundo pequeno, *né?*

— Vou ter que concordar – eu disse.

— Do que vocês estavam falando antes de a conversa ser sobre a Nice, ou sobre as transas do Gabriel? – Guilherme perguntou e lá estavam os traços de parentesco dele com o Rafa.

— O óbvio, que a Bia não merece perdão, não concorda Guilherme?

— Rafa seu irmão que tem que saber isso.

— Obrigado, Guilherme.

— Vocês dois se merecem – meu irmão bufou.

— Só pra você saber de uma vez por todas Gabriel, eu não me sinto culpado. – Kay disse de repente — Não quando eu deixei a Mari pelo amor da minha vida. Culpado eu seria se continuasse insistindo em ficar com ela sem compromisso, quando ela merecia mais do que eu poderia dar.

— Se você espera transar essa noite, é bom que você repita essas palavras a minha amiga.

— Você é podre, Rafa! – Kay sorriu sacudindo a cabeça — Tem cerveja nessa casa?

Guilherme foi até a geladeira e tirou quatro long necks do freezer.

— Precisamos sair para beber, faz tempo que não fazemos isso – Rafa disse abrindo sua cerveja.

— Precisamos sim, estou precisando mesmo da noite só dos garotos. Não ousou reclamar, mas com um bebê em casa esses momentos de lazer se tornam bem escassos. Já vai se preparando *mané*. Se bem que vocês não são um casal, então o trabalho vai ser todo da Mari. *Tu vai* pegar a parte boa.

Aquilo me fez pensar. Eu não queria só a parte boa, eu queria estar junto, participar ativamente, perder noites de sono, ajudar a dar banho, alimentar, e estar presente em todas as fases, como... um casal.

Continuamos conversando enquanto comíamos e bebíamos e apesar da forma como meu primo descobriu, eu fiquei feliz e aliviado por isso, embora o fato de a Bia ter mencionado algo com a Angel mesmo eu tendo pedido para não falar nada, tivesse me deixado decepcionado.

— Os tios já sabem? – Kay perguntou de boca cheia.

— Não, mas acho melhor eu contar logo antes que alguém conte antes de

mim – e eu precisava fazer isso logo.



Capítulo 49

O Resto É Resto

Mari

Angel sorriu e se sentou na poltrona ao lado do sofá ajeitando o carrinho de bebê ao seu lado. Não consegui evitar de dar uma olhadinha para sua filhinha que brincava tranquilamente com um chocalho, sem se importar com mais nada ao seu redor.

— Eu estava indo preparar um lanche pra gente, você pode me ajudar, Nice? – Maju perguntou.

— Claro – as duas se retiraram estrategicamente me deixando na sala com a esposa do meu ex quase namorado – pelo menos foi o que eu desejei por um longo tempo.

Nós nos encaramos por alguns instantes, ela parecia estar tão constrangida quanto eu e, embora eu estivesse morta de curiosidade para saber o que ela queria falar comigo, eu não tinha certeza de que queria ouvir. Angelina era esposa do primo do Gabriel, prima de sua ex quase atual, nada bom poderia vir daquela conversa.

Alisei os pelos do gatinho que havia pulado no sofá e esperei que ela iniciasse o assunto, se ela que havia me procurado, ela que começasse a falar.

— *Me desculpe pelo Kaiary, Mari. As vezes ele consegue ser tão autoritário que irrita, mas... é claro que você sabe disso... eu...*

— Tudo bem – a interrompi — É perfeitamente normal a confusão dele, quer dizer, de vocês. Com certeza deve ter sido bem estranho vocês me encontrarem ali, mas só estávamos comendo uma pizza...

— Eu sei que você está grávida, acabei de saber na verdade – foi sua vez de me interromper.

— Ah! – exclamei e dei um longo suspiro. — O Gabriel deveria ter contado antes, evitaria todo esse constrangimento – Olhei para todos os lados incapaz de encará-la.

— Não fique preocupada com isso. Você está bem? Gabriel disse que sua

gravidez inspira cuidados – automaticamente levei a mão na barriga.

— Sim, estou fazendo o repouso direitinho, logo poderei voltar para as minhas atividades e para o meu apartamento.

Ela assentiu e o silêncio voltou a reinar. Angelina me encarou e ao contrário do que imaginei assim que ela entrou no apartamento, seus olhos refletiam compaixão. Desviei os olhos dela e encarei a bebê. Ela era mesmo uma *fofurinha* e a cara do pai. Imaginei como seria o meu bebê, eu desejava que não fosse só a cópia do Gabriel, como também tivesse o mesmo temperamento que ele.

— Você vai ver, é a melhor coisa do mundo ser mãe – Angel disse notando que eu encarava sua filha.

— Eu não tenho dúvidas. Parabéns, ela é muito linda! – Elogiei.

— Sim e muito sapeca também – Sorri. — E vai ser priminha do seu filho, ou filha.

— Sim – Sorrimos.

— Bom Mari eu vim até aqui, porque eu queria te dizer que embora você esteja grávida do Gabriel, pode ficar despreocupada que não há constrangimento algum da minha parte nem da parte do meu marido. Qualquer coisa que você precisar e que nós pudermos ajudar, conte conosco.

Assenti com a cabeça chocada demais para dizer qualquer coisa. Ela se referiu ao Kay como seu marido, claramente marcando seu território, mesmo assim, eu fiquei grata por suas palavras. Eu pensei que ela iria me julgar, dizer que engravidei de propósito do Gabriel para me manter por perto, ou algo do tipo “se não tenho o Bastos que quero, ainda assim terei um Bastos,” ou até que ela viesse falar comigo em nome da prima, mas suas palavras me pegaram totalmente de surpresa.

— Nossa eu... sinceramente não esperava por isso, mas obrigada.

— E o que você esperava?

— Ah sei lá, você é prima da Bia, está casada com o Kaiary... bem isso não importa, me desculpe por julgá-la, estou muito grata por suas palavras – ela sorriu.

— Não tenho nada contra você Mari, e você pode não acreditar, mas eu me senti muito mal por ter me envolvido com o Kay quando ele ainda estava contigo, muito mesmo, mas foi mais forte que eu, que nós.

— Você não tem que se explicar, Angel...

— Eu sei, mas é uma coisa que tenho comigo – ela suspirou — Eu tinha

vivido uma situação parecida antes de vir pra cá. *Me* envolvi com um cara que era casado, eu não sabia, ele me enganou, mesmo assim isso me deixou arrasada. Aí eu me apaixono por outro cara que também era comprometido. Eu demorei para aceitar esse sentimento porque eu não queria ter mais esse peso nas minhas costas, sabe? Separar um casal.

— Nunca fomos um casal. O Kaiary sempre deixou isso muito claro, eu sempre soube que ele não me amava, eu me iludi porque eu quis, tanto que quando você apareceu e eu o vi tão apaixonado, eu tive a certeza de que ele nunca seria meu.

— Ainda o ama? — Encarei seus olhos suplicantes por uma resposta negativa.

— Não. Eu já superei isso, pode acreditar — Angel sorriu visivelmente aliviada. — E você pode ficar tranquila que você não separou ninguém, afinal, não havia o que separar e você pode não acreditar também, mas eu fiquei feliz por ele.

— Eu acredito. Não conheço bem você, mas sei que você é uma boa pessoa — Foi impossível não ficar com os olhos lacrimejados.

A situação toda era muito inusitada, estávamos ali tendo aquela conversa franca sobre um cara que por um período, foi o homem da vida de ambas e estranhamente estávamos bem com isso.

— Posso te fazer uma pergunta pessoal? Não precisa responder se não quiser? — Angel perguntou.

— Claro.

— O Gabriel disse que vocês estão juntos só pela criança, mas da sua parte é só isso também? — meu coração ficou apertadinho ao absorver a informação. Claro que aquilo era verdade, mas ouvir aquela confirmação me deixou arrasada.

— Sim. Nunca tivemos nada.

— Mas ele decidiu se afastar da Bia.

— O Gabriel ainda está absorvendo o fato de que vai ser pai e todo o lance da gravidez de risco, deve ser por isso. Não tem nada a ver comigo — agora é que eu não iria me iludir mesmo. Angelina, ela me encarou desconfiada.

— Desculpe estar me intrometendo é só que... eu queria que você soubesse que embora eu seja prima da Bia e o Kay e você já tenham ficado, não temos nada a ver com a vida de vocês, caso vocês decidam ficar juntos...

— Não vamos ficar juntos. É só pelo bebê, mas obrigada mesmo assim — Sorri — Seria muito estranho estar com Gabriel e você e o Kay no mesmo

ambiente – Angel também sorriu.

— Eu concordo, mas... a gente acostuma com tudo nessa vida, *né*? E eu acredito que o que realmente importa é ser feliz. Se você não está fazendo mal a ninguém buscando a sua felicidade, o resto é resto.

— Também penso assim – Fomos interrompidas pela bebezinha que começou a reclamar no carrinho.

— Acho melhor eu ir. Já estava na hora da mamada.

— Claro.

— Avisa a Maju que apareço outra hora para tomar um café – disse se levantando.

— Aviso sim – também me levantei e a acompanhei até a porta.

— Obrigada por falar comigo – ela disse já no corredor.

— Eu que agradeço, estou feliz por termos tido essa conversa – disse com sinceridade.

— Qualquer dúvida quanto à maternidade, não hesite em perguntar, por experiência própria eu sei que serão muitas.

— Pode deixar, obrigada – ela sorriu e virou-se na direção da porta dos meninos.

Fechei a porta e voltei para a sala da Maju. Eu a encontrei sentada no sofá ao lado de Nice.

— Uau que conversa esclarecedora – minha amiga falou.

— Estava ouvindo a conversa dos outros, dona Nice?

— Não resisti – ela sorriu. — E a Maju também ouviu.

— Culpada.

— Tudo bem assim não preciso repetir tudo pra vocês.

— Nossa gostei dessa garota – Nice falou.

— Ela é incrível, não é à toa que o Rafa é louco por ela. A amizade deles é linda.

— Começo a entender porque o Kay me deixou por ela – as duas me encararam — Sem ressentimentos, eu juro. Já superei isso.

— É mesmo só pelo bebê, Mari? – Maju perguntou — O Rafa disse que vocês se gostam, mas não querem admitir.

— Por favor, Maju. Meu pobre coração não aguenta esse tanto de informação. Você não ouviu? A Angel mesmo disse que o Gabriel disse que é só

pelo bebê.

— E da sua parte?

— Ela está apaixonada pelo Gabriel.

— Nice!

— Minha filha, só não vê quem não quer, não é Maju?

— Está meio que na cara – Maju concordou.

— Estou tão confusa – desabafei — Não quero me iludir, e vocês ouviram, ele disse que é só pela criança.

— Conhecendo o Gabriel como eu conheço sei que ele não é de falar da vida dele, Mari. Como diz o Rafa, ele escorrega feito quiabo, mas não quero encher sua cabeça de caraminholas – já encheu — Vem vamos lanchar.

Sorri agradecida por ela ter dado um fim a conversa e mesmo falando sobre outras coisas, enquanto lanchávamos, lá estava a dor pelas palavras que ele havia dito e a dúvida se era ou não verdade. Ali naquele momento, tomei a decisão de voltar para o meu apartamento.



Capítulo 50

Está Tudo Bem Entre Nós

Gabriel

Toquei a campainha do apartamento da Maju e encostei-me na parede da frente.

— Oi – minha cunhada sorriu ao abrir a porta — Quer entrar?

— Não obrigado. Eu queria conversar com a Mari, será que você poderia fazer sala pra Nice enquanto isso?

— Claro Gabriel. Eu vou chamá-la.

— Valeu cunhada – ela sorriu e deixou a porta entreaberta. Instantes depois Mari apareceu.

— A barra está limpa? – brincou.

— Ela nunca esteve suja, Ruiva.

— Não sei não – disse saindo do apartamento e fechando a porta atrás de si.
— Você parecia bem encrencado – Revirei os olhos.

— Como foi a conversa com a Angel?

— Foi bem interessante, ela é uma garota legal.

— Ela é incrível, só perde pra você – Mari mordeu os lábios sem jeito. —
Podemos conversar?

— Precisamos?

— Sim, eu gostaria – Ergui a mão para ela que a encarou indecisa —
Vamos até o terraço, lá poderemos conversar com mais privacidade.

— Estou ficando com medo dessa conversa.

— Segura logo a minha mão, garota! – Pisquei e foi sua vez de revirar os olhos. Mari bufou e segurou minha mão. Caminhamos em silêncio em direção à escada que dava acesso ao terraço.

— Esqueci da escada. Eu te carrego.

— São só alguns degraus, Gabriel e eu não estou inválida.

— Sobe devagar, então.

— Isso é tudo medo de o seu filho escorregar pelas minhas pernas? — perguntou sorrindo, mas não achei a menor graça. Primeiro porque não queria pensar naquela possibilidade e segundo porque ela mais uma vez estava agindo como se o filho que ela carregava fosse a única coisa que me importava. Fechei a cara. — Desculpe, eu só estava tentando ser engraçada. Foi de mau gosto — Apenas assenti com a cabeça e a peguei nos braços, pelo menos ela não contestou desta vez.

Lá em cima, a coloquei de volta no chão e abri a porta que dava para o terraço, afastei-me para que ela entrasse primeiro. Mari andou até o parapeito e se encostou a ele ficando de costas para mim. Instantes depois, ela virou-se novamente e sorriu sem graça. Observei-a ali, linda, sob a luz do luar e novamente as palavras de minha avó Henriqueta ecoarem na minha cabeça *“acho que seu coração se dividiu e você nem se deu conta.”*

Suspirei sem conseguir tirar os olhos dela. A pouca luz que vinha das luzes da cidade e da lua cheia bonita que brilhava atrás dela a iluminavam de uma forma esplêndida.

Então eu soube.

Minha vó poderia até estar certa em dizer que meu coração estava dividido naquela época, no entanto, não estava mais. Ele havia acabado de se tornar um só novamente e estava batendo forte e unicamente pela garota a minha frente.

Ali, olhando para ela, constatei que eu tinha todas as respostas para qualquer pergunta que ela me fizesse. Eu a beijei porque eu a queria, e não por alguns instantes, eu a queria na minha vida.

Suspirei tentando acalmar meu coração acelerado. Eu daria tudo por um cigarro, mas eu duvidava que um trago amenizasse a intensidade de todas aquelas emoções que tomaram conta de mim naquele terraço.

Aproximei-me com cautela e coloquei minhas mãos no parapeito uma de cada lado do seu corpo, encurralando-a entre meus braços. Apesar de surpresa, Mari não se esquivou e não desviou o olhar. Toquei seu rosto com suavidade, ela fechou os olhos e respirou fundo. Aproveitei a guarda baixa e segurei seu rosto com ambas as mãos, mas não iria beijá-la, não sem o seu consentimento.

— Eu sei que você disse nada de beijo, mas eu quero muito te beijar agora, Mari, e se você não me parar... eu juro que eu vou.

Ela abriu os olhos e mordeu os lábios. Uma lágrima solitária escorreu por sua bochecha e eu a enxuguei com meu polegar. Levei o dedo ao seu lábio inferior e o libertei dos seus dentes.

— Não deveríamos estar conversando sobre o acontecido? – perguntou com os olhos fixos nos meus.

— Você se importa com qualquer coisa que meu primo tenha dito?

— Não. Eu só não quero que fique um clima estranho entre vocês por minha culpa.

— Está tudo bem entre nós – assentiu abaixando a cabeça.

Ergui seu queixo e beijei sua bochecha quase em câmera lenta, deslizei meu nariz sobre o seu e beijei a outra bochecha. Beijei sua testa e a ponta do seu nariz. Ela continuou imóvel. Senti sua respiração ficar acelerada e eu não saberia dizer se era o meu coração ou o dela que batia tão desesperado. Aproximei-me do seu ouvido e sussurrei: — Me beija, Mari – Encostei meu nariz no dela e fechei os olhos.

Vai, me beija garota!

Seus lábios tocaram os meus timidamente e não pude evitar de sorrir aliviado. Não esperei mais, enlacei sua cintura a aprisionando em meus braços e aprofundei o beijo. Mari enfiou os dedos em meus cabelos e me puxou para si. Nossas línguas se buscaram com desespero.

Eu pensei que meu coração fosse explodir no meu peito. Eu pensei que eu nunca mais fosse sentir tanta intensidade em apenas beijar alguém de novo, alguém que não fosse a Bia. Como eu estava errado e como ter Mari em meus braços pareceu certo, estar com ela era a coisa mais certa que eu poderia fazer na vida.

Apertei seu corpo contra o meu, deixando-a ciente da minha ereção e embora eu soubesse dos limites, desejei com fervor estar dentro dela.

Nós nos separamos e encostamos a testa uma na outra. Nossas respirações misturando-se uma na outra. Meu coração estava batendo freneticamente e mesmo assim, nunca me senti tão em paz, como naquele momento com ela em meus braços. Mari me abraçou e deitou a cabeça em meus ombros. Girei-me encostando no parapeito e a aconcheguei ainda mais no meu abraço. Ficamos em um silêncio confortável até que ela levantou a cabeça e me encarou.

— Estou voltando para meu apartamento hoje com a Nice.

— O quê? Por quê?

— Por isso, Gabriel – Apontou para nós dois. — Não tenho estrutura pra isso. Você vai continuar me pedindo beijo e eu vou continuar cedendo porque eu sou uma fraca! – Achei graça.

— Não vai embora. Fica aqui comigo, Mari. É melhor pra você, para o bebê

e pra mim.

— Não posso!

— Por quê?

— Porque eu estou apaixonada por você, Gabriel! – disse se afastando, mas eu sorri feito um idiota. — Não é engraçado! – resmungou. Claro que não era engraçado, meu sorriso foi de pura satisfação.

Eu sabia que ela nutria sentimentos por mim, mas era a primeira vez que ela falava abertamente sobre isso.

— Não é, desculpe – Tentei me aproximar, mas ela se esquivou.

— Eu preciso de um tempo. Preciso me afastar de você pra colocar minha cabeça em ordem. Meu bebê deveria ser minha prioridade Gabriel, e não ficar suspirando por você, tendo esperanças de que você fique comigo, enquanto você ainda está dividido. Não é saudável para mim e nem para o bebê... E se amanhã você resolver voltar com a Bia? Ser trocada duas vezes eu não aguento.

— Eu nunca faria isso com você, Mari...

— De propósito eu sei que não, mas a gente não manda nessas coisas do coração, você sabe bem disso.

— Já que estamos sendo sinceros, sabe do que eu sei? – Eu me aproximei novamente. — Eu sei que meu coração bate loucamente quando estamos juntos assim – Puxei-a e a beijei novamente.

Segurei firme sua nuca impedindo-a de se afastar. Seu corpo ficou rígido por alguns instantes, mas ela logo se rendeu e entreabriu os lábios. Beijei-a com delicadeza, explorando cada cantinho da sua boca.

— Como eu queria poder fazer amor contigo agora, queria tanto que chega a doer – Confessei quando deixei seus lábios.

— Gabriel... – ela tentou se desvencilhar de mim novamente, mas a abracei forte.

— Sabe do que mais eu sei? – Negou com a cabeça — Que você não sai da minha cabeça, um segundo sequer, e quando estou longe de você, só quero estar perto. Deus sabe a falta absurda que você me fez quando decidiu se afastar de mim, Deus sabe como isso me magoou e você pode não acreditar, mas depois de ter passado o susto da notícia da gravidez, eu fiquei feliz por saber que pelo menos por causa disso, você não iria me afastar novamente – Mari me encarou surpresa pela minha confissão — Eu vou ser bem sincero, eu não sei aonde isso vai nos levar, mas eu quero muito descobrir, com você, por favor. Nos dê essa chance?

— Gabriel...

— Por favor, Mari – insisti.

— Você precisa resolver a sua vida primeiro – Ela me interrompeu.

— Eu não tenho que resolver nada...

— Claro que você tem! Até pouco tempo você queria voltar com a Bia. Até poucos dias atrás era com ela que você queria estar! Então, por favor, não me diga que você tem tudo resolvido porque não tem! Se eu não estivesse grávida não estaríamos tendo esse tipo de conversa.

— Quantas vezes eu preciso te dizer que não tem nada a ver com a gravidez? – Bufeí contrariado.

— Você disse ao Kay que estava me ajudando só pelo bebê. São palavras suas, não minhas – Soltei-a e levei as mãos nos cabelos.

— Eu disse isso porque não era da conta dele saber o que está se passando entre a gente, poxa!

— Se você quer realmente estar comigo, você deveria ter dito isso a ele – Mari suspirou abraçando o próprio corpo — Não consigo passar por isso de novo Gabriel. Você precisa realmente ter certeza do que quer. Eu não mereço ser trocada novamente e sim mereço um homem inteiro ao meu lado.

Seria inútil tentar fazê-la, entender algo que até poucas horas atrás nem eu mesmo tinha coragem de admitir. Eu precisava provar que era com ela que eu queria ficar, que eu estava tão apaixonado por ela quanto ela estava por mim e eu faria isso, não seria com palavras que eu a convenceria. Eu teria que convencê-la com atos.

Um silêncio desconcertante se instalou entre nós.

— Eu preciso ir, vou arrumar minhas coisas – ela virou as costas para sair, mas segurei seu pulso.

— Não vou me opor a isso, mesmo que contrariado. Se você acha que o melhor é ficarmos afastados por enquanto, vou respeitar seu espaço.

— Eu realmente preciso desse espaço para pensar nas coisas com mais clareza Gabriel, com você do meu lado fica impossível. Você também precisa desse tempo.

— Tudo bem – Toquei seus cabelos e coloquei uma mecha atrás da sua orelha. — Eu vou resolver as coisas como você mesmo disse e, quando eu te procurar Mari, vai ser pra valer, estamos conversados?

— Gabriel...

— *Em certos momentos, os homens são donos dos seus próprios destinos,* este é o meu momento, Ruiva – ela sorriu.

— Golpe baixo você usar seu papo de poeta – dei os ombros.

— A gente usa as armas que tem – pisquei.

— E de quem é?

— William Shakespeare, quem mais poderia me ajudar numa hora dessas?
– Mari revirou os olhos. Aproximei-me e segurei seu rosto entre as mãos. —
Você não respondeu, estamos conversados?

— Tudo bem.

— Ótimo!

— Ah, vocês estão aí! – meu irmão Rafa surgiu na entrada do terraço me fazendo afastar bruscamente. — Sua amiga está preocupada contigo, Mari.

— Já estávamos descendo – ela respondeu. Rafa me encarou e eu assenti antes de ele deixar o terraço.

— Ainda vai me deixar ir à consulta?

— É claro Gabriel, você é o pai.

— Eu quero ser mais do que o pai, Mari – ela engoliu em seco — E eu vou te provar. Vem vamos descer – segurei sua mão e fui em direção a escada dando o assunto por encerrado.



Capítulo 51

De Mulher Para Mulher

Bia

Parei o carro próximo à entrada da delicada loja de doces em Santa Tereza, mas não desci de imediato. Encarei a vitrine repleta de verdadeiras obras de artes em forma de *gordices* e respirei fundo tristemente. Era feriado e enquanto a maioria das pessoas estavam aproveitando o dia, eu estava ali, olhando para as calorias que com certeza me engordariam.

Nunca me senti tão sozinha. Minha prima tinha ido para a Fazenda da Vó Henriqueta com sua família, meus pais estavam longe e o Gabriel não atendia minhas ligações. Sem opções, decidi que era hora de comer os tais doces deliciosos da tia do meu professor Álvaro.

Suspirei pegando minha bolsa no banco do passageiro e saí do carro. Entrei no estabelecimento me perguntando se a tia do meu professor era tão sozinha quanto eu que sem opções, decidiu abrir sua loja em pleno feriado para ocupar a cabeça e não ficar pensando em como sua vida era uma grande merda.

Cumprimentei uma adolescente que estava atrás do balcão e me sentei na mesinha perto da vidraça. O local estava praticamente vazio, exceto pela mulher sentada no canto oposto a mim.

— O que vai querer, moça? – perguntou a garota.

— *Me* disserem que vocês servem os melhores brigadeiros.

— Ah sim, com certeza, os brigadeiros da minha mãe são famosos – ela disse pegando um cardápio — Temos o tradicional e temos os recheados.

— Recheados? – assentiu me entregando o cardápio.

— Deixe-me ver... Eu vou querer um com recheio de mousse, um de bolo cenoura e... um de doce de coco – a garota anotou e pediu licença se retirando.

Eu peguei meu telefone na bolsa. Abri o *whatsApp* e li a mensagem da minha prima.

Angel: Até quando você vai ficar me ignorando, prima? Já disse que

não fiz por mal, eu só fiquei preocupada.

Eu a estava ignorando depois de ela ter dito ao Kaiary que eu havia comentado que o Gabriel estava com problemas. Mesmo não sendo culpa dela, afinal eu é quem deveria ter mantido minha boca fechada, ainda assim eu estava chateada. Estava na cara que ele não iria ficar na dele. O Kaiary tinha me perdoado, mas eu sabia que ele pensava como o Rafa, que eu não merecia o perdão do Gabriel.

A mocinha voltou rápido com meus brigadeiros e neste instante meu professor entrou no estabelecimento. Ele estava usando uma camiseta sem mangas, shorts que moldavam perfeitamente suas coxas e tênis. Não tinha como não olhar para aqueles braços, era como se eles gritassem: *“Ei pode babar em mim, lamber também se quiser,”* balancei a cabeça constrangida pelo pensamento.

Álvaro estava de óculos escuros e usava um boné virado para trás. Não dava para negar, o homem era bonito.

— Foi fácil de achar? – perguntou se sentando na cadeira de frente para mim.

— Foi sim, obrigada por ter me falado do lugar – eu disse mordendo um dos brigadeiros que realmente eram de comer rezando — Muito obrigada mesmo! – falei de boca cheia, ele sorriu.

— Eu disse – assenti.

Mais cedo, sozinha e entediada no meu apartamento, estava buscando o número do celular da Hanna no meu aparelho quando vi seu nome. Era o segundo da minha lista de contatos.

Mandeí uma mensagem perguntando onde ficava a loja da sua tia, não pensei que tivesse aberta, queria saber o endereço para vir outro dia, foi então que ele respondeu dizendo que estava funcionando normalmente e praticamente me intimou a dar uma passada.

— Nina – chamou a atendente — Traga duas garrafinhas de água pra gente – a menina assentiu e ele voltou sua atenção para mim. — Então Beatriz, o que você faz sozinha em pleno feriado? Não quero parecer intrometido, mas você parece triste – suspirei.

— É porque eu realmente estou.

— Por causa do Gabriel, suponho – concordei surpresa por ele se lembrar do nome. Nina trouxe as águas, ele abriu as garrafinhas e despejou o líquido no

copo bebendo em seguida.

— Ele pediu um tempo, não estou sabendo lidar.

— Você disse que ele engravidou outra garota, foi por isso?

— Sim – Bufeí. — Agora ele não atende minhas ligações e isso está me enlouquecendo. Sei que ele está chateado porque comentei com minha prima que ele estava com problemas. Eu não disse o que era, porque ninguém ainda sabia, mas minha prima contou pro marido, que é primo dele, o que eu tinha dito e ele teve que revelar sobre a gravidez.

— Em algum momento ele teria que contar.

— Eu sei, mas... – Bufeí — Não sei mais o que pensar, o que fazer.

— Não há nada que você possa fazer, há?

— Sabe o que mais me dói? – ignorei sua pergunta — Eu acho que ele gosta dela. Eu acho que o Gabriel se apaixonou pela Mari e a culpa é toda minha. Se eu não tivesse ido embora com Levi, nada disso estaria acontecendo – Abri a outra garrafinha e bebi a água nela direto — Desculpe professor, eu joguei tudo em cima de ti, mais uma vez. Desse jeito tu vai acabar me cobrando honorários.

— Primeiro: é Álvaro. Segundo: Se falar comigo vai lhe fazer bem, então você pode falar sobre qualquer coisa, sempre que quiser. Eu não vou julgá-la.

— *Tu* és um cara bacana, Álvaro. Obrigada, de verdade – Agradei incerta de que aquilo era apenas uma gentileza ou se era um flerte, mesmo assim eu realmente estava agradecida por ele me ouvir sem julgamentos.

Notei a mulher que estava na outra mesa praticamente salivando em cima dele e sorri.

— O que foi?

— Não olhe agora, mas a mulher atrás de você está praticamente babando.

— Ah é – Sorriu virando a cabeça para olhar.

— Nossa, a sutileza mandou lembrança – brinquei, ele gargalhou e ficou sério de repente, os olhos focados em mim.

— Ela não faz bem o meu tipo, eu prefiro as loiras – Revirei os olhos e agora eu tinha certeza, ele estava flertando comigo.

— Nossa é sério isso? Tu precisas seriamente renovar o estoque de cantadas, essa é velha.

— Cantada? Quem foi que disse que estava te cantando? – Ergueu uma sobrancelha me deixando constrangida ao extremo.

— Não estava? – perguntei morta de vergonha.

— Talvez – baixei os olhos para o meu prato de brigadeiro —, mas como sou seu professor, vamos fingir que isso nunca aconteceu.

— Eu posso fazer isso.

— Ótimo! Então pra quebrar esse clima estranho, vou te oferecer uma torta de limão de comer rezando.

— Vou sair daqui rolando desse jeito – ele sorriu.

— Mas, só vai comer a torta se almoçar comigo – Eu o encarei incrédula.

— Não podemos almoçar juntos, eu nem deveria estar aqui, vai que alguém nos vê.

— Por isso estou te convidando para almoçar aqui mesmo, na casa da minha tia. É aqui em cima, só subir a escada.

— Não sei, não acho uma boa ideia...

— Vamos estar cercado de gente, Beatriz – Neguei com a cabeça — Ah qual é? Você quer mesmo passar o dia sozinha? Meus tios são divertidos e minha mãe é bem bacana. Te garanto boas risadas.

— Mas e o seu pai? Ele pode não gostar.

— Meu pai está viajando, seremos só eu, você, minha mãe, meus tios e a Nina – ele apontou para a garota que sorriu. Álvaro juntou as mãos em oração e achei o gesto fofo. Iria ser interessante ver meu professor em seu habitat natural.

— Tudo bem *tu* me convenceste, mas só pela torta de limão – ele gargalhou assentindo.



Assim que eu saí da casa do professor Álvaro, toda a descontração pelas horas que eu havia passado ali com ele e sua família evaporaram e, lá estava eu com meu coração apertado novamente.

A situação mal resolvida com Gabriel estava literalmente me enlouquecendo, porque só a loucura para explicar eu estar parada ao lado da guarita do prédio em que a Mari morava esperando-a liberar minha entrada para o porteiro.

Eu havia ligado para ela, após sair da casa dos tios do Álvaro pedindo para conversarmos.

— Pode subir moça, sabe qual bloco?

— Sim, obrigada.

Passei por ele e caminhei apreensiva até o prédio. Minhas mãos tremiam e meu coração acelerava se acovardando a cada passo que eu dava, mas eu precisava fazer alguma coisa, eu precisava tentar, nem que para isso eu tivesse que apelar para o bom senso da Mari.

Gabriel estava me evitando por minha prima e o marido terem aparecido no *apê* de surpresa, logo depois que eu havia dito a ela sobre ele estar com problemas, portanto, eu não tinha mais a quem recorrer. Iria conversar com ela de mulher para mulher, precisava descobrir suas intenções com ele e claro, eu deixaria claro que eu não desistiria dele facilmente, tínhamos uma história, ela estava apenas grávida dele.

Toquei a campainha e instantes depois Mari apareceu na porta.

— Oi, Bia – Sorriu. Estava claro como água seu constrangimento por eu estar ali, mas eu estava acima disso, eu tinha um propósito e tentaria cumpri-lo.

— Oi, Mari.

— Entra – Mari disse me dando espaço — Desculpe ter feito você vindo até aqui, mas eu não estou podendo descer ou subir escada.

— Sem problemas – respondi reparando em sua sala — Gostei do lugar.

— Obrigada, é pequeno, mas está suprimindo bem nossas necessidades. Sente-se – Mari apontou para o sofá. Sorri agradecida e me sentei.

Uma garota veio do corredor e me encarou com um ar desconfiado.

— Nice essa é a Bia – Mari nos apresentou.

— Prazer – a garota disse, mas eu duvidei que realmente estivesse sentindo algum prazer em me conhecer.

— O prazer é meu.

— Bom, qualquer coisa estou no meu quarto – a tal Nice disse para Mari e depois se retirou.

— Desculpe por isso, minha amiga costuma ser bem protetora comigo às vezes.

— Tudo bem eu entendo, apesar de achar meio exagerado. Não vim aqui causar problemas, Mari.

— E o que você veio fazer então, Bia? – perguntou diretamente. Gostei disso, era melhor ir direto ao ponto sem enrolação.

— Eu vim ter uma conversa de mulher para mulher contigo Mari, em nome da nossa amizade. Antes disso, quero que saiba que sempre tive muita estima por

ti, sempre a achei uma garota muito bacana e por isso eu vim aqui, humildemente, pedir que *tu* me digas com sinceridade, o que está acontecendo entre ti e o Gabriel. Eu estou no escuro e preciso entender o que está havendo, estou desesperada. Ele não fala mais comigo e isso está me matando... Eu o amo de todo meu coração... – funguei — Temos uma história e não consigo aceitar que acabe assim... sem uma explicação decente, por isso, vou ser direta e perguntar de uma vez: Vocês estão juntos? – Mari engoliu em seco processando minhas palavras. Ela respirou fundo e abaixou a cabeça. — Por favor, Mari.

— Nós não estamos juntos, Bia. Não desse jeito que você está pensando, mas se você veio até aqui atrás de verdades eu vou lhe dizer, pelo menos de minha parte, não posso falar pelo Gabriel – assenti com um meneio de cabeça. — Bom eu... não vou negar pra você que eu gosto dele, porém, mesmo estando apaixonada por ele, não estamos envolvidos, nosso relacionamento se restringe exclusivamente ao bebê.

— Mas ele quer estar envolvido contigo, não quer?

— Isso você precisa perguntar a ele.

— Como, se ele não fala comigo? – Levantei-me desolada. — *Tu* deves saber que ele decidiu se afastar de mim, *né?* – ela assentiu — Desculpe, Mari eu não quero ser indelicada ou mesquinha, muito menos soar despeitada, mas eu acredito que o Gabriel esteja confuso por conta da gravidez, por isso está misturando os sentimentos, não me leve a mal, mas *tu* precisas considerar isso.

— Eu sei, mas não estou preocupada com os sentimentos dele em relação a mim, Bia. A única preocupação que eu tenho é com meu bebê. Ele é minha prioridade. Vocês dois precisam resolver a situação de vocês, não quero me meter nisso.

— *Tu* já disseste isso a ele?

— Sim eu já disse – ela confirmou.

— Eu sei que tu não tens obrigação nenhuma de acatar qualquer pedido meu, mas por favor... eu o amo, temos uma história... quero ter a chance de provar a ele ainda podemos dar certo, mas...

— Já disse que não irei me meter no meio de vocês dois, aliás nunca me meti. O que aconteceu entre a gente foi em um momento que estávamos os dois por nossa conta, foi natural, não planejamos nos envolver, muito menos sermos pais, aconteceu, mas fica tranquila que nem por isso vou me impor a ele. Não quero isso, eu até voltei pra casa. Só quero poder criar meu filho em paz – assenti pesarosa.

Embora eu soubesse que ela não era dessas meninas que tentavam prejudicar a relação do ex – ela nunca tinha feito nada para tentar atrapalhar o namoro da minha prima –, o fato de ela ter sentimentos pelo Gabriel dificultava minha situação. Afinal quando um não quer, dois não brigam, mas quando os dois querem, aí complica.

— Eu quero que *tu* saibas que o fato de você estar grávida dele não... eu quero dizer que... eu a respeito e que vou gostar do teu bebê como se fosse meu... claro que se ficarmos juntos.

— Obrigada, por isso Bia. Preciso lhe dizer também que se ele decidir ficar contigo eu não vou me opor, já te disse, mas se houver alguma chance de o Gabriel realmente querer ficar comigo... eu não vou pensar no resto. *Me* desculpe por isso, mas preciso ser sincera contigo.

Suas palavras me acertaram em cheio, foi uma surra de verdades, mas eu procurei, *né?* Afinal era eu quem estava ali na sua sala. Eu tive esperanças de que ela recuasse, mas pelo visto ela não era tão bobinha quanto pensei.

— O.K. obrigada por me ouvir – Apressei-me a dizer e caminhei até a porta. — Por favor, não diga a ele que estive aqui.

— Não direi. – Mari abriu a porta e eu sai quase correndo de dentro do seu apartamento. Corri pela escada e atravessei o pátio incapaz de conter as lágrimas. Quando entrei no meu carro, parecia que eu iria morrer. A constatação de que eu havia perdido o Gabriel me acertou em cheio.

— Não, Bia! Não entregue os pontos! *Tu* és forte garota! – Ralhei comigo mesma e desabei a chorar novamente na mesma hora.

Merda!



Capítulo 52

Algo Grandioso

Gabriel

Minha mãe e meu pai me encararam atônicos, enquanto minha avó embora surpresa, não me pareceu tão chocada, deve ter sido porque eu já havia contado a ela do meu envolvimento com a Mari. Estávamos na varanda, eu na escada, meu pai e minha mãe em uma das redes enquanto minha avó estava sentada em uma poltrona.

Eu tinha aproveitado que os três estariam na fazenda devido ao feriado e viajei até lá a fim de dar-lhes a notícia. Meu primo Guilherme aproveitou e se mandou comigo antes que as primas de Resende chegassem.

— Vão ficar me olhando com essas caras? Ou vão passar logo para a parte do sermão?

— Eu sou muito novo para ser avô – meu pai se manifestou.

— É com isso que você está preocupado, Felipe?! – Claro que ele levou uns tapas.

— Aiii!

— Quem é essa Mari, Gabriel? Nunca tinha ouvido falar dessa garota e ela aparece grávida? Meu Deus, estou decepcionada! Quantas vezes eu falei pra vocês se prevenirem? Pelo visto só o desmiolado do Rafa me escutou.

— Não exagera, Suellen! – Minha avó se manifestou.

— Se a senhora deixar eu conto tudo — ela bufou assentindo. — Eu e a Mari já nos conhecíamos. Ela teve um rolo com o Kay antes de ele se envolver com a Angel. A gente meio que se aproximou depois que o Kay a deixou e a Bia me sacaneou. Mas era só sexo casual, sem compromisso.

— Entendi, vocês foram lambar as feridas um do outro – meu pai riu achando que estava sendo engraçado.

— Lambi muito mais que feridas, pai.

— Que isso, menino! – dona Suellen ralhcou e eu caí na risada. — Poupe-me desses detalhes sórdidos.

— Muitos sórdidos, o pai ensinou direitinho – ela revirou os olhos e meu pai caiu na risada.

Falando sério, nosso pai realmente teve “a conversa” comigo e com o Rafa quando éramos adolescentes e acabamos sempre conversando muito abertamente com ele sobre sexo depois disso.

— Chega de brincadeira – minha mãe disse. — Quero saber tudo, o que vocês estão planejando, como está sua situação com a Bia, ela sabe, né?

— Sim, eu contei.

— Ela aceitou numa boa?

— Aceitou eu acho, numa boa não sei, mas não estávamos juntos, essa culpa eu não carrego – suspirei. — De qualquer forma eu resolvi me afastar, não estou com cabeça para pensar na gente agora, meu foco é a Mari.

— Você não deveria dizer que o seu foco é o filho que a Mari carrega?

— Sim, eu deveria se fosse só pela criança. Eu quero ficar com ela – minha avó me encarou.

— Isso significa que seu coração já fez a escolha, certo?

— Isso, dona Henriqueta – fui até ela e a abracei. — Seus conselhos foram muitos sábios.

— A senhora sabia disso, mãe?

— Da gravidez não, mas quer saber? Se é uma vida que chega, devemos comemorar – ela levantou e sumiu casa adentro.

— Meu filho você sabe que gravidez não segura relacionamento. Você pode muito bem dar toda a assistência a esta criança sem se envolver emocionalmente com a mãe dela.

— Estou ciente disso, pai.

— Então você não conseguiu perdoar a Bia já que está dizendo que quer ficar com essa Mari? – minha mãe perguntou.

— Eu a perdoei sim, de verdade, só não estou mais apaixonado por ela.

— Tem certeza disso, filho? Você era louco por aquela guria. Você pode estar, sei lá, confuso pela gravidez e movido pela ideia de ser pai...

— Eu tenho certeza, mãe. Eu a amei muito e serei grato a ela por todos os momentos que compartilhamos. Por um tempo fomos felizes juntos e por isso sempre me lembrarei desses momentos com carinho, jamais vou desmerecer o que tivemos, nem mesmo os momentos tristes, pois eles serviram para o meu amadurecimento, mas eu não a amo mais.

— E a Mari? Você a ama?

— O que eu sinto pela Mari é completamente diferente do que sentia pela Bia, vai muito além de desejo louco, de paixão – não poderia dizer nunca a minha mãe que o que eu sentia pela Mari ia além daquele sentimento de vitória por ter agarrado com unhas e dentes a minha “vez” ou era bem capaz de eu apanhar — É algo grandioso que foi sendo construindo aos poucos e que agora é tão gigante que não cabe em mim. Eu demorei para aceitar isso, parece que todo mundo já sabia, a vó, o Rafa, o Gui, menos eu, mas agora que aceitei, me sinto livre para correr atrás da minha felicidade, então respondendo a sua pergunta, eu amo demais.

— Estou muito orgulhosa do seu amadurecimento, filho, da sua capacidade de perdoar e seguir em frente, embora você tenha feito a cagada de engravidar outra garota.

— Quando a senhora tiver toda *baboba* em cima do neto, vou lembrá-la que o chamou de “cagada”.

— Você entendeu! – eu e meu pai gargalhamos.

— Eu tenho os melhores pais desse mundo! – Fui até eles e abracei um de cada lado.

— Quero conhecer essa menina e logo!

— *Tá bom*, dona Suellen.

Minha avó retornou com uma garrafa de cachaça e quatro copos. Enquanto ela nos servia aproveitei e acendi um cigarro.

— Já sabe que vai ter que parar de fumar quando o bebê nascer, *né?* – minha mãe alfinetou.

— Não vou fumar perto dele.

— Mas se continuar fumando, vai ficar fedendo perto da criança.

— Fedendo? Eu sou cheiroso, dona Suellen e a Mari não importa de eu fumar então...

— Vou conversar com essa menina pra ver se ela te convence a largar esse troço.

— A culpa é do vô, ele que me ensinou a fumar.

— Vocês colocam a culpa no coitado do falecido por tudo, só porque ele não está aqui para se defender – minha avó disse me passando o copinho com a cachaça — O Rafa diz que foi o avô que ensinou ele a beber, agora você diz que ele o ensinou a fumar.

— A senhora sabe que é verdade, dona Henriqueta.

— Deixe seu avô em paz e vamos brindar a vida do mais novo integrante da família Bastos.

— Suellen você não pode beber, está amamentando – meu pai recriminou.

— Ora deixe de frescura, Felipe! Deixe sua esposa comemorar a chegada do neto! – minha avó ralhcou.

— Hoje pode, pai – falei e levantei meu copo. Todos brindaram e beberam sua dose de uma única vez.

— Vou ver como está a Muriel – minha mãe disse se levantando. Deu-me um beijo na cabeça antes de sair — Parabéns.

— Te espero lá dentro, já vamos começar a jogatina – meu pai disse indo atrás da minha mãe.

— Estou orgulhosa de você, meu neto – minha avó Henriqueta também me abraçou antes de entrar na casa.

Respirei fundo satisfeito. Foi muito fácil contar aos meus pais, eu já sabia que seria assim, mas estava aliviado por ter finalmente aberto o jogo com eles. Gostaria que tivesse sido igual com a Mari, seus pais ainda nem sabiam. Fiquei triste pensando que ela não tinha o apoio deles, mas no que dependesse de mim ela teria todo o apoio, meu e da minha família.

— E aí? Missão cumprida? – Guilherme se sentou ao meu lado no degrau da escada que dava acesso a varanda da casa.

— Sim, até que reagiram bem.

— Eu não esperava outra coisa dos tios – concordei.

— Que cara é essa? – meu primo bufou.

— O Rafa já me encheu pra cacete por estar sendo feito de guia turístico pelas as primas. Disse que queria estar aqui com a Maju e por minha culpa teve que ficar.

— Bem feito pra ele, não ficou pegando no seu pé por causa disso? *Deixa ele* se lascar um pouco lá com aquelas duas – meu primo sorriu concordando — E a Alexia? Deve ter ficado decepcionada quando chegou e soube que você veio pra cá comigo.

Ele tirou o celular do bolso e me mostrou a mensagem nada educada dela.

Eu te odeio, Guilherme Bastos! Você é um covarde idiota!

— Putz.

— É... putz.

— Mas quer saber, primo? Você está agindo certo. Eu sei que parece ruim agora, mas...

— Eu não sei se estou agindo certo, cara – Interrompeu-me —, só não estou disposto a pagar pra ver. Ela me disse que vai passar um tempo fora e eu acho até bom, mas quando ela voltar, se essa porra não tiver passado, vou lutar por ela – Apenas assenti. Embora eu não concordasse, quem era eu para me meter? — Vai começar a jogatina – ele disse se levantando.

— Já vou indo, só vou falar com a Mari rapidinho – meu primo entrou e eu peguei meu celular para lhe enviar uma mensagem.

Gabriel: Acabei de contar aos meus pais e minha avó que seremos papais.

Esperiei a resposta que veio minutos depois.

Mari: Ai meu Deus, foi muito ruim? – Sorri.

Gabriel: Não, eles são legais.

Esperiei sua resposta encarando ansioso os três pontinhos se movendo. Ultimamente era assim que eu me sentia em relação a ela.

Mari: Fico mais tranquila.

Mari: Você disse a eles que já me envolvi com o Kay antes, né?

Gabriel: Sim eu disse.

Ela enviou várias carinhas assustadas.

Gabriel: Mari, você precisa parar de se preocupar com isso.

Mari: Eles devem ter achado estranho, mesmo não falando nada, aposto que pensaram no mínimo que eu era meio *perigete* por transar com os dois primos.

Suas palavras me levaram para uma zona nada confortável, a zona do ciúme, não queria nem pensar naquilo, não por ela ter transado com meu primo, eu me senti possessivo apenas pelo fato de ela já ter estado com outro cara. Desisti de digitar e liguei para ela.

— Oi! – Atendeu animada.

— Por favor não me lembre que você já transou com outros caras – falei sem pensar.

— Como?

— Você me ouviu.

— Uau isso foi tão possessivo! – Brincou.

— Culpado, mas é assim que ando me sentindo em relação a você.

— Ah – ela exclamou do outro lado.

— E só pra você saber, quem tem que ligar ou não pelo fato de você e o Kay já terem transado – revirei os olhos ao dizer isso — sou eu e eu não ligo.

— Tem certeza? Você parece meio que inconformado – ela riu.

— Você parece meio que está curtindo com a minha cara – devolvi.

— Foi mal.

— Falando sério agora, como já dizia Sêneca: *“Sou homem e não considero estranho nada que é humano.”*

— Ai meu Deus isso é tão sexy!

— Você já disse isso.

— Diga outra – pediu.

— *É parte da cura o desejo de ser curado.*

— Outra.

— *Se quer ser amado, ame* – silêncio do outro lado. — Muito verdadeiro isso, não? – perguntei.

— Nossa, muito. Eu já disse que você é incrível?

— Hoje não – Sorri me encostando na coluna de madeira.

— Você é – o silêncio reinou mais uma vez. — Acho melhor eu desligar – disse por fim.

— Ah não, quero conversar.

— Sobre o quê?

— Sobre qualquer coisa, só quero ouvir sua voz, deixa eu ver... lembra da

primeira vez que ficamos juntos?

— Claro que eu me lembro, você me perguntou se o tapete combinava com a cortina – Gargalhei.

— Dá um desconto, eu estava muito bêbado.

— Sim, você estava.

— O importante é que eu comprovei.

— Sim, você é bem insistente e eu não sabia que você se ligava nessa coisa de decoração.

— Ah isso depende muito, se for uma arquitetura que chame a atenção, não dá pra não imaginar como é a decoração.

— Bobo! Falando em lugares que chamam a atenção eu imagino que a fazenda da sua avó seja incrível.

— Sim, eu amo esse lugar. Vou trazer você aqui.

— Sêrio?

— Sêrio. Meus pais têm casa aqui, como todos os outros irmãos, mas eu gosto de ficar na sede, adoro este casarão. Vou te mandar algumas fotos que tenho aqui no celular, *peraí* – Abri minha galeria e selecionei algumas fotos. Enviei uma da casa tirada de longe, enviei uma da cachoeira e enviei uma minha montado no meu cavalo.

— Uau! – ela disse quando visualizou as fotos. — Essa cachoeira é linda, a casa também, tem essa arquitetura incrível, mas a que eu mais gostei foi a sua. Você está parecendo um príncipe nesse cavalo – achei graça.

— Estou indo salvar minha donzela em perigo – Gargalhamos. — Quero levar você na cachoeira. Nadar pelado contigo.

— Você não pode me dizer essas coisas, Gabriel.

— Por quê? Mari você não tem noção do quanto eu quero nadar contigo pelado nessa cachoeira.

— Para...

— Eu e você, sabe? No vai e vem da água, o céu azul sobre nossas cabeças... eu entrando e saindo.

— Meu Deus, pare agora! – Gargalhei.

— Vou parar mesmo porque já estou daquele jeito só de pensar.

— Não estou muito diferente.

— Porra Mari, você não deveria ter dito isso. Agora estou imaginando.

— O quê?

— Você disse pra eu parar – Sorri divertido.

— Sem graça!

— *Me* diz como você está exatamente, que eu te digo o que imaginei.

— Acho melhor não dizermos mais nada. Não posso nem pensar nessas coisas.

— Segunda-feira teremos uma boa notícia, confie em mim – Iremos juntos a sua consulta e eu estava esperançoso que o tal hematoma houvesse desaparecido.

— Eu espero mesmo.

— Vai dar tudo certo, Ruiva – Ouvi seu suspiro do outro lado.

— Às vezes eu sinto um medo idiota sabe? – confessou — De que a gravidez não vingue.

— Não pensa isso. Tenha fé. Daqui a pouco tempo iremos estar de cabelos em pé por causa do pestinha – ela gargalhou.

Mari bocejou e aquela era a minha *deixa* para desligar, infelizmente. Meu pai e meu tio também estavam me esperando para jogar algumas partidas de truco.

— Vou deixar você ir dormir, princesa.

— Obrigada, estou mesmo com sono.

— Dorme bem, passo aí pra ver vocês quando eu voltar.

— Tudo bem, Gabriel. Boa noite.

— Sonha comigo.

— Ah com certeza eu vou sonhar – provocou-me.

— *Me* conta esse sonho depois, que te conto o que vou fazer antes de eu ir dormir também.

— Boa noite, Gabriel!

— Boa noite, Mari.

Desliguei o celular com um sorriso bobo na cara. Quando estava o colocando no bolso e vibrou na minha mão. Pensei que seria a Mari novamente, mas não, era ela a Bia. Encarei sua foto na tela e suspirei.

Não iria atender, não quando ainda estava triste com ela por ter dado com a língua nos dentes. Eu confiei nela para que guardasse a informação até que eu estivesse pronto para contar e na primeira oportunidade ela deixa escapar. Não

que ela tenha feito de propósito, ou talvez até tenha, a Bia era realmente uma caixinha de surpresas, no entanto, eu não a culpava. Deve ter sido foda para ela descobrir que o homem pelo qual dizia amar engravidou outra. A ligação cessou e em seguida recebi uma mensagem.

Bia: Estou começando a enlouquecer. Fala comigo, por favor.

Respirei fundo me sentindo culpado, não era correto com ela agir daquela forma. Minha atitude não condizia com meu caráter. Quando voltasse ao Rio, depois da consulta da Mari eu a procuraria e colocaria um fim definitivo na nossa história, já estava na hora.

Eu havia a perdoado como eu já tinha dito a ela, era verdade, eu a perdoei de todo o meu coração e se houvesse algum sinal de que eu ainda a amava como um homem deve amar uma mulher, não hesitaria em voltar para ela, mas não havia.

Eu tinha feito a minha escolha, entre perdoar e ficar, ou, perdoar e seguir em frente, eu escolhi seguir em frente... com a Mari.

Enviei uma mensagem de volta.

Gabriel: Estou na fazenda, quando voltar te procuro, vamos falar sobre isso.

Não esperei resposta, guardei o celular no bolso da minha calça e fui em direção ao meu pai e meu tio na sala de jogos.



Capítulo 53

Regra Para Garotas

Bia

— Oi, seu Mário – cumprimentei o porteiro do prédio do Gabriel.

— Oi, dona Bia, como você está?

— Vou levando – ele sorriu compadecido.

— Vai melhorar minha filha – eu tinha minhas dúvidas, então apenas sorri.

— O Gabriel está?

— Sim, ele chegou faz pouco tempo.

— Pode avisá-lo que estou aqui?

— Claro – seu Mário se afastou da bancada e eu me encostei a ela. O nervosismo e a covardia estavam ameaçando a me invadir até a alma.

Gabriel havia me enviado uma mensagem, depois de eu muito insistir em falar com ele, avisando que me procuraria quando voltasse para conversarmos, mas eu não estava mais aguentando aquela tortura, precisávamos conversar, precisávamos nos acertar ou... terminar o que quer que fosse que ainda havia entre a gente de uma vez.

Eu sei que estava forçando a barra aparecendo sem avisar, ainda mais quando ele disse que me procuraria, mas eu estava desesperada. Se ele não me queria mais, ele teria que me dizer.

Estremeci ao pensar naquilo, não sabia o que seria de mim quando ele finalmente dissesse as palavras, que eu infelizmente acreditava que ele fosse dizer.

Senti uma raiva absurda da Mari por ter se enfiado entre nós. Sempre se fez de amiguinha e na primeira oportunidade me apunhala pelas costas. Sei que não estávamos juntos na época, mas poxa! Com tanto homem disponível ela tinha que se engraçar justo pelo Gabriel?

Sonsa!

— Pode subir, dona Bia.

— Obrigada, seu Mário – ele assentiu. Passei por ele e caminhei apressadamente até o elevador. Enquanto observava as luzes indicativas dos andares, rezei para que as coisas se acertassem entre nós, mesmo que parecesse impossível de isso acontecer.

Eu devia ser masoquista mesmo, estava procurando com minhas próprias mãos o fora que ele com certeza iria me dar.

Não pense assim garota! Minha consciência me reprimiu. Respirei fundo espantando todos aqueles pensamentos negativos. Não iria entregar os pontos tão facilmente, apelaria para nossa história, para tudo o que vivemos, todos os momentos felizes, todos os momentos de paixão que compartilhamos, isso teria que significar alguma coisa.

Saí do elevador e caminhei até a porta, pensei em desistir quando parei de frente para o apartamento, no entanto me obriguei a ser forte e toquei a campainha.

Foi o Guilherme quem atendeu a porta, Gabriel estava em pé atrás dele encostado no balcão que separava a sala da cozinha.

— Como vai, Bia? – Gui me cumprimentou com dois beijinhos.

— Muito bem, piá e *tu*?

— Bem também, bom eu estava de saída, a gente se vê – assenti. Ele saiu e eu fechei a porta atrás dele. Respirei fundo me munindo de coragem e virei para encarar o Gabriel.

— Oi.

— Oi, Bia – cumprimentou-me sem arredar o pé de onde estava.

— Eu sei que tu disseste que me procuraria, mas...

— Tudo bem. Vamos conversar – caminhou até o sofá. — Sente-se aqui – ele se sentou e apontou para o espaço ao seu lado. O observei tirar o celular do bolso, suas chaves e colocar em cima da mesa de centro. Fui até ele e me sentei ao seu lado.

Notei que estava arrumado e muito cheiroso por sinal, estaria indo atrás dela? Eu quis chorar só de pensar na possibilidade.

Eu não sabia por onde começar, minha vontade era pular toda a parte da conversa e me jogar nos braços dele, ele me abraçaria de volta, arrancaríamos as nossas roupas, faríamos amor e juraríamos nos amar para sempre. Infelizmente eu sabia que isso dificilmente aconteceria e apesar de eu estar preparada para o que viria a seguir, não conseguiria evitar de ficar despedaçada.

Gabriel segurou minha mão e sorriu gentilmente, antes que ele pudesse falar eu finalmente comecei.

— Sei que estás chateado pelo que contei a Angel, mas eu juro, escapou, eu não disse nada demais, mas a prima *tu* sabes como é... e eu só queria poder ter alguém com quem desabafar e...

— Bia...

— Eu juro Gabriel, não queria te prejudicar...

— Bia – ele disse um pouco mais firme dessa vez me levando a engolir em seco e me calar — Não estou chateado contigo, não mais. Eu deveria ter contado logo pra todo mundo, você não tem que se culpar por isso, O.K.? – assenti um pouco aliviada. Segurei sua mão que segurava a minha e sorri. — Eu quero me desculpar por ter deixado você triste, por não ter respondido suas mensagens, por ter me afastado e principalmente pelo que vou te dizer agora.

Ai. Meu. Deus.

— Não sei se estou pronta para ouvir.

— Eu sei – suspirou e colocou uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. Neste momento a cadela deles começou a latir e arranhar uma porta. — Você espera só eu a colocar na varanda e colocar a ração dela? – assenti.

Gabriel foi até a área da lavanderia, pegou um saco de ração e caminhou em direção ao corredor que dava para os quartos.

Respirei fundo tomada por um desespero que nunca havia sentido antes, ele iria acabar tudo entre nós, se eu tinha alguma esperança quando entrei no apartamento, não tinha mais. Um sentimento de perda irradiou em meu peito, precisei me esforçar muito para não começar a chorar ali na sala dele.

Seu celular começou a tocar na mesa de centro assustando-me.

Uma foto da Mari o estampava enquanto ele vibrava. Peguei o celular e encarei sua imagem. Ela não iria atrapalhar, não daquela vez. Eu precisava que o foco dele estivesse apenas na nossa conversa. Olhando para o corredor e de volta para o celular, o desliguei e o coloquei de volta na mesa.

Segundos depois o telefone residencial começou a tocar. Droga!

Gabriel gritou de onde estava para que eu atendesse para ele. Fui até o aparelho irritada, com certeza era ela novamente.

— Alô? – Ouvi um silêncio do outro lado. — Alô?

— O... o Gabriel está aí? – ela perguntou, notei que sua voz estava estranha.

— Está, mas não pode atender. Estamos meio que ocupados aqui, quer

deixar recado? – eu tinha certeza que ela sabia que era eu ao telefone por causa do sotaque. Certeza essa que se confirmou quando ela desligou o telefone.

— Grossa! – resmunguei colocando o telefone de volta na base.

— Quem era? – Gabriel perguntou vindo entrando na sala. Fiquei muda sem saber se dizia a verdade ou não, optei por não dizer que era ela, afinal tínhamos muito o que conversar e falar que era a Mari só atrapalharia, com certeza ele iria sair correndo atrás dela como fez no outro dia.

Ela que esperasse dessa vez.

— Não sei, desligaram – ele franziu o cenho.

— Bom... – Começou a falar, mas não deixei, já estava no fundo do poço mesmo.

— Não por favor, Gabriel... eu sei o que *tu* vais dizer, por favor não diga, não se precipite. Eu sei que é tudo novo pra ti, mas considere pelo menos o fato de que talvez *tu* estejas confuso em relação a Mari. Eu conheço teu coração, eu sei que você nunca a deixaria desamparada, nunca deixaria essa criança sem a presença constante do pai, mas...

— Você está certa, eu nunca a deixaria desamparada, nunca deixaria de cuidar e educar um filho, mas eu não preciso ficar com ela e nem com qualquer outra mulher por causa de filho.

— Eu sei, mas...

— Eu não estou confuso, Bia, por favor entenda isso. Não é justo contigo ficar se iludindo, sejamos sinceros. Não é justo eu ficar te cozinhando em banho-maria, não é justo que você queira ficar nessa situação.

— Não faça isso com a gente – Praticamente implorei.

— *Me desculpe...*

— Não! – respondi alterada — Quer saber o que eu acho? Eu acho que na verdade Gabriel, *tu* não me perdoaste! *Tu* nunca conseguiu de fato arrancar a mágoa do teu coração. É por isso que não consegue seguir em frente comigo. Não tem nada a ver com a Mari ou com a criança que ela carrega, tem a ver apenas com a sua incapacidade de conseguir me perdoar! – explodi.

— Isso não é verdade! – ele respondeu alterado também — Eu te perdooi de todo o meu coração. Foi difícil, assumo, eu fiquei muito magoado com o que você fez. Você me deixou no meio de uma briga com meu primo, briga essa que você indiretamente causou e depois que eu o agredi, cego de raiva e ciúme você simplesmente fugiu, não só do apartamento Bia, do país! Mesmo assim, depois de tudo isso, com o tempo eu consegui perdoar porque mesmo sem a intenção,

acabei manipulando a sua vida.

— O que quer dizer com isso? – ele respirou fundo e levou a mãos nos cabelos bagunçando-os.

— Você nunca soube disso, mas eu, meu irmão e o Kay tínhamos uma regra para garotas. Quem visse primeiro levava, foi isso o que aconteceu. Eu busquei você no aeroporto, eu te vi primeiro, então mesmo que o Kay tivesse ficado interessado em você, ele não poderia arriscar, porque era a minha vez – Absorvi a informação incrédula. — Ele ficou a fim de você, mas respeitou a minha vez. Se não houvesse essa porra de regra você e ele teriam se envolvido, poderiam até estar juntos hoje, por isso eu não tinha direito de guardar rancor de você pra sempre.

Não consegui formular uma frase para responder ao que ele havia acabado de me contar.

O Kay tinha se interessado por mim? Que história era essa de vez? Era muita informação para assimilar.

— Meu Deus – foi o que eu consegui dizer. — Vocês... brincaram com os meus sentimentos? O Kay havia ficado interessado em mim?

— Sim, apesar de ele alegar que era uma coisa física apenas – não bastava só me dizer que eles haviam manipulado a minha vida, ele tinha que jogar aquilo na minha cara também. — O que interessa aqui é que Bia, só ficamos juntos porque você não tinha outra opção. Você nunca teria me escolhido.

— Eu te amo Gabriel, apesar de tudo o que você acabou de me dizer, eu te amo e só não estamos juntos porque *tu* não consegues se livrar da mágoa.

— Isso não é verdade.

— Isso é verdade e agora eu entendo muita coisa. *Tu* já guardavas essa mágoa por eu ter me interessado primeiro pelo Kay, aí no seu coração e juntando com o que aconteceu, isso só cresceu.

— Falando assim, até parece que você não me conhece. Não sou de guardar sentimentos ruins. Não tem nada a ver com não conseguir perdoar, tem a ver exclusivamente com o fato de eu ter descoberto que estou apaixonado por outra garota – Sorri com ironia.

— *Tu* nunca teria se encantando por ela, se ela não estivesse grávida, Gabriel! – ele respirou fundo e virou de costas para mim, as lágrimas escorriam pelo meu rosto.

Eu nunca admitiria, mas eu sabia que ele tinha razão quanto ao dizer que eu teria escolhido o Kaiary na época, mas hoje não, hoje ele era o meu escolhido e

eu precisava fazê-lo entender.

— Gabriel – Aproximei-me e toquei seu ombro. — Não me interessa que o Kay ficou interessado em mim, não me interessa que outra garota esteja carregando um filho seu, a única coisa que me interessa é ficarmos bem. Erramos, eu errei muito, mas a gente aprende com os erros. Podemos seguir a partir daqui, só precisamos nos dar essa chance.

— É isso que você não está conseguindo entender, Bia. Poderíamos nos dar essa chance sem problemas se eu não estivesse apaixonado por outra mulher! Eu não planejei, nós não planejamos nada disso, simplesmente aconteceu e foi antes de ela me falar da gravidez, isso só nos aproximou. Olha – suspirou — Eu não hesitaria em dar uma chance a nós se ainda houvesse sentimento da minha parte, porque o que você fez já não me importa mais, mas infelizmente você tem que aceitar Biju, não há futuro pra gente.

Sentei-me novamente no sofá e afundei minhas mãos no rosto, o resto da minha dignidade indo para o ralo, junto com minhas lágrimas.

— E-eu não consigo a-aceitar isso – falei entre fungadas.

— Você precisa – Sentou-se ao meu lado e me puxando para um abraço. Chorei em seus braços desolada. Agarrei-me a sua camiseta e derramei minhas lágrimas sobre ela. Gabriel ficou me confortando alisando minhas costas. Levantei o rosto de uma vez e o encarei.

— Eu não consigo acreditar que *tu* não sinta mais nada por mim.

— Eu sinto um carinho imenso por ti, fomos muito felizes juntos e sou grato por tudo. Eu sempre vou amar você, Bia, não como você quer, mas sempre vou amar você pelo que tivemos. A nossa relação de alguma forma me amadureceu e você deveria tentar amadurecer também.

— Está me chamando de infantil agora? – fiz bico.

— Não – ele sorriu. — Só estou dizendo pra você usar em benefício próprio, tudo o que aconteceu e tirar algum proveito.

— Não sei se consigo tirar proveito da minha própria desgraça – Levantei-me e apanhei minha bolsa que tinha deixado no outro sofá.

— Ei, não saia assim – Gabriel veio até mim quando eu já alcançava a porta. — Você veio de quê?

— Estou com meu carro.

— Eu te levo, depois eu pego um táxi de volta pra cá.

— Não quero atrapalhar, *tu* estás claramente vestido para sair atrás da sua

garota – aponte para ele.

— Você não atrapalha, não vou deixar você sair assim abalada desse jeito – foi até a mesa de centro e apanhou suas chaves e celular. — Vamos – disse voltando até mim colocando o celular no bolso. Assenti, eu não tinha condições alguma de dirigir de volta para casa mesmo. Muito provavelmente bateria no primeiro poste que eu encontrasse por causa da visão embaçada pelas lágrimas que com certeza eu derramaria.



Capítulo 54

Aparências

Mari

Eu estava terminando de coar o café quando meu celular tocou. Tampei a garrafa e fui até a sala atender a chamada. Era a Nice, ela tinha viajado para a Bahia para aproveitar o feriado com a família depois de muito eu insistir. Minha amiga já estava com as passagens compradas, mas queria desistir para ficar comigo, não achei justo que ela ficasse sem visitar sua família para ficar cuidando de mim.

— Olá, maluquinha!

— Como você está Mari? Está fazendo o repouso direitinho?

— Sim, mamãe! – respondi imitando a voz do Quico do Chaves, ela sorriu.

— Pare de se preocupar e vá curtir sua Bahia linda de viver.

— Eu vou, mas quero saber como você está.

— Estou muito bem, é sério.

— Cadê a maluca da Raquel? Deixei você na responsabilidade dela.

— Está dormindo – respondi. Nice havia feito a coitada da Raquel prometer que nem iria sair de casa para tomar conta de mim, um grande exagero. — Nice pare de se preocupar, estamos bem – alisei minha barriga.

— Sabe, você poderia ter ido curtir o ar rural nos braços do anjo, ao invés de ter ficado aí sozinha, né? – suspirei.

Sim eu sabia, mas eu sabia também que apesar da ansiedade, precisávamos de tempo, sem falar que ele contaria para os pais quando estivessem juntos na fazenda, aí que eu não queria ir mesmo.

— Nice, eu sei que você não concorda, mas preciso desse espaço, o Gabriel também. Ele precisa ter certeza do que quer, ainda acho que ele está movido pelo sentimento de paternidade, já disse...

— Eu sei, você que já disse, mas é o anjo, Mari – Interrompeu-me — Ele nunca diria que quer ficar contigo se não quisesse, ele dispensou a Bia, poxa! A mulher que ele dizia amar, só pra ficar contigo.

— Ele não a dispensou de fato, só pediu um tempo.

— Como você é cabeça dura!

— Cabeça dura não, sou pé no chão. Amiga você sabe tudo o que eu passei com o Kay, não quero aquilo pra mim novamente – Nice suspirou.

— Eu sei.

— Então tenha a certeza de que se o Gabriel realmente gosta de mim, não vou hesitar em ficar com ele, mas só quando eu tiver certeza do que é isso o que ele realmente quer.

— Está certo. Bom eu preciso desligar, hoje tem festa na casa de um dos tios, e as festas dele são famosas.

— Vai lá e aproveite.

— Falo contigo de manhã, beijos.

— Beijos, Nice.

Passei o restante do dia de molho no sofá assistindo a filmes e séries. Raquel ficou um tempo comigo me fazendo companhia, fizemos uma maratona. Quando chegou a noite, a convenci a sair um pouco de casa, não havia necessidade de ela ficar tomando conta de mim, ainda mais agora que ela estava ficando com alguém. Eu não iria ficar atrapalhando a garota em pleno domingo.

— Você tem certeza, Mari? A Nice vai me matar se souber que te deixei sozinha.

— Ai que exagero! Já disse que meu irmão vem me visitar, não vou ficar sozinha e depois que ele for embora, vou pra cama.

— Promete ligar se precisar?

— Prometo – ela assentiu.

— O.K. então, eu já vou indo – Eu a acompanhei até a porta.

— Divirta-se – Nós nos abraçamos. Raquel saiu e eu fechei a porta indo para meu quarto. Peguei uma roupa limpa e fui para o banheiro tomar um banho para esperar pelo meu irmão.

Ele havia me ligado e me surpreendeu ao dizer que estava preocupado e que queria me ver, saber onde eu estava vivendo e se eu estava precisando de algo. Fiquei feliz, afinal o Mau era sempre tão *secão*. Eu iria aproveitar a visita e contar a ele sobre a minha gravidez.

Com certeza meu irmão não aceitaria bem, ele detestava os Bastos, sem exceção, tudo porque o Kaiary transou com a namorada dele. É até compreensível sua aversão, porém exagerado, por causa do Kay ele tinha uma

rixa com todo o resto, independentemente de conhecê-los ou não. Mesmo sabendo que ele me reprovava, eu estava decidida a contar, afinal ele era o mais próximo que eu tinha de uma família.



O interfone tocou e eu corri para atender, meu irmão estava meia hora atrasado do horário combinado, e eu estava preocupada de que ele tivesse desistido da nossa conversa. Autorizei a entrada dele e aguardei ansiosa.

A campainha tocou e eu respirei fundo antes de atender. Eu sabia que a conversa não seria fácil, mesmo assim estava feliz por ele estar ali, estava feliz por ele ter me ligado e combinado de ir me ver. Sua atitude me deu esperanças de que nos aproximássemos. Infelizmente minha esperança foi por água abaixo quando abri a porta de dei de cara com ele e com os meus pais.

— Pai? Mãe? – Eu os encarei surpresa antes de voltar minha atenção para o traidor do meu irmão. Ele apenas deu os ombros com indiferença.

Eu era mesmo uma idiota iludida ao acreditar que o motivo da sua visita era somente preocupação.

— Não vai nos convidar para entrar? – minha mãe perguntou espiando dentro do apartamento com uma reprovação estampada nos olhos.

— *C-claro* – Abri mais a porta dando espaço para eles entrarem.

Ela caminhou pela minúscula sala reparando em tudo, meu irmão se jogou no sofá e pegou seu celular e meu pai apenas me encarou mudo com seu olhar de autoridade.

— Eu deveria imaginar que seu interesse repentino em mim não era sobre o meu bem-estar – eu me queixei sentando ao lado do Mau que deu os ombros como se aquilo não fosse nada — Sentem-se por favor – Olhei para meus pais e apontei para o outro sofá. Minha mãe sorriu pela primeira vez desde que chegou e sentou-se, meu pai permaneceu de pé como se ele fosse pegar alguma doença sentando-se no nosso sofá de segunda mão.

— Então é aqui que você está vivendo? – minha mãe começou — Pelo amor de Deus, Mari! Você prefere nos afrontar se enfiando nesse lugar horrível ao invés de voltar para o seu curso, para o seu apartamento...

— Não estou tentando afrontar ninguém, só estou vivendo minha vida e estou feliz aqui como muito tempo não me sentia – Eu a cortei. Meu pai sorriu com ironia.

— Tenho que admitir, você é obstinada, mas pra quê? O que você ganha

com isso?

— Minha liberdade? O direito de escolher o que eu quero pra minha vida? – suspirei tentando controlar a irritação que ameaçava me invadir.

— Isso é capricho! – ele esbravejou.

— Calma meu bem, vamos conversar com calma, por favor – minha mãe interveio — Filha vamos ser sinceros, é isso o que você quer pra sua vida? Viver nessa cidade perigosa, nesse bairro de subúrbio, cantar em bares para bêbados, que sequer estão prestando atenção a quem está no palco? Francamente, eu esperava mais ambição da sua parte, todo mundo quer o melhor pra si e isso – apontou para o cômodo — não é o melhor para ninguém.

— A senhora sabe o que eu sempre quis para a minha vida, fazer música! Independentemente de ter um retorno reconhecido ou não. Se vocês tivessem me apoiado, talvez eu tivesse uma chance, mas não, meus próprios pais foram os primeiros a me virarem as costas! – praticamente gritei inconformada.

Levantei-me já disposta a mandá-los embora.

— Chega dessa rebeldia menina! Ajeite suas coisas que vamos levá-la conosco! Você vai colocar essa sua cabeça de vento no lugar. Você é nossa filha! Nos deve respeito! Nós sabemos o que é melhor pra você e com certeza não é ficar por aí com um violão debaixo do braço. Isso não dá futuro pra ninguém! Lá na frente você ainda irá nos agradecer.

— Estou grávida – Soltei assim, de repente. Não tinha a intenção de contar tão cedo, mas eles não tinham o direito de invadir a minha casa e tentar controlar a minha vida.

Minha mãe levou as mãos ao peito enquanto meu irmão Mau que até então estava em silêncio levantou-se e veio até mim.

— Não me diga que é daquele idiota! Ele não casou? Virou amante é? – Tentei dar um tapa em seu rosto pela ousadia, mas ele foi mais rápido e segurou minha mão.

— *Me* respeita seu drogado idiota!

— Parem já os dois com isso! – meu pai gritou fazendo com que eu e meu irmão nos encolhêssemos. — Grávida? Meu Deus, Mariana quando eu penso que você não tem mais como me decepcionar você vem e me prova que eu estou errado!

— Vamos nos acalmar – minha mãe pediu agoniada. Ela também se aproximou de mim e me entristeci um pouco mais vendo a decepção em seus olhos. — Querida, como você... Meu Deus, o que as pessoas vão dizer?

— É com isso que a senhora está preocupada! – explodi. — Eu passei meses em dificuldade, não tive onde morar, quase sofri abuso, descobri que estou grávida e é com isso que vocês estão preocupados? Quem são vocês? – eu já não conseguia mais controlar minhas lágrimas.

Meus pais estavam ali na minha frente, preocupados apenas com aparências, menosprezando meus sonhos, esmagando meu coração sem dó e nem piedade. As duas pessoas que deveriam me proteger, torcer por mim e me amparar foram as primeiras a me virarem as costas e ainda se achavam no direito de decidirem minha vida.

Para o inferno os dois! Não dava para acreditar naquilo.

— Vão embora! – aponte para a porta.

— Não fale assim com seus pais, mocinha! Chega dessa rebeldia, vá pegar suas coisas e vamos embora, depois a gente resolve o resto!

— Não! Eu não vou! – gritei tão alto que com certeza o prédio vizinho deve ter escutado — Vão embora agora ou irei chamar a polícia!

— Que isso, Mari! – minha mãe me encarou atordoada.

— Eu disse que ela estava ficando irreconhecível – meu irmão se manifestou.

— Vão agora! – girei nos calcanhares e caminhei até o meu quarto fechando a porta com a chave. — Sumam da minha vida! – gritei sentando-me no chão.

Ouvi minha mãe insistir com meu pai e meu irmão para respeitarem meu desejo naquele momento e segundos depois ouvi a porta do meu apartamento bater.

Comecei a chorar compulsivamente tomada por uma dor dilacerante.

— Vocês são meus pais – sussurrei — Vocês deveriam estar ao meu lado...

Tentei me levantar para ir até a cama, mas uma dor aguda no meu ventre me impediu fazendo-me sentar novamente. Levei a mão na barriga e antes que eu pudesse me recuperar da primeira pontada, outra veio ainda mais forte.

— Não, não... por favor, não... – pedi em vão pois as cólicas só aumentaram me deixando apavorada. Senti um líquido quente saindo de dentro de mim e naquele momento eu soube: Eu estava perdendo o meu bebê.

Arrastei-me até a minha penteadeira e peguei meu telefone. Disquei para o Gabriel. Seu celular tocou algumas vezes e depois caiu na caixa postal. Decidi ligar para o apartamento. Depois do segundo toque, uma mulher atendeu.

— Alô? – engoli em seco, parecia ser a voz da Bia. O que ela fazia lá e por que ela estava atendendo o telefone? — Alô?

— O... o Gabriel está aí? – perguntei me esforçando para não demonstrar que eu estava chorando.

— Está, mas não pode atender. Estamos meio que ocupados aqui, quer deixar recado? – Em um impulso desliguei.

Ocupados? Eu não queria ter imaginado que tipo de ocupação os dois estavam tendo, mas foi inevitável, foi então que eu chorei mais ainda. Encolhi-me no cantinho da parede arrasada. Quando eu pensei que nada poderia ser pior do que meus pais fizeram, levo mais duas facadas.

Tentei ligar para a Raquel que não atendeu, só me restou ligar para o Alex, já que seria inútil ligar para a Nice. Para minha sorte ele logo atendeu.

— Oi Mari, tudo bem? – fiquei em silêncio tentando me acalmar para falar — Mari?

— Alex... eu acho... que estou perdendo meu bebê... – falar aquilo em voz alta me fez cair choro novamente.

— Caramba, Mari! Onde você está?

— Em casa.

— Fica calma, estou indo para aí – ele desligou.

Ele poderia ter me pedido qualquer coisa, menos aquilo. Deitei-me no chão e abracei meu próprio corpo. Eu nunca pensei na minha vida que pudesse existir dor pior do que ter um coração partido. Como eu estava enganada.



Capítulo 55

Não É Hora De Marcar Território

Gabriel

— *Tu* não precisas subir até meu apartamento, piá – Bia disse assim que entramos no elevador.

— Eu faço questão – ela assentiu e limpou disfarçadamente uma lágrima.

Suspirei tristemente, estava me sentindo mal por causar dor a ela, mas as coisas só piorariam se insistíssemos em empurrar com a barriga o que era inevitável.

O elevador chegou ao seu andar e saímos de dentro dele em silêncio. Bia alcançou a porta do seu apartamento e a abriu. Encarou-me indecisa se me convidava ou não para entrar. Dei um passo à frente dando a entender que eu entraria, ainda precisava dizer algumas coisas. Ela colocou sua bolsa em cima do sofá e sentou-se encolhendo as pernas e as abraçando.

— Sabe o que mais me dói? – perguntou de repente. Fiz que não me sentando de frente para ela. — O que mais me dói é saber que eu destruí tudo entre nós com minhas próprias mãos.

— Você precisa parar de se martirizar com isso, Bia. Não existem culpados, eu já te disse. Você não pode se culpar por ter tido dúvidas em relação ao que sentia por mim, eu também não posso culpá-la por isso e você não pode culpar a mim ou a Mari também. As coisas simplesmente saíram do nosso controle.

— Mas posso me culpar por ter metido os pés pelas mãos ao ter tido dúvidas. *Tu* és o melhor cara que eu já conheci, eu não estava no meu juízo perfeito quando tive dúvidas com relação a nós – ela suspirou olhando para as mãos.

— O que você precisa fazer é tentar seguir em frente.

— Pra ti é fácil falar, *né?* *Tu* já seguiste em frente com a Mari – ela me encarou — Você a ama, Gabriel?

— Sim – respondi com sinceridade.

— Mais do que já me amou?

— Para com isso – falei me levantando e me sentando ao seu lado.

— Preciso saber – insistiu.

— É completamente diferente... eu e a Mari construímos o sentimento aos poucos, a gente...

— Chega, eu não quero saber – Tapou os ouvidos teatralmente. Sorri e afaguei seus cabelos.

— E você? Já me amou de verdade?

— Que pergunta é essa? Eu te AMO! Não fala isso no passado.

— Será, Bia? Será que é realmente amor isso que você diz sentir? Para pra refletir...

— Pare tu, piá, por favor. Que isso? Vai colocar meus sentimentos em dúvida agora?

— Tudo bem, me desculpe eu não quis menosprezar seus sentimentos.

— *Tu* podes ir agora, eu vou ficar bem – respirei fundo e assenti.

— Certo – Levantei-me e caminhei até a porta, mas retornei novamente — Você pode contar comigo sempre, Bia. Eu tenho um carinho imenso por você.

— Não sei se consigo ser tua amiga agora, Gabriel.

— Eu sei, nem estou pedindo isso, só quero que saiba que sempre estarei aqui por você – Bia meneou a cabeça caminhou até a porta e a abriu, dando nossa conversa por encerrada. Dei-lhe um beijo na cabeça e saí.

Quando já estava alcançando o elevador ela me chamou. Virei-me para ela que correu até a mim e me abraçou. Eu a abracei de volta e afaguei suas costas. Ela afastou-se e me encarou com um sorriso triste.

— Foi a Mari que ligou quando *tu* colocava comida para a cadela. Eu disse a ela que tu estavas ocupado porque eu não queria que ela atrapalhasse a nossa conversa – Engoli em seco, fiquei chateado por sua atitude infantil, mas a admirei por sua sinceridade. — Espero que isso não tenha o prejudicado.

— Não se preocupe com isso – o elevador chegou e eu entrei rapidamente. — A gente se vê.

— Eu espero que não, pelo menos por um tempo – Balancei a cabeça assentindo.

As portas se fecharam e me encostei na parede de aço frustrado. Peguei meu celular no bolso e só então percebi que ele estava descarregado. Não me lembrava de que a bateria estava fraca. O coloquei de volta no bolso e quando as portas do elevador se abriram praticamente corri até a saída do prédio. Andei

alguns quarteirões antes de finalmente conseguir um táxi. Dei o endereço da Mari e encostei minha cabeça no encosto do banco, torci para que ela me entendesse depois que eu lhe explicasse o motivo de a Bia estar no apartamento.

Já na metade do caminho notei que o taxista tinha um carregador plugado no celular dele.

— O senhor poderia me emprestar seu carregador apenas pra eu ver se alguém me ligou?

— Claro – ele respondeu puxando o fio do seu aparelho e me entregando. Coloquei o meu telefone no carregador e quando ele ligou vi que ele tinha mais da metade da carga.

Achei estranho, mas não tive muito tempo para pensar naquilo, pois a notificações começaram a chegar me deixando preocupado. Havia várias ligações e mensagens do Rafa, do Guilherme e da Mari.

Liguei de volta para ela que não me atendeu. Mandeí uma mensagem e ela não visualizou, então liguei para meu irmão. O celular dele chamou até cair na caixa postal.

Caramba, onde estava todo mundo?

Liguei então para meu primo Guilherme.

— Cara onde você se meteu? Está todo mundo doido de procurando – ele disse quando atendeu no primeiro toque.

— Meu celular desligou do nada, o que houve? Aconteceu alguma coisa com a Mari? – perguntei não querendo, mas já pressentindo o pior.

— Gabriel ela está no hospital, é melhor você ir direto para lá – respirei algumas vezes para criar coragem e perguntar.

— Ela está bem? O bebê está bem? – pelo amor de Deus diz que sim, mas ele não disse — Guilherme?

— Vou *te* passar o endereço, *brother*, vai logo pra lá – meu primo desligou.

A mensagem dele com a localização do hospital chegou minutos depois. Era o mesmo hospital que ela havia estado quando teve a hemorragia.

— Mudança de planos, meu amigo – falei para o motorista. Passei o novo endereço para ele e levei as mãos na cabeça desolado. — Vai depressa, por favor!



Eu estava tão angustiado quando entrei na recepção do hospital que não vi

meu irmão e a namorada sentados na sala de espera.

— Boa noite, eu quero informações sobre... — Senti a mão dele no meu ombro — Rafa! O que houve?

— Onde você estava? — perguntou me puxando para o lado — Liguei várias vezes.

— O que houve? — eu já não estava mais conseguindo segurar a emoção — Diz que eles estão bem, por favor!

— A Mari vai ficar bem, cara, mas... ela perdeu o bebê — respondeu segurando meus ombros.

Soltei um suspiro e me desvencilhei dele indo me sentar, pois minhas pernas fraquejaram de repente. Levei as mãos à cabeça desolado, incapaz de acreditar naquilo.

— Eles a levaram para fazer curetagem já tem um tempo, em breve você poderá vê-la — Maju informou.

Meu Deus, aquilo não estava acontecendo. Apoiei o cotovelo na minha perna e levei a mão à boca tentando reprimir o choro, as lágrimas, no entanto começaram a descer livremente pelo meu rosto.

Maju afagou meu ombro repetindo que tudo ficaria bem, tentando de alguma forma me consolar, o que foi totalmente em vão. Eu estava derrotado, miseravelmente me sentindo culpado.

Eu nunca deveria tê-la deixado ir, eu nunca deveria tê-la deixado sozinha. Como eu fui imprudente com a sua situação.

— O que foi aconteceu? — perguntei quando ergui a cabeça, mas meus olhos pousaram sobre o Alex, encostado em uma parede um pouco mais a frente. Não o tinha visto ali. Levantei-me abruptamente e fui até ele, meu irmão foi logo atrás de mim — O que você faz aqui? Você tem alguma coisa a ver com isso? — perguntei pronto para partir pra cima dele.

— Calma, Gabriel — Rafa me segurou pelo braço — Foi ele quem a socorreu.

Ele a socorreu?

— A Mari me ligou depois de tentar falar com você e não conseguir — Alex informou com um olhar acusatório.

Se eu pensava que não tinha como me sentir mais culpado, o fato de ele estar ali por tê-la socorrido no meu lugar tinha acabado de me provar o contrário. Bufei e virei as costas indo em direção ao pátio do hospital.

— Gabriel! – meu irmão me chamou. Ignorei e quando alcancei o pátio me permiti desabar. Chorei descontroladamente não me importando com as pessoas que passavam.

Perdi meu filho. Eu já o amava tanto quanto amava a mãe dele e eu o havia perdido, talvez perdido a mãe dele também.

— Gabriel – Rafa se aproximou cauteloso.

— Foi minha culpa...

— Não foi culpa de ninguém, cara – ele me interrompeu — Foi espontâneo.

— Ela me ligou e eu não pude socorrê-la! – gritei em pleno pátio do hospital.

— Não havia nada que você pudesse fazer, foi uma fatalidade.

— Eu nunca deveria tê-la deixado ir embora lá de casa. Era minha obrigação cuidar dela.

— Não foi sua culpa, pelo que o Alex contou, ela teve um sangramento antes de ligar para ele. Mesmo se ela tivesse te achado e você tivesse ido correndo, não havia o que fazer.

— Não vou me conformar, eu é que deveria estar ao seu lado nessa hora.

— Onde você estava?

— Com a Bia – suspirei encarando o olhar reprovador do meu irmão. — Ela apareceu lá em casa para conversarmos. Eu coloquei um fim definitivo no nosso relacionamento, mas ela ficou muito abalada então me ofereci para levá-la até sua casa. Não tinha percebido que meu celular estava desligado – preferi ocultar a parte de que a Bia atendeu a ligação da Mari e se negou a me chamar, ele já a detestava o suficiente, não precisava de mais um incentivo.

O pensamento, no entanto, me fez desconfiar que talvez a Bia pudesse ter desligado meu celular.

Ela não faria isso? Faria?

— Que bom que você finalmente se livrou daquela lá, na boa cara, o lance de vocês já tinha acabado desde que ela se mandou daquela vez, só você que não queria ver – não respondi. Minha cabeça estava dando nós com as recentes suposições. — Mas enfim, não se culpe porque não havia nada que você pudesse fazer.

— Mas pelo menos seria eu ao seu lado, não aquele idiota!

— Fala sério, *man!* Orgulho ferido agora não.

Não era hora para aquilo, mas não pude evitar, além da culpa, eu ainda

tinha que engolir o fato de que aquele cara que a tinha socorrido. Coisa que eu deveria ter feito.

— Vamos voltar lá pra dentro, está frio aqui fora.

— Não. Encarar os olhares acusadores daquele cara é mais do que eu posso aguentar no momento. Ele pode tê-la socorrido, mas isso não apaga o fato de que ele foi um babaca com ela, e pior, que gosta dela.

— Gabriel não é hora de marcar território...

— Vai você lá pra dentro e quando ela estiver liberada para receber visita, me avisa – Interrompi. Meu irmão bufou assentindo. Ele me deu um abraço rápido e seguiu em direção a entrada do hospital. Eu me sentei em um dos bancos do pátio e fiz a única coisa que eu podia fazer, eu chorei.



Capítulo 56

Não Era Pra Ser

Mari

— Então é isso Mariana, você poderá ir para casa. Procure ficar deitada nessas primeiras vinte e quatro horas, ande ou sente apenas se houver necessidade. Faça o repouso direitinho e depois de três dias você poderá ir voltando a sua vida normal. Se sentir algum desconforto, não hesite em voltar, tudo bem? – o médico sorriu cordialmente antes de se retirar. Dona Bethânia que havia sido avisada por Alex da minha situação, sentou-se na cadeira ao lado do meu leito.

— Oh Marizinha, eu sei o quanto você deve estar arrasada agora, mas vai passar, eu mesma tive dois abortos espontâneos antes de ter a Tati. O importante é que você poderá engravidar novamente sem nenhum problema, quando estiver pronta.

— Eu sei – Sorri apertando sua mão que segurava a minha — Mas não quero pensar nisso tão cedo – funguei limpando uma lágrima teimosa. — Não era pra ser mesmo, estava tudo errado desde o começo.

— Não pense assim, Mari, essas coisas simplesmente acontecem – Raquel disse, balancei a cabeça assentindo. — *Me sinto tão culpada por ter saído.*

— Pois não fique – Ralhei com ela — Não havia o que fazer, como o médico explicou, eu perdi o bebê no momento do sangramento. De qualquer forma o Alex me socorreu – Sorri para ele que estava encostado em silêncio na parede até então. Ergui a mão para ele que veio até mim e a segurou — Obrigada, Alex.

— Não precisa me agradecer, Mari. Eu faria qualquer coisa por você – ele sorriu, mas seu sorriso morreu de repente e sua expressão mudou. Acompanhei seu olhar e avistei o Gabriel parado na porta. Meu coração quase saiu do meu peito.

Maju e Rafa passaram por ele – que parecia ter ficado paralisado – e entraram.

— Como você está, cunhada? – Rafa perguntou se aproximando.

— Vou ficar bem – eu quis corrigi-lo por ter me chamado de cunhada, mas eu estava triste demais para fazê-lo. Maju se juntou a ele e sorriu para mim, retribui o sorriso.

— Bom, vou esperar lá fora até você estar liberada – dona Bethânia disse se levantando.

Ela ofereceu para que eu ficasse na casa dela os dias que eu precisasse ficar de repouso, eu preferia ir para o meu apartamento mesmo, mas assim que vi o Gabriel, mudei de ideia. Eu sabia que ele insistiria para que eu fosse para o seu apartamento, porque não admitiria que eu ficasse sozinha no meu e tudo o que eu não queria era ele por perto.

Observei-o fuzilar o Alex com os olhos quando este passou por ele. Gabriel cumprimentou a Raquel e a dona Bethânia que saíram logo atrás de Alex e entrou. Ele se aproximou e pude perceber seus olhos inchados, por um momento fiquei triste por ele, devia estar tão arrasado quanto eu, infelizmente, minha comoção durou pouco, pois eu me lembrei de que ele não estava comigo e sim com a Bia quando eu mais precisei.

— Vem, Rafa. Vamos deixar os dois conversarem – Maju disse puxando o namorado em direção a porta.

— Estaremos lá fora – seu irmão disse antes de fechar a porta.

Gabriel sentou-se ao meu lado no leito e me abraçou. Não consegui mais bancar a forte e desabei. Abracei-o de volta e chorei em seus braços. Ficamos não sei por quanto tempo imóveis um nos braços do outro chorando nossa perda, até que a posição começou a incomodar, o leito estava levemente inclinado, mas o médico havia dito para eu evitar de me sentar. Desvencilhei do abraço e me encostei novamente. Ele segurou minha mão e ficou a encarando por um bom tempo.

— *Me perdoa, Mari. A culpa é toda minha. Eu nunca deveria tê-la deixado sozinha. Eu nunca deveria ter deixado você ir embora do meu apartamento, eu nunca vou me perdoar por não ter estado contigo quando precisou...*

— Chega, Gabriel, por favor, só pare – funguei. — Estou cansada, física e emocionalmente cansada. Tudo isso é demais para mim, mas não foi culpa de ninguém. Não era pra ser, então por favor, pare de se desculpar.

— Pelo amor de Deus, não fala assim. É claro que era pra ser, pode não ter sido agora, mas ainda é pra ser, Mari. A gente é pra ser – Levei as mãos no meu rosto e tapei olhos teimosos que já choravam novamente — Mari, fala comigo, por favor, não fica assim, Mari? – como não respondi, ele segurou delicadamente meus pulsos e afastou minhas mãos, o encarei com tristeza.

— Não tenho condições de conversar agora, Gabriel. Só quero ir pra casa.

— Tudo bem. Eu vou levar você comigo pro meu apartamento, vou cuidar de você.

— Eu não vou para o seu apartamento, Gabriel.

— Por que não? Lá é melhor, você...

— Vou ficar com a dona Bethânia — Encarou-me surpreso.

— Por que se você pode ficar comigo, Mari?

— Exatamente por isso. Eu não quero ficar com você agora, por favor, respeite.

— Isso não tem cabimento...

— Você não tem mais nenhuma obrigação comigo, Gabriel.

— Que porra é essa? — ele levantou passando as mãos no cabelo visivelmente angustiado.

Eu o machuquei com minhas palavras, eu sabia, mas naquele momento eu só estava me importando comigo mesma, e eu estava ferida. Eu não sabia o que a Bia estava fazendo no apartamento dele, e porque ele só aparecera horas depois de eu ter perdido nosso bebê, mas sinceramente não importava, eu estava cansada.

— Estou cansada, Gabriel. Estou muito cansada, eu só quero poder ficar sozinha, por favor respeite isso.

— Eu sei que você ligou lá para o apartamento — ele disse de repente — A Bia me disse, sei que está magoada, mas eu posso explicar tudo, só me dê uma chance, por favor — pediu, notei o desespero em sua voz, mesmo assim fui irredutível na minha decisão.

— Não quero ouvir nada agora, só preciso descansar.

— Mari eu sei que você está ferida, mas você não pode...

— Não posso o quê? — explodi. — Eu posso o que eu quiser agora! Eu acabei de perder meu filho! Você estava com sua ex quando precisei de você, desculpa Gabriel, mas eu posso sim estar puta da vida contigo, me sentindo traída e arrasada e a única coisa que eu quero agora é que você pare de falar e respeite a minha dor!

Ele me encarou desconcertado. Maju entrou na sala junto com a dona Bethânia. A vi puxar o Gabriel para um canto e conversar com ele.

— Desculpe a gente interromper, mas você não pode se estressar minha filha, você acabou de fazer um procedimento...

— Eu sei, eu sei – a interrompi. — Por favor dona Bethânia, eu só quero ir embora daqui.

— Claro, quer que eu chame o Alex para ajudá-la?

— Não – Gabriel respondeu por mim. — Eu a ajudo. Dona Bethânia assentiu e foi até a cadeira de rodas posicionada no canto do quarto.

Gabriel afastou o lençol que me cobria e Maju foi até a bolsa que Raquel havia trazido para mim com roupas limpas.

— Vou ajudá-la a se vestir – assenti. Olhei para o Gabriel que estava de pé de frente para mim esperando para me colocar na cadeira. Ele me encarou de volta confuso, então suspirou quando entendeu o recado e se afastou virando as costas.

Ele estava cansado de me ver nua, mesmo assim, eu não queria que ele me visse naquele momento.

Maju me ajudou a trocar de roupa e quando fiquei pronta, Gabriel me ajudou a sentar na cadeira, fez questão de empurrá-la até o estacionamento. Quando chegamos próximo ao carro de dona Bethânia, ele se abaixou na minha frente.

— Posso pelo menos ir te visitar? – perguntou com uma carinha tão triste que não resisti e fiz carinho na sua barba.

— Preciso de um tempo pra digerir tudo isso, Gabriel.

— Não me afaste de você – respirei fundo segurando o choro.

— Gabriel, a Mari deve estar exausta, depois vocês conversam, mano – Rafa se aproximou tocando o ombro do irmão. — Qualquer coisa que precisar, conte com a gente viu? – assenti agradecida.

Gabriel levantou-se contrariado, ele segurou minha mão e a beijou. Pegou-me no colo e me colocou cuidadosamente dentro do carro, antes de fechar a porta me deu um beijo demorado na bochecha.

— Te cuida, Mari.

— Te cuida, Gabriel – fechou a porta e se afastou sem olhar para trás seguido pelo Rafa e pela Maju.

— Amanhã passo lá pra te visitar – Raquel disse se aproximando da janela do carro e me entregando minha bolsa. — Atende a Nice, ela já ligou umas quinhentas vezes, está voltando amanhã – entregou-me o meu celular.

— Não tem necessidade de ela interromper a visita a família – queixei-me.

— Então tenta convencê-la porque eu desisti – assenti.

Alex se aproximou e sorriu: — Vou levar sua amiga pra casa, amanhã passo lá na tia pra te ver.

— Obrigada por tudo, Alex.

— Não me agradeça, queria poder ter feito mais.

— Não havia mais nada a ser feito, estou conformada, não se preocupe.

— O Gabriel – pigarreou — Parece ter ficado bastante arrasado também, Mari. Ele também perdeu o filho. Não seja tão dura com ele – meus olhos se encheram de lágrimas, apenas assenti.

Alex e Raquel foram na direção do carro dele e dona Bethânia deu partida em seu carro o colocando em movimento.

Vinte minutos depois eu já estava instalada no quarto da Tati comendo uma sopa de legumes deliciosa. Eu estava muito grata por todo aquele cuidado vindo de pessoas que eu conhecia a tão pouco tempo, mas que já eram mais do que especiais para mim.

— Qualquer coisa que você precisar me grita que venho te ajudar – minha amiga disse — Nem vou trabalhar amanhã para ficar contigo.

— Ai Tati, não quero ficar dando trabalho.

— Relaxa eu vou adorar dar um tempinho daquela lanchonete – Sorrimos.

— Acho que não consigo comer mais – eu disse afastando a bandeja. Tati a pegou do meu colo e a colocou sobre a cômoda. Ela serviu um copo de água e me entregou, tomei alguns goles e o devolvi.

— Quer ajuda para ir ao banheiro?

— Não, obrigada. Já coloquei um absorvente limpo e os dentes podem esperar até amanhã. Eu só quero descansar.

— Certo, então. Descansa. – Tati me deu um beijo na testa e saiu do quarto levando a bandeja. Ela voltou instantes depois e apagou a luz.

Meu telefone tocou em cima da cama e meu primeiro pensamento foi o de não atender, mas movida pela curiosidade o peguei pensando que era o Gabriel, não era ele e sim meu irmão.

O que ele queria?

Ignorei a chamada, mas antes que eu pudesse voltar o telefone para o lugar ele tocou novamente em minhas mãos.

Será que o Mau tinha ficado sabendo do aborto, por isso estava ligando? Eu achava meio difícil, mas resolvi atender.

— O que você quer? – fui curta e grossa.

— Quer parar de ser infantil, Mari? Até quando você vai ser assim tão inconstante?

— Eu confiei em você – resmunguei quase em um sussurro.

— Deveria confiar direito e me ouvir, você ficou louca? Ficar grávida daquele lá?

— Se o problema é esse pode ficar despreocupado seu idiota! Eu perdi o bebê! – desliguei na cara dele.

Nem me dei ao trabalho de explicar, nem de esclarecer que o filho não era do Kaiary e sim do Gabriel. Eu estava cansada de as pessoas me tratarem mal, com desprezo e me pisarem. Ninguém mais pisaria em mim, ou me magoaria novamente, eu não iria permitir.

Aconcheguei-me no edredom fofinho da Tati e fechei meus olhos, infelizmente o sono não veio e sim as lágrimas, muitas delas.



Capítulo 57

Não É O Fim Do Mundo

Gabriel

Abri a porta do apartamento e fui direto para a cozinha. Ouvi a Maju dizer ao Rafa que seria melhor que ele ficasse comigo ao invés de ir para o apartamento dela. Não ouvi a resposta do meu irmão, mas deduzi que ele concordou, pois quando me virei com as várias latinhas de cerveja que eu tinha pegado na geladeira, minha cunhada tinha ido embora e ele se encontrava encostado no balcão.

Ignorei seu olhar e tentei passar por ele para ir em direção ao quarto do Kaiary que provisoriamente ainda era o meu, no entanto, fui impedido por sua mão que segurou forte o meu braço.

— Se você quer encher a cara, faça isso como homem – disse tirando as latinhas de cerveja das minhas mãos.

Ele foi até a geladeira e as colocou de volta nela. Cruzei os braços e o observei abrir o armário de cima da pia e retirar de lá seu *Remi Martin* ainda lacrado. Pegou dois copos em cima da pia e apontou com a cabeça na direção dos quartos. Virei-me de costas e fui para o quarto. Abri a varanda e respirei fundo o ar frio da noite.

Rafa surgiu logo atrás de mim, ele puxou a pequena mesinha do conjunto de mesa e cadeiras de vime e depositou os copos sobre ela, abriu a garrafa e nos serviu duas generosas doses.

Sentei-me no chão e virei o copo bebendo tudo de uma vez. Meu irmão ficou me encarando inconformado por eu não ter “saboreado” sua preciosidade direito, mas não liguei, gesticulei o copo na sua direção para que ele o abastecesse novamente.

Depois da segunda dose, acendi um cigarro e encarei o nada. Rafa que estava sentado na cadeira com seu copo na mão e pernas sobre a mesa, compartilhava do meu silêncio pacientemente esperando pelo momento que eu dissesse algo, mas eu não disse, não consegui, um bolo havia se formado na minha garganta e de alguma forma estava dificultando minha respiração e como

se eu já não estivesse me sentindo um lixo humano, comecei a chorar de novo, patético!

Limpei as lágrimas teimosas e me aproximei da mesa para servir mais uma dose, feito isso, encarei o líquido âmbar no copo por alguns instantes antes de mandá-lo garganta abaixo.

— Ela deve estar me odiando – eu disse por fim.

— Não acredito nisso, no máximo está decepcionada, ferida até, mas ela não te odeia.

— Devo me sentir melhor? Não sei o que é pior, sentir o ódio ou decepção vindo dela.

— Você não é perfeito, *man*. Você faz cagadas como todo resto de nós, então relaxa, não é o fim do mundo – Revirei os olhos.

— Rafa você está se esquecendo da gravidade da situação, não tivemos uma briguinha boba de namorados, ela perdeu nosso filho e eu estava ausente.

— Mesmo assim, você não teve culpa, ela precisa reconhecer isso, dê tempo a ela.

— Você falando parece tão fácil – Sorrio com ironia.

— Fácil não é cara, mas não é difícil também, essas coisas acontecem, o que vocês dois precisam definir agora é como será daqui pra frente.

— Vou procurá-la amanhã, preciso dizer a ela que estarei ao seu lado para ajudá-la a superar, também preciso que ela esteja ao meu lado.

— Ela vai superar, Gabriel, vocês vão. Pelo que a garota que mora com a Mari e a Nice disse à Maju, a Mari poderá ser mãe no futuro sem problemas. Está doendo agora, mas vai passar.

— Droga! *Me* sinto tão culpado! – queixei-me. Meu irmão não disse nada, deve ter compreendido de que de nada adiantaria.

Eu me sentia sim um culpado idiota. Era eu quem deveria estar ao seu lado, eu é quem deveria ter segurado sua mão e a confortado, dizendo que as coisas ficariam bem, não aquele cara. Eu nunca deveria ter deixado a Bia subir, eu deveria tê-la dispensado e ido atrás da minha garota confessar todos os meus sentimentos, mas ao invés disso, fui confortar outra, a que indiretamente tinha colocado a todos nós naquela situação.

Eu sei que eu não deveria transferir a culpa para a Bia, mas naquele momento, anuviado pela bebida e me sentindo flagelado, eu só queria culpar alguém além de mim. Então eu culpei a todos, começando por mim, eu culpei a

Bia por ter aparecido, desligado meu celular e mentido para a Mari que eu estava ocupado, eu culpei a Nice e a Raquel por não estarem com ela, eu culpei o idiota de Alex e eu culpei até mesmo o taxista que me levou até, ah e eu culpei a Terra também, por continuar a girar seguindo seu curso.

Um tempo depois, meu irmão entrou me deixando só com a minha dor e culpa, claro que antes disso ele fez inúmeras recomendações para eu devolver a garrafa de uísque ao armário com líquido ainda dentro dela. Como se eu tivesse estômago para beber mais do que já tinha bebido, eu queria ficar entorpecido, não entrar em coma alcoólico.

Não guardei a garrafa naquele momento, quando a madrugada se aproximou e o frio intensificou, entrei no quarto e cai na cama. Apenas empurrei meus tênis para fora dos meus pés antes de apagar.

Ao contrário do que eu imaginei, eu não acordei de ressaca, apenas triste. Notei que a porta da varanda estava aberta, as luzes do quarto acesas e a garrafa de uísque permanecia no mesmo lugar que eu havia deixado.

Fui até o banheiro e tomei um banho quente e demorado. De volta ao quarto, vesti a primeira roupa limpa que encontrei. Fui até a varanda e peguei a garrafa e os copos, fechando a porta e apagando as luzes em seguida.

Na cozinha, encontrei café pronto e deduzi que deveria ter sido meu primo Guilherme que havia feito, era dia de ele ir para a faculdade bem cedo. Majuzinha entrou na cozinha e pulou nas minhas pernas em busca de carinho. Não a vi ontem quando chegamos, provavelmente estava no quarto do Guilherme.

— Oi, menina – fiz carinho na sua cabeça, antes de ir até a dispensa colocar sua ração na sua vasilha. Tomei minha caneca de café e apanhei minhas chaves. No corredor liguei para o Gustavo para avisá-lo de que eu não iria para o trabalho, para ele segurar as pontas por mim.

— Pode ficar tranquilo, Gabriel, vou cuidar de tudo – ele pausou antes de prosseguir — Cara eu sinto muito pelo seu bebê.

— Foi uma fatalidade, bom eu preciso ir, qualquer coisa liga para o Rafa – falei cortando o assunto. Eu não queria ficar ouvindo condolências, aquilo doía pra caralho.

Acabei de desligar a ligação e meu telefone tocou novamente, era minha mãe. Com certeza ela já estava sabendo que a Mari havia perdido nosso bebê. Preferi ignorar, eu não estava em condições de falar sobre o que acontecera, eu não queria ficar emotivo, tinha outras prioridades, ir até a Mari e me explicar, implorar se fosse preciso para que ela me perdoasse.



Pedi ao porteiro do prédio de dona Bethânia que avisasse que eu estava ali para ver a Mari e encostei na parede. Minutos depois, Nice foi quem apareceu na portaria. Suspirei frustrado, ela estar ali e não a Mari só poderia significar uma coisa: A Mari não queria me ver.

Nice sorriu sem jeito e pediu ao porteiro para liberar a entrada, mas não foi para que eu entrasse e sim para que ela saísse.

— Ela não quer me ver, *né*?

— Não é isso, anjo. A Mari está descansando, você sabe que ela não pode se estressar. Se vocês conversarem agora é só o que vai acontecer, não está sendo fácil para ela...

— Não está fácil para mim também, Nice! Também perdi meu filho! – Bufeí indignado.

— Eu sei, anjo. Eu sinto muito por tudo isso.

— Eu só quero poder explicar o motivo de eu estar com a Bia, do motivo de eu não ter atendido o celular. Ela deve estar pensando uma porção de coisas que não tem nada a ver. Eu não sou esse tipo de cara.

— A gente sabe, Gabriel e a Mari te conhece, mas tenta entender o lado dela. Olha, eu não deveria dizer isso a você, mas tenho certeza que ela está com medo.

— Medo?

— Sim, anjo. O bebê era o que ligava vocês e agora que ela não está mais grávida...

— Está com medo de que eu corra para a Bia? – Nice não respondeu, mas não foi preciso. — Se a Mari pensa isso de mim, ela realmente não me conhece. Bom, eu não vou insistir pra falar com ela aqui, mas ela não vai poder ficar se escondendo, precisamos conversar, ela precisa me ouvir.

— Eu sei.

— Eu já vou indo, obrigado por descer aqui e falar comigo – dei um beijo em sua testa e quando já me afastava, ela me chamou.

— Gabriel? – parei e virei-me novamente na sua direção — Você gosta mesmo da minha amiga?

— Eu a amo. É o que estou tentando dizer a ela – Nice sorriu assentindo.

— Eu vou te ajudar. Amanhã ela volta para o apartamento, aparece lá, vou

deixar você subir.

— Obrigado — Acenei e fui embora.



Capítulo 58

Pelos Velhos Tempos

Bia

Acordei com o barulho do meu celular tocando, pensei em ignorar, eu tinha passado a noite toda em claro chorando como uma miserável e só havia conseguido dormir depois das cinco da manhã. Rolei para o lado e coloquei o travesseiro sobre meu rosto. O telefone parou de tocar e suspirei aliviada. Aconcheguei-me novamente ao meu edredom, no entanto, o sono me deu adeus definitivamente.

Bufei desanimada e me levantei indo em direção a cozinha. Liguei minha cafeteira e adicionei a água e o pó. Encostei-me no balcão e mesmo sem que eu quisesse as palavras do Gabriel dançaram na minha cabeça.

Como ele tivera coragem de perguntar se eu havia o amado de verdade? É claro que eu tinha e eu ainda o amava e o que mais me doía, no entanto era que ele realmente amava a Mari.

Eu poderia lutar contra qualquer sentimento, raiva, desprezo, mágoa, mas tinha chegado à conclusão que seria impossível lutar contra o amor que ele dizia sentir por ela. Até ontem, antes de conversarmos, eu ainda acreditava que ele pudesse estar confuso por causa da gravidez, mas depois que conversamos, depois que vi a sinceridade em suas palavras, depois que vi o brilho nos seus olhos ao falar dela, o fato de ele ter chegado até a duvidar que eu não o amasse realmente, não me deixou dúvidas. Eu tinha perdido aquela batalha.

Estava na hora de tirar o meu time de campo e, com a dignidade que ainda me restava.

Eu seria hipócrita se dissesse que desejaria que eles fossem felizes, mas quem sabe no futuro eu pudesse simplesmente estar feliz por ele estar feliz? O Gabriel era o cara mais incrível que eu conhecia, ele merecia toda a felicidade do mundo, *ai daquela sonsa se não cumprisse direitinho seu papel.* Ela teria que se ver comigo.

O café ficou pronto e eu adicionei algumas colheres de açúcar na caneca antes de despejar o líquido fumegante em cima, neste momento, meu celular

tocou novamente. Arrastei-me até o sofá e o peguei de dentro da minha bolsa.

Era Angel, minha prima.

— Alô?

— Finalmente resolveu me atender, *né?* – eu estava dando um gelo nela, mas naquele momento, tudo que eu precisava era de um ombro amigo, no caso, um ouvido amigo.

Sentei-me no sofá.

— É que eu estou na *bad* e tu és a minha única amiga de verdade, guria.

— Então você já soube?

— Soube do quê?

— Que a Mari perdeu o bebê.

Ai caramba!

— O que *tu* estás dizendo, prima?

— É Bia, a Mari perdeu o bebê ontem e ninguém conseguia falar com o Gabriel, ele estava com você, *né?*

Aquela notícia caiu como uma bomba no meu colo fazendo com que meus pensamentos voltassem para o ontem, exatamente para o momento em que ela havia ligado para ele e eu desliguei o celular e depois a dispensei no telefone.

— Ai meu Deus, prima! – exclamei com a voz embargada — Ontem quando eu estive na casa do Gabriel, a Mari ligou pra lá. Eu que atendi, falei que ele estava ocupado e depois eu disse a ele que não era ninguém no telefone.

— Bia o que você fez, garota?

Será que ela perdeu o bebê por minha culpa? Eu não iria me perdoar por isso.

— Prima, quando é que você vai parar de agir sem pensar?

— Ele deve estar me odiando, o Gabriel deve estar me odiando e logo agora que eu aceitei. Ai meu Deus! – Comecei a chorar de soluçar.

— Calma, prima, olha, apesar dessa sua atitude sem noção, quando ela ligou para o Gabriel, já tinha perdido o bebê. Ele não poderia ter feito nada, de qualquer forma.

— Mesmo assim – suspirei tomando coragem para contar sobre o celular — Ela ligou no celular dele antes, prima. Eu o desliguei!

— Por isso ninguém conseguia falar com ele – Angel suspirou do outro lado — Ai Bia, por que você só faz merda?

— Estou muito arrependida, por favor, prima acredite em mim. Eu posso ser egoísta, só pensar no meu próprio umbigo, mas eu nunca faria algo assim de propósito. *Tu* tens que acreditar! Não passou pela minha cabeça, embora a gravidez dela inspirasse cuidados, que a ligação fosse por algo grave. Eu só pensei que ela estava ligando porque eles tinham marcado de se encontrarem. O Gabriel estava até de saída quando cheguei lá. Eu só menti para ela porquê da outra vez que estávamos juntos, ela ligou e atrapalhou. Eu sei que fui infantil e idiota, mas eu estava morta de ciúme dela, mas foi só isso – Respirei fundo antes de continuar — Depois que conversamos e ele me levou em casa, eu disse a ele que era a Mari ao telefone. Nunca na minha vida eu poderia imaginar algo assim.

— Agora já está feito – Angel suspirou do outro lado. — Eu acredito em você, prima, mas pelo amor de Deus, você precisa crescer, definitivamente. Você só mete os pés pelas mãos. Eu entendo que você queira se colocar na frente dos outros, isso não é errado, mas não em cima, Bia! Por favor, começa a enxergar o mundo a sua volta.

Em outra circunstância eu já teria desligado o telefone da cara dela, mas ela tinha toda razão.

E se dependesse exclusivamente do Gabriel para que a Mari não perdesse o bebê, essa culpa estaria sobre os meus ombros, já estava de certa forma. Se ele tivesse sido informado, poderia ter corrido até ela e dado pelo menos apoio emocional e caramba eu ainda nem tinha pensado em como ele deveria estar arrasado, afinal o bebê era dele também.

— Bia? – Angel chamou minha atenção.

— Vou seguir seu conselho, prima. Preciso desligar, vou procurar por ele e tentar me desculpar.

— Eu não te aconselho fazer isso agora, prima. Ele pode estar de cabeça cheia...

— Eu não consigo esperar. A gente se fala.

Desliguei e corri para o banheiro, escovei meus dentes, vesti uma roupa qualquer, apanhei minha bolsa e saí de casa com destino ao *apê* do Gabriel.



De acordo com o porteiro, nenhum dos meninos estavam em casa. Fiquei aguardando um tempo dentro do meu carro estacionado próximo à entrada da garagem, pois eu acreditava que mesmo quando ele chegasse, não me receberia.

Liguei para o restaurante e me informaram que ele não havia aparecido para

trabalhar, deveria estar com a Mari. Forcei-me a não ficar triste por isso, se eles estavam juntos era porque estava tudo bem entre eles, *né?*

Fiquei fuçando minhas redes sociais até avistá-lo parado no semáforo da esquina. Abri a porta do carro correndo e alcancei o portão da garagem ao mesmo tempo em que ele.

Gabriel estava de capacete, mesmo assim vi a descrença em seus olhos ao me ao ver ali. Tudo bem, eu mereci sua frieza.

Ele tirou o capacete e sem me encarar pediu para eu sair da frente do portão.

— Gabriel, por favor me ouça – pedi me aproximando.

— Não quero conversar, dá licença – respondeu com rispidez.

— Por favor, estou implorando. Eu sei que *tu* deves estar me odiando, mas por favor, converse comigo! – Implorei. Ele sorriu com deboche.

— Não se julgue tão importante, não tenho tempo para ficar acumulando ódio, preciso consertar a merda que você fez! – Alterou a voz na última frase.

— Eu sinto muito...

— Sente? – interrompeu-me. Gabriel desceu da moto e a empurrou para tirá-la da frente da garagem. Ele caminhou com um olhar ameaçador na minha direção — Vou confessar que esse seu esforço para me fazer te odiar me surpreende às vezes. Parece que é seu objetivo de vida. Vai embora, você já causou problemas demais.

— Eu juro por Deus Gabriel, que eu nunca tive intenção de prejudicar a Mari, sequer passou pela minha cabeça que fosse algo tão grave. Eu nunca mentiria para ela se eu soubesse o real motivo da ligação. Eu te disse depois que ela havia ligado.

— Você desligou meu celular! – gritou exasperado chamando a atenção das pessoas que passavam na calçada. Arregalei os olhos surpresa — O quê? Vai negar?

— Não – suspirei. — Não vou negar e me sinto péssima por isso, eu não tive intenção de prejudicar ninguém, eu juro. Só queria poder conversar contigo e decidir minha vida de uma vez.

— É sempre sobre você, não é? Pois no que depender de mim, sua vida está muito bem resolvida! Comigo fora dela, agora vai embora!

— Eu aceitei que *tu* não fará parte dela e se tu quiseses eu falo com a Mari e explico tudo, que eu te enganei... – ele se aproximou de repente e agarrou meu

braço.

— Não ouse chegar perto dela, está me ouvindo?! Fica fora disso! Fica fora das nossas vidas! Nos deixe em paz! Você destruiu qualquer chance de convivência entre nós, garota, vai embora, some da minha vida! – largou meu braço bruscamente e se afastou em direção a moto.

Gabriel abriu o portão para entrar com a moto, mas eu não fui embora, não iria embora, ele precisava acreditar em mim, eu não era um ser cruel como ele estava me pintando. Eu estava realmente arrependida.

Quando ele deu partida na moto e entrou sem ao menos olhar na minha direção, fiz menção de entrar junto, mas fui impedida por uma mão que agarrou forte meu braço.

Virei-me e dei de cara com o Rafa. Ele só soltou o meu braço quando o portão se fechou.

Enxuguei meus olhos e sai em direção ao meu carro, não iria ouvir nada que viesse dele, já tinha ouvido coisas dolorosas demais do Gabriel. Quando cheguei próximo ao meu carro, notei que ele me seguia, tentei abrir a porta depressa, mas como estava tremendo de tão nervosa, ela me alcançou primeiro.

Vire-me para ele e cruzei meus braços enfrentando seu olhar, fiquei surpresa por não ver raiva e nem descrença como vi nos olhos do seu irmão.

— A novata me ligou dizendo que você apareceria.

— Eu só queria me explicar – respondi limpando minhas lágrimas. — Eu não sou esse monstro que teu irmão me pintou.

— Ele está magoado, dá um desconto, Bia. Você já aprontou muito. Meu irmão foi maleável até demais contigo.

— Eu não tive a intenção de prejudicar a Mari, nem a relação deles quando não passei a ligação. Eu fui imprudente e não pensei nas consequências do meu ato, mas foi só isso, Rafa!

— Só isso? – sorriu com ironia. — Você nunca pensa antes de agir, garota, e sempre dá merda. Vou te jogar a real, meu irmão ama aquela garota e a culpa disso é sua, então coloca o rabinho entre as pernas e tira seu time de campo, estou falando como amigo. Não é porque ela perdeu o filho que ele está livre pra você, ele a ama.

— *Tu* podes não acreditar, Rafa, mas nem eu quero isso. Espero de coração que fique tudo bem entre os dois – ele estreitou o olhar — Estou falando sério!

— Então deixa quieto, eles vão se resolver – apenas assenti. Rafa se afastou e eu entrei no meu carro. Abaixei o vidro e o encarei.

— Obrigada.

— Pelos velhos tempos – ele respondeu indicando a rua em um gesto. Dei partida no meu carro e arranquei sem olhar para trás, mas parei alguns quarteirões depois, eu estava muito nervosa para dirigir até a Barra.

Peguei meu celular na bolsa e liguei para minha mãe. Eu só queria sumir daquilo tudo.

— Bah, guria! Que saudade! – minha mãe atendeu animada. Caí no choro ao ouvir sua voz. — O que aconteceu contigo, Beatriz?

— Ai mãe... eu sou uma idiota!

— Tu não és idiota. *Me* conte o que aconteceu?

— *P-perdi* o Gabriel... para *s-sempre* – respondi entre os soluços. Eu já havia o perdido há um tempo, mas a constatação de fato, só veio de verdade depois de ouvir suas duras palavras — Mãe eu posso ir pra casa?

Não consegui pensar em mais nada naquele momento que não fosse no colo de minha mãe e na paz que só minha casa no sul poderia me fornecer

— Que pergunta? Claro que pode.

— Vou providenciar tudo aqui e parto amanhã, conversamos quando eu chegar, *tá?*

— Só me avise o horário de tua chegada que irei te buscar.

— O.K. Eu te amo mãe – Desliguei e coloquei meu carro em movimento decidida. Eu deixaria o Rio e com ele o Gabriel, de uma vez por todas.



Capítulo 59

Autossabotar

Mari

— Prontinho! – Nice exclamou fechando a porta do nosso apartamento — Lar doce lar – Sorri me sentando com cuidado no sofá. Ela veio até mim, sentou ao meu lado e me abraçou.

— Obrigada por ser essa amiga maravilhosa e mil desculpas por ter feito você interromper seu passeio – eu disse abraçada a ela.

— Mari você tem que parar com essa sua mania de pedir desculpa, ouviu – ela respondeu me encarando — Isso irrita, sabia?

— Descul... O.K. – caímos na risada.

— Como se sente?

— Arrasada, mas... conformada, eu disse que estava com um pressentimento...

— Credo, Mari! Não era pressentimento, era medo, o que é normal.

— Eu sei, mas estou conformada porque estive errado desde o início. Começou com a imprudência de transar sem proteção, o pai que não era meu namorado, logo em seguida veio o hematoma... eu confesso que não tinha muitas esperanças que vingasse, não ousei dizer isso em voz alta, mas é a verdade.

— Até entendo, menos a parte de você incluir o Gabriel aí nessa sua lista de erros. Ele não poderia ser o cara mais certo pra você.

— Pena que ele não pensa assim, né?

— Para de ser cabeça dura, Mari! Só você não enxerga que está louco por você...

— Sim, mas foi só a Bia aparecer que ele esqueceu do mundo.

— Você tem que concordar que não tinha como ele saber, né?

— Claro que eu sei disso, não estou culpando-o por não ter me socorrido, mas isso não apaga o fato de que ele estava com ela e só apareceu várias horas depois.

— Mesmo assim eu acho que ele tem uma boa justificativa, e você só vai saber quando deixá-lo se explicar. Só assim vocês irão se entender, de uma vez por todas.

— Até quando, Nice? Até ela monopolizar a atenção dele de novo e ele se esquecer de todo o resto? Eu não estou mais grávida amiga, ele está livre para voltar com ela, quanto tempo acha que vai demorar para isso acontecer?

— Você está se esquecendo de que ele disse que é contigo que ele quer ficar e que vai provar?

— Eu não quero arriscar. Eu o amo demais para ser largada novamente por ele. Isso vai acabar comigo.

— Então o que você irá fazer?

— Não sei.

— Vocês precisam conversar, ele não vai aceitar assim tão fácil.

— Vou conversar com ele, mas não agora. Minhas emoções estão à flor da pele, posso acabar falando algo que eu posso me arrepender, não quero magoá-lo, está uma bagunça enorme aqui dentro – coloquei a mão sobre meu coração.

— Eu te entendo.

— Bom eu vou tomar um banho e dormir amiga – Olhei no relógio, ainda nem eram dezenove horas, mas eu me sentia cansada, tanto física quanto emocionalmente.

— Mas já? Nem comemos nada, espera que vou pedir algo pra gente. Vai e toma seu banho enquanto isso – ela disse apressadamente.

— Não estou com fome, Nice. Fiz um lanche na casa da dona Bethânia. Vou tentar descansar, amanhã é um novo dia e eu espero estar mais forte para começar a correr atrás do prejuízo.

— Tudo bem – Nice concordou me dando um beijo na bochecha — Amanhã é outro dia – Repetiu minhas palavras.

Deixei-a na sala e fui para o meu quarto. Peguei meu pijama, minha toalha e fui para o banho. Quando retornei ao quarto, Raquel que havia chegado, foi até mim para saber se eu estava bem. Conversamos um pouquinho, ela me pediu desculpas pela milésima vez e eu disse a ela, também pela milésima vez, que ela não tinha que me pedir desculpas. Falamos um pouquinho sobre o Alex e pude perceber um interesse sutil em suas perguntas. Ela tentou ser discreta, mas não adiantou. Fiz uma ótima propaganda do meu amigo, é claro. Se rolassem alguma coisa entre os dois eu ficaria muito contente. Eu adorava o Alex e torcia para que ele encontrasse uma garota bacana. Ela bem que poderia ser essa garota e pelo

brilho que eu estava vendo em seus olhos ao perguntar sobre o meu amigo, o *rolinho* dela com o cara que ela havia saído na noite em que perdi meu bebê não iria adiante.

Um tempo depois, nos despedimos. Raquel foi para o seu quarto e eu finalmente pude descansar. O sono veio rápido, porém carregados de pesadelos.



Acordei com um barulho vindo do apartamento ao lado do meu, espreguicei-me e me estiquei para pegar meu celular e conferir as horas. Oito da manhã, aff!

Os barulhos se intensificaram e para variar, as batidas na parede começaram.

— Hora de levantar, Mari!

Joguei a coberta para o lado e sentei ereta me espreguiçando. Saí da cama e fui me arrastando até o banheiro. Fiz minha higiene matinal e voltei no quarto para prender meus cabelos que pareciam mais rebeldes do que o normal.

Encontrei minhas amigas na sala tomando café da manhã e estranhei os trajes de academia.

— Que novidade é essa? – aponte para suas roupas. — Eu fico fora por algumas semanas e a duas já me excluíram, é? Vocês estão malhando juntas? – pergunto me sentando a mesa. As duas se entreolharam desconfiadas.

— Claro que a gente não te excluiu de nada – Raquel justificou — Só vamos caminhar, estávamos conversando outro dia e chegamos à conclusão de que estamos muito sedentárias, por isso vamos começar a nos exercitar. Primeiro com caminhadas, depois a gente vai ver uma academia. Você pode vir com a gente quando estiver cem por cento, não é Nice?

— Claro que sim! – Nice respondeu se levantando — Falando nisso estamos atrasadas, vamos logo Raquel!

— Nossa pra que essa pressa? – perguntei colocando café na caneca.

— Vamos logo antes que ela perca a coragem – Raquel respondeu sorrindo.

— Engraçadinha. Marizinha a gente já volta, O.K.?

— O.K. tentem se divertir.

As duas concordaram e saíram apressadas. Não entendi o porquê de toda aquela pressa para sair logo de casa, não até minha campainha tocar minutos depois de elas deixarem o apartamento.

Estranhei o porteiro não ter avisado, então deduzi que seria algum vizinho querendo algo emprestado. Olhei para minha camiseta, que apesar de parecer um vestido, era única roupa que eu vestia, além da calcinha.

A campainha tocou novamente. Fui até a porta na ponta dos pés e olhei pelo olho mágico. Meu coração disparou ao ver a pessoa do lado de fora.

Gabriel.

— Mari? – chamou-me dando algumas batidinhas na porta.

Mordi os lábios, indecisa se abria a porta ou se fingia que não estava em casa, mas é claro que ele sabia que eu estava. Agora eu entendia o motivo do recente interesse das meninas pelo cuidado com o corpo. Elas queriam me deixar sozinha para que pudéssemos conversar.

— Mari abri a porta, por favor. Vamos conversar.

Afastei-me alguns centímetros e encarei a porta. Eu não estava pronta para ter aquela conversa, eu havia dito aquilo para a Nice, não entendia o motivo de ela ter se bandeado para o lado do Gabriel. Na verdade, eu entendia sim e muito, afinal como ela mesma dizia, era o Gabriel.

— Não faz isso, princesa. Eu sei que você está aí e sei também que a porta está destrancada. Não me faça abri-la sem o seu consentimento.

Bandeado não, Nice tinha oficialmente se aliado ao Gabriel. Eu acharia graça se não estivesse com meu coração prestes a saltar da minha boca. Respirei fundo e abri a porta. Ele sorriu daquele jeito lindo, com aquela carinha que tem o dom de me fazer mudar de ideia, mas não naquele momento, por isso não sorri de volta.

— Oi, Gabriel – ele simplesmente entrou, fechou a porta e me puxou para ele. Seus braços me envolveram e seu perfume tão delicioso me anuviou com alguns instantes. O abracei de volta em um gesto de conforto, sabia que ele também estava sofrendo pela perda do bebê.

Ficamos abraçados apenas por alguns segundos, mas que para mim pareceram horas. Quando ele segurou meu rosto e me encarou, tinha lágrimas nos olhos. Perdi alguns segundos admirando seu lindo rosto, amava aqueles olhos tão doces, aquela barba tão sexy e naquele dia em especial ele parecia ainda mais jovem usando um boné virado para trás.

— Eu sinto muito, por tudo. Eu estou me sentindo impotente por não ter estado ao seu lado quando você precisou, você tem todo o direito do mundo de estar magoada, Mari, mas... – disse me trazendo de volta a razão — O que aconteceu, embora tenha sido uma fatalidade, não muda nada.

— Muda tudo – Finalmente recuperei o controle e me afastei. Ele me encarou desolado.

— Não faz isso.

— Estou dizendo o óbvio.

— Não está. Eu não tinha como saber o que estava se passando contigo. Quando você ligou lá para o apartamento, eu estava cuidando da Majuzinha então gritei para a Bia que estava na sala para atender, foi errado eu sei, ela não pertence mais àquele lugar, mão não vi problema em deixá-la atender o telefone...

— Gabriel, por favor... Isso não vem ao caso...

— Não! você precisa me ouvir, Mari! – ele se aproximou novamente e segurou minha mão. — Quando ela apareceu eu estava pronto pra vir te ver, mas como você tinha pedido pra eu resolver as minhas pendências primeiro, eu aproveitei que ela já estava ali e a deixei subir. A ideia era acabar com o que quer ainda restasse entre nós, para estar livre pra você e eu fiz isso, mas a Bia ficou muito desolada e por consideração eu decidi levá-la até a casa dela, de lá eu viria direto pra cá.

— Eu liguei no seu celular antes.

Ele engoliu em seco.

— Meu celular também estava na sala quando você ligou. A Bia viu e desligou o aparelho. Só fui perceber no táxi que ele não havia descarregado – o encarei perplexa. Ela tinha jogado baixo. Estava finalmente mostrando quem era. Uma egoísta.

— Meu irmão apareceu aqui em casa naquele dia. Ele tinha me ligado dizendo que queria me ver – eu disse caminhando até o sofá. Gabriel me acompanhou e nos sentamos lado a lado — Eu fiquei feliz, sabe. Pensei que ele estava vindo me ver porque sentia minha falta, que apesar das nossas divergências de opiniões, éramos irmãos. Mas ele me enganou, trouxe meus pais sem me consultar – Gabriel segurou novamente minha mão. — Começamos uma discussão por causa das minhas escolhas e no calor da emoção eu contei sobre a gravidez. Os ânimos se exaltaram e a confusão terminou quando eu os expulsei daqui. Assim que eles saíram, as dores começaram, nem deu tempo de eu chegar ao telefone. Comecei a sangrar do nada. Mesmo se tivesse alguém aqui comigo, não havia nada a ser feito – suspirei tristemente.

— Eu sinto muito pelos seus pais. Se eu tivesse vindo pra cá teria impedido essa confusão. *Me* sinto ainda pior agora.

— Não sinta, Gabriel. Não era pra ser, eu já te disse.

— Para de dizer isso! – ele elevou um pouco o tom de voz. — O que aconteceu foi uma fatalidade, mas não muda o fato de que a gente se gosta e quer ficar juntos.

— Será Gabriel? – Levantei-me e o encarei cruzando os braços.

— Que pergunta é essa? – perguntou se levantando também.

— Sei lá, agora que não temos mais essa ligação, você está livre, pode voltar com ela...

— Nem termina a frase – interrompeu-me secamente. — Eu estou aqui. Estou dizendo olhando nos seus olhos que é contigo que eu quero ficar.

— Até quando? – perguntei exasperada. — Até ela aparecer e precisar da sua “consideração?” – fiz aspas. — Não vou conseguir viver com o fantasma da Bia me assombrando, Gabriel! Até pouco tempo atrás você a amava o suficiente para perdoar tudo o que ela te fez. De qualquer forma foi bom isso ter acontecido, me mostrou uma realidade que eu não queria enxergar.

— Você não está sendo justa comigo, Mari – respirou fundo antes de virar as costas e caminhar pela sala. — Eu sempre fui muito claro contigo, sempre fui o mais correto que eu pude. Se eu estou aqui na sua sala dizendo a você que é contigo que eu quero ficar, não interessa o quanto eu a amava, não interessa que eu a perdoei. A única coisa que interessa é isso aqui, é isso – apontou dele para mim — Isso de “realidade” que você está dizendo não tem cabimento.

— Você pode estar me escolhendo por culpa, Gabriel! Você já estava se sentindo culpado por ter me engravidado, agora que eu perdi e você não estava presente então...

— Meu Deus como você é teimosa!

— Não é teimosia! Eu só cansei! Cansei de ser sempre a segunda opção, cansei de ser a boazinha, a coitadinha. Eu não quero essa vida! Não quero prêmio de consolação!

— Prêmio de consolação? É assim que você me vê? – perguntou incrédulo.

— Eu disse a Nice que eu não estava pronta para essa conversa – esfreguei minha têmpora. — Escuta, Gabriel. Eu não tenho condições nenhuma de começar qualquer coisa com você no meio dessa confusão toda. *Me* chame de covarde se quiser, mas não tenho estrutura para viver na sombra da Bia.

— Viver na sombra da Bia? Você ficou louca se pensa isso.

— Louca? Foi só ela aparecer pra você esquecer todo o resto!

— Eu só não achei certo deixá-la ir dirigindo de volta para casa no estado em que ela ficou. Meu Deus Mari, não me culpe por tentar fazer as coisas direito! – ele bufou levando as mãos nos cabelos.

— Cansei de ser boazinha, Gabriel! Estou pouco me importando com o estado em que ela ficou! E eu? Em que estado você acha que eu fiquei por saber que era com ela que você estava e não comigo quando eu mais precisei? Não importa se você sabia ou não o que estava acontecendo comigo. Você estava com ela e isso me feriu! – Ficamos em um silêncio perturbador.

Gabriel voltou a sentar-se no sofá e apoiou os cotovelos nas pernas e a cabeça nas mãos.

— Não posso voltar atrás no que aconteceu – disse olhando para o chão. — Se eu tivesse esse dom de voltar no tempo, jamais teria deixado você ir embora lá de casa. Eu teria implorado se fosse preciso pra você ficar lá, comigo...

— É mais você não pode, ninguém pode. Como eu disse, não era pra ser e você agora está livre Gabriel, para escolher seu destino.

— Eu já fiz essa escolha, porra! – Sorriu com ironia — Você se ouve quando diz essas coisas? Antes você achava que eu estava querendo ficar contigo só pelo bebê, agora que não tem mais a gravidez para você usar como desculpa, está arrumando outras. Percebe como você tenta se autossabotar? – não consegui rebater o que ele disse, então apenas o encarei.

Gabriel se levantou e colocou as mãos no bolso. Encarou-me por alguns instantes esperando que eu dissesse algo, como eu não disse ele continuou: — Se não for contigo, também não vai ser com a Bia. Porque se tem uma coisa que eu tenho certeza, é que eu não a amo mais, entenda isso de uma vez por todas – Abri a boca para falar, mas desisti. — E se quer saber como eu sei que eu não a amo mais? É porque eu tenho certeza que é você que eu amo, Mari. Mas se você não quer acreditar, se quer insistir em ficar criando esse monte de empecilhos para não ficarmos juntos, eu nada posso fazer, porque sinceramente, estou cansado.

— Você pode estar confundindo amor com outra coisa, do nada você descobriu isso? – Arrependi-me do que disse na mesma hora que as palavras saíram da minha boca. Seu olhar ferido me fez querer me bater.

— Nossa, parece que não há nada que eu possa fazer ou dizer que vá convencê-la, não é mesmo? Eu acabei de dizer que te amo e você está duvidando.

— Desculpe eu...

— Tem razão, você não está pronta para essa conversa. Fica bem – ele virou as costas e caminhou até a porta. Gabriel abriu a porta e saiu sem ao menos olhar para trás.

O que foi que eu fiz?



Capítulo 60

Boa Notícia

Gabriel

Estacionei minha moto na frente do restaurante e tirei meu capacete. Não desci de imediato, fiquei encarando a fachada por alguns instantes. Aquele lugar a minha frente era o meu sonho realizado e deveria ser minha única preocupação, no entanto era o último lugar em que eu gostaria de estar.

A minha vida estava bagunçada demais e isso estava atrapalhando eu fazer o que eu mais gostava na vida, cozinhar. Desde de que a Mari perdera o bebê eu não tinha colocado os pés na minha cozinha, deixando tudo sob a responsabilidade do Gustavo, bem, com vontade ou não, era hora de trabalhar.

Desci da moto ajustando meu boné e segui para dentro do restaurante. Eu esperava que algumas horas rodeado de aromas e panelas me fizessem esquecer a grande merda que minha vida tinha se transformado.

Cumprimentei o pessoal no salão e segui para o escritório do Rafa.

— Apareceu o *Margarido* – ele disse em tom de brincadeira, mas ficou sério ao ver meu estado.

Joguei-me no sofá e coloquei meu boné no rosto.

— Se veio pra cá dormir, era melhor ter ficado em casa.

— *Me dê só alguns minutos, chefe* – ironizei.

Fechei os olhos e repassei toda a minha conversa com a Mari. Ela estava magoada, estava triste por ter perdido o bebê, eu entendia, mas ela havia sido injusta comigo. Se eu demorei todo este tempo para colocar meu coração em ordem, para tomar uma decisão da qual eu não voltaria atrás, era para não haver dúvidas do que era realmente o que queria.

Eu havia demorado para entender e assumir que eu a amava, mas depois que ficou claro, não perdi tempo.

— O que está pegando? – Rafa perguntou.

— Falei com a Mari. Estive na casa dela e as coisas não saíram como eu esperava.

— Ela te chutou? – Tirei o boné da cara e o encarei. — Foi mal. Conta o que aconteceu.

— Cara nem eu sei, ela disse um monte de coisas, mas resumindo, está magoada, ferida por eu estar com a Bia no dia que ela perdeu o bebê, mesmo eu sendo inocente.

— Você não é tão inocente assim, *brother* – Sentei-me no sofá e o encarei surpreso. — Qual é? Gabriel? Não era pra você ter recebido a Bia, você já tinha que ter acabado tudo com ela há muito tempo, melhor, você não deveria nem ter começado o que quer que fosse – Esfreguei minha testa cansado.

— Não adianta eu tentar te explicar, Rafa. A sua implicância com a Bia não vai permitir que você avalie a situação de forma neutra.

— Sabia que ela foi embora? Pro sul? – perguntou de repente.

— Não sabia, por que eu deveria saber?

— *Me* diga você. O que achou dessa novidade?

— Estou pouco me fodendo pra isso, bom pra ela. Não me interessa se ela foi embora de vez, se é temporário, a Bia é página virada da minha vida. Por que ninguém acredita nisso? – perguntei com descrença.

— Pois é, se até o seu irmão gêmeo tem dúvidas, imagina a Mari.

— O que eu preciso fazer para ela acreditar em mim então, mané?

— Eu não sei, mas você precisa insistir, precisa fazê-la acreditar, se realmente quer ficar com ela.

— Eu não sei o que fazer, sinceramente. Eu disse olhando nos olhos dela que eu a amo e nem assim ela não se convenceu.

— Cara, palavras são só palavras. A resposta que você procura é: ação.

— Você está sugerindo que eu coloque uma faixa no céu? Esse é você, Rafa. Eu sou um cara romântico, mas ali, a dois, não sou como você e o Kay.

— Dona Suellen e seu Felipe na área – meu irmão disse apontando para o monitor. Olhei na tela e vi nossos pais entrando no restaurante com a nossa irmãzinha nos braços.

Nós nos levantamos e saímos do escritório para recepcioná-los.

— Pai – cumprimentei dando um abraço no meu velho, enquanto Rafa dava um beijo na nossa mãe e pegava a Muriel nos braços.

— Oi, mãe – abracei-a.

— Oi, meu filho – minha mãe sorriu segurando meu rosto — Como você

está?

— Eu vou ficar bem – respondi me aproximando e pegando minha irmãzinha no colo. Muriel sorriu satisfeita em meus braços. — Como vai minha princesinha?

— Vamos conversar no escritório – Rafa disse. Meus pais assentiram e seguimos todos para a sala dele.

— Então o que traz vocês aqui sem aviso? – meu irmão perguntou ao meu pai enquanto nos ajeitávamos em seu escritório.

— Vim saber como você está, filho – dona Suellen respondeu olhando para mim.

— Vou ficar bem – disfarcei a emoção brincando com minha irmãzinha.

— A Mari deve estar arrasada, meu filho. Você precisa apoiá-la nessa situação, eu nem imagino como deve ser horrível perder um bebê.

— A Mari não quer saber dele – Rafa soltou. Estava demorando para o babaca soltar aquela língua grande que não cabia na sua boca.

— Por quê? O que você fez, Gabriel?

— Por que sou eu que tenho que ter feito algo? – perguntei ofendido.

— No dia em que a Mari perdeu o bebê o Gabriel estava ocupado demais com a Bia, sendo o príncipe que senhora o criou pra ser, mãe.

— Com a Bia?

— Não dá confiança pra esse idiota, mãe. Bom, vou trabalhar. Foi bom ver vocês – Levantei-me e entreguei a Muriel à minha mãe.

— Espera aí, primeiro nos conte essa história.

— Isso filho, para de escorregar feito quiabo – meu pai disse tentando ser engraçado.

— Eu tenho certeza de que o Rafa fará isso por mim de bom grado, não é Rafa?

Dei um beijo na minha irmã, um abraço na minha mãe e acenei para o meu pai antes de sair.

Entrei na cozinha e fui recepcionado com condolências e frases de conforto pelos meus colaboradores. Agradei e fui até o banheiro trocar de roupa. Quando voltei, assumi o comando da cozinha e distribui as tarefas. Quando o burburinho de vozes começou, junto com o tintilar de panelas e talheres, finalmente me senti em paz, pelo menos por aquele momento.

— Que bom que está de volta, cara – Guga disse dando um leve aperto no meu ombro.

— Obrigado por ter segurado as pontas aqui, cara.

— Não há de quê.

— Então, *bora* trabalhar.

— *Bora*. Ah Gabriel, tenho uma novidade. A Luana disse que se você ainda estiver precisando de uma gerente...

— O emprego é dela – Interrompi. Ele sorriu assentindo. Também sorri satisfeito, pelo menos uma boa notícia.



Capítulo 61

O Homem Que Te Ama

Mari

Coloquei meu violão de lado, peguei meu caderno e a caneta para rascunhar mais um pedaço da letra de música. Já era a terceira letra que eu compunha em dois dias.

Nice deu duas batidas na porta antes de entrar no meu quarto e sentar-se ao meu lado. Ela pegou os papéis esparramados em cima da cama e me encarou com o cenho franzido.

— É sério isso, Mari? – perguntou depois de ler o rascunho em suas mãos.

— Ué, eu não sou a primeira e nem serei a última a compor letras de música quando está triste. Para alguma coisa tem que servir o sofrimento, não é? – Tentei ser engraçada, mas minha amiga apenas bufou.

— Você poderia estar compondo músicas sobre amor verdadeiro, sobre príncipes encantados e anjos lindos de olhos verdes e não de *sofrência*. Isso é sertanejo universitário? Você vai arrumar alguém pra fazer dupla contigo? – Revirei os olhos.

— Você não está em condições de curtir com a minha cara, Nice. Ainda não esqueci o que você fez.

— O que eu fiz? – Cruzei os braços e a encarei — É sério Mari, eu só quis ajudar. Eu e a Raquel acreditávamos de verdade que você só precisava de um empurrãozinho para se entender com o anjo. Se eu soubesse que ele viria aqui e você arrasaria com o coração dele, eu não teria o ajudado.

— De que lado você está? – ela deu os ombros sorrindo.

— Do seu *né* amiga, mas você às vezes é tão cabeça dura que dá nos nervos – não tive como argumentar.

— O Gabriel precisa desse tempo, Nice. Está tudo muito recente, seu término definitivo com a Bia, o aborto...

— E daí? – ela me interrompeu.

— E daí que do nada ele descobriu que me ama?

— Eu não acredito que tenha sido do nada, mas que só agora ele conseguiu enxergar as coisas com clareza.

— Mesmo assim, também ainda estou muito ferida.

— Credo, Mari! Para com isso, não combina com você ficar guardando ressentimentos.

— Tem razão, mas o que eu posso fazer se estou apavorada de medo, de me envolver com o Gabriel e ele depois de um tempo perceber que sempre foi ela quem ele quis?

— De novo isso? Amiga eu gosto muito de você, mas vou ter que te dizer. Você tem sérios problemas de autoestima, precisa de tratamento.

— Você tem de concordar que aconteceram muitas coisas na minha vida, e em um curto espaço de tempo, que justifiquem eu não ser tão confiante quanto eu gostaria.

— As coisas vão melhorar e melhoraria ainda mais rápido se você deixasse o homem que te ama ficar ao seu lado.

— Eu quero tanto acreditar nisso, Nice. Só Deus sabe o quanto, mas não vai ser da noite para o dia que isso vai acontecer.

— Eu não te entendo, sério. Antes você queria que ele se decidisse, agora que ele está decidido você não quer.

— Eu quero, Nice! Eu só preciso confiar – minha amiga ergueu as mãos para o céu em rendição.

— Tudo bem, não está mais aqui quem falou, mas depois não vem reclamar se esse espaço que você está colocando entre vocês o afastar definitivamente.

— Se isso acontecer, teremos nossa resposta, não é?

— É – ela finalmente concordou com algo que eu disse. — Tenho novidades.

— Conta!

— Talvez eu seja a próxima a ajudar o vizinho a socar a sua parede – Arregalei os olhos e ela caiu na risada.

— Credo! É sério?

— U-hum, nos esbarramos dia desses na escada, ele me ajudou com as compras. Prestativo, não?

— Oh se é! E como é o nosso vizinho? – perguntei interessada.

— Gato! Todo musculoso e tatuado.

— Uau.

— Pois é. Fica tranquila que te aviso quando for eu do outro lado da parede – caímos na risada.

— Acho bom.

O interfone tocou e nos encaramos.

— Será que é o anjo? – Nice perguntou.

— Não sei – respondi com meu coração disparado.

Fomos até a sala, eu me sentei no sofá, enquanto Nice foi atender ao porteiro. Torci para que não fosse o Gabriel, sabia que não conseguiria dizer a Nice para dispensá-lo. A verdade é que eu já estava morta de saudade. Pela cara que ela me olhou, no entanto, não poderia ser ele.

— Seus pais estão lá embaixo, Mari – Engoli em seco.

O que eles queriam?

Eu não queria brigar, estava cansada de discussões sem fundamento. Só queria que eles me deixassem em paz.

— Eles pediram pra dizer que é importante.

Minha mãe havia tentado falar comigo no telefone algumas vezes, mas eu a ignorei, meu irmão também havia ligado e deixado mensagens que eu excluí sem ler.

— Será que aconteceu algo com meu avô? – Comecei a me preocupar.

Meu avozinho já estava bem idoso, era cadeirante e vivia sob cuidados do meu pai, na verdade, sob os cuidados dos vários empregados que ele contratara para cuidar dele.

— Deixe que eles subam, qualquer coisa, eu os jogo pela janela – brinquei.

Não os jogaria da janela é claro, nem se eu quisesse fazer isso eu conseguiria, mas os enxotaria sem hesitar novamente se eles comessem com o sermão.

Nice autorizou a entrada deles e sentou-se ao meu lado.

— Fica aqui comigo, por favor – pedi.

— Claro.

A campainha tocou e eu me arrastei sem animo até a porta. Quando abri, confesso que me surpreendi com as expressões em seus rostos, pareciam, tristes, ou abatidos, mas me mantive neutra embora, tenha ficado curiosa por não estar sendo fulminada pelo olhar de superioridade do meu pai.

— Por favor, entrem – Abri mais a porta dando espaço para eles entrarem. Minha mãe caminhou até a minha amiga e se apresentou.

— Você deve ser a Nice, muito prazer.

— O prazer é meu – Nice disse levantando-se e apertando a mão dela. Meu pai se apresentou também e depois disso um silêncio constrangedor, pairou no ambiente.

— Alguém aceita um café? Água? – Nice perguntou.

— Eu aceito um café forte, por favor – meu pai respondeu, me fazendo revirar os olhos. Ele estava na casa dos outros e exigindo como queria o café.

Nice assentiu sem graça e balbuciou um “estou na cozinha” antes de deixar a sala.

— Então? O que os traz aqui dessa vez?

— Filha – minha mãe disse se aproximando — Soubemos que você perdeu o bebê naquele dia em que estivemos aqui, lamentamos muito.

— Obrigada – Foi só o que consegui dizer.

— Eu e seu pai estamos nos sentindo muito culpados, não é amor? – meu pai assentiu com um aceno de cabeça.

— Será que sentem mesmo? – perguntei o encarando.

— Sentimos, sim! – Papai aproximou-se e pela primeira vez na vida eu o vi sem saber como agir. Ele encarou a parede atrás de mim, as mãos, mas foi incapaz de olhar em meus olhos.

— Apesar das nossas diferenças, filha, jamais iríamos desejar tal atrocidade. Temos muitos defeitos, mas queremos o seu bem – mamãe insistiu.

— Vocês têm uma maneira muito estranha de querer o bem – Tripudiei.

— Sei que está chateada – minha mãe tentou me tocar, mas me esquivei.

— Chateada? Vocês praticamente me largaram a própria sorte aqui, apenas porque eu não quis seguir o modelo de felicidade que vocês traçaram para mim. Eu precisei do apoio de vocês e o que vocês fizeram? *Me abandonaram!*

— Se você tivesse nos contado que estava grávida poderíamos ter cuidado de você. Poderíamos tê-la levado para São Paulo...

— Para comandarem minha vida de perto – Interrompi-a. Eu estava muito magoada com eles, com tudo na verdade.

Todos aqueles meses angustiantes onde tanta coisa tinha acontecido, o fato de eu não ter onde morar, a gravidez de risco, a paixão pelo Gabriel tinham sido

demaís para eu aguentar. Eu estava no limite.

— Olha, obrigada pelo gesto de solidariedade, por terem se deslocado até aqui, mas como vocês podem ver – aponte para mim – Estou bem fisicamente, e emocionalmente, o tempo resolverá. Voltarei a trabalhar na semana que vem e tudo vai voltar ao normal. Agora se me derem licença, eu e a Nice estávamos de saída. Temos um compromisso.

— Mari – meu pai se aproximou e segurou meu ombro, ele deu um longo suspiro antes de continuar. — Eu sou o tipo de pessoa que costumo tirar proveito de tudo o que eu puder, você me conhece, sabe disso. Nesse caso, o que aconteceu com você, apesar de ter sido horrível, também teve o seu proveito – Eu o encarei estupefata. Que proveito ele poderia tirar daquilo? — O que eu quero dizer é que o triste acontecimento serviu para abrir meus olhos, nossos olhos – apontou para minha mãe. — Fomos severos demais com você e depois, fomos negligentes, por isso acredite quando digo que estamos arrependidos. Viemos até aqui para pedir que você nos desculpe e que nos deixe reparar o nosso erro.

Fiquei um pouco chocada com suas palavras, jamais imaginaria que eles estivessem ali para se desculpar, ou para reparar algo, até porque, nada repararia o fato de eu não ter mais o meu bebê comigo, mesmo assim, fiquei surpresa e comovida.

— Eu agradeço, pai, mas não há como reparar. Eu perdi o bebê – Funguei e respirei fundo para não começar a chorar.

— Eu sei – ele me encarou — Mas se ajuda, de qualquer forma, vamos devolver tudo o que lhe tiramos.

— Pra quê? Pra tomar de novo no momento em que eu me “rebelar” novamente? – Fiz aspas quando disse a palavra rebelar.

— Não, vamos devolver porque é seu.

— Filha, a verdade é que a vida é sua – minha mãe entrou na conversa — Embora não concordemos como você queira vivê-la, ela ainda é sua vida e só você pode fazer isso. Faça o que você quiser com ela, desde que seja honestamente. Prometemos que não vamos nos intrometer e até apoiaremos, não é querido? – meu pai ficou em silêncio — Não é?

— Sim, sim. Claro – ele respondeu revirando os olhos. Ergui uma sobrancelha e cruzei os braços — Vamos apoiá-la desde que nos inclua na sua vida novamente, é isso. Satisfeitas? – perguntou olhando para minha mãe e depois para mim.

Eu tentei continuar indiferente, ainda estava com o pé atrás, mas não consegui. Era tudo o que eu queria ouvir deles, mesmo que um pouco tarde.

Nunca é tarde demais Mari! Não guarde tanta mágoa, isso só faz mal. – uma vizinha chata, porém muito sábia dizia no meu ouvido.

— Tudo bem – eu disse por fim. Minha mãe ergueu os braços e me abraçou. Sorri sem jeito e abracei de volta.

Eu sabia do esforço enorme que minha mãe deveria estar fazendo para deixar a socialite sem coração de lado, para ser apenas uma mãe preocupada com sua filha e o esforço do meu pai para engolir o próprio orgulho e parar de me tratar como um de seus colaboradores, para me tratar como filha, também tinha que ser levado em consideração. Por esses motivos e por estar cansada de ser jogada para escanteio, eu ouviria aquela voz.

Nice voltou estrategicamente com o café. Ela organizou uma bandeja com a garrafa, um potinho com alguns cookies e quatro xícaras com pires. Nem sabia que tínhamos pires em casa.

Meus pais se sentaram à mesa e para minha surpresa não fizeram desfeita, tomaram o café e minha mãe até experimentou um cookie. Eu olhava incrédula para ela que parecia tão à vontade conversando com a Nice. Nem parecia aquela mulher que tinha entrado naquele mesmo apartamento dias antes e criticado tanto. Ela parecia arrependida, eu, no entanto não estava muito confiante, mas eu só saberia, realmente, de suas intenções se desse uma chance, não é?

Meu pai pediu licença e saiu para o corredor para atender uma ligação. Minha mãe aproveitou que ficamos sozinhas e quis saber sobre o aborto, como também sobre o Gabriel. Contei por alto, não queria dar muitos detalhes da minha vida, mas deixei claro que não era culpa deles, afinal minha gravidez era de risco desde o início. Mesmo que eu quisesse muito culpá-los, não estaria sendo justa.

— Você gosta desse rapaz? Vocês estão juntos? – ela perguntou.

— Não estamos juntos. As coisas estão um pouco confusas depois que perdemos o bebê.

— Espero que se resolvam – dei os ombros.

— E o vovô. Como está? Estou morrendo de saudades – perguntei mudando de assunto.

— Seu avô está um pouquinho debilitado, ele se queixa de você não ter aparecido mais para visitá-lo.

— Sei que estou em falta com ele – Bufei tristemente.

Meu pai voltou e anunciou que precisava sair para resolver questões de negócios. Minha mãe aproveitou a deixa – com certeza já estava cansada de respirar o ar da zona norte – e despediu-se.

— Filha, por que não vem com a gente para Guarulhos? – franzi o cenho — Só a passeio. Você aproveita para ver seu avô e descansar de toda essa agitação dos últimos dias. Estamos com o jatinho do meu sogro. Será uma viagem rápida.

Olhei sem graça para minha amiga que me encarou boquiaberta. Ela não sabia dessa parte da minha vida, na verdade, ninguém sabia.

— Eu não sei, mãe.

— Ah, vamos – insistiu. — Fica só o fim de semana. Sua amiga pode vir com a gente. O que você acha, Nice?

— *E-eu* não sei – Nice me encarou buscando ajuda.

— Pensem até o fim do dia. Se resolverem mando o motorista vir pegá-las.

— Precisamos ir – meu pai chamou da porta.

— Eu te ligo – eu disse. Abracei-a rapidamente e fui até a porta me despedir do meu pai. Quando os dois partiram, pude respirar aliviada.

Uau, aquilo tinha sido bem inusitado.

— Não me olha assim – pedi a Nice quando me sentei ao seu lado.

— Jatinho?

— É do meu avô.

— Ah *tá*. Então tudo bem, o seu avô é que tem um jatinho.

— Ele tem umas outras coisinhas – Sorri sem graça.

— Nossa! – ela exclamou encostando-se no sofá — Um jatinho.

Ficamos as duas encarando o teto da nossa sala até eu me virar para ela.

— Nice? – ela me olhou de volta — Você toparia dar um pulo a Guarulhos comigo?

— Vou arrumar minha mala! – pulou do sofá e correu para o quarto me fazendo cair na risada.



Capítulo 62

Atitude de Homem

Gabriel

— Partiu Gabriel – meu irmão Rafa disse me dando um cutucão no ombro.

De onde ele surgiu?

Levantei minha cabeça e o encarei. Pisquei algumas vezes para conseguir focar em seu rosto.

— Por que você está aqui? – perguntei e dei um gole na minha cerveja já quente.

— Porque eu sou o cara, vai levanta daí!

Olhei ao redor buscando o Gustavo que me encarou sem graça.

— Foi mal, cara, mas você não está em condições de continuar bebendo e muito menos voltar pra casa dirigindo.

— Por que tenho a impressão de que estou tendo um déjà vu? – perguntei.

— Porque você está, idiota. Agora levanta e vamos embora – meu irmão virou-se para o Gustavo. — Valeu por ter ligado, cara.

Resmunguei me levantando. Rafa precisou me segurar pois perdi o equilíbrio ao tentar dar o primeiro passo.

— Tô mal, *brother* – eu disse me apoiando nele.

— Eu estou vendo, Gabriel – Nós nos despedimos do Gustavo e de mais dois funcionários que estavam com a gente do restaurante e seguimos para a saída do bar. O mesmo que a Mari tocava. Eu estava esperando a encontrar lá, já que era na noite em que ela costumava tocar.

— Entra aí – Rafa disse abrindo a porta do carro. Entrei e me acomodei no assento. Meu irmão assumiu a direção e colocou o carro em movimento.

Quando chegamos no *apê*, fui direto para o meu quarto, não queria ouvir sermões. Meu irmão pareceu ter entendido o recado, pois apenas se despediu e saiu novamente.

Tirei meus tênis e caí na cama, só acordei quando alguém abriu as cortinas

do quarto.

— Hora de levantar!

— Você não cansa de ser chato, não? Porra! – resmunguei colocando o travesseiro na minha cara. Majuzinha pulou na cama e começou a me lamber — Oi pra você também, agora me deixa dormir – claro que ela ignorou. Era mesmo “filha” do Rafa.

— Infelizmente eu tenho de ser o chato quando você resolve ser idiota, *né* Gabriel? – Bufei e me sentei apoiando as costas na cabeceira da minha cama. Peguei o travesseiro e o abracei, ainda tinha o cheirinho dela.

— Meu Deus você é patético! – meu irmão me encarou.

— Vai se foder! *Me* deixa em paz.

— Cara que deprimente, vai atrás da garota. Toma atitude de homem! – ele se aproximou e arrancou o travesseiro da minha mão.

— Você acha que não é isso o que eu mais quero?

— É? Porque não está parecendo.

— Eu só acho que ela ainda não está pronta – meu irmão sentou-se na beirada da cama.

— É por isso que você tem que ajudá-la a perceber. Tenta algo grandioso.

— Rafa eu já disse que não sou como você e o Kay.

— Percebe-se. Se você fosse como eu, já estaria nos braços da Mari há muito tempo – ele suspirou. — Pelo menos insista em conversar, insista até ela entender, ou pelo menos até vencê-la no cansaço. Levanta dessa cama, toma um banho que vou te levar até ela.

— Rafa...

— Anda cara! Já disse que vou te levar lá, não aceito não como resposta. Preciso recuperar meu cozinheiro. Você tem que se acertar logo com a Mari pra voltar a trabalhar direito. Ou é isso, ou a noite vou te levar pra transar – só pude rir com a gracinha.

— Preciso te lembrar onde essa sua ideia de jerico me levou? *Tu* ainda quer repetir essa estratégia?

— Não, o que nos leva a primeira opção, procurar a Mari. E se você for esperto vai acabar transado de qualquer forma – ele saiu do quarto sem esperar a resposta.

Idiota!

Mas é claro que eu queria que a gente se acertasse logo, estava morrendo de saudades dela, mas ainda acreditava que ela precisava um pouco mais de tempo para que tivesse confiança de que as coisas não mudariam entre a gente, para que sentisse minha falta também.

Mas meu irmão tinha razão, tinham sido dias miseráveis sem ela. Eu já estava tão acostumado com sua presença, sua ausência estava me matando. Eu fechava os olhos e visualizava seu rosto lindo, cheio de sardas, seus lábios também pintados por elas e seus olhos mais azuis que o mar. Sentia falta da sua risada e do seu jeito doce de falar, sentia falta de tocar com ela, de conversar coisas sem importância.

Peguei meu celular e enviei uma mensagem. Fazia isso todos os dias, desde que discutimos em seu apartamento.

Gabriel: Morrendo de saudades =(

Esperei uma resposta já que ela estava online.

Mari: Eu *tbm* sinto sua falta.

Gabriel: Então volta pra mim.

Enviei várias mãozinhas em oração. Ela digitou, digitou e nada de a mensagem chegar. Suspirei desanimado.

Gabriel: Vamos pelo menos conversar, princesa.

Mari: Podemos conversar depois?

Não respondi. Coloquei o celular de lado. O Rafa tinha razão, eu precisava insistir até que ela finalmente confiasse, mas faria isso pessoalmente e quantas vezes fosse preciso. Levantei-me decidido.

— Vou trazer a Mari de volta – eu disse alisando os pelos da Majuzinha.

Fui para o banheiro e tomei um banho rápido. Escolhi uma roupa e a vesti. Encarei minha imagem no espelho e confesso que não estava lá grandes coisas, eu estava com olheiras enormes e com uma aparência abatida. Só me restava caprichar no gel e no perfume.



O porteiro liberou nossa entrada e caminhamos em direção ao bloco em que as meninas moravam. Subimos os quatro lances de escada e parados de frente para porta do apartamento delas.

Olhei para o meu irmão que revirou os olhos e tocou a campainha. Nice foi quem atendeu a porta.

— Oi anjo – cumprimentou-me com dois beijinhos e em seguida cumprimentou meu irmão. Ela nos convidou para entrar e estranhei a Mari não estar na sala.

— A Mari está no quarto? Posso ir até lá falar com ela?

— Então... a Mari não está, Gabriel. Vocês não têm se falado?

— Não. Apenas trocamos algumas mensagens. Por quê? Cadê ela?

— A Mari foi pra São Paulo, ela está na casa dos pais – a encarei surpreso.

— Na casa dos pais? Ela... foi embora?

— Não – suspirou — Não. Os pais dela tiveram aqui há alguns dias, eles fizeram as pazes e ela foi ficar uns dias com eles.

— Eu fico feliz por isso, mas... quantos dias ela vai ficar?

— Eu não sei. Eu fui com ela, fiquei lá o fim de semana, pensei que voltaríamos juntas, mas ela resolveu ficar mais um tempinho.

— Por quê? – perguntei preocupado.

Será que ela estava cogitando ficar por lá?

— Ah Gabriel, acho que pra pensar um pouco. Dar um tempo, sei lá.

— Por favor, me diz que ela vai voltar.

— Vai, claro – Nice refletiu por alguns instantes — Eu creio que sim, não tem nada pra ela lá.

— Não senti firmeza nessa sua resposta, Nice – meu irmão se manifestou — Por acaso ela mencionou que pudesse ficar por um tempo lá?

— Não, ela me diria se quisesse ficar.

— Mas ela não voltou contigo – eu disse. — Onde ela está em São Paulo? Capital? Interior?

— Está na capital, por quê?

— Boa pergunta – meu irmão virou-se para mim — Vai fazer o que eu

estou pensando que você vai fazer?

— Vou buscar minha a garota – meu irmão sorriu satisfeito.

— Esse é o meu *brother*. Partiu Sampa!



Quanto mais eu me aproximava do endereço que a Nice me passou, mas impressionado eu ficava.

Eu havia saído do Rio logo após deixar o apartamento delas. Deixei o Rafa no restaurante e fui até em casa para apanhar alguns objetos de higiene pessoal e uma muda de roupa. Parei em um posto na Rodovia Presidente Dutra e comi uma besteira, antes de prosseguir viagem. Quase cinco horas depois, eu dirigia por um bairro nobre de São Paulo e quanto mais eu subia a rua principal, maiores e mais bonitas ficavam as casas.

O GPS anunciou que meu destino se encontrava a minha direita e quando estacionei próximo a um muro enorme de tijolinhos eu me perguntei se eu estava mesmo no lugar certo.

Peguei meu celular e liguei para Nice.

— Oi Gabriel. Já chegou?

— *Me diz você, estou de frente para o número 376.*

— É esse o número, então você chegou ao seu destino – ela brincou imitando a voz de GPS.

— Uau.

— Também fiquei impressionada, mas vai lá. O Nico é bacana.

— Nico? – perguntei confuso.

— Sim, o cara da segurança – segurança?

— O.K. Deseje-me sorte, pequena.

— Você não precisa. Vai ficar tudo bem – Desliguei e sai do carro. Aproximei-me do portão e apertei o interfone.

— Residência dos Guedes.

— Ah... oi. Eu queria falar com a Mari.

— Quem deseja?

— Gabriel.

— Gabriel de quê, por gentileza?

— Bastos. Gabriel Bastos – respondi achando aquilo tudo surreal.

Eu jamais imaginaria que a Mari fosse podre de rica, porque só sendo muito podre de rica para conseguir morar em um local daquele e olha que eu só tinha visto o muro do lado de fora.

Alguns minutos se passaram antes que a mulher retornasse e liberasse a minha entrada.

— Abrirei o portão grande. O senhor pode entrar com o seu carro – ela informou e desligou.

— Obrigado – falei para ninguém.

Entrei no carro do Rafa e manobrei, quando os portões se abriram eu confirmei.

Podre de rica.

Um homem que estava perto do portão, do lado de dentro me deu instruções de onde estacionar e segui a direção indicada. Desci do carro e me encostei a ele sem saber o que fazer.

Eu deveria bater à sua porta? Esperar ela parecer? Sair correndo?

Antes que eu pudesse me decidir por alguma das opções, a enorme porta dupla se abriu. Uma senhora muito elegante saiu de dentro da casa e veio até mim. Tirei meus óculos de sol e ajeitei o boné antes de apertar sua mão estendida.

— Olá Gabriel, meu nome é Hélida. Vou levá-lo até a Marizinha – Sorriu gentilmente. Agradei e a segui.

Entramos na casa e embora nada daquilo fizesse qualquer diferença para mim, eu fiquei de queixo caído, só por ver as estátuas localizadas uma de cada lado da enorme escada que ficava centralizada no meio do cômodo. Não deu tempo de reparar muito porque eu segui atrás da senhora, mas deu para ver que o piso era tão brilhante que parecia um espelho.

Passamos por uma sala também enorme que parecia ser uma sala de visita e seguimos por um amplo corredor. A mulher parou de andar e apontou para a porta ao final dele.

— Mari está na biblioteca, fique à vontade – Assenti. Hélida se retirou e eu encarei a porta que ela havia apontado. Respirei fundo e caminhei até ela.

Mesmo surpreso e chocado com toda aquela ostentação, o meu objetivo ainda era um só. Levar minha garota comigo.



Capítulo 63

Completamente Sóbrios

Mari

Eu estava deitada na minha cama ouvindo música, e lendo as mensagens do Gabriel no *WhatsApp* pela milionésima vez, quando meu irmão Mau entrou.

— Não sabe bater? – perguntei me sentando.

— A mãe está te chamando para lanche.

— Eu já desço – ele virou as costas para sair, mas parou e me encarou novamente.

— Eu sei que está brava...

— Exatamente. Estou muito brava contigo, então nem começa – meu irmão bufou revirando os olhos. — Pode sair – aponte para a porta.

Ele resmungou alguma coisa que não entendi e deixou meu quarto.

Eu tinha me entendido com meus pais, mas ainda não estava pronta para virar a página com o meu irmão. Ele já tinha se metido demais na minha vida, desde a época do Kay, e continuou se metendo depois. O tempo todo que estava ali, ficou tentando denegrir a imagem do Gabriel para os meus pais, no entanto, para a minha sorte – ou talvez porque eles ainda não queriam criar atrito comigo – não deram muito *IBOPE* para as baboseiras que meu irmão dizia.

Minha mãe tentara falar comigo sobre o Gabriel em uma noite. Evitei ao máximo a conversa, mas depois de muita insistência, confessei a ela que o amava e que ainda sonhava em ficarmos juntos. Ela não opinou, apenas me ouviu. Eu agradei aos céus, porque se ela ao menos tentasse me influenciar no que dizia respeito a ele, eu iria embora na mesma hora.

Às vezes eu tinha sensação de que eles estavam pisando em ovos comigo. Bom que tivessem mesmo, e que escolhessem com cuidados as palavras. Eu não era mais aquela Mari idiota. Rodaria a baiana bonito com eles.

Tirei meus fones e levantei da cama. Ainda com o aplicativo aberto, corri os olhos rapidamente nas mensagens:

Não aguento mais essa distância.

Sinto sua falta.

Quando você vai acordar e perceber que o que eu sinto por você é sincero?

Essa última, acompanhada de várias carinhas bravas.

Não aguentei e acabei respondendo sua última mensagem. Quando finalmente resolvi falar, ele me deixou no vácuo. Tudo bem, ele deve ter ficado chateado porque propus que nos falássemos depois, mesmo assim, não esperava que ele fosse parar de responder.

Bem feito sua idiota, ele deve ter desistido!

Arrastei-me para fora do quarto desistindo de esperar uma resposta do Gabriel, já que ele estava desde de manhã off-line, e encontrei minha mãe, meu avô e o Mau na sala de jantar. Uma mesa farta estava posta para pelo menos vinte pessoas. Não conseguia entender pra que todo aquele exagero.

Sentei-me ao lado do vovô e beijei sua bochecha. Ele sorriu e segurou minha mão. Estava feliz em ter dois dos netos em casa depois de tanto tempo.

— Eu sei que você não tem intenção de ficar aqui, filha, mas quero que saiba que seu pai está empenhado em ajudá-la e se é música que você quer fazer, ele pode mexer uns pauzinhos, afinal ele é um homem influente.

— O que ele vai fazer? Comprar uma produtora para mim? – ironizei, ela me encarou entristecida, o que fez arrependê-lo do que eu disse.

— Essa daí só não é mais cabeça dura porque é uma só – meu irmão alfinetou.

— Obrigada, mãe – falei ignorando o babaca — Mas ainda não me decidi, vamos deixar as coisas como estão por enquanto, O.K.? – ela assentiu.

Hélida entrou na sala interrompendo a conversa.

— Mari você tem visita – Encarei-a confusa. Não fazia ideia de quem poderia ser. Nem amigas eu tinha mais em São Paulo.

— Quem é?

— Gabriel Bastos.

Gabriel? Engoli em seco. Como? O que ele fazia aqui?

— O que esse mané veio fazer aqui, Mari? Já foi dar nosso endereço para esse cara?

— Não eu... não faço ideia de como ele chegou até aqui. Estou tão surpresa quanto você – disse me levantando — Mesmo assim, não quero que você fale dele dessa forma! Chega disso Maurílio. Você é muito idiota! O seu problema não é com o Gabriel, ele nunca te fez nada! – esbravejei jogando o guardanapo na mesa.

— Filho deixa sua irmã em paz – minha mãe me encarou — Bom já que ele está aqui, é melhor você ir ver o que o rapaz quer – assenti, meu coração já estava querendo sair pela da boca. Acompanhei Hélida e quando estávamos fora da sala de jantar, segurei seu ombro.

— Vou esperá-lo na biblioteca – ela assentiu e foi em direção a porta. Eu praticamente corri até a biblioteca.

Quando entrei fechei a porta e me encostei a ela respirando várias vezes, tentando em vão, acalmar a bagunça que se instalava dentro de mim. Coração acelerado, garganta seca, frio na barriga, sem falar na vontade de chorar.

— Foi por isso que você sumiu, Gabriel? – falei sozinha. Levei a mãos aos lábios incrédula. Afastei-me da porta e alisei meus cabelos, depois a roupa.

Eu não deveria estar quase surtando por ele ter saído do Rio para vir atrás de mim, afinal não era tanta coisa. Mentira, era sim, para mim significava muito. Ele tinha deixado tudo para vir ao meu encontro, estava na minha porta, eu ainda não conseguia acreditar.

Ouvi duas batidas na madeira maciça e limpei a garganta antes de responder: — Entre.

Quando ele entrou, minha vontade foi a de pular todas as etapas e literalmente me jogar em cima dele. Estava lindo, parecia um pouco abatido, com cara de ressaca, mas era definitivamente o homem mais lindo que eu já tinha visto na vida.

— Oi – disse se aproximando sem jeito.

— O-oi – Ótimo gaguejei! — Como você...

— A Nice – interrompeu-me.

Claro, tinha que ser a fã número 1, mas eu a beijaria se ela estivesse aqui.

— Sente-se – aponte para o sofá.

— Prefiro ficar de pé, sabe como é – apontou ao redor — Ainda estou assimilando.

— Desculpe.

— Não tem que pedir desculpas. Não era da minha conta, mas agora estou

curioso. Seu pai é político, mafioso, ou algo assim? – Acabei sorrindo.

— Meu avô é o dono de tudo, na verdade minha...

— Não precisa explicar nada, afinal não foi para isso que eu vim – deu mais alguns passos na minha direção.

— E por que você veio? – perguntei endireitando o corpo.

Eu ridiculamente estava preocupada com a minha aparência. Tentei fazer um coque para domar minha juba rebelde, mas soltei minhas madeixas quando ele parou a um passo de mim.

— Eu pensei no que você me disse na sua casa outro dia – o encarei confusa, eu tinha dito tanta coisa. — Então eu estou aqui pra te dizer... que não foi do nada, Mari. Eu me apaixonei por você muito antes de ter coragem de dizer, muito antes de você ficar grávida. Eu me apaixonei por você várias vezes. Eu me apaixonei por você quando ficamos juntos a primeira vez e voltei a me apaixonar por você na segunda, na terceira. Eu me apaixonei por você quando decidiu se afastar de mim e mesmo assim ainda quis que eu fosse feliz ao lado de outra mulher. Eu continuo me apaixonando por você a cada vez que eu te olho, cada vez que você sorri ou morde os lábios como está fazendo agora e eu vou continuar me apaixonando por você Mari, todos os dias, porque isso aqui – apontou para nós — “É” pra ser. Você foi feita, garota, para que eu me apaixonasse por você. Você me mostrou o tipo de amor mais sublime, puro, verdadeiro, e é esse tipo de amor que eu quero pra mim e é esse tipo de amor que eu quero doar pra ti, porque você não merece menos que ser amada incondicionalmente pela mulher extraordinária que você é. Pela mulher forte, guerreira, linda, sexy, divertida que você é. Eu também estou aqui pra te dizer – pausou e segurou uma das minhas mãos e com a mão livre enxugou a lágrima que descia pelo meu rosto — Que você é a única que eu quero como minha mulher e mãe dos meus filhos. Muitos filhos.

— Nossa! *E-eu...* nem sei o que dizer – Soltei sua mão e limpei meu rosto já ensopado pelas lágrimas.

— Não diga nada, só me beija. Ou se preferir, diga, mas também me beija – Sorri. Meu coração parecia que transbordaria de tanta felicidade.

Quem diz que ações falam mais do que palavras, é porque nunca as ouviram saindo da boca do Gabriel.

— Então? – Insistiu.

Aproximei-me praticamente tocando nossos corpos. Seus braços me envolveram, mas ele não me beijou, Gabriel me encarou esperando minha

resposta.

— Eu te amo, Gabriel Bastos... Sim! – não esperei sua reação, o agarrei pelo pescoço e coleí nossos lábios.

Eu acreditava em cada palavra que ele havia dito, eu finalmente acreditava em seu amor, e sim, eu merecia ser amada incondicionalmente, por ele, e eu faria o impossível para que fôssemos felizes. Porque eu o amava mais que tudo.

Gabriel deslizou suas mãos pelas laterais do meu corpo antes de me erguer e me sentar na mesa do meu pai. Nossas línguas se buscaram com desespero, o beijo delicado do início foi substituído por um beijo voraz, cheio de saudade, cheio de tesão recolhido, mas principalmente, cheio de amor.

Eu me entregaria a ele ali mesmo, em cima da mesa, se ele fizesse ao menos menção de que era isso que queria. Gabriel, no entanto, contentou-se em apenas me enlouquecer com seus beijos e carícias. Seus lábios desceram para o meu pescoço e suas mãos ganharam meus seios.

— Eu te amo, Ruiiva – sussurrou no meu ouvido antes de cobrir minha boca com a sua novamente. Enrosquei minhas pernas ao redor dele e senti seu desejo por mim.

Ai caramba, eu o queria tanto.

— Quero você, Gabriel – eu disse entre os beijos que trocávamos. Ele parou de me beijar e me encarou. Segurou meu rosto entre as mãos e sorriu.

— Você não imagina o quanto eu quero isso, princesa, mas... – apontou para onde estávamos.

Não iria levá-lo para o meu quarto, na verdade eu queria sair correndo dali para poder ficar à vontade com ele.

— Vamos sair daqui. Não importa pra onde, só vamos sair daqui – ele assentiu com isso sorrindo.

Eu o beijei mais uma vez e o abracei com força. Antes de pular da mesa e puxá-lo para fora comigo.

Para nossa sorte não encontramos ninguém no caminho. Chegamos ao lado de fora da casa e praticamente corremos até o carro. Ainda nos atracamos dentro dele, antes de finalmente nos separarmos e ele colocar o carro em movimento.

Gabriel segurou minha mão enquanto dirigia e a levou aos lábios. Soltei o cinto de segurança e me aproximei para beijar seu rosto lindo. Queria ficar pertinho, tinha sentido tanta falta dele que nunca mais me desgrudaria.

Ele teria que me pedir para largá-lo ou eu não o largaria, pensei com um

sorriso nos lábios.

— Motel ou Hotel? – perguntou depois de pegarmos a via principal.

— Hum deixe-me ver – fingi pensar — O que achamos primeiro – ele gargalhou.

Ai meu Deus acho que me apaixonei mais um pouco.

Para nossa sorte encontramos um hotel um pouco mais a frente. Não era lá grandes coisas, parecia um hotel para caminhoneiros, ele até hesitou em parar, mas eu insisti que era o lugar perfeito.

Estacionamos em frente à entrada da recepção e saímos do carro apressados. Gabriel pegou uma bolsa no banco de trás do carro e segurou minha mão. Caminhamos juntos de mão dadas até o balcão onde uma senhora pintava suas unhas. Ela nos encarou com desdém, provavelmente nos excomungando por chegar quando ela estava tão atarefada com suas unhas, mas foi só até olhar para o Gabriel. O tratamento mudou na hora.

Eu tive que esconder minha boca no seu ombro para que ela não me visse rindo de como ela o tratava, e me ignorava é claro.

Tudo certo com o cadastro, ela nos entregou a chave do quarto e chamou outro funcionário para guardar o carro.

— Pelo menos tem manobrista – brinquei quando subimos a escada.

— Eu preferia um motel, isso está muito, muito abaixo do que você merece, Mari – Parei e o encarei.

— Eu mereço você e você está aqui. O lugar é o que menos importa – sorriu-me e soltou a bolsa no chão. Gabriel me encostou ali mesmo na parede e nos beijamos incapazes de esperar chegarmos ao quarto. Suas mãos exploraram meu corpo me enlouquecendo, junto com sua boca gostosa. Só paramos porque um senhor – com pinta de caminhoneiro – passou por nós descendo a escada.

— Arranjou companhia, hein garotão? – disse com um sorrisinho de canto de boca – Gabriel cerrou os punhos e fez menção de descer atrás do cara, mas eu o segurei.

— Não esquento.

— Mari ele está achando que você é prostituta, vou socar a cara desse idiota.

— Gabriel estamos em um hotel que agora tenho certeza que é de caminhoneiros. Ele deve estar achando que você é um deles e que descolou um programa, não podemos culpá-lo. E você por acaso viu o tamanho dele?

— Ainda posso socá-lo.

— Socar, pode, mas não ele – pisquei. Gabriel abriu um sorriso safado e me ergueu no colo.

— A bolsa! – colocou-me no chão e pegou a bolsa e depois me pegou nos braços novamente.

— Adoro te carregar pela escada.

— Eu estou percebendo.

Terminamos de subir e ele parou em frente à porta do nosso quarto, mas não me colocou no chão.

— Abre – Entregou-me a chave.

Abri a porta que foi fechada com o seu pé e só então ele me colocou no chão. Gabriel segurou meu rosto e fez um carinho nas minhas bochechas com os polegares. Seus olhos verdes estavam escuros e eu via de tudo neles. Amor, paixão, desejo. Também segurei seu rosto e toquei de leve seus lábios com os meus.

— Eu te amo, Gabriel.

— Eu também te amo, garota.

— *Me faz tua?*

— É tudo que eu mais quero.

E sem dizer mais nada, ele segurou a barra da minha camiseta e a deslizou para fora do meu corpo. Pousou a mão sobre o meu coração e depois plantou um beijo ali. Foi minha vez de tirar a sua camiseta, e quando ela foi para o chão, deslizei meus dedos pelo seu abdômen, matando a saudade daquele corpo que tanto apareceu em meus sonhos. Imittei seu gesto e pousei um beijo sobre o seu coração. Eu tirei o meu short, ele tirou a calça e seus tênis e meias em uma velocidade surpreendente.

Gabriel chegou mais perto e deslizou a alça do meu sutiã para baixo, plantou um beijo demorado em meu ombro.

— Amo essas pintinhas, amo você toda.

Ai meu coração.

Estava parecendo que ele queria ir devagar, aproveitar cada instante, mas eu estava louca para vê-lo pelado e em cima de mim.

— Por favor, Gabriel, não me tortura assim – choraminguei.

Ele sorriu de um jeito maroto e num gesto rápido desabotoou o meu sutiã e

o jogou no chão. Ergueu-me nos braços e me beijou nos lábios. Enrosquei minhas pernas na sua cintura e retribui o beijo que começou inocente e foi intensificando à medida que ele caminhava em direção a cama.

Senti minhas costas apoiarem no colchão duro e o peso do seu corpo sobre o meu.

— Mari? – chamou-me de repente em tom preocupado, me deixando em estado de alerta.

— O que foi?

— Você... pode ter relações? Você sabe... – eu sabia. Ele estava se referindo ao procedimento que tive que fazer quando perdi o bebê.

— Faz uma semana – respondi desenhando sua sobrancelha com a ponta do dedo.

— Desculpe, eu não queria deixar você triste – beijou a ponta do meu nariz.

— Gabriel nem sei o que é isso, não nesse exato momento – Sorri — Aqui, agora, eu sou a mulher mais feliz desse mundo. Nada pode me deixar triste.

— Que bom, porque eu também sou o cara mais feliz desse mundo – concordei com a cabeça.

— Só não podemos, você sabe... fazer sexo selvagem – ele gargalhou.

— Vou *socar* devagar.

— Ai meu Deus! Você é parente do Rafa? – perguntei sorrindo.

— Ué você que pediu. Sabe o que eu estou pensando aqui? – fiz que não com a cabeça. O sacana abaixou a cabeça e lambeu um dos meus mamilos ao invés de falar.

— O que você está pensando? – perguntei só por perguntar, estava mais interessada na sua boca descendo pela minha barriga.

— Que essa vai ser a primeira vez que a gente transa completamente sóbrios.

— Vai ser interessante, hum? – Gabriel levantou a cabeça e piscou.

— Ah vai, *tô* doido pra *comer* minha namorada podre de rica – disse me arrancando uma gargalhada, no entanto, meu coração disparou com o título, “namorada”.

— Sou sua namorada agora, é?

— Por enquanto.



Capítulo 64

Para Compensar Todas as Vezes Que Fui Covarde

Gabriel

— Você está fazendo aquela cara – Mari disse, me encarando. Estava com o corpo um pouco inclinado, e com os cotovelos apoiados na cama.

— Que cara? – Sorri.

— Essa aí. Eu já disse que você é... Ai caramba! – Parou de falar no momento que afastei sua calcinha para o lado e deslizei minha língua sobre sua intimidade.

— O que você dizia? – Perguntei com maior cara de inocente.

— Nada, nada... só continua.

— Tô sentindo falta da cortina – brinquei arrancado uma gargalhada dela.

Ela estava toda raspadinha, caramba que delícia!

Voltei minha atenção ao que realmente interessava. Tirei sua calcinha e distribui alguns beijos sobre a parte interna das suas coxas. Lambi seus clitoris lentamente e depois o suguei levando-a a arquear o corpo. Enfiei um dedo dentro dela cauteloso.

O tesão estava me consumindo, mas eu precisava que ela estivesse totalmente pronta para quando eu estivesse dentro dela. Com cuidado enfiei mais um dedo e comecei a movê-los ao mesmo tempo em que a chupava. Aumentei um pouco o ritmo, sem aprofundar a penetração.

— Ah... Gabriel – Mari gemeu segurando meus cabelos.

Troquei os dedos pela minha língua e segurei seus quadris para auxiliá-la a se mover. Enfiei a língua com vontade, não demorou e ela gozou na minha boca, sussurrando palavras incoerentes. Deslizei a língua por toda a extensão da sua intimidade e plantei beijos na pele livre de pelos.

Fiz o caminho de volta para os seus lábios beijando seu ventre, sua barriga. Dei atenção a ambos os seios, sugando, lambendo. Dei uma mordidinha no bico de um deles e continuei a subir. Beije seu ombro e pescoço antes de morder o lóbulo da sua orelha.

— Eu te amo, Mari. Porra é tão bom dizer isso.

— Você pode dizer quantas vezes quiser – ela disse segurando meu rosto e me forçando a encará-la.

— Eu vou dizer, para compensar todas as vezes que fui covarde em aceitar o inevitável.

— Hum e o que seria o inevitável? — perguntou em tom de brincadeira.

— Te amar.

— Você é tão lindo, Gabriel. Nossa acho que estou sonhando.

— Você não está sonhando – respondi mordendo seu queixo antes de atacar sua boca.

Ainda com os lábios colados aos dela abaixei minha cueca e esfreguei minha ereção na sua intimidade molhada pelo seu prazer.

— Isso parece real o suficiente pra você? – perguntei encarando seus lindos olhos azuis. Mari fechou os olhos fingindo pensar. Tinha um sorriso pregado na cara, aquele sorriso de satisfação, que te deixa se sentindo *o cara* por ser o motivo dele.

— Vou ter que ver mais de perto. Minuciosamente – Gargalhei — Sou brasileira, tenho que tocar pra ver.

— É todo seu – sorriu-me e se desvencilhou de mim invertendo nossas posições.

— Você fica parecendo um modelo de capa de revista com essa cueca, mas neste momento, eu prefiro sem – disse me livrando de vez da peça.

Uma das coisas que eu amava na Mari – Além de ela ser uma delícia – era como parecia tão natural o sexo entre nós. Ela se entregava de verdade, cada gesto, cada gemido, cara posição, tudo fluía perfeitamente entre nós. Desde o início. Tudo bem que não havíamos transado tantas vezes assim, o que me levava a ter certeza de que ficaria cada vez melhor.

Mari se encaixou no meio das minhas pernas e se abaixou dando uma leve lambida na cabeça do meu pau. Encarei a cena e me deleitei com seus cabelos vermelhos esparramados, mesmo que estivessem me atrapalhando ver sua boca deslizando sobre mim.

Preciso ver isso!

Cheguei um pouco para trás me apoiando um pouco na cabeceira da cama e segurei seus cabelos tirando-os da frente do rosto.

— Amo essa pintinha – disse deslizando o dedo na minha que tinha um

pouco abaixo da glândula. Mari sorriu mordendo os lábios, antes de me segurar firme e me engolir fundo.

— E eu te amo, Mari! – Grunhi.

Porra! Morri e estou no céu.

Ela continuou a sugar, enquanto me encarava com aqueles olhos. Não resisti ao impulso e forcei sua cabeça para que ele engolissem mais fundo. Caramba!

— Que boca gostosa, princesa!

Se ela continuasse naquele ritmo eu não resistiria e acabaria gozando na boca dela e eu não queria isso, mentira eu queria, mas não ainda. Com tempo faríamos tudo que tínhamos vontade, realizaríamos todas as nossas fantasias.

Sorri ao pensar no tempo. Tínhamos todo o tempo do mundo.

Segurei seu rosto fazendo com que ela parasse de me sugar.

— Vem aqui – pedi com o dedo.

Mari se engatinhou por cima de mim e encaixou uma perna de cada lado no meu corpo. Puxei-a pelo pescoço e a beijei lentamente. Agarrando os cabelos da sua nuca. Ela apoiou as mãos nos meus ombros e em um movimento rápido deitei-a ficando por cima.

— Me diz que você tem um preservativo na carteira, Gabriel. Eu não trouxe nem bolsa.

Felizmente eu tinha, uma única camisinha dentro da minha carteira. Levantei-me correndo e praticamente arranquei a carteira de dentro do bolso da calça.

Achei a camisinha e joguei a carteira para lado. Sorri balançando a embalagem da sua direção que ergueu as mãos para o céu agradecendo.

De volta à cama, não enrolei. Rasguei a embalagem e deslizei o látex sobre a minha ereção que parecia que iria explodir a qualquer momento. Pousei meu corpo sobre o seu e Mari abriu as pernas me acomodando entre elas. Apoiei o peso do corpo em um dos braços e com a outra mão me posicionei na sua entrada.

Deslizei para dentro dela com os olhos grudados nos seus. Mari se abriu mais para mim, me recebendo, fui entrando lentamente com medo de machucá-la. Quando já estava praticamente todo dentro dela aproximei e a beijei.

— Está tudo bem? – perguntei quando a encarei.

— Está tudo ótimo. Perfeito. Ainda não acredito.

— Acredita agora? – perguntei ao mesmo tempo que investi contra ela.

— Hum ... estou quase acreditando.

— E agora? – Comecei a estocar devagar indo até onde eu achava que estava tranquilo e saindo quase que totalmente.

— U-hum – foi sua resposta. Ela agarrou minhas costas e me beijou com paixão, aos poucos fomos achando o nosso ritmo. Mari começou a se mover ao meu encontro e embora eu estivesse cauteloso, não consegui manter o ritmo de antes. Acelerei as investidas e sua resposta foi me agarrar com as pernas intensificando a penetração.

Eu torcia em silêncio para não a machucar, porque estava impossível não querer entrar cadê vez mais fundo nela.

— Está tudo bem – ela disse parecendo ouvir meus pensamentos. — Está vindo... de novo... – balbuciou no meu ouvido.

— Deixa vir, meu amor, estou perto também – Levantei uma de suas pernas ao mesmo tempo em que ela agarrou meus ombros.

Eu queria prolongar ao máximo que eu pudesse, no entanto, o tesão que me consumia me impedia. Meu coração batia desenfreado, misturando-se as sensações, a luxúria do momento. Suas unhas arranhando minhas costas e seus gemidos no pé do meu ouvido, estavam me levando à loucura. Quando senti seu corpo se contrair e me apertar, me deixei levar, explodindo junto com ela em um êxtase intenso, inebriante, porém, carregado de sentimento.



Saí do banheiro e encontrei Mari de pé pegando suas roupas do chão. Aproximei-me e a abracei por trás cheirando seu pescoço.

— O que está fazendo?

— Achei que gostaria de ir embora – respondeu virando-se e me abraçando.

— Por mim ficaria para sempre aqui neste quarto contigo.

— Eu também – respondeu com um sorriso lindo.

Beijei-a de leve nos lábios e tirei as roupas de sua mão. Depositei-as na beirada da cama e subi na mesma, levando a Mari comigo. Sentei-me apoiando as costas na cabeceira. Mari veio e sentou-se novamente sobre mim, de frente. Toquei seu rosto carinhosamente antes de fechar a mão em seu pescoço e puxá-la para mim. Nossos lábios se uniram em um beijo que exalava sentimento.

Por mais que meu coração batesse tão descompassado em meu peito, eu

sentia uma paz absurda, uma paz que dizia que tudo ficaria bem. Eu acreditava veemente naquilo, pois ela estava ali, em meus braços e finalmente era minha.

Interrompi o beijo e segurei seu rosto entre as mãos. Mari pousou suas mãos sobre as minhas e me encarou profundamente.

— Eu te amo, Mari. Porra eu queria te dizer tanta coisa, mas toda vez que eu abro a boca é só o que consigo dizer.

— Você pode me dizer sempre que quiser, porque acho que nunca vou me cansar de ouvir – assenti dando-lhe um beijo na ponta do nariz.

— Quando você veio para cá, sua intenção era mesmo só ficar alguns dias para distrair a cabeça, ou você estava cogitando ficar por aqui?

— Não. Eu não tinha a intenção de ficar, mas achei que meus pais e eu precisávamos de um pouco mais de tempo. Você também precisava de tempo – ela desviou o olhar do meu ao dizer essa última frase.

— Eu entendo o seu receio – Forcei-a a me encarar — Mas pelo amor de Deus Mari, acredite quando eu digo que eu não precisava de tempo.

— Eu acredito... Desculpe ter duvidado.

— Você não precisa pedir desculpas, meu amor. Vamos virar essa página, melhor, vamos reescrevê-la, juntos.

— Você é mesmo de verdade? – perguntou fazendo carinho na minha barba.

— Eu acho que você só pergunta isso como pretexto para me ter dentro de você, né? – ela gargalhou. — Mari?

— O que foi? – respirei fundo indeciso se tocava ou não no assunto da gravidez. Eu não queria entristecê-la, mas precisávamos falar sobre o bebê. Se quiséssemos realmente reescrever nossa história, tínhamos que colocar todos os pingos nos *is*. — Eu sinto tanto que você tenha perdido nosso bebê, eu sinto mesmo, e eu não imagino como deve ter sido difícil pra você. Apesar de eu já amá-lo, mesmo ele ainda sendo apenas uma sementinha, eu me conformei. Sei que pra você deve ser muito mais difícil, afinal, você que estava gerando, tinha essa ligação que só mãe e filhos têm – parei de falar para enxugar uma lágrima que escorreu dos seus olhos. — Sei que agora deve estar doendo, mas vai passar e eu vou ajudá-la a superar. Quero que saiba que estarei sempre ao seu lado.

— Eu sei – disse e deu-me vários selinhos nos lábios. — Dói muito, não vou mentir, mas sei que com você ao meu lado vai ser mais fácil passar por tudo. Obrigada por estar comigo, Gabriel. Eu te amo, demais – Beijou-me com paixão.

Quando nos separamos, nos abraçamos por um tempinho. Mari deitou sua cabeça em meus ombros se aconchegando a mim, fiquei fazendo carinho em

suas costas até que segurei seu rosto novamente entre as mãos.

— Preciso te dizer mais uma coisa – ela assentiu mordendo os lábios. — Relaxa é coisa boa. Bom, eu acho que é.

— Então diga.

— Quero que você seja a minha mulher e mãe dos meus filhos – Mari me encarou boquiaberta, sorri achando graça de sua expressão surpresa.

Qual é? Ela ainda não tinha se dado conta que eu queria um futuro ao seu lado?

— Quero tudo contigo, Mari – reforcei.

— Uau! Não sei o que dizer, é claro que eu quero, mas... Não acha que é muito cedo?

— O tempo é você que determina, só estou manifestando meu desejo – ela sorriu assentindo.

— Também quero tudo contigo, Gabriel... com toda certeza do mundo eu te digo que é óbvio que quero ser a sua mulher e mãe dos seus filhos, só acho que podemos ir com calma. Temos todo o tempo do mundo. Podemos fazer as coisas sem pressa, sem queimar etapas. Quero muito curtir meu namorado, me entregar a ele sempre que me der vontade, quero poder viajar com ele, conhecer lugares, quero também apoiá-lo em tudo, vibrar por suas conquistas, porque ele é perfeito – Foi minha vez de sorrir.

— Cara de sorte – brinquei.

— Eu é que sou uma mulher de sorte, portanto vou fazer por merecer tê-lo ao meu lado – Mari ficou séria de repente me deixando intrigado.

— Tá tudo bem?

— Sim eu... – Encarou-me sem jeito.

— Me diz – insisti.

— Eu só me lembrei da Bia. Ela me procurou dia desses e conversamos.

— Conversaram? Quando foi isso? Não acredito que ela te procurou – Bufeí irritado.

— Gabriel, tudo bem – Mari respondeu segurando minha mão. — Nós conversamos apenas e foi bom, fomos sinceras uma com a outra.

— O que ela te disse?

— Que lutaria por você...

— Aquela garota não conhece limites.

— Não fique bravo com ela por isso. Não a culpo por tentar te reconquistar, o que vocês viveram foi muito forte, enfim, eu só queria que você soubesse que ela ainda tem esperanças.

— Não acredito que ela ainda tenha esperanças depois de tudo o que aconteceu. Eu deixei claro que te amo e que é com você que vou ficar. Disse isso a ela mesmo antes de saber que você tinha me ligado e ela me escondeu. Depois que ela soube que você havia perdido o bebê, me procurou novamente aí brigamos feio, quer dizer, eu explodi – Mari fez uma careta — Deixei claro que não a quero. Ela vai ter que entender Mari, pois nada, nem ninguém vai atrapalhar a gente de ser feliz. Eu não vou permitir. Não desejo o mal dela, pelo contrário, torço para que ela seja feliz, que encontre um cara capaz de amá-la, que a ajude a amadurecer, mas que ela vá ser feliz bem longe de mim. Não a odeio nem nada, só fiquei muito decepcionado com suas atitudes, espero de coração que ela cresça e mude suas atitudes, longe de nós.

— Você é lindo, Gabriel, por dentro e por fora. Estou muito orgulhosa de você.

— E eu não quero que se preocupe com a Bia, O.K.?

— O.K.

— Promete pra mim que não vai ficar insegura quanto a isso? Promete que vai sempre acreditar no meu amor?

— Eu prometo – Beijou-me com delicadeza.

— Você esteve o tempo todo bem debaixo do meu nariz – apertei seu nariz de leve — Esteve o tempo todo diante dos meus olhos – beijei cada um deles — Eu demorei a entender isso, mas agora que sei exatamente o que eu quero, e é você, não vou deixar que nada nos atrapalhe. Seremos felizes, Mari. Nós merecemos.

— Sim, nós merecemos – concordou me abraçando.

Deitei-a na cama e cobri seu corpo com o meu. Mari deslizou as mãos pelas minhas costas e apertou minha bunda, o gesto me acendeu inteiro.

Meus lábios deixaram os seus para beijar seu pescoço, seu colo. Fui descendo com beijos até alcançar seus seios pequenos e perfeitos, abocanhei um enquanto massageava o outro. Lambi um, depois outro, ela se contorceu debaixo de mim, e sussurrou “eu te amo”.

Ergui a cabeça e a encarei. Guardaria para sempre aquela imagem na minha cabeça. Mari era sexy pra caralho e ali naquele momento, tão entregue ao nosso amor, com um semblante estampado de felicidade, ela era a mulher mais linda de

todo mundo. Era a minha mulher. Beije-a novamente sem pressa, afinal tínhamos todo o tempo do mundo a nossa disposição.

Uma palavra para definir o momento?

Magnitude.



Capítulo 65

Livre Para Seguir Em Frente

Bia

Abri a porta do meu apartamento e empurrei minha mala de rodinhas para dentro. Fechei a porta e encostei-me a ela deixando minha bolsa deslizar pelo meu braço até alcançar o chão.

Suspirei pesadamente. O vazio que me acompanhava desde o rompimento definitivo da minha relação com Gabriel, não tinha me abandonado um instante sequer. Nem mesmo quando estava na companhia dos meus pais e familiares, consegui me desligar do que tinha acontecido, no entanto, voltar as minhas origens, me trouxe alguns momentos de paz que, há tempos eu não sentia.

Eu estava de volta ao meu apartamento, e mesmo diante das circunstâncias, me sentia um pouco mais forte para retomar as rédeas da minha vida.

A culpa por ter – mesmo que indiretamente – causado tanto transtorno a Mari e ao Gabriel, também não me deixou um minuto sequer, mas eu aprenderia a viver com ela.

Eu fiquei aliviada depois que minha prima me contou que os dois tinham reatado e estavam bem. Também estava conformada de que o Gabriel jamais seria meu e para ser bem sincera, os dias que estive no sul me permitiram refletir sobre o nosso relacionamento, me fazendo chegar a dura conclusão de que eu não o merecia.

A mulher que ele amava tinha quebrado a sua confiança e mesmo que eu não quisesse aceitar a princípio, sabia que dificilmente conseguiríamos seguir adiante, afinal, uma coisa é perdoar, a outra, é esquecer.

Tive muito tempo para refletir sobre meus sentimentos e a realidade é que o meu amor pelo Gabriel sempre foi inconstante. Por várias vezes estando ao seu lado, eu tive dúvidas, e essas dúvidas enfraqueceram nossa relação, essas dúvidas quase me fizeram beijar o primo do meu namorado, com ele me esperando no quarto da frente. Essas mesmas dúvidas me fizeram ficar atraída pelo Levi. Pensar nisso me levou a refletir que meu amor talvez não fosse assim tão verdadeiro quanto eu queria acreditar veemente.

Eu amei o Gabriel e acreditava que ainda o amava, porém, não era o tipo de amor que ele merecia, nem ele, nem eu, por isso me conformei.

E se reatássemos e depois um tempo eu ficasse confusa ou me sentisse atraída por outro homem novamente?

Não valia o risco.

Eu pensei muito sobre todas as possibilidades de nunca conseguirmos nos acertar novamente e eram tantas que acabei colocando dúvidas quanto a veracidade dos meus sentimentos em relação a ele.

Tomada pela iniciativa de tentar reconquistá-lo, não refleti se aquilo era mesmo o melhor para mim. Ainda não tinha a resposta para tal reflexão, mas como eu era carta fora do baralho para ele, essa resposta era irrelevante.

Meu telefone tocou no bolso da minha calça e o peguei apenas para ver quem estava ligando. Não estava com ânimo para falar com ninguém.

Meu coração deu uma acelerada ao ver quem era, mas preferi deixar a ligação cair na caixa postal.

Álvaro me ligou algumas vezes enquanto eu estava no sul, preocupado comigo, afinal eu tinha abandonado a faculdade há algumas semanas sem qualquer satisfação.

O atendi na primeira vez apenas para tranquilizá-lo e depois, só trocamos mensagens.

Sem sombra de dúvidas ele era um homem atraente e quando eu estava fora, foi impossível não perceber que seu interesse, era na realidade, pela Beatriz mulher e não aluna, mesmo que ele não tivesse dito nada a respeito.

Mesmo tentando, eu não poderia continuar fingindo para mim mesma, que o homem não me despertava certo interesse. Não sei se por eu estar tão carente, só levando *tapa* da vida, ou se porque ele realmente me atraia. Isso foi mais um motivo para eu questionar os meus sentimentos em relação ao Gabriel.

Eu não queria admitir, mas bem lá no fundo, eu acreditava que o que mais me impulsionava a tentar resgatar o que tínhamos era a comodidade e a segurança, que nossa relação me dava. Com o Gabriel eu estava segura, ele me amava e estava inteiro na relação por mim, e mesmo que às vezes meus sentimentos ficassem confusos, ele sempre estaria ali, infelizmente segurança não segura relação, é preciso muito mais do que comodidade, bem-estar, ou segurança para se levar um relacionamento.

Eu ainda estava magoada pela forma que tudo acabou, e eu era a maior culpada, talvez a única, mas estava decidida a reescrever minha história sem o

Gabriel e do fundo do meu coração, eu desejava sua felicidade.

Quem sabe um dia não poderíamos voltar a ser amigos?

Afastei-me da porta e coloquei meu celular na mesinha ao lado do sofá, a bateria estava no fim e eu precisava carregá-lo, na verdade eu precisava dar uma geral no meu apartamento e desfazer as minhas malas, mas tudo aquilo ficaria para depois, pois eu estava *supercansada*. Meu corpo só pedia banho e cama.

Foi o que eu fiz, tomei um banho rápido, vesti uma calcinha e uma regata e caí na cama, peguei no sono quase que na mesma hora. Só acordei no outro dia, já passava das dez da manhã quando decidi me arrastar para fora da cama.

Fui ao banheiro fazer xixi e escovar os dentes. Vesti um shortinho e fui para a cozinha preparar algo para comer. Peguei meu celular no caminho e o coloquei para recarregar.

Assim que o liguei choveram notificações. Minha mãe querendo saber se eu havia chegado bem, como também minha prima Angel. Não as respondi de imediato. Vi que meu professor também havia me ligado e mandado mensagens, corri os olhos por cima parando na última mensagem.

“Eu tentei evitar Beatriz, por Deus eu tentei, mas não aguento mais, não consigo mais fingir que não estou desesperado de saudade, louco para te colocar em meus braços e te abraçar bem forte, sussurrar em seu ouvido que você vai superar, porque você é forte. Você chegou bem? Me atende, por favor, vamos conversar.”

Encostei-me a bancada da cozinha e reli a mensagem mais de uma vez.

Desesperado de saudade? Sequer havíamos passamos tanto tempo juntos para ele estar se sentindo assim. Um sorriso involuntário escapou dos meus lábios.

Não tive muito tempo para pensar sobre a mensagem, pois me interfone tocou.

— Dona Bia, tem um rapaz aqui fora querendo falar com a senhora – meu porteiro anunciou.

— Rapaz?

Eu não queria ter pensado na possibilidade de ser o Gabriel, mas foi impossível.

— Sim, o nome dele é Álvaro. Posso mandar o moço subir?

Refleti por alguns instantes, triste comigo mesma por ainda acreditar que o Gabriel me procuraria.

Por que não o deixar subir?

Álvaro era o único que tinha demonstrando preocupação de verdade por mim, tentou me ajudar mesmo que apenas com conselhos e principalmente, ele não me julgou, mesmo soube o quanto eu havia magoado o Gabriel com minhas atitudes impensadas.

Ele me entendia, já havia vivido algo semelhante, não tinha sido enganado ou enganou a noiva, mas também foi incompreendido por suas ações. Sem falar que ele era um gato e eu estava solteira, carente e na seca.

— Dona Bia? – porteiro chamou minha atenção.

— Pode deixá-lo subir.

Coloquei o interfone de volta na base e respirei fundo.

Minutos depois minha campainha tocou. Respirei fundo ganhando coragem e caminhei decidida até a porta no momento em que minha campainha soou.

Abri a porta e nos encaramos. Ele parecia ofegante. Havia subido de escada até o décimo andar?

Álvaro sorriu e enxugou uma gota de suor e escorreu pela lateral do seu rosto.

Finalmente pude admirá-lo sem culpa. Reparei em cada traço do seu rosto. Desci o olhar para seu corpo visivelmente esculpido, mesmo escondido pelas roupas, voltei minha atenção ao seu belo rosto e lhe devolvi o sorriso.

Seus olhos estavam vidrados em mim e uma chama de desejo contida começava a se espalhar por eles.

— Desculpe aparecer sem avisar, mas... eu precisava te ver.

Minha resposta foi puxá-lo pela camisa para dentro do meu apartamento.

Fechei a porta e ficamos frente a frente até que, parecendo que tinha sido combinado pulei sobre ele ao mesmo tempo em que ele avançou sobre mim. Enlacei seu corpo com minhas pernas no instante que nossos lábios se uniram.

Álvaro girou o corpo e me encostou na parede enquanto sua língua experiente me arrasava em um beijo surpreendente. Uma de suas mãos deslizou pelo meu corpo enquanto a outra agarrou meu traseiro, sustentando o peso do meu corpo.

Nós nos beijamos com uma saudade que nem imaginávamos sentir, aquilo foi surreal. Ele me colocou no chão e automaticamente minhas mãos foram para a sua camisa, abri os botões, um por um, enquanto ele distribuía beijos pelo meu pescoço.

Deslizei a camisa pelos seus ombros e nossa, ele era mesmo muito gostoso. Seu abdômen definido me fez desejar deslizar a língua por todos aqueles gominhos e eu faria, como eu faria. Eu já estava mesmo no inferno, queria mais era me queimar.

Álvaro tirou a minha blusa e em seguida meu sutiã, tocou um dos meus seios com os olhos grudados nos meus. Levei a mão em sua nuca e o puxei em direção a eles. Meu professor entendeu o recado e quase me enlouqueceu com beijos, mordidas e lambidas dando total atenção aos meus seios.

Eu já estava febril de tanto desejo quando o puxei pela mão até o meu quarto. Deitei-me na cama e o levei comigo, meu professor distribuiu beijos pelos meus seios, minha barriga, arrancou meu short e me encarou com um olhar que me fez derreter.

Seus dedos hábeis logo me livraram da minha calcinha e quase fui aos céus quando sua língua deslizou sobre o meu clitóris.

— Ahh... – gemi louca de tesão.

Eu não saberia dizer se era a falta de sexo ou se ele realmente era bom naquilo, mas era certo que suas carícias me levariam a ruína. Eu já estava quase lá, quase despencando naquele abismo de prazer que ele estava me proporcionando.

Álvaro usou os dedos e os enfiou lentamente dentro de mim, sua língua continuou me sugando vorazmente, enquanto seus dedos me bombeavam.

— Eu... Não... – não consegui concluir meu raciocínio, pois o êxtase me desnorteou completamente.

Álvaro esperou que todos os espasmos cessassem e só então tirou seus dedos de dentro de mim. Deu uma última sugada na minha intimidade lambendo todos os vestígios do prazer alucinante que ele me proporcionou antes de se posicionar sobre mim novamente. Encarou-me com um sorriso safado. Aquele sorriso era novidade, meu professor era sempre tão sério, no entanto adorei aquele lado dele.

— Você é deliciosa Beatriz, não sabe como desejei te fazer minha – senti-me poderosa. Há tempos não me sentia assim e gostei muito daquela sensação.

— Então faça – Sentenciei de forma provocante — Te quero agora dentro de mim.

Álvaro sorriu e obediente levantou-se para se despir. Virei o corpo me aproximando do criado-mudo e tirei algumas camisinhas de lá.

Já nu, ele voltou para cama ajoelhando-se sobre ela. O encarei desinibida. O

homem era um verdadeiro espetáculo.

Imitei seu gesto ficando na mesma posição que ele. Entreguei-lhe o preservativo a ele que rasgou a embalagem rapidamente e se protegeu. Antes que eu pensasse no próximo passo, Álvaro me puxou e me sentou sobre ele. Ele me beijou com urgência, não foi delicado, mesmo assim eu estava adorando todo aquele desespero, já estava louca para gozar novamente e sabia que ele me proporcionaria outro orgasmo maravilhoso.

Explorei seu corpo rígido com os dedos e mapeei todos aqueles gominhos milimetricamente esculpidos, ao mesmo tempo em que seus dedos apertam minha carne.

Ergui-me um pouco e o segurei nas mãos, o masturbei um pouquinho me deliciando com seus gemidos. Não aguentando mais, o posicionei na minha entrada e sentei sobre ele. Seu membro duro feito rocha deslizou sem dificuldade para dentro de mim.

Voltamos a nos beijar e começamos a nos movimentar, nos chocando um contra o outro. A cada vez que nossas pelves se encontram o orgasmo ficava mais próximo. Álvaro desceu seus beijos para o meu pescoço e começou a dar leves mordidas e chupões ali.

— Mais forte! – pedi ensandecida.

Aquele homem estava me levando à loucura. Seus grunhidos no pé do meu ouvido, as mordidas e chupões no meu pescoço – que eu sabia que ficariam marcas – e os olhares vidrados pelo desejo com que ele me olhava foram o necessário para eu me deixar levar pelo êxtase novamente.

— Porra! – ele urrou apertando forte minha cintura e me auxiliando nos movimentos.

Envolvendo o braço sobre a minha cintura, meu professor me deitou na cama, continuou me penetrando, mas dessa vez de forma suave. Começou a sair e entrar fundo em mim, quase em câmera lenta, ainda deu umas reboladinhas fazendo meu ventre se agitar novamente.

Senti que ele estava se segurando, querendo prolongar máximo o momento. Ele era bom, outro já teria gozado. Envolvi seu corpo com as pernas e com os pés, empurrei seu bumbum durinho ao meu encontro, o incentivando a se fundar com tudo dentro de mim.

Álvaro acelerou os movimentos e lá estava eu, novamente me deleitando com o terceiro orgasmo do dia. Ele finalmente deixou-se levar rendendo-se também ao prazer que nos consumia. Ver meu professor tão sério e

compenetrado ali, sobre mim tendo sua fisionomia tomada pelo prazer me fez ter a certeza que nossas aulas, nunca mais seriam as mesmas.



Eu estava com a cabeça apoiada no peito do meu delicioso professor me recuperando da sessão quente de sexo, enquanto ele deslizava os dedos pelas minhas costas.

Estávamos em um silêncio confortante, até que ele o interrompeu.

— É lindo – disse referindo-se ao meu quadro pendurado na parede.

— Sim é – Sorri satisfeita, pois apesar de tudo, eu sabia que o quadro era uma verdadeira obra de arte. Levi era um artista incrível.

— O quadro só perde para a versão original – ele disse fazendo carinho nos meus cabelos.

Ergui a cabeça e o encarei. Ele tinha um sorriso lindo e satisfeito estampando seus lábios. De repente um estranhamento me invadiu.

Como seria dali em diante? Eu tinha amado o sexo, mas estava confusa com todo o resto.

— Pode tirar essa ruguinha de preocupação da testa – Álvaro disse docemente esfregando o dedo sobre minha testa. — Eu não espero que iniciemos um relacionamento só porque transamos, não sou uma mocinha do século passado – acabei sorrindo. — É sério, não precisamos ter essa conversa, e ainda sou o seu professor.

— Desculpe – suspirei — É só que eu não sei como proceder, não planejei nada disso. Não sei se estou preparada para me envolver novamente com alguém. Ainda estou confusa quanto aos meus sentimentos. Ainda amo o Gabriel, não sei se da maneira que eu imaginava, mas...

— Beatriz você não precisa me dar qualquer satisfação, é sério.

— Vamos apenas deixar as coisas acontecerem? – ele me encarou por alguns segundos.

— Você tem certeza disso? – assenti com um meneio de cabeça. Ele sorriu satisfeito.

— E deixar as coisas acontecerem inclui sexo? – Sorriu maliciosamente cobrindo meu corpo com o seu.

— Isso é pré-requisito básico – gargalhamos, Álvaro parou de rir e me encarou sério antes de me beijar deliciosamente.

E foi ali sendo beijada, tendo cada parte do meu corpo venerado por aquele belo homem que eu finalmente entendi.

Eu estava livre para seguir em frente e não precisava ser sozinha.



Capítulo 66

Final

Algumas semanas depois.

Mari

Gabriel parou sua moto de frente para o grande casarão onde eu desmontei e retirei meu capacete. Eu estava encantada com o pouco que já tinha visto da tão famosa Fazenda Bastos.

Meu namorado – ainda custava a acreditar que ele era realmente meu – veio ao meu encontro e me abraçou por trás descansando o queixo no meu pescoço.

— Gostou? – perguntou, vendo que eu admirava a arquitetura antiga do casarão.

— Demais!

— Espera até ver por dentro – disse beijando minha bochecha.

Sua avó Henriqueta apareceu no alto da escada e nos chamou.

— Não me façam descer aí, sou uma velha caquética! – ela disse arrancando uma risada do Gabriel.

— Oi, vó – ele a abraçou quando nos juntamos a ela.

— Oi, meu neto querido – dona Henriqueta o abraçou de volta com tanta ternura que me conquistou ali mesmo. Ela soltou o neto e me encarou com um sorriso amável.

— Então finalmente nos conhecemos – abraçou-me — Que cabelo lindo, menina! É natural?

— É vó, tudo nela é natural – Gabriel disse me puxando para ele.

— Eu só quero saber do cabelo mesmo, menino assanhado – deu um tapinha nele que caiu na risada.

Era mesmo irmão do Rafa.

Sorri feliz ao vê-lo interagindo com a avó. Nunca o tinha visto tão leve, tão em paz, como naquelas últimas semanas. Se eu já era louca por ele quando a

sombra da Bia ainda pairava entre nós, imagine depois de que ele finalmente a deixou ir. Gabriel conseguia ser ainda mais irresistível feliz e eu estava radiante por ser a razão da sua felicidade.

Entramos na casa e ele tinha razão, fiquei ainda mais encantada, principalmente pela coleção de fotos de toda a família, as fotos se estendiam pelos lances da escada e enfeitavam boa parte da parede da sala.

— Termine de mostrar a casa a ela que vou fazer um cafezinho fresquinho pra gente tomar – dona Henriqueta disse, antes de sumir para a cozinha.

Gabriel segurou a minha mão e me levou até os fundos da casa. A área de lazer era imensa, com piscina e churrasqueira, o imaginei ali despreocupado entre os seus, jogando cartas como gostava, ou apenas fumando seu cigarro.

Alguns gados pastavam do lado de fora da cerca de madeira, bem como, alguns cavalos.

— Aquele lá é o meu – Gabriel apontou para um deles notando que eu os admirava.

— É lindo!

— Você que é – Puxou-me para um beijo deliciosamente demorado. — Estou doido pra te levar na cachoeira, você sabe, *né*? Nadar pelado, essas coisas – Abri um sorriso maior que a boca.

— Eu estou contando com isso.

Quando me soltou, aproveitei para tirar minha jaqueta de couro.

— Estou morrendo de calor com esse jeans – apontei para minhas calças, não estava muito acostumada, mas não daria para viajar de moto de saia longa, *né*?

— Você está muito gostosa nesse jeans, pena que ele dificulta um pouco as coisas.

— Ah, é?

— É.

— Nem preciso dizer que você está fazendo aquela cara, *né*?

— *Me processe* – brincou me agarrando — Não tenho culpa se não consigo olhar pra você sem ficar com vontade de me enfiar debaixo das suas saias longas.

Suas palavras entraram em contato direto com o meio das minhas pernas, puxei-o e o beijei até a boca doer.

Estávamos há duas semanas recuperando o tempo perdido, ainda assim, a

fome um do outro não passava. Rafa até brincou dizendo que o Gabriel tinha emagrecido de tanto fazer sexo, me deixando roxa de vergonha, é claro.

— Vamos até a cozinha antes que minha avó nos surpreenda aqui – disse agarrando meu traseiro e me empurrando para ele, apenas para deixar claro o quanto estava aceso.

— Então pare de me agarrar!

Nós nos juntamos a dona Henriqueta na cozinha e comemos um delicioso pão caseiro que ela mesma preparou.

— E então, minha querida? Como você está? – ela perguntou segurando minha mão.

— Eu estou muito bem, de verdade – Olhei toda apaixonada para meu namorado — Seu neto tem me ajudado a passar por tudo o que aconteceu.

— Isso mesmo, vocês precisam se unir para superarem e eu não esperava menos do meu menino – olhou carinhosamente para ele. — Fico feliz que vocês tenham finalmente se acertado, eu estava com meu coração apertadinho por causa desse aqui – Gabriel beijou a bochecha dela.

— Não precisa se preocupar comigo, vó. Estou em boas mãos.

Ai caramba! Essas demonstrações de afeto acabavam comigo.

— Que ótimo!

Conversamos um pouco mais com dona Henriqueta, que me contou coisas sobre a Família Bastos, ela falou um pouquinho de cada filho, de cada neto. Eu me senti abençoada por estar sendo inserida naquela família. Não estava desmerecendo a minha, apesar de toda a dor que meus pais me causaram, eles estavam se esforçando de verdade para reparar, quanto ao Mau, o tempo se encarregaria e eu não estava preocupada. Só esperava que aquele turrão pudesse amadurecer um dia.

Depois de um tempo, nos despedimos da sua avó e fomos para a casa dos pais dele. Gabriel havia dito a dona Henriqueta que não jantaríamos com ela porque ele iria cozinhar para mim, mas que amanhã almoçaríamos todos juntos, eu, ele, ela, dona Suellen e seu Felipe, que viajariam para a fazenda no dia seguinte, só para me conhecerem.

Confesso que eu estava ansiosa.



Desci a escada e fui a procura de Gabriel na cozinha, o aroma estava

delicioso. Ele sorriu e indicou a cadeira para que eu me sentasse. Foi até a geladeira, pegou uma garrafa de vinho, abasteceu uma taça e me entregou.

— Já está quase pronto.

— O cheiro está maravilhoso – respondi, e bebi um gole do vinho. — Mas está faltando uma coisa – ele parou o que estava fazendo e me encarou confuso — Na minha fantasia, você está só de avental e cueca.

Gabriel caiu na risada levando-me rir junto com ele.

— Que safadinha!

— U-hum e na minha fantasia você era a minha sobremesa – ele mordeu os lábios e arrancou o avental do corpo, seguido pela camiseta e a calça jeans. Chutou tudo para longe e colocou o avental novamente e só então caminhou até mim.

— Assim? – perguntou em tom divertido.

— Só um pouquinho mais perto – fiz um gesto o chamando com o dedo. Quando ele ficou perto o suficiente, eu, ainda sentada, deslizei a mão por dentro do avental e mapeei seu abdome, descendo com os dedos até encontrar a protuberância no meio de suas pernas. O estimulei ali e sorri quando sua ereção moldou o avental.

Delicioso!

— Desse jeito, agora pode afastar um pouquinho – ele enrugou a testa, mas obedeceu, com certeza afastar era tudo o que ele não queria. — Agora está perfeito. Fantasia realizada com sucesso.

— Essa era sua fantasia? Só me ver duro debaixo do avental? – Sorriu com a cara lerdá.

— Essa é a primeira parte, a segunda a gente deixa pra depois de comermos.

— Gostei da parte do *comer* – Soltei uma gargalhada.

Gabriel aproximou-se e me deu um beijo rápido antes de voltar as verduras na pia.

Fiquei ali, babando naquele bumbum durinho, coberto pela cueca boxer, nos músculos das suas costas, que tencionavam conforme ele se mexia, até que me dei conta de que não estava fazendo nada para ajudá-lo.

— Posso te ajudar em alguma coisa?

— Não, só fique aí babando em mim.

— Por que você acha que estou babando em você? – perguntei divertida.

— Estou sentindo seus olhos gulosos queimando minha pele – ele virou-se e não tive como não descer os olhos para aquela parte bem à vista, mesmo sob o avental.

Mordi os lábios e sem conseguir resistir a atmosfera sexual que nos dominava, me sentei na mesa. Gabriel se aproximou e posso dizer que seus olhos estavam tão famintos quanto os meus. Ele se encaixou no meio das minhas pernas e arrancou o avental novamente. Levantou minha saia e segurou minhas coxas, me puxando ao seu encontro. Aquela leve fricção entre nossos sexos me incendiou inteira. Seus lábios ganharam os meus e nos emaranhando um ao outro, mapeei seu corpo lindo com as pontas dos dedos, enquanto suas mãos brincavam com meus seios. Ele afastou-se um pouco e enfiou os dedos por debaixo da minha calcinha.

— Molhadinha – sussurrou com os olhos cravados nos meus. — Adoro quando você fica assim, com tesão só de me olhar – deu-me um beijo na testa e saiu em direção a sala voltando em seguida com um preservativo entre os dedos. No caminho de volta até mim, rasgou a embalagem e se protegeu.

Arranquei minha calcinha e quando ele voltou para o meio das minhas pernas, segurei sua ereção firme e a guiei até a minha entrada.

Gabriel assumiu o controle e se enterrou em mim de uma vez só. Agarrei suas costas, ao mesmo tempo em que cruzei os calcanhares ao redor do seu corpo. Suas mãos seguraram forte minha cintura, ditando meus movimentos. Nos movemos rápidos, desesperados, nos chocando um contra o outro. Nossos lábios se colidiram em beijos estalados e molhados. Ele se afastou um pouco e ficou encarando a junção dos nossos sexos enquanto deslizava e saía, sua expressão era esplêndida. Abraçando-me forte, sussurrou palavras de amor e de sacanagens no meu ouvido.

Meu orgasmo veio rápido, forte e intenso. Ficava cada vez melhor, ele sabia exatamente como me dar prazer, sabia exatamente onde me tocar, onde me beijar. Sabia o ponto certo onde deslizar e friccionar sua língua esperta. Gabriel continuou metendo em mim, agora devagar, até os últimos espasmos me deixarem, e só então acelerou novamente. Com mais algumas estocadas, ele também se libertou, deixando-se levar pelo clímax.

Pousou a cabeça em meu ombro e me abraçou com ternura, sua respiração estava ofegante e brincava com algumas mechas do meu cabelo.

— Obrigado por ter esperado eu estar pronto pra você, meu amor – sussurrou. — Eu te amo, Ruiva. Te amo de todo o meu coração. Te amo mais do que todas as sardas que existem em seu corpo – Sorri o beijando na bochecha.

— É um tanto bom, hein? – brinquei.

— Te amo muito mais, te amo o triplo, o quártuplo – respirou fundo, e me olhou com tanta ternura que lágrimas me vieram aos olhos — Sou seu.

— E eu sou sua.



Gabriel

— Acorda dorminhoca – eu disse beijando o ombro da minha namorada que dormia profundamente, ela sequer se mexeu. Afastei seus cabelos e mordisquei o lóbulo da sua orelha — Acorda, namorada – sua resposta foi um gemido. — Meus pais já chegaram.

Parecia que eu tinha dito alguma palavra mágica, pois ela despertou e sentou-se na cama me olhando assustada.

— Oh meu Deus, que horas são?!

— Nove da manhã.

— Gabriel eu deveria estar lá na cozinha, ajeitando o café da manhã, não aqui em cima, dormindo com você – Sorri, ela parecia mesmo preocupada.

— Relaxa, eles foram direto para sede, só ligaram nos chamando para ir tomar o café da manhã com eles.

— Ainda assim, eu já deveria estar de pé. A culpa é sua, você acabou com todas as minhas forças ontem.

— Culpado.

— Ainda bem que lavamos a louça – ela disse.

Depois do sexo na mesa da cozinha, jantamos e fomos para o banho, teve sexo no banho, sexo na cama, no carpete do meu quarto e depois de novo na cama.

Mari sorriu e ajeitou seu cabelo rebelde em um coque, amava seus cabelos, sua pele pintada, seus lábios também pintados e amava quando ela me olhava do jeito que estava me olhando, sem nenhuma dúvida em seus olhos, apenas muito amor estampado neles.

Eu tinha demorado a tomar minha decisão, a reconhecer meus sentimentos e a libertar meu coração do meu envolvimento passado, porém, mesmo que isso

nos tenha feito sofrer pra caramba, até chegarmos ali, eu não me arrependia, porque quando olhava para ela, eu via toda a certeza de ter feito as escolhas certas, estampada em seus lindos olhos azuis.

— Eu já disse que te amo hoje? – perguntei, puxando-a para deitar-se e ficando sobre ela.

— Ainda não – Ronronou manhosa.

— Eu amo você, amo demais – Beijei-a com o desejo já formigando minhas estranhas. — Minha vontade era a de ficar aqui contigo, rolando nessa cama o dia todo, mas vamos cumprir nosso cronograma.

— Temos um cronograma?

— Sim, tomar café com meus velhos e depois partir para a cachoeira.

— Finalmente vai realizar sua fantasia, hum? – Piscou divertida. — Nadar pelado comigo na cachoeira.

— Essa é só a primeira parte da fantasia, a segunda é te comer na cachoeira – Abafei sua risada gostosa com um beijo demorado e embora nossa vontade fosse a de permanecer ali e nos perdermos um no outro, eu estava ansioso para que meus pais finalmente a conheçam.



Mari apertou forte a minha mão quando entramos na cozinha. Aproximei-me do seu ouvido e murmurei que relaxasse, soltei sua mão e fui ao encontro da minha irmãzinha que brincava no chão.

— Oi, princesinha.

— Oi Mari, finalmente nos conhecemos – minha mãe se aproximou da minha namorada e a puxou para um abraço.

— É um grande prazer conhecê-la – Mari respondeu devolvendo o abraço.

Meu pai entrou na cozinha e também se apresentou a abraçando.

— Bom dia, Mari. Como passou a noite? – minha avó perguntou. Sorri ao perceber as suas bochechas ficando vermelhas. Ela tinha passado a noite muito bem, comigo dentro dela a maior parte do tempo.

— Muito bem. Dormi feito uma pedra.

— E esse aí te deixou dormir, menina? Duvido – dona Suellen falou. Caí na risada.

— Bem-vinda a família mais sem filtro de toda a *Nikity City*, Ruiva – eu

disse pegando a Muriel nos braços. — Agora você sabe a quem o Rafa puxou — ela sorriu assentindo.

— A mim que não foi, e sim ao Felipe — minha mãe se defendeu — Venha se sentar pra tomar café, Mari — ela disse apontando para a mesa.

Sentei-me ao lado da Mari, enquanto minha mãe sentou-se do lado oposto. Minha avó sentou-se no seu lugar de praxe e meu pai de frente para minha mãe.

— Essa é minha princesinha — Apresentei a Muriel para a Mari.

— Ela é linda, Gabriel!

— Puxou o pai — seu Felipe disse orgulhoso.

— Puxou o irmão — contestei.

Mari pegou a Muriel no colo e a encarou emocionada. Eu tinha certeza de que ela estava pensando no nosso filho, então aproximei e murmurei em seu ouvido: — Vou te dar muitos filhos tão lindos quanto essa pequena aqui — segurei a mãozinha da minha irmã. Mari sorriu assentindo e me deu um beijo rápido nos lábios.

— Vocês são tão lindos juntos — minha avó disse nos encarando.

— Concordo — minha mãe falou — Faça esse homem feliz e você terá uma aliada pra vida toda, Mari.

— *Te prepara*, Gabriel — meu pai brincou.

— É verdade, Mari. Eu não aliso filho não, se fizer coisa errada, não vou passar a mão na cabeça. Te ajudo ainda a dar uma surra nele — todos rimos.

— Obrigada! Espero que não seja preciso chegar a esse ponto — ela disse essa parte me encarando.

— Claro que não, eu sou o gêmeo bom — Sorriu-me revirando os olhos.

— Falando no gêmeo mau... — minha mãe continuou a conversa falando no meu irmão Rafa. De como ele havia se transformado por amor e aquela coisa toda.

Aquilo era a mais pura verdade, o amor tinha o poder de transformar tudo e todos que compartilhavam dele, como transformar um cara que não tinha espaço para relacionamentos em sua vida em um bom marido e pai amoroso como o Kaiary, um cafajeste assumido em um homem fiel e devotado a sua Majuzinha como o Rafa e também, transformar uma amizade no mais puro e verdadeiro amor, como eu e a Mari.

Conversamos um bom tempo com meus pais. Depois que tomamos café, brincamos no jardim com a Muriel que adorou, aquela pequena amava ser o

centro das atenções, e definitivamente, ela era.

Apresentei Mari à Cândida, que havia chegado para ajudar no preparo do almoço, e ao Dé. Aproveitei e pedi ao meu amigo para selar meu cavalo.

Almoçamos todos juntos em um papo animado, meus pais especularam a vida inteira da Mari e àquela altura já sabiam mais da vida dela do que eu.

Depois do almoço, a chamei para cumprirmos a segunda parte do cronograma. Fui até a cozinha e peguei com a Cândida, uma cesta de piquenique muito bem abastecida.

— Você é um anjo, Cândida – Beije sua testa.

— Não por isso, gostei dela, Gabriel.

— Ela é incrível – eu disse todo apaixonado.

Já do lado de fora, peguei a mochila que havíamos levado com toalha e roupas que havíamos havia deixado na varanda. Segurei sua mão e a conduzi até o estábulo. Mari aproximou-se cautelosamente do animal.

— Pode fazer carinho, ele é muito manso – assentiu e levou as mãos na crina espessa do cavalo. Entrei no estábulo e peguei o violão velho do Dé que sempre ficava por ali.

— Vamos? – perguntei quando me juntei a ela.

Montei no cavalo e Mari me entregou a cesta de piquenique, o violão e colocou a mochila nas costas. Ergui a mão para ela e a ajudei a montar. Quando ela se ajeitou, lhe devolvi o violão.

Fizemos o percurso devagar, fui mostrando a fazenda a ela a medida que era possível. Quando chegamos a cerca que separava a cachoeira do pasto, expliquei que seguiríamos dali a pé. Soltei meu cavalo que foi em direção ao recipiente de água que ficava por ali e peguei nossas coisas, a cesta, o violão e a mochila.

Adentramos a pequena mata e depois de uma curta caminhada já estávamos na cachoeira.

— Que lindo, Gabriel! – Mari exclamou encantada.

— Não é? – respondi colocando as coisas no chão e tirando meus tênis.

— Você já vai entrar?

— Sim e você também – pisquei com malícia. Mari sorriu e assim como eu tirou todas as suas roupas.

Completamente nus, demos as mãos e corremos na direção da cachoeira. Não só nadamos nus, como na minha fantasia, como nos amamos ali, o que foi melhor ainda, no meio daquela natureza exuberante. Não fizemos sexo dentro da

água, embora estivéssemos afoitos, preferimos estender uma toalha no chão e transar com proteção. Chega de surpresas.

Mais tarde, deitados debaixo das sombras das árvores, estávamos em um silêncio confortável. Mari estava deitada sobre meu peito, observava nossos dedos entrelaçados.

— Se eu te disser que ainda não acredito que estamos finalmente juntos, você vai achar que...

— É só pra eu te provar me enterrando em você? Sim – Sorriu me dando um *soquinho*.

— Mas é verdade, Gabriel – Continuou a falar, erguendo-se para me encarar. — Parece que estou sonhando acordada.

— Tudo bem, pode até parecer, mas é real, e é a coisa mais certa que poderia nos acontecer. Mesmo se você acordar desse sonho, eu continuarei aqui, porque é pra ser.

— Por que você tem que ser tão incrível?

— Eu não sou, eu só sou o seu Gabriel – Sorriu-me lindamente.

— Amei seus pais, sua irmãzinha, a fazenda, amo tudo que diz respeito a você – Abracei e a beijei demoradamente.

Nossas línguas se buscaram e se enroscaram de forma deliciosamente provocadora. Deslizei a mão pelo seu lindo corpo sentindo meu coração transbordar. Naquele momento, mesmo sem querer pensei na Bia e desejei de coração que ela encontrasse alguém que a fizesse tão feliz quanto a Mari me fazia.

— Sabe o que deixaria esse momento ainda mais sublime? – perguntou quando nos separamos.

— O quê?

— Aquele seu papo de poeta – gargalhei.

Pensei por alguns instantes e uma frase do *Gottfried Leibniz* me veio à mente: — Amar é encontrar na felicidade de outrem, a sua própria felicidade – Mari beijou levemente nos lábios.

— Agora sim, não preciso de mais nada.

— Ah, mas eu preciso – ela encarou curiosa.

— Vai ter que tocar para mim e não é punheta, agora não – revirou os olhos sorrindo.

Peguei o violão e entreguei a ela. Mari o ajeitou no colo e começou os

primeiros acordes, mas logo os interrompeu.

— Eu... – mordeu os lábios sem jeito — Eu fiz uma música pra você. Ia te mostrar quando estivesse totalmente pronta, mas acho que essa é a oportunidade perfeita.

— Você fez uma música para mim? – perguntei surpreso, porém, emocionado. — Uau!

— Não fique animado, são só algumas estrofes e preciso melhorar a melodia, então não fica decepcionado, tá?

— Isso é impossível.

— O.K., é mais ou menos assim – respirou fundo e começou a tocar.

*“Quando olho pra você,
Parece que meu coração vai
Parar de bater*

*Você é minha estrada
O meu porto seguro
Você é minha morada
E de você eu cuido...”*

Meu coração parecia que sairia do peito de tanta emoção. Mari cantava absorta a tudo ao seu redor, mas eu reparava em cada detalhe, nos seus dedos delicados pressionando as cordas do violão, nos seus cabelos já quase secos envoltos em seu rosto, na forma como ela respirava fundo para dar sequência na letra.

Perfeita. Minha mulher era perfeita para mim.

*“... Quando eu estava perdida,
Foi você quem me encontrou
Quando eu não era ninguém,
Foi você quem me moldou.*

Anjo, oh meu anjo

Minha metade
Minha felicidade...”

Quando terminou de tocar eu tinha lágrimas nos olhos.

— *Tá* muito ruim, ainda... – não a deixei terminar, não era ruim, era perfeita porque tinha um significado maior, significava amor, simplesmente, mas extraordinariamente, amor.

Beijei-a até meio desesperado. Eu estava de fato muito emocionado. Caímos sobre o violão que ela tentara afastar sem sucesso. Nós nos beijamos sentindo todo o sentimento que compartilhávamos.

Ali, com ela em meus braços, agradei aos céus por tudo que passamos para chegarmos onde chegamos.

Pois, mesmo diante de tudo, eu estava ali, inteiro para ela, assim como ela estava para mim.

Fim.



Epílogo

Oito meses depois

Mari

O restaurante estava bem cheio. Desde que os meninos começaram a abrir a noite e a servirem um buffet mais variado, o restaurante estava sempre lotado. Gabriel era sempre solicitado nas mesas para ser parabenizado e aquilo me enchia de orgulho.

O *Bastos* estava completando um ano e naquela noite eu seria atração musical. Desde que o restaurante começou a oferecer música ao vivo para seus clientes, eu era figurinha carimbada e eu amava poder estar ali no mesmo ambiente que o Gabriel.

O restaurante e nosso apartamento eram os melhores lugares do mundo inteiro. Sim eu disse “nosso” apartamento, aquele lance de levar as coisas com calma, não durou muito, três meses depois já estávamos dividindo o mesmo teto e um mês depois eu já exibia uma linda aliança de noivado.

Alugamos um apartamento próximo ao prédio em que os meninos moravam. Gabriel embora quisesse ter seu próprio espaço, não queria ficar muito longe do Rafa nem da Majuzinha, tanto que depois de ele implorar muito para o Rafa e para a Maju – afinal a cadela tinha sido presente dela para o irmão – os dois aceitaram que nós a levássemos para morar conosco.

Minha vida estava perfeita e mesmo que eu tivesse passado por momentos turbulentos para chegar até aqui, eu nunca estive tão feliz. Eu passaria por tudo novamente se fosse para ter o Gabriel ao meu lado. Ele era o responsável por todos os meus sorrisos, era um companheiro incrível. A felicidade irradiava de mim, só em poder dividir o mesmo espaço que ele, dormir e acordar todos os dias ao seu lado, porém, melhor do que tudo isso, eu estava no céu por ser sua noiva.

Desde que começamos a namorar, seu apoio foi fundamental para eu retomar as rédeas da minha vida. Voltei a estudar música, voltei a tocar a noite e criei meu canal no YouTube. De vez em quando ele participava de alguns vídeos

tocando comigo. Meus seguidores adoraram e começaram a pedir que fizéssemos vídeos juntos sempre, não só de música, como também do nosso dia a dia.

Gabriel adorou a ideia e vez ou outra, fazíamos vídeos de coisas de casal. O último que fizemos foi dele me ensinando a cozinhar. Choveram visualizações. Ele era o queridinho das minhas inscritas.

Eu as compreendia, pois era a prova viva de que era impossível não se encantar por cada gesto, cada sorriso, cada sussurro. Gabriel era lindo por fora, mas incrível por dentro e era por esses e outros infinitos motivos que no dia seguinte eu me casaria com ele, o homem da minha vida.

Gabriel entrou no escritório do Rafa – local em que eu estava me preparando para cantar – e se aproximou. Abraçou-me e me deu um beijo demorado na testa.

— Está tudo pronto, amor – Envolvi meus braços ao redor do seu pescoço e beijei de leve seus lábios.

— Eu já te disse que você fica muito sexy vestido de *chef*?

— Já – Sorriu-me maliciosamente.

— Faz um tempinho, *né*? – perguntei me referindo a minha nova fantasia preferida. Transar com ele vestido assim.

— Quer me ter vestido de *chef*, hoje? É só me dizer – Balancei a cabeça assentindo — Então, você me terá.

— Mal posso esperar – Afastei-me um pouco e apontei para minha roupa: — Como estou?

Eu havia optado por um *look* diferente para tocar aquela noite. Eu tinha de estar à altura da ocasião, portanto troquei minhas saias longas e estampadas, por um vestido preto longo, bem justo no corpo. Ele tinha uma fenda de um lado que ia até a altura da minha coxa, tinha um decote reto e mangas caídas cobertas de babados de renda que o deixavam delicado. Meu cabelo estava muito bem escovado e minha maquiagem era leve, pois meu noivo adorava minhas sardas e não gostava, muito, quando eu as cobria.

— Está perfeita – respondeu com um olhar tão apaixonado que me fez arfar. Encaramo-nos por alguns instantes e nossos olhares diziam tudo o que precisávamos sem que houvesse palavras. Parecia que éramos capazes de ler a mente um do outro, de tão intensa que era a nossa conexão.

— Amanhã a essa hora – disse se aproximando e pegando uma de minhas mãos. — Você já será oficialmente minha.

— Eu já era sua mesmo antes de ser – Gabriel juntou suas mãos em meu rosto e me beijou delicadamente, seu beijo era carregado de sentimentos, que se misturavam aos meus enquanto nossas línguas se buscavam. Eu o amava tanto que era capaz de qualquer coisa por ele, e o que era ainda melhor, eu sabia que ele era capaz de tudo por mim.

Trocamos mais alguns beijos antes de ele voltar para a cozinha. Retoquei meu batom e saí da sala do Rafa. Cumprimentei algumas pessoas nas mesas próximas ao palco e parei na mesa dos meus sogros para dar um beijinho na minha cunhadinha. Vó Henriqueta, Kaiary e Angel, mais alguns tios e primos do Gabriel, também se encontravam espalhados pelo salão.

Minha relação com Angelina não era mil maravilhas, afinal ainda nos reservávamos ao direito de ficar cada uma no seu quadrado, mas eu sabia que com o tempo ainda poderíamos nos tornar grandes amigas. Como Gabriel mesmo adorava frisar, ela uma garota incrível, do tipo essencial para se ter por perto e eu não duvidava, no entanto, estávamos construindo nossa relação com calma e claro, com muito respeito.

Subi ao palco e com duas batidinhas no microfone para testar o som me apresentei pronta para entreter os convidados.

— Boa noite, sejam todos bem-vindos ao Bastos. Meu nome é Mariana Guedes e cantarei para vocês esta noite.

Algumas pessoas me aplaudiram e eu me sentei no banquinho de frente ao piano. Ajeitei o microfone no suporte e dei início as primeiras notas da canção. A primeira música do repertório escolhido foi “*I Need You Now*”. Música que cantei para o Gabriel em uma noite em que ele dormira no meu apartamento. A canção me marcou, mesmo que o motivo de tê-la cantado fosse porque ele tinha me pedido para cantar uma música de dor de cotovelo, e provavelmente ter pensado o tempo todo na Bia ouvindo a letra. Naquela noite eu percebi que seria questão de tempo para que o Gabriel roubasse todos os meus pensamentos, tanto que tinha decidido não transar mais com ele.

Terminei de cantar a canção e toquei e cantei mais duas no piano, trocando-o depois pelo violão. Gabriel apareceu quando eu terminava de cantar “Trevo” do duo Anavitória, aquela era outra música que havia me marcado profundamente, Gabriel era realmente o meu trevo. Suas palmas juntaram-se as demais e sorri toda apaixonada para ele, era como se só houvesse ele ali me assistindo, murmurei “você é meu trevo” e ele sorriu ao entender o que eu dissera.

Troquei o violão pelo ukelele e aproximei-me novamente do microfone.

— Gostaria de chamar aqui para cantar a próxima música comigo o meu noivo – apontei orgulhosa para ele — Que por acaso é o responsável por todas essas delícias que vocês estão saboreando. Vem amor – Ergui a mão na sua direção.

Gabriel tirou seu chapéu de *chef* entregando-o a sua mãe. Ele deu uma ajeitada nos cabelos daquele jeito sexy que os homens têm de ajeitar as madeixas e segurou minha mão, beijando-a em seguida. Houve alguns assobios e palmas ecoaram no salão. Ele me encarou meio perdido, sem saber qual música cantaríamos. Aproximei-me e cochichei no seu ouvido: — Relaxa, é a nossa música.

Gabriel assentiu com um sorriso lindo e se aproximou do microfone, afastei-me um pouco para que ele pudesse cantar sozinho a primeira parte. Iniciei os primeiros acordes no ukelele e meu lindo noivo começou a cantar a canção *Dois corações* do Melim. Amava cantá-la para ele.

Quando chegou na minha parte eu o encarei, cantei com os olhos grudados nele, cantei apenas para ele:

*Vi que era amor,
quando te achei em mim
E me perdi em você.*

Gabriel se juntou a mim no refrão e mais uma vez não enxerguei mais ninguém, apenas ele na minha frente, lindo e perfeito. Sim eu o achava perfeito, perfeito em sua forma mais humana, perfeito em seus defeitos, perfeito mesmo quando errava pois, ele era sempre o primeiro a reconhecer o seu erro e tentar melhorar.

*Somos verso e poesia
Outono e ventania
Praia e carioca*

*Somos pão e padaria
Piano e melodia
Filme e pipoca*

*De dois corações um só se fez
Um que vale mais que dois, ou três.*

Quando terminamos de cantar, Gabriel aproximou-se de mim e sem cerimônia me tascou um beijão na frente de todo mundo. Agarrei-o de volta não me importando com a plateia que gritava e assoviava. Ele finalizou um beijo com um selinho demorado e os olhos cravados nos meus.

— Eu te amo, anjo – sussurrei em seu ouvido.

— Eu te amo, Ruiva – Gabriel me soltou e confesso que minhas pernas ficaram bambas. Eu me recompus rapidamente e voltei a cantar. Dei continuidade cantando a música que fiz para ele.

Quarenta minutos depois, desci do pequeno palco para descansar e sentei-me com meus sogros.

— Você tem uma voz linda, Mari – dona Suellen me elogiou.

— Eu concordo – seu Felipe também falou.

— Obrigada – respondi satisfeita.

Fiquei um tempinho conversando com eles, até meu noivo aparecer acompanhado de um senhor.

— Mari, quero que conheça o Maldonado, um cliente assíduo nosso.

Pedi licença aos meus sogros e me aproximei deles — Muito prazer – eu disse apertando a mão do homem.

— Tive que vir parabenizá-la pessoalmente, Mari. Você tem um talento incrível.

— Muito obrigada.

— Eu sou produtor musical e sócio de uma gravadora muito conhecida aqui do Rio. Preciso dizer que estou encantado, além de linda e muito talentosa, você tem uma presença de palco marcante e é por isso que estou interessado em produzir você – Abri a boca e fechei sem saber o que dizer, eu estava em choque.

— Não sei o que dizer.

— Diga que aceita conversar comigo para que possamos chegar a um acordo – disse me entregando um cartão — Gabriel me disse que você também compõe, certo?

— *S-sim.*

— Gostaria muito de poder ver suas composições, o que me diz de marcarmos um almoço, hum?

— Eu não... — Era visível o meu espanto, tanto que Maldonado percebeu.

— Desculpe tê-la abordado assim tão de repente, é que quando Gabriel me convidou para vir assisti-la hoje à noite, eu confesso que vim mais pela amizade, e pela comida, é claro. Enfim, foi uma surpresa. Vou deixá-la digerir, pense direitinho e me ligue assim que puder, O.K.? — Apenas assenti com a cabeça. Tinha perdido minha capacidade de falar. — Gabriel eu preciso dizer que o risoto estava esplêndido, como sempre a sua comida me encanta.

— Obrigado e obrigado por vir ouvi-la.

— Eu é quem lhe agradeço, meu rapaz.

Maldonado se retirou nos deixando sozinhos. Olhei para o Gabriel totalmente sem reação. O que ele fizera por mim, o fato de ele acreditar no meu talento, me impulsionar, era impressionante. Ele jamais me privaria de nada, queria que eu voasse longe. Agarrei sua mão e o puxei para o escritório do Rafa novamente.

Fechei a porta e o encarei. Eu tinha lágrimas nos olhos, meu coração parecia uma bateria de escola de samba.

Se eu estava feliz pelo reconhecimento daquele produtor? Claro que eu estava, mas eu estava transbordando de felicidade pelo fato de o Gabriel ter feito aquilo por mim.

— Não tenho palavras para expressar o que estou sentindo — eu disse tentando conter o choro — Obrigada, obrigada por sempre acreditar em mim — eu já estava me debulhando em lágrimas.

— Eu não fiz nada meu amor, apenas o convidei. Ele ter gostado de você é mérito seu — Gabriel aproximou-se e enxugou minhas bochechas que deveriam estar borradas de preto.

— Você acreditar em mim é tudo o que me importa... ai Gabriel! — literalmente pulei em seus braços e o beijei por todo seu lindo rosto — Às vezes ainda acho que estou sonhando.

— Eu vou te provar mais tarde o quanto isso é real — Piscou um olho com malícia.

— Eu vou adorar — nós nos beijamos novamente e trocamos carícias até que o Rafa e a Maju apareceram e nos expulsaram da sala. Era a vez deles *se pegarem* disse meu cunhado.

Mais tarde, assim que entramos no nosso apartamento, meu vestido foi

arrancado de mim, ali mesmo na sala. Meu lindo noivo, *chef* maravilhoso, me ergueu em seus braços fortes e me sentou na beirada no aparador que ficava ao lado da porta. Seus lábios ganharam meus seios ao mesmo tempo em que o enlacei com as pernas. Majuzinha notou nossa presença e foi correndo até nós pulando nas pernas do Gabriel pedindo atenção.

— Vou dar dois minutinhos de atenção a ela, vai pro quarto e me espera – disse antes de me dar um beijo incrivelmente gostoso e possessivo.

Assenti e fui para o quarto. Aproveitei para tirar a maquiagem e tomar um banho rápido. Saí do banheiro completamente nua ao mesmo tempo em que Gabriel entrou no quarto. Andamos depressa um para o outro, nossas bocas se chocaram juntamente com nossos corpos. Jogamo-nos na cama e nos beijamos com urgência, com um desejo desenfreado que sempre emanava de nós. Não importava que já estivéssemos juntos há algum tempo, a cada vez que Gabriel me possuía sempre superava a anterior.

Gabriel ficou de pé ao lado da cama e me ajoelhei no colchão ficando de frente para ele. Ajudei-o a tirar apenas o avental. Abri sua calça, a abaixei e o *tirei* para fora, acariciei sua ereção antes de dar uma boa lambida em toda sua extensão. Mordi os lábios e fiz uma cara bem safada antes de me virar de costas e ficar na posição de quatro.

— Porra, Mari! – Gabriel grunhiu.

— Não tira a roupa!

— Seu desejo é uma ordem.

Suas mãos seguraram meus quadris com força quando ele se enterrou fundo dentro de mim. Meu noivo cumpriu direitinho sua promessa e mostrou que ele era tão real quanto aos vários orgasmos que me proporcionou naquela noite.



Gabriel

Terminei de ajeitar a comida da bandeja e finalizei minha arrumação colocando uma rosa vermelha sobre ela, era uma flor de plástico, mas o que valia era a intensão. Acordei um pouco mais cedo do que a Mari e lhe preparei um café da manhã com tudo o que ela gostava. Fiz tapioca, salada de frutas, suco de abacaxi, café com leite e cupcakes.

Pensei em tirar o avental, mas lembrei-me de que ela adorava me ver vestido apenas de avental e cueca.

Segui com a bandeja até o quarto e abri a porta com cuidado, ela ainda dormia profundamente. Coloquei a bandeja sobre a cômoda e perdi alguns segundos admirando a visão. Meu peito inflou ao me lembrar de tudo que já havíamos vividos juntos e tudo o que ainda viveríamos um ao lado do outro.

Os últimos meses tinham sido os melhores da minha vida, sua presença constante era fundamental no meu dia a dia. Mari me completava, em todos os sentidos. O que tínhamos era o muito bonito e muito sincero, nosso amor era um sentimento intenso, porém maduro. Não havia inseguranças, receios, medos, pois além de tudo, ainda éramos os melhores amigos um do outro. Tudo entre nós era recíproco, todas as decisões eram tomadas juntas, o que quer que fizéssemos era sempre pensado a dois.

Não foi preciso muito tempo para que eu desejasse que nossa relação evoluísse. Quando a pedi para ir morar comigo, ela me encarou surpresa, mas eu estava muito certo do que eu queria. Pouco tempo depois, a surpreendi novamente pedindo-a em casamento, mas assim como eu, também era seu desejo tornar-se minha oficialmente.

Algumas pessoas disseram que estávamos sendo precipitados, alguns amigos disseram que nós poderíamos estragar nossa relação casando tão cedo, que deveríamos aproveitar mais, mas eles estavam enganados, não havia algo que quiséssemos mais de que ser um do outro, em todos os sentidos.

Não fiz um evento como o Kaiary, ou coloquei um avião no céu como o Rafa para fazer o pedido, não que eu não fosse romântico, mas eu preferia me expressar de outra forma, olhos nos olhos, corpo a corpo. Por isso apenas enfiei uma aliança em seu dedo minutos depois de sair de dentro dela.

Saí dos meus devaneios de homem apaixonado e me aproximei da cama. Sentei-me ao seu lado e toquei seus cabelos tirando-os do seu rosto. Beijeí sua bochecha e sussurrei no seu ouvido: — Bom dia, flor do dia.

— *Hummm* – Ronronou enlaçando meu pescoço e me puxando para ela. Toquei seus lábios com os meus e a beijeí lentamente. — Agora sim, posso dizer bom dia – Mari sorriu sentando-se na cama.

— Trouxe o seu café da manhã – falei me levantando e indo até a bandeja.

— Por favor, me diz que você está incluso nesse café da manhã – perguntou encarando descaradamente minha bunda.

— Depois que você comer tudinho – ela encarou a bandeja que eu havia

colocado na cama.

— Parece ser muita coisa, vai me ajudar, *né*? – assenti. Peguei uma tapioca e dei uma boa mordida. Mari começou pela salada de frutas.

— Quando você pretende ligar para o Maldonado? – ela parou de mastigar e me encarou — O que foi? Não é o que você quer? – perguntei notando sua reação.

— Eu quero, é só que... pensei direito depois que passou a surpresa e a euforia. Enfim, não sei se é o momento.

— Por quê? – perguntei preocupado. Mari baixou os olhos e ficou claro que estava acontecendo alguma coisa e ela não havia me contado — Amor, estou ficando preocupado. O que houve?

Ela não respondeu, levantou-se da cama e foi até a cômoda. Abriu a gaveta e tirou uma sacola de lá de dentro.

— Eu ainda não fiz nenhum – peguei a sacola que ela havia estendido na minha mão e a abri.

Precisei de alguns segundos para entender o que significava todas aquelas embalagens. Quando o entendimento finalmente me agraciou, a encarei embasbacado.

— Eu não acredito que eu esteja grávida, eu acho que esse atraso deva ser somente porque parei com o anticoncepcional, afinal ainda é muito cedo, mas você sabe como sou ansiosa.

— Muito ansiosa – Sorri contando os testes de gravidez. Era um total de sete. — Está atrasada há cinco dias correto? – ela assentiu. — Senta aqui – pedi empurrando a bandeja para o lado.

Mari sentou-se ao meu lado e mordeu os lábios demonstrando nervosismo. Segurei seu rosto entre as mãos e a beijei. Primeiro foi um beijo inocente de boca fechada, até que minha língua pediu espaço e encontrou a sua. Puxei-a para o meu colo e aprofundei o beijo. Mari enfiou os dedos nos meus cabelos ao mesmo tempo em que agarrei sua cintura e esfreguei minha ereção naquela parte sensível do seu corpo. Interrompi o beijo e coleí minha testa na dela.

Eu sabia que ela estava apavorada, não por poder estar grávida, afinal era o que nós dois queríamos, conversamos muito antes de decidirmos. Seu medo era de outra gravidez também não vingar.

Embora estivéssemos felizes, como nunca, vivendo nosso amor, ainda sentíamos que faltava alguma coisa, algo que fora tirado de nós precocemente. Mesmo quando não falávamos sobre o assunto, era impossível não pensar no

bebê que perdemos, era impossível não imaginar como seria a nossa vida se ele tivesse nascido, em como seria segurar nosso amor nos braços. Não queríamos substituí-lo, não era isso. Nosso filho que não chegou a nascer viveria para sempre em nosso coração e continuaria sendo muito amado por nós, ele estaria sempre presente na nossa memória.

Depois de muitas conversas, de pesar os pós e os contras, decidimos ter outro filho para que nossa felicidade fosse completa, mas não imaginávamos que ele viria logo no primeiro mês que Mari parou de tomar os contraceptivos.

— Sei que está assustada e tem razão, talvez não seja gravidez, mas se for meu amor, é porque é pra ser. Assim como é pra ser... — aponte para nós dois.

— Eu te amo tanto, Gabriel. Eu serei a mulher mais feliz do mundo se tiver um fruto do nosso amor aqui dentro — alisou a barriga —, mas não vou mentir que isso me deixa tão radiante, quando receosa.

— Você foi ao médico, está tudo bem com você, está tomando as vitaminas direitinho. O que aconteceu foi uma fatalidade amor, como a médica explicou, não tem nada a ver com a sua saúde. Você a ouviu, não ouviu? — perguntei levantando seu queixo com meu polegar — Ela disse que você está saudável e pode gerar uma criança sem qualquer problema. Vamos confiar — ela sorriu assentindo.

— Devemos ser meio doidos, né? — perguntou em tom de brincadeira. — Mal começamos a namorar já fomos viver juntos, vamos nos casar e se eu estiver mesmo grávida, já seremos pais. Passamos a carruagem na frente dos bois.

— Fazer o que, se eu tenho certeza absoluta de que é você que quero como minha esposa e mãe dos meus filhos?

— Você está fazendo aquela cara.

— Eu sei — Sorri e enlacei seu pescoço puxando-a para um beijo demorado.

Mari me abraçou apertado quando paramos de nos beijar e pousou a cabeça em meu ombro.

— Você sabe que ser sua esposa e mãe dos seus filhos é tudo o que mais quero na vida, né?

— Eu sei — ela levantou a cabeça e me encarou. Segurei a sacolas com os testes de gravidez e peguei um. — Aqui diz: *recomenda-se a primeira urina da manhã*.

— Então é melhor fazer logo — Sorri assentindo.



Mari

Abri a porta do banheiro e fui até onde o Gabriel estava sentado no chão com as costas apoiadas na cama. Juntei-me a ele que me entregou uma caneca de leite com café.

— Toma, esquentei de novo que estava frio.

— Obrigada – Sorri tomando um gole do líquido fumegante.

— E então? Fez todos?

— Sim – Gabriel pegou minha mão livre e a beijou, depois entrelaçou nossos dedos.

— Confesso que estou ansioso.

— Pode não ser gravidez, é normal desregular quando paramos de tomar remédio. Não quero que você fique decepcionado – falei essa parte olhando em seus olhos.

— Não vou ficar, vai vir na hora que tiver que vir, mas... já podemos pensar em nomes? – Sorri da sua empolgação.

— Se for menina, quero que se chame Gabriela, em homenagem ao pai maravilhoso que ela terá.

— Nossa, não sei o que dizer, ficarei muito feliz – Depositei minha caneca no chão e escorreguei para o seu colo.

— Não sei porque a surpresa – eu disse beijando sua bochecha — Que outro nome eu poderia colocar na nossa filha?

— Obrigado. E se for menino?

— Se for menino você escolhe – Gabriel abriu um sorriso lindo.

— Eu vou pensar em um nome bem bacana – assenti. — Mesmo se você estiver grávida eu quero que ligue para o Maldonado. Não é porque você vai ser mãe que precisa desistir dos seus sonhos.

— Acho difícil quererem investir em uma cantora grávida – seu sorriso morreu instantaneamente — Não precisa ficar triste, amor – Apertei suas bochechas e lhe dei um selinho — Eu não ficarei, pois estarei transbordando de felicidade se eu estiver mesmo grávida.

— Você não precisa dizer de cara, até porque entre conversar, negociar e as coisas realmente acontecerem, vai levar um tempo.

— Está sugerindo que eu omita a gravidez?

— Estou – ele sorriu tapando os olhos. Sorri também e tirei suas mãos dos olhos para beijá-lo. — Brincadeira, só acho que não há necessidade de contar agora.

— Não sei Gabriel, as coisas podem ficar bem complicadas. Estarei ocupada demais para dar conta de ser cantora profissional e mãe ao mesmo tempo.

— Você vai dar conta sim, porque irei te ajudar – Apenas assenti incerta, mas preferi por pensar em uma coisa de cada vez.

— Acho que já podemos ver o resultado – Gabriel disse consultando o relógio no criado-mudo.

Nós nos levantamos e fomos até o banheiro. Lá estavam, todos os sete testes dando o mesmo resultado, positivo.

— Esses testes não são confiáveis. Pode muito bem ser um falso positivo – falei ainda não querendo acreditar.

— É por isso que vamos sair agora atrás de um laboratório que confirme este resultado – Gabriel abraçou-me por trás e repousou o queixo em meu ombro — Você está grávida, Mari. Eu tenho certeza.

— Não podemos sair assim para ir a um laboratório, nos casamos hoje, você se esqueceu ou está tentando arranjar desculpas? – brinquei.

— Engraçadinha. Vai dar tempo. Vou tomar um banho rápido e vamos.

Deixei-o no banheiro e fui vestir uma roupa. Eu tinha horário marcado no salão e ainda tinha que passar na loja e pegar meu vestido.

Nosso casamento seria simples, apenas alguns convidados estariam presentes. Por mim e pelo Gabriel, nós dois iríamos ao cartório e assinaríamos os papéis e pronto, mas nem minha mãe, nem dona Suellen aceitaram, elas queriam que nosso casamento fosse o evento do ano – principalmente a minha mãe – claro que eu e Gabriel negamos, mas para não decepcioná-las tanto, concordamos com uma simples cerimônia no terraço do prédio dos meninos.

Terminei de me vestir e fui ao banheiro escovar os dentes, Gabriel saiu do box e passou por mim, deu uma tapa na minha bunda antes de sumir em direção ao closet. Confesso que tive vontade de ir atrás dele e me perder em seus braços, mas sabia que ele não cederia.

Terminei de me arrumar e fui até o closet pegar minha bolsa. Já estava saindo quando levei a mão na primeira gaveta e a abri. Respirei fundo e tirei de lá de dentro, um dos ultrassons do bebê e o abracei com lágrimas nos olhos. Depois de olhar a imagem, a guardei novamente e peguei os sapatinhos que Nice comprara para ele. Deslizei os dedos sobre eles emocionada.

— Meu bebê – murmurei — Você estará sempre vivo em meu coração.

Ouvi Gabriel me chamar e guardei tudo fechando a gaveta. Eu me recompus e fui até meu futuro marido. Sorri feliz ao encontrá-lo todo sorridente, empolgado e ansioso me esperando já com a porta aberta. Naquele momento eu soube que tudo o que eu mais queria era dar um filho a ele.

Fiz o exame de sangue em um laboratório perto de onde morávamos. A atendente nos informou que o exame ficaria pronto até as dezesseis horas e que poderíamos ir buscar ou recebê-lo por e-mail. Optamos pela segunda opção, já que estaríamos ocupados na parte da tarde, nos casando.

Gabriel me levou até a loja para pegar meu vestido e me deixou em casa. Ele iria para o *apê* dos meninos ajudar na arrumação.

Mais tarde, quando eu já estava de unhas feitas, penteado e maquiagem prontos, minha mãe e Nice apareceram.

— O vestido é lindo Mari, mas achei um pouquinho simples – mamãe disse com um sorriso amarelo.

Meus pais não se opuseram ao meu casamento com o Gabriel, mas eu sabia que lá no fundo eles não estavam cem por cento satisfeitos, afinal o Gabriel não era filho de nenhum político ou empresário influente. Pelo menos não era um qualquer. A matriarca da família Bastos, dona Henriqueta era uma fazendeira importante da região e tinha um bom patrimônio, suas terras se estendiam entre Rio e Minas Gerais, então para eles, não era tão ruim.

— O vestido é perfeito, mãe, pois era exatamente simplicidade que eu estava buscando ao escolhê-lo. – respondi encarando satisfeita minha imagem no espelho.

— Você está incrivelmente linda, amiga – Nice postou-se ao meu lado. Virei-me para ela e a abracei.

— Obrigada por tudo, Nice. Você é a melhor amiga do mundo inteiro – eu a abracei com carinho.

— Para! Vai me fazer borrar a maquiagem! – eu a soltei e me sentei na cama para calçar minhas sandálias.

— Prontinho – eu disse satisfeita com meu visual. Meu vestido não era um

vestido de noiva, mas era lindo, embora simples como minha mãe havia dito. O tecido era fino e a saia dele ia até os meus pés. Era na cor creme e de cintura média com um cinto grosso de fita de cetim no mesmo tom. Ele tinha um decote discreto e o charme dele eram as alças grossas em renda, mesma renda que enfeitava a parte de cima do corpo. Eu tinha optado por um penteado de coque baixo, meio folgado e maquiagem leve, já que a cerimônia aconteceria durante o dia.

Minha mãe aproximou-se e tirou uma caixinha de dentro de sua bolsa chique.

— Isso era da sua avó – ela sorriu ao tirar um cordão com um pingente de mão de Fátima de dentro dela — Agora é seu.

Encarei a peça em suas mãos emocionada. Aquele pequeno presente com certeza tinha um significado muito maior do que qualquer outro presente que ela poderia me dar, até mais do que a viagem à França como presente de lua de mel que ela dera a mim e ao Gabriel.

— É lindo – eu disse segurando o cordão em minhas mãos. Minha amiga que até então estava calada se aproximou e o admirou também — Coloca para mim – pedi a minha mãe.

Ela sorriu e virei-me de costas para que ela o colocasse em meu pescoço. Fui novamente até o espelho e admirei a peça. Era realmente lindo.

— Obrigada mesmo, mãe – eu a abracei.

— Desejo que você seja muito feliz em seu casamento, filha. Desejo de coração.

— Eu já sou mãe – Abracei-a mais uma vez. Minha amiga Nice se juntou a nós no abraço.

Era incrível como aquela baiana linda e muito doidinha cativava a todos ao seu redor, já tinha conseguido conquistar a socialite Isadora Guedes. As duas se adoravam.

— Pronta para encontrar seu anjo no altar? – minha amiga perguntou.

— Eu nasci pronta para este momento.



Gabriel

Eu estava estupidamente ansioso, olhava a cada minuto as horas no meu relógio de pulso. Mari ainda não havia chegado, mas estava dentro do horário, mesmo assim, a ansiedade me consumia. Deveria ser porque além de finalmente me unir a ela perante a lei, também esperava o e-mail que confirmaria que eu seria pai. Nem preciso dizer que conferia meu celular a cada minuto também, não é?

— Filho você parece agitado – minha mãe disse, nem havia notado que tinha se aproximado. Sorri e a beijei no rosto.

— Eu realmente estou – dona Suellen sorriu e ajeitou minha gravata.

— Você sabe que não precisa, *né*? Não é como se a Mari fosse desistir no último minuto, aquela garota é louca por você.

— Também sou louco por ela.

— E eu não vejo isso? – Sorri. — Estou muito feliz por meus dois filhos terem encontrado moças tão encantadoras para dividir a vida. Espero que o Rafa e a Maju não demorem para casar também.

— Ih mãe, não conte com isso. O Rafa disse que vai namorar pra sempre.

— O que tem eu? – meu irmão perguntou se aproximando — *Tá* bonito hein, moleque! – disse bagunçando meu cabelo. Ele abraçou a minha mãe que logo pediu licença para correr atrás da Muriel.

— Dona Suellen estava dizendo que tomara que você e a Maju não demorem pra casar.

— Quem sabe? – Sorriu olhando para a namorada que conversava animadamente com a Angel. Meu irmão voltou sua atenção para mim e segurou meu ombro me encarando. — Cara, você sabe que é o meu herói, *né*? Te desejo toda felicidade do mundo ao lado da minha cunhadinha.

— Obrigado, *brother* – respondi o puxando para um abraço — E acho que o herói aqui é você. Valeu pelos sermões e principalmente, por ter me levado pra transar naquela noite – ele gargalhou.

— Eu sou o cara! Aprende com o mestre, Gabriel – ele auto se elogiou estufando o peito. Apenas revirei os olhos sorrindo.

— Ficou legal, *né*? – meu irmão apontou ao redor para a decoração. Tinha deixado a organização de tudo com conta dele, já que ele era o entendido do assunto, apenas ajudei na distribuição das mesas que eram poucas e a organizar as bebidas. Ele e a Maju foi que contrataram o DJ e o buffet seria por conta do restaurante. Meu amigo Gustavo tinha ficado responsável pela comida.

Ficamos conversamos mais um tempo, Guilherme e o Kaiary se juntaram a

nós em um papo que conseguiu me distrair por alguns minutos.

Meu celular vibrou avisando que eu tinha recebido um e-mail. Pedi licença aos rapazes e confirmei, era o e-mail do laboratório. Optei por abri-lo quando estivesse com a Mari e guardei o celular no bolso novamente.

Vó Henriqueta me interceptou no caminho e me abraçou carinhosamente.

— Como sente, meu neto?

— Muito feliz vó e a senhora é parte fundamental dessa felicidade, me ajudou a enxergar o que estava bem diante dos meus olhos.

— Eu não fiz nada. Mais cedo ou mais tarde você compreenderia por si só, apenas dei um empurrãozinho – eu a abracei de lado e beijei o topo de sua cabeça.

Minha avó se afastou e fui até meu sogro que conversava com meu pai e o juiz de paz. Ainda não gostava muito dos pais da Mari por terem-na feito sofrer, mas guardava aquilo só para mim. O importante era que eles a deixaram em paz e a viver a vida como ela queria. Já o babaca do irmão dela, ainda não me aceitava, por mim, estava tudo bem, já que eu não fazia a mínima questão daquilo.

Fiquei ali com eles até que me avisaram que a Mari já tinha chegado.

Olhei para a entrada do terraço e a avistei entrando acompanhada de sua mãe e da Nice. Ela cumprimentou a Maju e a Angel, sorriu e acenou para os presentes caminhando na minha direção. Pedi licença aos nossos pais e ao juiz e fui ao seu encontro. Segurei suas mãos e ela sorriu docemente.

— Você está incrível, amor.

— Que bom que gostou. Você também está irresistível nesse terno – Sorriu mordendo os lábios.

— Ansiosa? – assentiu.

— Louca para me tornar legalmente sua esposa – Enlacei sua cintura e lhe dei um beijo demorado, sem me importar com os convidados.

— Pronta?

— Mais que pronta.

A cerimônia foi rápida e depois do sim, nos beijamos com a promessa de que seríamos para sempre um do outro e um para o outro.

Recebemos os cumprimentos dos presentes e agradecemos as felicitações. Dançamos, comemos e tornamos a dançar. Quando finalmente conseguimos um tempo sozinhos, corremos para o apartamento dos meninos.

Entramos no meu antigo quarto e fomos para o banheiro. Mari fechou a porta enquanto eu acessava meu e-mail. Ela se aproximou e encostou ao meu lado na bancada. Nós nos encaramos por alguns segundos até que ela me incentivou a abrir o anexo.

— Abre.

— Estou tão nervoso que fumaria um maço de cigarros.

— Eu acho louvável sua iniciativa de tentar parar de fumar, mas você sabe que não precisa fazer isso se não quiser, *né?* – eu estava há uns dois meses tentando largar o cigarro e estava tendo progresso, mas havia dias, como aquele por exemplo, que a vontade falava muito alto.

— Eu sei, mas agora tenho ainda mais certeza de que quero largar – Mari sorriu, fazendo carinho na minha barba.

Respirei fundo e abri o e-mail. A palavra “positivo” estampada em negrito e em caixa alta era a confirmação de que seríamos realmente pais.

— Hoje é com certeza o dia mais feliz da minha vida! – exclamei e me virei rapidamente para Mari.

A ergui e a sentei sobre a bancada atacando seus lábios em seguida.

Mari me abraçou retribuindo o beijo com a mesma emoção, nossas línguas duelavam entre si enquanto nossos corpos clamavam um pelo outro. Ainda sem desgrudar os lábios dos dela, ergui o tecido fino do seu vestido até a altura das coxas e toquei sua intimidade sobre o tecido da sua calcinha.

Suas mãos foram para o cinto da minha calça, Mari abriu o botão e o zíper e a peça deslizou pelas minhas pernas indo parar sobre meus pés. Afastei-me um pouco e tirei sua calcinha.

Suas mãos ansiosas entraram na minha cueca e puxaram minha ereção para fora. Posicionei-me em sua entrada e a penetrei lentamente. Mari me agarrou com as pernas e se impulsionou ao meu encontro. Movimentamo-nos freneticamente, buscando o máximo de prazer, doando o máximo de prazer. Nossas bocas não se deixaram um minuto sequer e quando ela gozou, engoli seus gemidos.

— Te amo, esposa – murmurei contra seus lábios no momento em que alcançava minha libertação.

— Te amo, esposo – Sorriu-me lindamente.

Deus como eu a amava!

Permanecemos na mesma posição enquanto nossas respirações voltavam ao

normal, encostamos a testa uma na outra e nos encaramos com um sorriso bobo nos lábios.

— É oficial – ela disse fazendo carinho na minha barba — Somos definitivamente uma família completa.

— Feliz? – perguntei.

— Plena – Dei-lhe um selinho no momento em que meu celular começou a tocar. Afastei-me para atender, mas ele logo parou de tocar.

Era meu irmão. Abri o *whatsApp* para enviar uma mensagem a ele, foi então que vi sua mensagem de áudio, toquei para ouvir:

Já deve ter dado tempo de vocês darem a primeira trepada oficialmente como casados, agora voltem que já estão perguntando pelos noivos.

Caímos na risada. Ajudei minha esposa a descer da bancada e nos limpamos antes de retornarmos ao terraço.

Um pouco depois das vinte e três horas, nos despedimos dos últimos convidados, dona Bethânia, Tati, a Raquel e o Alex.

Ficaram no terraço apenas meu irmão e a Maju, Kaiary e a Angelina – que aproveitaram que a tia Madalena tinha levado a Helena com eles – e meu primo Guilherme.

— Agora que a festa vai ficar boa! – Rafa gritou do quiosque. Ele pegou uma garrafa de vodka e alguns copos e foi na direção da piscina. — Temos um ritual, cunhada – disse para a Mari.

— Que ritual?

— Tudo bem eu acabei de inventar isso, mas eu estou decretando a partir de agora o nosso ritual de passagem, aceitação, seja lá como queiram chamar. A partir de agora, você estará oficialmente aceita na *gang*, cunhada – todos riram. Minha esposa encarou-me confusa, mas apenas dei de ombros, era cada uma que saía da boca do meu irmão.

Rafa entregou a garrafa e os copos para a Maju, tirou suas meias e sapatos, ele enrolou a barra da calça e se sentou na borda da piscina. Sorri compreendendo do que ele falava. Maju serviu uma dose da bebida a ele e tirou as sandálias sentando-se ao seu lado. Kaiary seguiu o exemplo do meu irmão e sentou-se ao lado da Maju levando sua esposa a sentar-se ao seu lado. Maju

encheu seu copo e passou a garrafa para o Kay que se serviu a ele e a Angelina.

Puxei a Mari e assim como os demais tiramos nossos calçados, ajeitamos nossas roupas e nos sentamos também na borda da piscina, Guilherme foi o último a juntar-se a nós, sentando-se ao lado da Mari. Quando todos os copos estavam devidamente abastecidos, meu irmão fez o primeiro brinde:

— Aos noivos, ao *Bastos* e ao amor – ele ergueu o copo e bebeu o líquido de uma vez.

— Aos noivos, ao *Bastos*, ao amor e aos sonhos – Foi a vez da minha cunhada fazer seu brinde.

— O.K. – Kaiary ergueu seu copo — Aos noivos, ao *Bastos*, ao amor, aos sonhos, a minha filha e a essa mulher incrível que eu tive a sorte de ter como minha – bebeu sua dose e olhou carinhosamente para Angelina.

— *Boa moleque!* – Rafa brincou.

— Aos noivos, ao *Bastos*, ao amor, aos sonhos, a minha filha e ao marido mais incrível que Deus poderia ter me dado – os dois se beijaram e só nos restou aplaudir. Angelina sorriu e tomou sua bebida.

— Minha vez – falei olhando para minha esposa. — A tudo o que já foi dito e a nossa família – peguei sua mão e levei aos lábios antes de beber a minha dose — Eu te amo, Mari – ela sorriu alegremente.

— Bom... – ela começou sem jeito — A tudo o que já foi dito e a você meu marido, meu anjo, meu companheiro, meu amigo – ela se aproximou e disse a última parte no meu ouvido — e pai dos meus filhos – puxei-a para mim e a beijei. Rafa ficou pegando no nosso pé para saber qual era o “segredinho”, mas o ignoramos com sucesso. Peguei a dose de bebida da sua mão e a virei de uma vez. — Sua vez, Gui.

— Não valeu, *mané*. Você tomou a bebida da Mari! – Rafa reclamou, como não demos bola, Guilherme se adiantou.

— A tudo o que já foi falado e a uma nova fase que se inicia – meu primo tomou sua bebida e se levantou — Tchau, pra quem fica.

— *Tá indo pra onde come quieto?* – meu irmão perguntou.

— Comer quieto – Gui respondeu.

— Isso aí! Honra esse sobrenome – foi a vez de o Kaiary pegar no pé do coitado.

— Kay! – Angel ralhou fingindo estar brava.

— É brincadeira, amor!

Os dois se levantaram e se despediram também. Eles aproveitariam que Helena estaria com os avós para irem dançar, programa que adoravam fazer, mas que depois que a filhinha nasceria, tinha ficado meio difícil.

Rafa e Maju ainda ficaram um tempinho conosco até minha cunhada reclamar de cansaço.

Finalmente sozinhos, puxei minha esposa para mim e a abracei. A rodopiei tentando alguns passos de dança. Ela sorriu e apoiou a cabeça em meu ombro. Nos sacudimos sem música mais um pouco, até que a puxei para o parapeito.

Coloquei-a naquele local específico e me afastei andando de costas, Mari me encarou confusa e curiosa. Parei de andar e a admirei novamente sob a luz do luar.

— Era exatamente aí que você estava quando a minha ficha finalmente caiu. Olhando pra você, exatamente como eu estou fazendo agora – ela sorriu lindamente, compreendo exatamente sobre o que eu falava. — Naquele dia eu tive a certeza que meu coração estava inteiro novamente e ele batia loucamente em meu peito apenas por você.

— Que lindo, Gabriel. – Mari afastou-se do parapeito e caminhou até mim.

— Desde aquele dia, meu único propósito foi fazer você se convencer de que era você que eu amava. É você que eu amo.

— Obrigada por não desistir de tentar me mostrar isso – fungou com os olhos cheios de lágrimas — Eu estava fragilizada e com medo, mas você foi paciente e me provou o seu amor. Você me deu o melhor de você, Gabriel, sua bondade, sua essência. E eu te amo demais e vou passar o resto dos meus dias te mostrando que isso aqui – apontou para nós dois, como já fiz várias vezes — É pra ser.

Nós nos beijamos apaixonadamente selando aquela promessa. Eu também dedicaria cada minuto dos meus dias mostrando a ela que estávamos destinados a ficarmos juntos. Passaria meus dias amando cada detalhe seu, cada conquista sua, porque a certeza que passava na minha cabeça, enquanto nossas línguas se buscavam e nossos corpos ansiavam um pelo outro, era a certeza de que sim, *éramos pra ser*.

"Amar não é olhar um para o outro, é olhar juntos na mesma direção." (Antoine de Saint-Exupéry)

Fim!!!

Próxima Publicação

NÃO RESISTO A VOCÊ

LIVRO 4 – GUILHERME E NICE

Guilherme Bastos definitivamente estava fugindo quando ele anunciou a sua família que faria faculdade no Rio de Janeiro e não em Niterói, a única que coisa que vinha em sua cabeça era se distanciar o máximo possível de sua prima Alexia.

Ele não era só um fugitivo, era também um covarde, pois apesar de nutrir sentimentos por ela, não estava disposto a pagar para ver aonde aquilo poderia levá-los.

Sentia calafrios só de pensar na confusão que sua paixão pela prima causaria na família Bastos e apesar de Alexia não concordar e estar tentando fazer da vida dele um inferno, ele estava ciente de que havia tomado a decisão certa.

Guilherme só não imaginava que enquanto tentava reprimir seus sentimentos, Eunice Barbosa surgiria como um furacão em sua vida e a colocaria de cabeça para baixo.

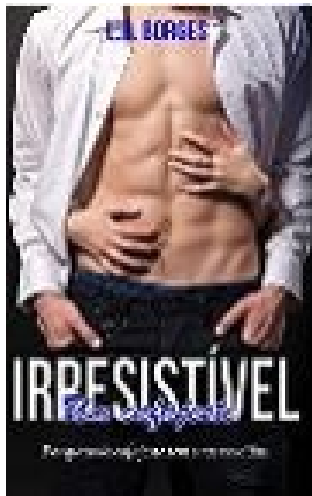
Em breve!!

**Acompanhe as novidades seguindo a autora
nas redes sociais.**

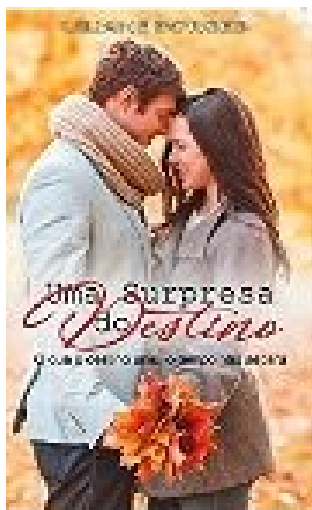
Facebook <https://www.facebook.com/autorallbborges/>

Instagram <https://www.instagram.com/autorallilianeborges/>

Conheça Outras Obras



Um Cafajeste Irresistível <http://a.co/6hxUwwI>



Uma Surpresa Do Destino <http://a.co/4q8Hed5>



No Quarto Ao Lado (Livro 1 – Série Primos Bastos) <http://a.co/2JppaeP>



Na Porta Da Frente (Livro 2 – Série Primos Bastos) <http://a.co/2PMNwdl>



Intenso <http://a.co/g5wBh1Y>



Por Linhas Tortas <http://a.co/5bHE4SS>



Apenas Um Garoto: <http://a.co/d/hKh3v8R>

Gostou? Então deixe sua avaliação, ela é muito importante!

Table of Contents

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[PARTE UM](#)

[Capítulo 1](#)

[Você Fez Isso Com a Gente](#)

[Capítulo 2](#)

[Experiências Passam, Momentos Passam, o Amor Não.](#)

[Capítulo 3](#)

[Sobe](#)

[Capítulo 4](#)

[Por que não?](#)

[Capítulo 5](#)

[Às Vezes O Perdão Vem Com O Tempo.](#)

[Capítulo 6](#)

[Rebeldia?](#)

[Capítulo 7](#)

[Você Afundou o Pé Na Jaca.](#)

[Capítulo 8](#)

[Liberte-se](#)

[Capítulo 9](#)

[Bônus Rafa](#)

[Capítulo 10](#)

[Fetichismo Por Paredes.](#)

[Capítulo 11](#)

[Apaixone-se e Sofra.](#)

[Capítulo 12](#)

[Progresso](#)

[Capítulo 13](#)

[Sou de Mim Mesmo](#)

[Capítulo 14](#)

[Insatisfação](#)

[Capítulo 15](#)

[O Xodó da Casa](#)

[Capítulo 16](#)

[Anjo Gabriel](#)

Capítulo 17

Não Conhece Mais As Mulheres?

Capítulo 18

Helena Bastos

Capítulo 19

Quebrados

Capítulo 20

Des-deslumbrando

Capítulo 21

Estranheza

Capítulo 22

Não Abusar

PARTE DOIS

Capítulo 23

Méier

Capítulo 24

Isso É Tão Sexy.

Capítulo 25

Ainda Me Odeia?

Capítulo 26

Estou Muito Bem Assim.

Capítulo 27

Bônus Guilherme

Capítulo 28

Amistosa Discussão

Capítulo 29

Bônus Maju

Capítulo 30

Não É Nada Demais

Capítulo 31

O Troféu Inconsequente do Ano Vai Para...

Capítulo 32

Dividido

Capítulo 33

Tem Como Piorar?

Capítulo 34

Vamos Conversar

Capítulo 35

Isso Não Está Certo

Capítulo 36

Um Bebê

Capítulo 37

Seremos Pais

Capítulo 38

Vou Ser Titio

Capítulo 39

Esteja Preparado

Capítulo 40

Não É Favor

Capítulo 41

Novos Planos

Capítulo 42

Nada Além De Incredulidade

Capítulo 43

Deixa Existir

Capítulo 44

Mão Na Massa

Capítulo 45

Os Melhores Doces Dessa Cidade

Capítulo 46

Bônus Nice

Capítulo 47

Em carne, Osso, Esposa e Filha.

Capítulo 48

É Só Pela Criança

Capítulo 49

O Resto É Resto

Capítulo 50

Está Tudo Bem Entre Nós

Capítulo 51

De Mulher Para Mulher

Capítulo 52

Algo Grandioso

Capítulo 53

Regra Para Garotas

Capítulo 54

Aparências

Capítulo 55

[Não É Hora De Marcar Território](#)

[Capítulo 56](#)

[Não Era Pra Ser](#)

[Capítulo 57](#)

[Não É O Fim Do Mundo](#)

[Capítulo 58](#)

[Pelos Velhos Tempos](#)

[Capítulo 59](#)

[Autossabotar](#)

[Capítulo 60](#)

[Boa Notícia](#)

[Capítulo 61](#)

[O Homem Que Te Ama](#)

[Capítulo 62](#)

[Atitude de Homem](#)

[Capítulo 63](#)

[Completamente Sóbrios](#)

[Capítulo 64](#)

[Para Compensar Todas as Vezes Que Fui Covarde](#)

[Capítulo 65](#)

[Livre Para Seguir Em Frente](#)

[Capítulo 66](#)

[Final](#)

[Epílogo](#)

[Próxima Publicação](#)

[Acompanhe as novidades seguindo a autora nas redes sociais.](#)

[Conheça Outras Obras](#)